LLATINOAMERICANA

mundial

2007

EXIGIM I FEM UNA ALTRA DEMOCRÀCIA

Nossa capa: Maximino Cerezo Barredo

Não declamamos que «outra democracia é possível», porque achamos que hoje é uma evidência. Agora proclamamos urgente a «outra» Democracia e passamos tanto a exigi-la como a construí-la. Só a constroem os/as que começam a vivê-la cada dia na sua casa, no trabalho, no seu bairro, no seu país, no nosso único mundo...

Queremos pôr em ordem todas essas peças de que se compõem a Democracia verdadeira, a «outra Democracia», não a democracia falsificada, que serve para que o povo siga finalmente dominado e oprimido, não protagonista nem criador, ou seja, para que não haja realmente «demo-cracia», «poder do povo», senão povo dominado. Por isso, tomamos a palavra, com todas suas letras e reivindicamos a democracia. A exigimos, fazendo-a, vivendo-a já, sem esperar.

Destacamos, neste ano:

O **Archivo telemático da Agenda Latino-americana**: começado no ano passado, vai avançando no processo de atualização da sua base de dados com os materiais que a Agenda veiculou em seus dezeséis anos de existência, que ficam assim à disposição pública permanente. Os animadores de comunidades, professores, agentes de pastoral... que desejem preparar uma atividade de formação, uma reflexão, um debate com seu grupo ou comunidade, poderão pegar esses materiais, buscando-os por tema, título, autor, ano de edição... Esperamos que no curso deste ano 2007 concluirmos o processo de atualização dos datos. Veja a página 239.

Coleção «Tiempo axial»: Está sendo lançado o décimo volume, conseguindo a maravilha de preço inacreditavelmente baixo, graças uma conjunção de generosidade, trabalho voluntário, e militância teológica... Está se convertendo em coleção imprescindível para conhecer o rumo da teologia latino-americana da libertação em seu encontro com a teologia do pluralismo religioso.

Os **Serviços Koinonia**, ultrapassaram os dois milhões de visitas no seu portal (a quarta parte do total calculado de visitas) e continuam prestando caladamente seu serviço, com suas seções bíblica, teológica, litúrgica, martirológio, páginas de Romero, Casaldáliga, Cerezo... com seu ritmo de «baixa freqüência»...

Procure-nos em Google.com ... Busque a «Agenda latinoamericana», «serviço bíblico», «revista de teologia», «calendário litúrgico», «martirológio Latino-americano», «Monseñor Romero», «Pedro Casaldáliga», «Leonardo Boff», «Maximino Cerezo», «teologia do pluralismo religioso»... e nos encontrará no primeiro ou nos primeiros postos.

Sete concursos, que já converteram-se em tradição, nos mais variados campos: literatura militante, relações de gênero, ecologia, releitura bíblica, teologia, compromiso jurídico em favor dos pobres... Tudo isso graças às entidades convocantes. Estamos abertos ao patrocínio de outros concursos por parte de outras entidades.

Novo curso de teologia popular: «Crer de outra maneira». Esperamos poder fazer neste ano o esforço de pô-lo na rede, convencidos como estamos de que é um serviço muito apreciado por pessoas inquietas e que sentem o atraso das Igrejas e a falta de questionamentos críticos. Estará dispoível em: http://servicioskoinonia.org/teologiapopular

Dados pessoais

Nome: .....

Endereço:.....

.....

.....

Cidade: .....

Estado e país: .....

☎ residencial: .....

☎ trabalho: .....

Correo-e: .....

RG nº: .....

Passaporte nº:.....**Grupo sanguíneo e RH:**.....

Em caso de perda avisar a: .....

.....

.....

Em caso de urgência ou acidente, avisar a: .....

.....

.....

http://latinoamericana.org
http://agenda.latinoamericana.org

É o «portal» da Agenda, seu complemento na rede internet. Vá lá para saber da Agenda além da sua publicação em papel uma vez por ano. Poderá encontrar as convocações para os concursos, a publicação dos seus resultados e qualquer novidade a respeito.

Utilizando a entrada ao «arquivo telemático da Agenda» (cfr. pág. 239), poderá também **ler ou copiar os próprios textos** da Agenda, tanto do ano em curso (a partir do mês de fevereiro) como de anos anteriores.

Mais: se quiser ser avisado de qualquer novidade (novo material, campanha militante, novidade bibliográfica importante...) que pudermos disponibilizar na Página da Agenda, subscreva-se (gratuitamente) às «**Novedades Koinonía**», que, em breves mensagens quincenais, somente comunicará para você as novedades (sem enviá-las, sem carregar sua caixa). Subscreva-se em: http://servicioskoinonia.org/informacion/index.php#novedades; lá mesmo também poderá em qualquer momento cancelar. Se não conseguir, escreva para: contactos@servicioskoinonia.org

© José Maria VIGIL e Pedro CASALDÁLIGA
Apdo 0823-03151 / Panamá / República de Panamá
agenda@latinoamericana.org ☎ 507-264.18.11
Projeto gráfico: José Mª Vigil, Diego Haristoy e Mary Zamora
Capa e ilustração: Maximino Cerezo Barredo
http://agenda.latinoamericana.org ou http://latinoamericana.org

Esta lista de editores
está disponível e sempre atualizada em:
http://latinoamericana.org/2007/editores
Veja também:
http://latinoamericana.org/brasil

Para esta edição brasileira:

- José Maria Vigil / agenda@latinoamericana.org
- Loyola / Conselheiro Ramalho, 692 / CEP 01325-000, São Paulo, SP
  ☎ 55-11-6914.1922 / Fax: 55-11-6163.4275 / dll@livloyola.com.br
- Grupo Solidário São Domingos / Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil / Av. Goiás, 178 – Ed. São Judas Tadeu – sala 601 / centro / CEP 74010-010, Goiânia, GO
  ☎ (62) 229.3014/ FAX 225.9491 / justpaz@dominicanos.org.br
- Associação Solidariedade e Esperança (Divulgação: R. Jaguaribe, 757) – CEP 01224-001 São Paulo, SP – ☎ (11) 3824-0149 – brasil@latinoamericana.org
- Revista AveMaria ☎ (11)3666-2128 - redacao@avemariainternet.com.br

A Agenda Latino-americana'2007 é editada/distribuida também pelas seguintes entidades:

CANADA-EEUU: (in English)
Social Justice Committee of Montreal / 1857 de Maisonneuve W / MONTREAL, Quebec, Canadá H3H 1J9 Tel.: (1-514)-933.67.97 / sjc@web.ca / www.s-j-c.net
ESTADOS UNIDOS: (in English y en español)
EPICA / 1470 Irving St, NW / WASHINGTON, DC 20010 /1-202-332-0292/ epicabooks@epica.org / epica.org
MÉXICO:
Librería de las CEBs / Tenayuca 350, Col. Santa Cruz Atoyac / 03310 MÉXICO DF / Tel.: (52-55)-56 88 63 36 / ceb_libreria@prodigy.net.mx
MCCLP-APD /Guanajuato 51-C, Dpto. 301, Col. Roma / 06700 MÉXICO DF / Tel-fax: (52-55)-564.98.85 / danrogu@prodigy.net.mx
GUATEMALA:
Centro Claret / Apdo 29-H, Zona 11 / 01911-GUATEMALA / Tel.: 502-2-478.65.08 y 78.49.66 / cmff_peronia@hotmail.com / cmfguate@intelnet.net.gt
EL SALVADOR:
Misioneros Claretianos / Pasaje Los Almendros, 19 / ARMENIA (Sonsonate, El Salvador) /Tel-fax: 503-452.16.19 / teologiarmenia@navegante.com.sv
Misioneros Claretianos / Parroquia Corazón de María /79 Ave. Sur, 200 / Colonia Escalón / SAN SALVADOR / Teléfonos: (503)-263.54.60 y 264.55.85 / corazondemaria@integra.com.sv
También las librerías de la UCA de SAN SALVADOR.
HONDURAS:
Guaymuras / Apdo 1843 / Fax: +(504)-38.45.78 / editorial@sigmanet.hn / TEGUCIGALPA
Familia Dominicana / Apdo. 2558 / Tel.: +(504) 550.62.65 / fradohon@yahoo.com / SAN PEDRO SULA
Librería Caminante / 4 calle, 10 Ave, Barrio Guamilito / +(504) 557.5910 / libreriacaminante@sulanet.net / SAN PEDRO SULA
CUBA:
Centro Ecuménico Martín Luther King / LA HABANA / mlking@infomed.sld.cu
REPUBLICA DOMINICANA
Amigo del Hogar / Apdo 1104 / SANTO DOMINGO / Tel.: (1-809)-542.75.94 / Fax: (1-809)-565 42 52 / amigo.hogar@codetel.net.do
PUERTO RICO:
Guerra Contra el Hambre / Apdo 8698 / CAGUAS / TelyFax: (1-787)-747.57.67 / PUERTO RICO 00726-8698 / gcontraelhambre@prw.net
NICARAGUA:
Fundación Verapaz / Costado Norte de los Juzgados / Reparto Belmonte. Casa 54 / Apartado P-177 / MANAGUA / Telefax: (505)-265.06.95 y 265.22.48 / revista_alternativas@hotmail.com
COSTA RICA:
Centro Bíblico Claretiano / SAN JOSÉ / (506)-222.5057/

gonzalomateocmf@yahoo.es / ecapcmf@gmail.com
Guillermo Meléndez / SAN JOSÉ / Tel.: (506)-254.53.74 / gmomel@racsa.co.cr
Padres Dominicos / Iglesia de la Dolorosa / SAN JOSÉ / Tels. (506)-222.27.14 / dolorosa@racsa.co.cr
Librería Católica / Ap. 3187 / 1000-SAN JOSÉ / Tel.: (506)-222.57.29
PANAMÁ :
Directamente en: agenda@latinoamericana.org
VENEZUELA:
Misioneros Claretianos / CARACAS / Tl. 2380164 / marinopd@cantv.net / marino1940@gmail.com
Acción Ecuménica Tel. 860.15.48 / Fax: 861.11.96 / eku@cantv.net
Carmelitas Vedrunas / Tel. 632 9451. Fax 63306/ amsariego@cantv.net
Distribuidora de Estudios C.A. Tel: 562.58.18 / Fax:561.82.05 / estudios@etheron.net
FUNDALATIN / Tel. 953.5976 / Fax: 284.65.56 / fundalatin@cantv.net
Institución Teresiana / Tel. 562.42.48 / Fax: 5518571 /sedeitven@cantv.net
Ediciones El Pueblo / Tel-Fax: 451.65.96 / edipueblo@cantv.net
Movimiento Juvenil ANCLA / Tel-Fax: 322.75.68 / anclacmf@cantv.net
Fe y Alegría, Zona Central, Valencia / Tel. 0241-868.40.01 fyazonacentral@cantv.net
Vicariato Apostólico de Tucupita / Tel. 0287-7212.244 Fax: 0287-7211.812 / vicartu@cantv.net
Misioneras Claretianas Tel. 238.03.02 / Fax: 235.58.90 /misclar@cantv.net
HH. Maristas: Tl.: 3210333 / landelino@gmail.com
COLOMBIA:
Fundación Editores Verbo Divino / BOGOTÁ, D.C. / directorfevd@etb.net.co
Librería: Avenida 28 Nº 37-45 (Bº La Soledad) / PBX 268 66 64 Fax: 368 81 09 / fevdcol@etb.net.co / ventasoledad@feverbodivino.com / BOGOTÁ, D.C.
Librería: Cra. 66 Nº 34-92, Local 202 (Bº Conquistadores) / Tel. 265 62 48 / Telefax: 316 01 88 / libreriavdmed@epm.net.co / MEDELLÍN.
ECUADOR:
Librería Verbo Divino / Avda. Veintimilla 840 y Juan León Mera / QUITO / Tel. (593)-2-222.20.31 / Fax (593)-2- 252.77.80 / libreria@verbodivino-ecu.org
Librería Verbo Divino / Av. 9 de Octubre 1201 y Guayas / MACHALA / Tel./Fax: (593)-7)960.430 / lvdmachala@verbodivino-ecu.org
PERÚ:
Red Educativa Solidaria / Calle Loa 160 / Ancón - LIMA / redperu2001@yahoo.es / lima4balarezo@yahoo.es
BOLIVIA:
Movimiento Franciscano de Justicia y Paz / Casilla 827 / COCHABAMBA / Tel-Fax: (591)-42-251177 / centrof@supernet.com.bo
ARGENTINA:
Centro Nueva Tierra / Piedras n. 575 PB / 1070 BUENOS AIRES / Tel: 54-1-342.08.69/ cnt@nuevatierra.org.ar
PARAGUAY:
Pastoral Juvenil Salesiana / Don Bosco 816 con Humaitá / Casilla 587 / 1209-ASUNCIÓN / Tel.: (595)-21-448 422 , 443 957 Fax: 449 160 / dpjpar@webmail.pla.net.py / boletin@webmail.com.py
URUGUAY:
OBSUR, Observatorio del Sur / José E. Rodó 1727 / Casilla 6394 / 11200-MONTEVIDEO / Tel.: (598)-2-409.0806 / Fax: 402.0067 / obsur@adinet.com.uy
CHILE:
ECCLA, Ediciones y Comunicaciones Claretianas / Zenteno 764 / Casilla 2989 / SANTIAGO-21 / Tel.: (56)-2-695.34.15 / Fax: 695.34.07 / eccla@eccla.cl
BRASIL (em português):
Ligue ao (11)3824.0149, ou 0800-772.8585 (gratuito), ou veja: www.latinoamericana.org/brasil
ESPAÑA:
25 comités de solidaridad, coordinados por: Comité Oscar Romero / Paricio Frontiñán s/n / 50004-ZARAGOZA / Tel.: (34)-976.43.23.91 / Fax: 976.39.26.77 / zaragoza@comitesromero.org / csor@solidaragon.org / www.comitesromero.org
CATALUÑA (en catalá):
Comissió Agenda Llatinoamericana / Santa Eugenia 17 / 17005-GIRONA / Tel.: 34-972.21.99.16 / llatinoamericana@solidaries.org
Comité Oscar Romero / Paseo Fabra i Puig 260, 2-2a / 08016 BARCELONA / Tel.: (34)-933-498803 / fax: 933-405834 / cor-bcn@teleline.es
SUIZA (varios idiomas):
Librairie Latino-américaine Nueva Utopía / Rue de la Grand-Fontaine 38 / CH-1700 FRIBOURG / Tel-Fax: (41-26)-322.64.61 / nueva.utopia@bluewin.ch

Este livro «Latino-americana mundial» é propriedade do Povo latino-americano, que dá permissão para copiar, reproduzir e difundir livremente. Só citar fonte.

Índice temático de conteúdos

Entrada

Visão de conjunto da Agenda, *José Maria Vigil, Panamá* 8
Introdução, *Pedro Casaldàliga, São Félix do Araguaia, MT, Brasil*.....10
Aniversários de mártires no ano 2007.....12
Prêmios e Concursos.....14

I. VER

Dados sobre a população mundial.....20
Análise de conjuntura: Crise da democracia, *José COMBLIN, Brasil*.....22
Democracia mundial e direitos humanos, *Jean ZIEGLER, Suíça - ONU*.....26
A.L.: Democracia que doi, a região mais desigual, *Artesãos de Utopias, Argentina*.....28
40 milhões de latino-americanos na pobreza 30
Desigualdade social na América Latina, *José Eladio Monge Pérez, Costa Rica* 31

II. JULGAR / SONHAR

História da democracia, *Alfredo GONÇALVES, Brasil - Paraguai* 32
Sobre a democracia, *José SARAMAGO, Oporto, Portugal*.....34
Democracia e direito, *Gregorio DIONIS, Madrid, Espanha* 36
Democracia e poder, *Frei BETTO, São Paulo, Brasil*.....38
A administração Bush não crê na democracia, *Joseph STIGLITZ, Nova Iorque, EUA* 39
Democracia: forma política do capitalismo, *Jaume BOTEY, Barcelona, Espanha*.....40
Democracia doente, *José Ignacio GONZÁLEZ FAUS, Barcelona, Espanha* 42
Aprofundar a democracia, *François HOUTART, Bélgica - América Latina*.....44
Democracia na Igreja, *Andrés TORRES QUEIRUGA, Santiago de Compostela, Espanha*.....46
Democracia ecológico-social, *Leonardo BOFF, Rio de Janeiro, Brasil* 64
Juventude latino-americana e construção da democracia, *MIRE, São Paulo, Brasil*.....76
Outra democracia: com igualdade de gênero, *Maria Cecília DOMEZI, São Paulo, Brasil*..... 90
A democracia dos povos indígenas, *Marci PICANÇO e Pablo MALDÓS, Brasília, Brasil*..... 102
Repensemos a democracia, *Ivone GEBARA, Camaragibe, Pernambuco, Brasil*..... 116
Democracia e luta de clases mundial, *Wim DIERCKXSENS, San José, Costa Rica*..... 128
Pátria Grande e democracia, *Guido ZULETA, Fundalatin, Caracas, Venezuela* 140

Pontos fortes

Islã e democracia, *Amina TESLIMA, México DF, México* 154
¿É possivel a democracia na África?, *Alex ZANOTELLI, Nápoles, Itália* 166
A Religião do Mercado, *Paul F. KNITTER, Cincinati - Nova Iorque, EUA*..... 178
De Medellín'1968 a Aparecida'2007, *Jorge PEIXOTO, Buenos Aires - Roma* 192

III. AGIR

Democracia e luta contra a miséria, *Sérgio FERRARI, Argentina - Suíça* 210
Lutas populares pela democracia, *Giuseppe de MARZO, Milão, Itália* 212
Democracia e diversidade. Nossa história universal do Faladú, *Girona, Espanha* 214
Comunicação e democracia, *Osvaldo LEÓN, Equador*..... 216
Sem reforma agrária não há democracia, *Horácio M. CARVALHO, Curitiba, Brasil*..... 218
Democracia a toda cor, *David SANTOS, Brasil*..... 220
SICSAL 221
Cadê a teologia da libertação?, *Agenda Latino-americana* 222
Manifesto das Américas, *Curitiba, Brasil* 224
Agenda militante para 2007, *Gustavo CODAS, Paraguai - Brasil*..... 226

Textos premiados nos concursos da Ageda

Prêmio Conto-Curto Latino-americano 228
Prêmio do concurso de Gênero 232
Prêmio Páginas Neobíblicas 233

Final

Recursos pedagógicos sobre a democracia, *Martín VALMASEDA, Guatemala*..... 234
Bitácula para a navegação militante, *Gustavo CODAS, Paraguai - Brasil*..... 236
Bibliografia sobre Democracia 238
Demo... o quê?, *Eduardo GALEANO, Montevideo, Uruguai*..... 238
Prêmio «Mestres 68» 239
Arquivo telemático da Agenda..... 239
¿Quem é quem? 240
«Serviços Koinonia» 242
Ponto de encontro: Comunicações dos leitores..... 244
Diretório.....246-256

Visão de conjunto da Agenda Latino-americana-mundial'2007

¡Feliz Ano Novo 2007!

A todos os que compomos esta grande família internacional, reunida e convocada por essas grandes opções que chamamos «latino-americanas», as «Grandes Causas» que nos inspiram, dedicamo-lhes com todo amor esta nova edição da Agenda.

Como anunciamos nesta mesma página no ano passado, a Democracia, uma desas Grandes Causas, constitui desta vez o eixo ou a perspectiva do enfoque desta edição de 2007.

A «introdução fraterna» de Pedro, como sempre, dá o chute inicial apresentando o tema e abrindo a Agenda. O elenco dos aniversários martiriais maiores do ano 2007, a relação de prêmios outorgados pelas convocatórias do ano passado e as novas convocatórias para o ano 2008, completam a **entrada** desta edição.

Imperturbavelmente fiéis à «metodologia latino-americana», começamos o **VER** a realidade com a análise de conjuntura anual, da mão do mestre Comblin, que faz-nos um anuncio chocante: estamos numa nova etapa da história. Outros dados e contibuições completam o inicial VER a realidade.

Vários especialistas fazen sua contribuição na seção do **JULGAR,** para julgar a democracia a partir do mais amplo espectro de pontos de vista que as dimensões desta obra nos permitem.

Reclamamos nossa atenção sobre alguns poucos PONTOS QUENTES que destacamos.

A terceria sessão, latino-americanamente orientada para o **AGIR**, aborda eloqüentes experiências realizadas, ou sugestões para a ação, assim como recursos para a reflexão e a educação popular sobre este tema.

Conclui a Agenda com as **seções habituais finais**: os textos premiados nas categorias de «Conto curto latino-americano», «Páginas neobíblicas» e «Perspectiva de Gênero» de nossos concursos, vários assuntos menores,e o indispensável «Ponto de encontro» com os leitores.

Continuamos com o trabalho duma nova «entrega» dos materiais que a Agenda foi publicando na sua longa trajetória. O **archivo telemático digital** que anunciamos no ano passado, é já uma realidade e esperamos que seja completado muito antes do que calculávamos.

Estamos contentes com o significativo pulo qualitativo o intento de continuar sendo (acumulativamente agora) um istrumento permanente para os educadores populares, recuperando e pondo à sua disposição todos os materiais publicados nos seus 16 anos decorrido, em vários idiomas, em vários formatos, inclusive em «formato radio». Véjase a pág. 239.

A **Agenda do próximo ano 2008** pretendemos que tennha como lema esta exclamação-convite: «Viva a Política!». Queremos nos referir, não a essa política rasteira e negativa que em tantos lugares se vive, senão essa Política que é dever e responsabilidade de todos, da sociedade civil, inevitável e necessária, diante da despolitização dos desmoralizados ou dos acomodados ou interessadamente míopes. Queremos resistir esperançosamente à onda de despolitização que invade a cultura, a juventude o inclusive a religião, alçando nossa bandeira pelo «amor maior», a responsabilização mundial, a urgência política da ecología...

Esperamos os comentários, inclusive as matérias que vocês queiram nos fazer chegar, para ajudarnos a programar seu conteúdo. Obrigado, com antecedência,

Fraternal/sororalmente,

José María VIGIL

Uso pedagógico da agenda

Além do uso pessoal, a Agenda foi pensada como um instrumento pedagógico para comunicadores, educadores populares, agentes de pastoral, animadores de grupos, militantes...

Os textos são sempre breves, apresentados sob a concepção pedagógica de «página-cartaz», pensada e diagramada de forma que, diretamente fotocopiada, possa ser entregue como "material de trabalho" na aula, na escola, na reunião de grupo, na alfabetização de adultos... ou exposta no quadro mural. Também, para que estes textos possam ser transcritos no boletim da associação do bairro ou na revista local.

A apresentação dos textos rege-se por um critério «econômico» que sacrifica uma possível estética de espaços brancos e ilustrações, em favor de uma maior quantidade de mensagem. A falta de espaços brancos para anotações (para poder manter seu preço popular) pode ser suprida pelo acréscimo de páginas adesivas. Também pode-se acrescentar uma fita como registro, e ir cortando cada dia a ponta da folha para uma localização instantânea da semana atual.

Ecumenismo

Esta agenda propõe um «ecumenismo de adição», não «de diminuição». Por isso, não elimina o próprio dos católicos nem o específico dos protestantes, mas os reúne. Assim, no «santoral» foram «somadas» as comemorações protestantes com as católicas. Quando não coincidem, a protestante vai em letra inclinada. Por exemplo, o apóstolo Pedro é celebrado pela Igreja Católica no dia 22 de fevereiro (a «cátedra de Pedro»), e pelas Igrejas protestantes no dia 18 de janeiro (a «confissão de Pedro»); as diferenças podem-se distinguir tipograficamente.

Gentilmente, o bispo luterano Kent Mahler apresentou-nos nessas páginas, numa edição anterior, os «santos protestantes».

A Agenda é aconfessional e, sobretudo, macro-ecumênica: enquadra-se nesse mundo de referências, crenças, valores e utopias comuns aos Povos e aos homens e mulheres de boa vontade, que nós cristãos chamamos «Reino», mas que o compartilhamos com todos numa busca fraterna e humildemente serviçal.

Luas

Nossa Agenda acompanha as fases da lua no horário latino-americano, mais concretamente na hora «andina» (a da Colômbia, Equador, Peru e Chile), com uma diferença de 5 horas com relação à hora chamada de «universal» (GMT).

Uma obra que não visa lucro

Em muitos países, esta Agenda é editada por organismos e entidades populares, instituições sem fins lucrativos, que destinam os benefícios que obtêm da venda da Agenda aos seus objetivos de serviço popular ou de solidariedade. Em cada caso, estes centros fazem constar o caráter não lucrativo da edição correspondente.

Em todo caso, a Agenda Latino-americana como tal, em sua coordenação central, é também uma iniciativa que não visa lucro, que nasceu e se desenvolveu sem ajuda de agência nenhuma. Os recursos gerados pela Agenda, depois de retribuir adequadamente o esforço dos autores que nela escrevem, são dedicados a obras de comunicação popular alternativa e de solidariedade internacional.

Os «Serviços Koinonia», atendidos permanentemente e sempre melhorando, de acesso mundial gratuito, a coletânea «Tiempo Axial», assim como alguns dos prêmios da Agenda, são os casos mais conhecidos.

Uma agenda coletiva...

Esta é uma obra coletiva. Por isso, percorreu este caminho e é, hoje, o que é. Continuaremos recebendo, agradecidos, as sugestões, matérias, textos, documentos, novidades bibliográficas, que alguém possa querer enviar, para assim prepararmos a Agenda do ano 2007...

Acolheremos e deixaremos um espaço nestas páginas para aquelas entidades que queiram oferecer seu serviço ao Continente, patrocinando algum prêmio ou concurso para estimular qualquer aspecto de nossa consciência continental.

Assim, continuará sendo «obra coletiva, patrimônio latino-americano, anuário antológico da memória e da esperança do Continente espiritual...». ❑

EXIGIMOS E FAZEMOS OUTRA DEMOCRACIA

As últimas edições de nossa Agenda tiveram a ousadia de abordar temas maiores, verdadeiramente mundiais; também nisso é mundial a Agenda latino-americana.

Esta edição de 2007 aborda um desses temas maiores: a democracia. Trazida y levada, palavra pública quase tão profanada como a palavra amor ou como a palavra Deus, palavra escrita, falada, justificada com todas as verdades e todas as mentiras. A revista *Nuevamérica* introduzia seu número dedicado à democracia com esta justificativa pontual: «Num contexto em que vemos o presidente norte-americano se apropriar do termo democracia para justificar sua política de intervenção militarista, faz-se necessário, sem dúvida alguma, rediscutir este conceito que assume, cada vez mais e de maneira muitas vezes contraditória, caráter polissêmico».

De que falamos, quando falamos em democracia? A democracia atual, que é a forma política comum do Ocidente, em que é ou não é democracia? «Votar, calar e ver a TV», como dizia o humorista? A democracia que conhecemos, para as maiorias é apenas democracia fundamentalmente eleitoral e ainda com todas as restrições impostas pelo capital e seus meios de comunicação. Não é democracia econômica, nem democracia social, nem democracia étnico-cultural. Não é democracia participativa; é, quando muito, delegada ou representativa; mas, representativa de que interesses e delegada com que controles?

É uma democracia que enjoa e indigna. Alguém já falou de «fadiga democrática». Classificando-a numa tacada, a jornalista Katrina vanden Heuvel, em seu *Dicionário dos republicanismos*, define-a como «governo das corporações, pelas corporações e para as corporações» e Pablo González Casanova, como «uma democracia dos poucos, com os poucos e para os poucos». Aquilo de «governo do povo, com o povo e para o povo» evaporou-se em populismos ilusórios e em sarcasmos neoliberais.

A Agenda, evidentemente, não pretende condenar «a democracia». Contesta categoricamente «esta democracia» que temos. E, com milhões de pessoas que sonhamos «outro mundo possível», quer exigir e ajudar a fazer «outra democracia».

Falando de «outro mundo possível», cremos que cada vez mais é hora de dar o passo de afirmar essa possibilidade, a exigir e fazer esse outro mundo, como necessário e urgente. E para isso «exigimos e fazemos outra democracia», proclama nossa Agenda 2007. Exigimo-la como um direito fundamental das pessoas e dos povos, em todas as latitudes. Porque exigimos para todas as pessoas e para todos os povos os direitos básicos e os direitos complementares. Não podemos

aceitar uma democracia-privilégio, uma democracia–do-primeiro-mundo; menos ainda, uma democracia-imperial, «à mira de revólver», como ironizava Jesse Jackson. Os indígenas presentes ao Fórum Social Mundial de Caracas propugnaram enfaticamente «a descolonização da democracia».

Necessitamos dela e a exigimos «socializadora». Se os especialistas não sabem conjugar democracia e socialismo, pior para eles... O professor de história Agustí de Semir reconhecia que a democracia atual é, de fato, «a forma política do capitalismo». Por sua vez, os sociólogo Herbert José de Souza –o inesquecível Betinho-, num curso de bispos latino-americanos, recordava-nos o antagonismo essencial que existe entre democracia e liberalismo, entre capitalismo e democracia. Nem o liberalismo nem o capitalismo, explicava ele, podem pretender a democracia realmente popular, participativa, igualitariamente fraterna, mundial. «O liberalismo, dizia, porque promete uma igualdade abstrata com uma desigualdade real». E «o capitalismo porque está assentado na desigualdade e na desigualdade crescente». A democracia que nós defendemos não só pode ser «socialista», como tem que ser «socialista»; com um socialismo não envergonhado, mesmo que escarmentado. Ou se socializa a participação de todas as pessoas e de todos os povos nos direitos à vida, à dignidade, à liberdade, à alteridade, ou não haverá nem democracia nem paz. Do jeito que vai a história da democracia no Ocidente pode ser uma boa lição para não identificarmos a priori uma sociedade democrática com uma sociedade verdadeiramente humana.

Para que a religião não seja mais um grande inimigo da democracia, como tem sido com freqüência e ainda é, até Deus deve ser «democratizado» de outro modo. A respectiva vivência religiosa da fé deve-se abrir ao diálogo no pluralismo e deve compartilhar na ação voltada para as grandes causas comuns da vida e de todo o ser do universo.

«Exigimos» outra democracia, postula a Agenda, mas também promete «fazer» essa outra democracia. Não nos será dada de favor; deveremos conquistá-la. Devemos ser pessoalmente democracia para ajudar a fazer socialmente essa democracia outra. Seguindo a regra vital do cada dia e em cada lugar. Ser democracia na família e na vizinhança, na rua e no trabalho, na comunidade de fé e no partido ou no sindicato ou na associação. «Agenda» é isso: o que se tem que fazer. Sejamos, então, agenda democrática. Localmente, mundialmente. A democracia cabe em todas as vidas humanas e em todas as culturas. Todos os atabaques, todos os sinos, todos os gongos, podem e devem convocar à democracia integral, à cidadania universal.

Nesta Agenda 2007, vários especialistas dão-nos sua palavra qualificada sobre diferentes aspetos da democracia e suas implicações. E oferece também a Agenda experiências de democratização real e cotidiana.

Pensando livremente, criticamente, autocriticamente e praticando coerentemente, iremos dando credibilidade a essa nossa convicção: «outra democracia é possível». Para que este mundo, malferido, desconcertado e, mesmo assim, obstinadamente sonhador, seja verdadeiramente casa feliz de uma Humanidade fraterna.

PEDRO CASALDÀLIGA

❑

ANIVERSÁRIOS DE MÁRTIRES EM 2007

30 anos: 1977

1.1: Maurício Lopes, reitor da Universidade de São Luís, Argentina, protestante, membro do Conselho Mundial das Igrejas, desaparecido. Assassinado.
27.1: Miguel Angel Urusa Nicolau, sacerdote salesiano, desaparecido, mártir da juventude Argentina.
1.2: Daniel Esquivel, operário do Paraguai, mártir, entre os imigrantes Paraguaios na Argentina.
9.2: Agustín Goiburú, médico, do Paraguai.
12.3: Rutilio Grande, pároco, Manuel Solórzano e Nelson Lemus, camponês, mártires em El Salvador.
16.3: Antônio Olivo e Pantaleón Romero, mártires entre os camponeses de Perugorría, Argentina.
21.3: Rodolfo Aguilar, pároco, 29 anos, mártir da liberação no México.
8.4: Carlos Armando Bustos, capuchinho, testemunho da fé entre os pobres de Buenos Aires, assassinado.
27.4: Rodolfo Escamilla, sacerdote, mártir, México.
6.5: Oscar Alajarín, militante da Igreja metodista, mártir da solidariedade na Argentina.
11.5: Alfonso Navarro, sacerdote, e Luís Torres monaguillo, mártires de El Salvador.
13.5: Luís Aredez, médico, mártir da solidariedade entre os pobres da Argentina.
23.5: Elizabethi Käsemann, militante da Alemanha luterana, presa, torturada e assassinada, Buenos Aires, Argentina.
14.6: Maurício Silva Iribarnegaray, sacerdote Uruguaio, irmão do Evangelho, mártir da Cuasa dos pobres. Buenos Aires. Seqüestrado e desaparecido.
11.7: Carlos Ponce de León, bispo de São Nicolas, mártir da justiça, «oficial» em acidente na Argentina.
10.8: Jesús Alberto Páez Vargas, líder do movimento de comunhão, pai de 4 filhos, desaparecido no Perú.
26.8: Felipe de Jesus Chacón, camponês, catequista, assassinado pelas forças de segurança. El Salvador.
22.9: Eugênio Lyra Silva, advogado da Federação dos trabalhadores agrícolas, mártir da justiça no Brasil.
18.10: Massacre do Ingênio Aztra, Equador. Mais de 100 mortos, por protestar contra a empresa.
9.11: Justo Mejía, sindicalista camponês e catequista, mártir da Fé em El Salvador.
27.11: Fernando Lozano Menéndez, estudante da Universidade Católica, assassinado pelos militares, Perú.
8.12: Alicia Domont e Leonie Duquet, religiosas, mártires solidárias com os desaparecidos, Argentina.
28.12: Massacre dos camponeses de Huacataz, Peru.

25 anos: 1982

6.1: Vitória de Roca, religiosa de Guatemala, mártir dos pobres de Esquipulas. Desaparecida.
8.1: Domingo Cahuec Sic, indígena achí, catequista delegado da Palavra, Rabinal, Baja Verapaz, Guatemala.
10.1: Dora Azmitía «Menchy», professora, 23 anos, mártir da juventude estudantil católica na Guatemala.
18.1: Sergio Bertén, religioso belga, e companheiros, mártires da solidariedade camponesa, Guatemala.
20.1: Carlos Morales, sacerdote dominicano, mártir entre os camponeses indígenas de Guatemala.
22.1: Massacre de camponeses, Pueblo Novo, Colômbia.
30.1: Maria Madalena Mónico Juárez, catequista, assassinada pela Polícia de Hacienda em El Salvador.
13.2: Santiago Miller, lasalista norte-americano, mártir da educação libertadora dos indígenas, Guatemala.
25.2: Tucapel Jiménez, 60 anos, mártir das lutas dos sindicalistas Chilenos.
3.3: Hipólito Cervantes Arceo, sacerdote mexicano mártir da solidariedade com os exilados da Guatemala.
3.3: Emiliano Pérez Obando, delegado da Palavra e juiz de Distrito, mártir da revolução Nicaragüense.
17.3: Jacobus Andreas Koster, «Koos», e companheiros jornalistas, mártires da verdade em El Salvador.
1.4: Ernesto Pili Parra, militante, mártir da paz e da justiça em Caquetá, Colômbia.
22.4: Félix Tecu Jerônimo, indígena Achí, ministro da Palavra, Rabinal, Baixa Verapaz, Guatemala.
29.4: Fallece Mons. Enrique Alvear, bispo dos pobres, perseguido por Pinochet, pastor e profeta no Chile.
9.5: Luis Vallejos, bispo de El Cuzco, Perú, ameaçado por sua opção pelos pobres. Morto em «acidente».
8.6: Luis Dalle, foi bispo de Ayaviri, Perú, ameaçado por sua opção pelos pobres, morto em «acidente».
12.6: Massacre do Rio Sumpul, El Salvador. 300 camponeses, assassinados ao tentar passar a fronteira.

27.6: Juan Pablo Rodrigues Ran, sacerdote indígena, mártir da justiça pela Guatemala.
13.7: Fernando Hoyos, jesuíta, educador dos indígenas, e seu coroinha, mortos pelo exército, Guatemala.
20.8: América Fernanda Perdomo, chefe das Relações das Comissões da DDHH de El Salvador, seqüestrada.
12.9: José Alfonso Azevedo, "Foncho", catequista, mártir da fé e do serviço aos desprezados de São Salvador.
17.9: Alirio, Carlos e Fabián Buitrago, Giraldo Ramírez e Marcos Marín, catequistas da paróquia de Cocorná, assassinados, Colômbia.

20 anos: 1987

25.2: O líder indígena Caincoñen (Atilio Cavaleiro), Formosa, Argentina, mártir defensor da terra.
21.3: Luz Marina Valencia, religiosa, mártir da justiça entre os camponeses do México.
31.3: Roseli Correa da Silva, camponesa, em Natalino no Brasil.
10.4: Martiniano Martínez, Terencio Vázquez e Abdón Julián, militantes batistas, mártires da liberdade, em Oaxaca, México.
6.5: Rubén Darío Vallejo, sacerdote na Colômbia.
8.5: Vicente Cañas, missionário jesuíta, modelo de inculturação, assassinado pelos que cobiçavam a terra dos índios que acompanhava, Mato Grosso.
15.5: Mártires indígenas, vítimas do roubo das suas terras, em Bagadó, na Colômbia.
25.5: Bernardo López Arroyave, sacerdote colombiano, mártir pelas mãos dos fazendeiros e militares.
2.6: Sebastião Morales, diácono evangélico, mártir da fé e da justiça na Guatemala.
15.6: Doze pessoas assassinadas em Santiago no Chile por serviços de segurança na «Operação Albânia».
21.7: Alexandro Labaca, Vigário de Aguaricó, e Inés Arango, missionária na selva equatoriana.
23.7: Mártires camponeses de Jean-Rabel, no Haiti.
27.8: Héctor Abad Gómez, médico, mártir da defesa dos direitos humanos em Medellín na Colômbia.
22.10: Nevardo Fernández, mártir da luta pelas reivindicações indígenas na Colômbia.
23.10: João «Ventinha», posseiro em Jacundá (PA) no Brasil, assassinado por três pistoleiros.
25.10: Carlos Paz e Salvador Ninco, líderes indígenas, Luz Estela e Nevardo Fernandes, operários, Colômbia.
26.10: Herbert Anaya, coordenador da Comissão de Direitos Humanos de El Salvador.
29.10: Manuel Chin Sooj e companheiros, camponeses e catequistas mártires na Guatemala.
8.11: Mártires indígenas de Pai Tavyeterá, Paraguai.
12.11: Miguel Angel del Tránsito Ortiz, coordenador e animador paroquial. Assassinado enquanto prestava segurança na igreja em Plan del Pino, El Salvador.
15.11: Fernando Vélez, advogado e militante, mártir dos direitos humanos na Colômbia.
3.12: Vítor Raúl Acuña, sacerdote no Peru.
28.12: Mais de 100 garimpeiros de Serra Pelada em Marabá, no Brasil, cercados pela polícia na ponte do Rio Tocantins, com mais de 70 desaparecidos.

15 anos: 1992

6.1: Augusto Maria e Augusto Conte, militantes, testemunhas da solidariedade e da causa dos DDHH na Argentina.
6.2: Falece Sergio Méndez Arceo, bispo de Cuernavaca, Patriarca da Solidariedade.
15.2: María Elena Moyano, «Madre da coragem», tenente-prefeita de Lima, assassinada por sua luta contra o terrorismo.
15.4: Aldemar Rodriguez, catequista, e companheiros, mártires da solidariedade entre os jovens em Cali na Colômbia.
1.10: Julio Rocca, colaborador italiano, mártir da solidariedade no Peru.
18.12: Manuel Campo Ruiz, assassinado no quartel por guardas da prisão, para rouba-lo, isso foi quando visitava a un preso no Rio de Janeiro.

10 anos: 1997

19.05: Manoel Luís da Silva, sem terra, assassinado pelos latifundiários, em São Miguel de Taipu, onde acampava com 140 famílias. A polícia encobriu o crime. A CPT e a diocese de Paraíba o denunciou.
16.10: Fulgêncio Manoel da Silva, sindicalista rural, mártir da justiça, baleado em Santa Maria da Boa Vista no Brasil.
8.12: Samuel Hernán Calderón, sacerdote que trabalhava com os camponeses no Oeste da Colômbia, quando foi assassinado por militares.
22.12: Masacre de Acteal, Chiapas, no México. Grupos de militares ligados aos grandes latifundiários atacaram o grupo indígena pacifista tzotzil reunido em oração , onde morreram 46 indígenas.

❑

Concursos e prêmios 2007>2008...

• *O **Primeiro Prêmio** do Concurso de **Páginas Neobíblicas** (500 euros) foi outorgado a dois ganhadores: **José Henríquez** (joseanhenriquez@yahoo.es), de San Salvador, pela sua página «Los trabajadores indocumentados», atualização de Mt 20, 1-16, e **Blanca Estela Silva** (ntetembwa2004@yahoo.com.ar), argentina residente em Angola, pela sua página sobre «1 Re 17,8-16». Nesta agenda publicamos o texto de Blanca (pág. 233), e o texto de José fica publicado na página da Agenda na rede.*

*O Juri outorgou um **accésit** (de 100 euros) a «Sólo bastaba leer», atualização de Mc 1,40-45, de **Ingrid María Martínez Hernández** (immh12@yahoo.es), de Antiguo Cuscatlán, El Salvador. O Júri quis também outorgar três **menções honrasas** aos seguintes contos concursantes: «O ressurgir de um povo», de **Norma Serra** (normaserra@ig.com.br), de Icaraí, Niterói, RJ; «Redescubrir los milagros», atualização de Mc 6,35b-42, de **José Giménez González** (ggjoe72@yahoo,com), de Asunción, Paraguai; e a «La división de los panes», atualização de Mt 14,13-21, de **Carlos Herrera** (aveduc@gmail.com), das Comunidades Eclesiais de Base da Guatemala.*

Uma ampla antologia de Páginas Neobíblicas (já mais de sessenta) recebidas neste e outros anos continua sendo publicada como uma página dos Serviços Koinonia (servicioskoinonia.org/neobiblicas). Convocamos à XIIª edição deste Concurso para 2007. Veja a pág. 17.

• *O Prêmio de **Conto Curto Latino-americano** (de 500 euros) foi outorgado, em partes iguais para **Edilberto Blanco Benavides** (edilblancob@hotmail.com), camponês, da Costa Rica, por seu conto «Semillas y tierra», junto com **Ana Terra Leme** (sertaoadentro@yahoo.com.br), de Brasília, Brasil, por seu conto «Conversa entre Rios». Na agenda publicamos o texto de Ana Terra (pág. 228-231).*

*O Júri outorgou também uma **menção de honta** em favor de três concursantes: **Adriana Raíces** (adrianaraices@yahoo.com.ar), de Buenos Aires, pelo seu conto «Lento, pero posible»; **María Cristina Caso** (ponscaso@prodigy.net.mx), do México DF, pelo seu conto «Ésta es la capitalo...»; e **Pedro Zubizarreta** (pzubizar@tutopia.com), de Buenos Aires, pelo seu conto «Cuando la cordillera se embaraza». Pedro já ganhou um primeiro prêmio neste concurso na convocatória de 2004.*

Convocamos para o ano próximo a XIIIª edição do Concurso. Veja pág. 17.

Uma ampla antologia de «Contos curtos latino-americanos» -não só os ganhadores- está sendo posta a rede também como uma seção dos Serviços Koinonia, como antologia dos melhores contos apresentados no concurso. Os contos selecionados de entre os recebidos neste ano, serão publicados a partir de agora. Aqui: http://servicioskoinonia.org/cuentoscortos

• *O Júri do **Concurso de Gênero** sobre o tema «Eqüidade de gênero na comunicação», patrocinado pelo Centro de Educação e Comunicação CANTERA, outorgou o prêmio, de 500 US$, a **Jhaquelin Elba Dávalos Escobar**, da ciudad El Alto, junto a La Paz, Bolívia (jhaque_lin@yahoo.es). É publicado nesta Agenda (pág. 232).*

Com as mesmas bases, sob um novo enfoque, fica novamente convocado o certame para o ano que vem, com o expressivo título de «Democracia e eqüidade de gênero»: veja a página 17.

Veja os prêmios concedidos aos concursantes para os concursos convocados na Agenda de 2006, em:
http://latinoamericana.org/2007/premios
*Veja também as convocatórias para o ano 2007-2008 em: **http://latinoamericana.org/2007/convocatorias***

• *No Concurso* ***A crise e o futuro da religião,*** *o Júri outorgou uma* ***menção de honra*** *de 100 euros a* ***Ignacio Dueñas*** *(nachodue@hotmail.com), de Cádiz, Espanha, pelo seu trabalho «De las religiones a la espiritualidad: el camino de retorno». O primeiro prêmio ficou sem ganhador.*

Com as mesmas bases, a mesma quantidade para o prêmio e um novo tema, o Istituto Missio, de Aachen (Alemanha) e a Agenda, convocam a VIª edição: veja a pág. 19.

• *No Concurso convocado pelo* ***Coletivo Ronda de advogados de Barcelona****, sobre «Experiências realizadas na defesa jurídica dos pobres», outorgou o prêmio (mil e quinhentos euros) a duas das experiências apresentadas: a do* ***Cerrado Assessoria Jurídica Popular*** *(cerrado2005@yahoogrupos.com.br), de Goiânia, Brasil, e a da* ***Fundación Socorro Jurídico Solidario*** *(funserju@trcnet.com.ar), de Reconquista, Santa Fe, Argentina.*

O concurso é convocado para o próximo ano, na sua já Vª edição, com nova temática: veja a pág. 18.

• *A* ***Revista Alternativas*** *e a* ***Fundação Verapaz*** *outorgou o* ***Prêmio Antônio Montesinos****, na sua XIª edição, a* ***José Mulligan, sj****, pela admirável trajetória da sua vida, sempre comprometida na defessa profética da Dignidade Humana. Veja-se o currículo biográfico do homenageado na página 16.*

Recordamos que para este Prêmio pode-se apresentar candidatos à consideração do Júri; veja-se a convocatória, renovada para sua XIIª edição, na página 17.

• *O* ***Concurso*** *titulado* ***«Desertificação e pobreza»*** *foi declarado sem ganhador.*

CONCURSO
INNOVAÇÕES ECO-TEOLÓGICAS
APORTES PARA UNA DEMOCRACIA ECOLÓGICO–SOCIAL

IIIª Edição

A equipe de pesquisa «ECO-TEOLOGIA», da Faculdade de Teologia, Pontificia Universidade Javeriana (Bogotá) e a Fundação Ecológica e ambiental «CREAÇÃO»,

CONVOCAM este concurso, com as seguintes bases:

1. Participantes: O certame es macro-ecumênico. Podem participar todas as pessoas, comunidades e istituições que sintonicem com as Causas da Pátria Grande.

2. Temática: Os trabalhos serão clasificados en duas modalidades: a) Aqueles que socializam experiências reais com aportes orientados à construção de uma democracia ecológico–social fundamentada em valores ecoteológicos, por exemplo, a partir da educação ambiental, a agro-ecologia, o eco-turismo, a pastoral ecológica, etc. b) Aqueles que desenham um novo paradigma de civilização em linguagens alternativas (narrações, poesia, canções...) nos quais o conteúdo eco-teológico possibilite prever horizontes e utopias criadoras de uma democracia ecológico-social.

3. Componentes: Cada trabalho, deverá apresentarse por meio de um texto descritivo ou narrativo e incluir, principalmente, uma reflexão eco-teológica que desenvolva suas colocações diante da democracia ecológico-social, explicitando as motivações, sucessos, desafios, erros, surgidos na experiência apresentada (modalidade a), ou as utopias, sonhos, inovações, transformações que respondam ao momento histórico da humanidade (modalidade b). A extensão máxima para o documento completo é de 10 folhas (20.000 toques), em Castelhano ou Português. Pode-se anexar outros materiais (impressos, fotográficos, audiovisuais, informáticos) que sublinhem o enfoque eco-teológico do trabalho.

4. **Prazo**: antes de 31 de março de 2007 praa ecoteologia@gmail.com e a acaceres@javeriana.edu.co ou a: Carrera 17A nº 37-41, Casa de la Juventud, Bogotá, Colômbia.

5. Será **premiado** um ganhador em cada modalidade, com 100 US$ e um pacote de materiais eco-pedagógicos. O Juri poderá declarar o prêmiosem ganhador, assim como outorgar alguma menção honrosa. Os melhores trabalhos serão divulgados na página da Universidade Javeriana, enlace de Eco-teología. A Agenda Latino-americana poderá publicar total ou parcialmente os trabalhos que mais contribuam para impulsionar o diálogo ecologia/teologia em nosso «Oikos»: a Criação.

Resultado

A Revista «ALTERNATIVAS» e a Fundação VERAPAZ, de Manágua, Nicarágua, outorgam o

«PRÊMIO ANTÔNIO MONTESINOS ao gesto profético em defesa da dignidade humana»,

em sua XIª edição, a:

José MULLIGAN, sj

Nascido em 1943 em Nova Iorque, José Mulligan ingresou na Companhia de Jesus em 1963. Em 1969 participa em um ato de desobediência civil contra a guerra de Vietnã -destruição em Chicago de alguns arquivos do servicio militar obrigatório do governo federal-.

1970-72: estuda teologia cumprindo condenação na prisão federal, Sandstone, Minnesota, EUA.

1973-77: vive numa comunidade jesuíta em um bairro latino de Chicago, onde trabalha em solidariedade com as lutas da América Latina, participa no movimento do sindicato dos operários agrícolas (César Chávez), e é membro de um comité para reformar as prisões.

1978-86: em um bairro latino de Detroit, trabalha em solidariedade com América Latina (concientização do povo, organização, etc.).

Desde 1986 vive em Manágua, trabalhando com as CEBs e com os descapacitados, sendo Coordenador do Voluntariado Jesuítico Internacional em Nicarágua.

Também trabalha em solidariedade com as lutas pela justiça na América Latina e em relação com a política exterior dos EUA. Durante seus primeiros anos na Nicarágua, lutou (palestras e conferências de imprensa nos EUA) contra a ajuda dos EUA aos *contras*.

Em janeiro de 1990 participou de uma manifestação em frente a Casa Branca em Washington, D.C., protestando pelo apoio do governo estadunidense ao governo salvadorenho, cujos soldados tinham assassinado os jesuítas da UCA de San Salvador em 16 de novembro do ano anterior. José Mulligan e Felipe Berrigan jogaram sangue humano sobre o portão da Casa Branca para mostrar a complicidade do governo estadounidense. Passaram uma noite na cadéia.

Tem-se dedicado muito à pesquisa sobre o desaparecimento forçado do Pe. James «Guadalupe» Carney em Honduras em 1983. O Pe. Guadalupe tinha entrado em Honduras como capelão acompanhando uma coluna revolucionária. Em 1997, José e outros, depois de uma reunião com o embaixador estadunidense em Tegucigalpa, sentaram-se na entrada da porta da embaixada, demandando uma «resposta séria» a seu pedido de informação sobre o desaparecimento forçado do Pe. Guadalupe. No final do dia, foram carregados por 8 marines estadunidenses e postos na rua. Começaram então uma greve de fome de 45 dias, tomando somente líquidos.

Em novembro de 2003 participou de uma passeata contra a Escola das Américas em Fort Benning, Georgia, EUA, que treina militarmente milhares de soldados e oficiais da América Latina e inclusive insinou-lhes métodos de tortura que o Pentágono admitiu em 1996, quando saíram à luz pública alguns manuais de tortura. A passeata de José dirige-se sempre não somente a esta Escola do exército estadunidense sinão a toda a política exterior intervencionista dos EUA.

Com outras 26 pessoas, ultrapassou a linha da base militar, caminhando alguns metros dentro da base para exigie o fechamento da Escola. Foram presos e passaram uma noite na cadeia.

Em 2004 foi declarado culpado por entrar na base, foi condenado a 90 dias na cadeia. Passou o resto do ano 2004 nos EUA, dando conferências sobre a política externa, a guerra no Iraque, a situação na América Latina, na Escola das Américas e os tratados de livre comércio entre os EUA e América Latina. Também dedicou-se à concientização do pessoal sobre a responsabilidade cristã com respeito à justiça e a paz.

Em dezembro de 2005, com outros ativistas pela paz, lançou a Convocação Mundial para Ações Não-Violentas de Resistência Civil para por fim à ocupação do Iraque (www.globalcalliraq.org), sendo esta, na atualidade, sua dedicação fundamental.

Em 20 de março de 2006, com outros 51 ativistas, diante do Pentágono, foi preso. Pulou uma cerca para mostrar um caixão que representava os mortos iraquianos e norteamericanos no Iraque. Foram deixados em libertade depois de 4 horas de aprisionamento.

É autor de vários livros e artigos. Para contatar:

PADRE JOSÉ MULLIGAN, S.J.
Comunidad San Ignacio.
Apdo. 2419. Managua, Nicaragua
Tel: (00505) 278-6965. Ext. 111
Cel: 635-6381. mull@ibw.com.ni

❑

Concurso de «Páginas Neobíblicas», XIIª edição

A **Agenda Latinoamericana** convoca, com as seguintes bases»:

1. Temática: apoiando-se em alguma figura, situação ou mensagem bíblica, do Primeiro ou do Segundo Testamento, os textos tentarão fazer uma «releitura bíblica» a partir da atual situação latino-americana ou mundial.

2. Os textos não deverão ultrapassar 1.500 palavras, ou 9 mil toques. Em português ou castelhano, em prosa ou verso, levando-se em conta que, supondo uma qualidade básica na forma, o que se premia é o conteúdo, o acerto e a criatividade na «releitura» da página bíblica.

3. Os trabalhos deverão chegar antes de 31 de março de 2007 a: agenda@latinoamericana.org

4. Prêmio: 500 euros e sua publicação na Latino-americana'2008. Poderão ser concedidos um ou vários «honra ao mérito» de 100 euros. Os prêmios serão anunciados em 1º de outubro de 2007 na latinoamericana.org/2007/premios

Concurso «Democracia e eqüidade de gênero», XIIª edição

O **Centro de Educação e Comunicação Popular CANTERA** e a Agenda Latino-americana convocam a XIIª edição de seu concurso «Perspectiva de gênero no desenvolvimento social», que neste ano tem como tema «Democracia e eqüidade de gênero». As bases são:

1. Temática: «Até que ponto a eqüidade de gênero é necessária ou imprescindível para que uma sociedade possa ser considerada realmente democrática». Em estilo de ensaio.

2. Não deverá ultrapassar as mil palavras, ou 6 mil toques. Pode-se concorrer em qualquer idioma, acompanhando uma tradução para o Português ou Castelhano.

3. Os trabalhos deverão chegar antes de 15 de março de 2007 a: Cantera, Apdo. A-52, Manágua, Nicarágua, cantera@ibw.com.ni, Tel.: (505)-277.53.29.

4. O texto ganhador será premiado com US$ 500. O júri poderá declarar sem ganhador o concurso, ou dar um ou vários «honra ao mérito» de US$ 100.

Prêmio Antonio Montesinos ao gesto profético em defessa da dignidade humana, XIIª edição

A **Revista «Alternativas»** e a **Fundação Verapaz** o convocam com as seguintes bases:

1. Quer-se reconhecer a comunidade ou grupo humano ou pessoa, cuja defesa dos direitos humanos atualize melhor hoje o gesto profético de Antônio Montesinos em *La Española,* quando ele combateu a violência da conquista contra os indígenas com seu grito: «Estes, não são seres humanos?».

2. Pessoas, grupos ou comunidades podem apresentar candidatos, argumentando com os motivos e acompanhando-os com assinaturas, se o acharem oportuno, antes de 31.3.2007, para: Fundação Verapaz, Apdo. P-177, Manágua, Nicarágua, tel.: (505)-265.06.95. revista_alternativas@hotmail.com

3. O júri considerará tanto ações temporárias, quanto trabalhos ou atitudes proféticas duradouras.

4. O prêmio será acompanhado de US$ 500, mas também poderá ser declarado sem ganhador.

Concurso de «Conto Curto Latino-americano», XIIIª edição

A Agenda Latino-americana convoca para esta XIIIª edição do Concurso, com as seguintes bases:

1. Pode concorrer toda pessoa que sintonize com as Causas da Pátria Grande.

2. Extensão e idioma: máximo de 18 mil toques. Em Português ou Castelhano.

3. Temática: o conto deve tratar de iluminar, no seu próprio caráter literário, a atual conjuntura espiritual da América Latina: suas utopias, dificuldades, motivações para a esperança, alternativas, interpretação da hora histórica atual...

4. Os textos deverão chegar antes de 31 de março de 2007 a: agenda@latinoamericana.org

5. O conto ganhador será premiado com 500 euros, e será publicado na Rede e na Agenda Latino-americana'2007 (em 18 países, em 6 línguas). A escolha dos premiados será publicada em 1º de outubro de 2007 em http://latinoamericana.org/2007/premios

7. O júri poderá declarar sem prêmio, mas também poderá conceder «honra ao mérito» de 100 euros.

PRÊMIO
«COLETIVO RONDA DE ADVOGADOS»
Vª EDIÇÃO

EXPERIÊNCIAS REALIZADAS NA DEFESA JURÍDICO-DEMOCRÁTICA DOS POBRES

O **Coletivo Ronda de Advogados**, fiel à sua tradição de pensamento e de compromisso na linha de pôr o direito a serviço da Justiça,

querendo estimular a transformação da sociedade mediante o exercício criativo do direito,

e para render homenagem às inúmeras iniciativas de defesa jurídico-democrática dos pobres que vêm se realizando na América Latina e no Terceiro e Quarto Mundo em geral,

C O N V O C A

às entidades que se especializam neste tipo de defesa dos pobres a participar em um concurso, com as seguintes

B A S E S :

Conteúdo: O que se pede são experiências concretas realizadas (atividades, processos, campanhas) de luta jurídica pelo fortalecimento dos mecanismos democráticos que defendam os pobres, experiências daqueles que, utilizando o direito, pensam em uma nova democracia e esforçam-se cada dia para que esta não esteja só a serviço do poder e dos que usam a democracia como simples formalidade na qual não acreditam... senão a serviço de toda a população e especialmente dos pobres. Como tais entende-se os economicamente frágeis, as mulheres, as crianças, imigrantes, oprimidos, desempregados, sem-terra, sem-teto, meninos de rua, os que não tem direito porque não podem exercê-los...

Informe a apresentar: Pede-se um informe claro, concreto e preciso, e não extenso demais, sobre a experiência: o contexto jurídico da sociedade na qual se insere, as atividades jurídico-políticas realizadas, a evaluação dos resultados obtidos.

Idioma: Português, Castelhano ou Catalão, ou qualquer outro daqueles em que se publica a Agenda, acompanhando uma tradução a qualquer um dos citados.

Envio e prazo: Deverá ser enviado antes de 31 de março de 2007 a: agenda@latinoamericana.org e a: pmante@cronda.com

Prêmio: 1500 (mil e quinhentos) euros, mais sua publicação na Rede. Poderá ser declarado sem ganhador e também ser concedido alguma menção honrosa.

❑

CRISTIANISMO, DIÁLOGO E MISSÃO

CONCURSO AGENDA/MISSIO INSTITUT VIª EDIÇÃO

Colocação:

O fundamento teórico da expansão missionária das religiões -qualquer uma delas-, talvez nunca experimentou um desafio tão profundo como aquele que provém do surgimiento atual do paradigma pluralista e da nova consciência de inter-culturalidade.

Diante desta situação, a reação de não poucas religiões é a da reafirmação intemperante do princípio missionário, fechando a porta a toda avaliação ou discernimento que implica sua revisão ou reformulação ou eventual superação. Reafirmar insistentemente que «a missão conserva hoje o seu valor de sempre», mas sem justificá-lo, é a estratégia de algumas religiões para superar esse desafio que lhes atemoriza.

Mas, em um mundo dividido entre o crescimento dos fundamentalismos e a necessidade de reconfigurar o consenso social sobre a aceitação da pluralidade de culturas e religiões, para universalizar a libertação e a justiça, é bom avaliar criticamente essa estratégia, suas razões ou sem-razões profundas, suas previsíveis conseqüências, sua veracidade e sua sustentabilidade.

Tendo em conta, pois, a situação histórica dos nossos dias, mas também a busca de u, sincero diálogo inter-cultural e inter-religioso, assim como a honestidade com que a teologia do pluralismo religioso nos está evidenciando, a Agenda Latino-americana, em colaboração com o MWI, propõem como tema do seu concurso para o ano 2007 esta questão:

«Deve o cristianismo ser missionário? Por quêe? Deveria renunciar à missão proselitista? Por quê?»

Convidamos aos teólogos/as a elaborarem uma reflexão que contextualize o tema no horizonte da situação atual deste debate e se pregunte o que significa para o cristianismo (e para outras religiões!) se reposicionar no mundo atual a partir de uma autocompreensão pluralista e inter-cultural.

Os trabalhos deven incluir a questão de como se poderia recolocar ou re-definir a atividade missionária cristã no horizonte de um pluralismo religioso aceito como positivo e querido por Deus e se missão e diálogo são ou não atitudes que no fundo excluem-se.

O **MWI**, **Missionswissenschaftliches Institut** de Aachen (Alemanha) e a **Agenda Latino-americana**, na sexta edição deste concurso, convocam teólogos e teólogas e os convidam a elaborar teologicamente esta temática, sobre as seguintes

Bases:

-Podem participar teólogos/as de qualquer país e de qualquer confissão ou religião. Valorizar-se-á especialmente a participação das teólogas, mesmo que sem discriminação de gênero para os teólogos.

-Extensão mínima de 15 páginas (30.000 toques).

-Os trabalhos, que deverão ser inéditos e originais, serão apresentados em Castelhano, Português ou Catalão, mas pode-se participar em qualquer outra língua, sempre que seja adjuntada uma tradução.

-Entrega: antes de 31 de março de 2007, pelo correo-e, ao **MWI** (*raul.fornet@mwi-aachen.org*) e à **Agenda Latino-americana** (*agenda@latinoamericana.org*).

-O prêmio consistirá em 1.000 (mil) euros, mais a publicação do texto em papel ou telematicamente.

-Participando, os concursantes outorgam aos convocantes o direito de publicarem os textos que sejam selecionados, em qualquer outro meio que possa ser oportuno, tanto em papel como telemático.

❑

DADOS SOBRE A POPULAÇÃO MUNDIAL

I. VER

A **população mundial**, que hoje é formada por 6.400 milhões de pessoas, segue crescendo rapidamente na atualidade, a razão de 76 milhões de pessoas por ano. Segundo as projeções da ONU, em 2050 serão agregados, à população mundial, outros 2.500 milhões de pessoas, quantidade equivalente ao total da população mundial em 1950.

A **taxa de crescimento** se fez mais lenta depois de seu ponto máximo, nos meados do decênio de 1990, com 82 milhões de pessoas por ano. O tamanho médio da família tem diminuído de seis filhos por mulher em 1960 a cerca de três na atualidade, na medida em que o planejamento familiar foi se tornando mais acessível e mais amplamente utilizado. As projeções sugerem que o total da população deixará de crescer nos meados deste século XXI, na medida em que as taxas de fecundidade vão diminuindo até chegar a níveis de substituição ou menores.

Mas alguns países chegarão a este ponto muito depois de outros. Os que têm populações jovens (devido a suas altas taxas de fecundidade num passado recente) seguirão crescendo durante decênios, até quando predominem as famílias pequenas. O número de adolescentes entre 10 e 19 anos de idade chegaram na atualidade a um máximo sem precedentes de 1200 milhões.

E nos países mais pobres, onde seguem sendo altas as taxas de fecundidade e mortalidade e segue sendo limitado o acesso a serviços de planejamento da família, acaba de se iniciar a transição para famílias mais pequenas. Segundo se prevê, nos 50 países menos adiantados o crescimento será de 22,8%, para 1700 milhões em torno de 2050.

Os países, onde há diminuído pronunciadamente a fecundidade, experimentarão um marcado envelhecimento de suas populações nos próximos decênios, tendência já em curso em países desenvolvidos e motivo de grande preocupação assim para as políticas.

Das projeções de crescimento, 96% se prevê que ocorrerá nos países em desenvolvimento. Atualmente, as populações da Europa e do Japão estão diminuindo e, segundo as projeções, o ritmo da declinação se duplicará entre 2010-2015; na América do Norte o crescimento continua à razão de 1% anual, devido, principalmente, aos emigrantes.

As estimativas da população e as projeções de crescimento na atualidade são inferiores às efetuadas em um decênio, devido, em grande medida, aos efeitos da AIDS na África que foram piores do que se previa, e ao crescimento nos países desenvolvidos que declinou mais rapidamente que o previsto.

Nos 38 países africanos mais afetados pela AIDS, em 2015 terá – segundo as projeções – 823 milhões de pessoas, 91 milhões a menos que a quantidade que existiria se não houvesse a AIDS, no entanto, mais de 50% a mais que hoje (sem a AIDS essas populações teriam aumentado 70%).

Sendo certo que em muitas regiões estão declinando as taxas de fecundidade, a **população mundial** aumentará desde os 6.400 milhões atuais para os 8.900 milhões até 2050. Os 50 países mais pobres triplicarão sua população até 1.700 milhões.

Há, atualmente, no mundo 2800 milhões de pessoas – dois em cada cinco – que seguem se esforçando para sobreviver **com menos de dois dólares diários**. A falta de saúde, a desigualdade de gênero e o rápido crescimento populacional perpetuam a pobreza e, ao mesmo tempo, são exacerbados por ela.

As **pautas insustentáveis de consumo** e produção, somadas ao rápido crescimento da população, estão deteriorando o meio ambiente. Vai aumentando o número de pessoas que utilizam cada vez mais intensamente maior quantidade de recursos, e assim, estão deixando um "rastro" sobre o planeta maior que antes.

Uma classe consumidora mundial em rápido crescimento está usando os recursos do planeta a uma velocidade sem precedentes, com efeitos proporcionalmente maiores que o aumento no número de consumidores. Os agricultores, os pecuaristas, os exploradores florestais e os urbanizadores, eliminaram quase a metade dos bosques que existiam originalmente no mundo. Das áreas existentes de piscicultura do planeta, ¾ se esgotaram ou excederam os limites sustentáveis.

Há 500 milhões de pessoas residentes em países que padecem com a **escassez de água**; se prevê que até 2025 essa quantidade chegará a estar entre 2.400 e 3.400 milhões de pessoas. As populações pobres em acelerado crescimento parecem não ter outra opção do que explorar seu meio ambiente local, para satisfazer as necessidades de alimentos e de combustível para sua subsistência.

Devido à constante migração do campo para as cidades, o **número de residentes urbanos** aumenta com uma velocidade em dobro do crescimento da população total. Calcula-se que em 2007, os residentes em cidades passarão a ser, pela primeira vez na história, a maioria da população mundial. Até 2030, essa maioria se dará em todas as regiões. As megacidades de 10 ou mais milhões de habitantes (que são 20 atualmente, 15 delas em países em desenvolvimento) e as cidades de tamanho pequeno e intermediário seguem crescendo e excedendo gravemente a capacidade das infra-estruturas e dos serviços locais.

No ano de 2000, havia em todo o mundo 175 milhões de pessoas **migrantes internacionais** – uma em cada 35 pessoas -, em comparação com 79 milhões em 1960. Muitas pessoas, e entre elas um crescente número de mulheres, buscam emprego no estrangeiro, e isto tem repercussões de grande magnitude nos países de origem e nos de destino. Os efeitos econômicos são bidirecionais.

China, em uma só geração, triplicou sua renda per capita, tirando da miséria mais de 300 milhões de habitantes. Nessa troca, a China aumentou, de uma única vez, o equivalente ao PIB da Suíça. Em poucos meses, os chineses vão chegar à quarta posição, passando à frente de França e Inglaterra. Nesse ritmo, se calcula que em 2050, a China será a maior economia do planeta.

A **Índia** tem uma diferença em relação à China: tem um contingente de 35 milhões de pessoas que falam inglês fluentemente. É um prato desejado para as empresas estrangeiras, que cada vez com mais freqüência, instalam departamentos inteiros em Bangladesh.

Na economia planetária, o capital neoliberal considera como os melhores lugares do mundo para encontrar mão de obra barata e super qualificada. Em 2005, três gigantes estadunidenses na área de alta tecnologia (Microsoft, Intel e Cisco) anunciaram investimentos na Índia, da ordem de 3.800 milhões de dólares. Por sua parte, a China se converteu no maior exportador de produtos ricos em tecnologia, segundo o ranking divulgado pela OCDE. Calcula-se que em três anos, um milhão e meio de empregos estadunidenses migrarão para estes dois países.

E um dado a mais que reforça as projeções sobre as duas potências: segundo os economistas, o conjunto "Chindia" tem capacidade para continuar crescendo ao extraordinário ritmo atual por várias décadas.

Vejamos a evolução da população do mundo, base de uma possível "democracia mundial". A população está expressa em milhões; a última coluna se refere a % de população urbana em 2003.

População	*Em 2005*	*Em 2050*	*% urbana*
Todo o mundo	**6464,7**	**9075,9**	**48**
Ásia	**3905,4**	**5217,2**	**39**
África	**905,9**	**1937,0**	**39**
Europa	**728,4**	**653,3**	**73**
América Latina	**561,3**	**782,9**	**77**
América do Norte	**330,6**	**438,0**	**80**
Oceania	**33,1**	**47,6**	**73**
China	**1315,8**	**1392,3**	**39**
Índia	**1103,0**	**1592,7**	**28**
EUA	**298,2**	**395,0**	**80**
Indonésia	**222,8**	**284,6**	**46**
Brasil	**186,0**	**253,1**	**83**
Paquistão	**157,9**	**304,7**	**34**
Rússia	**143,2**	**111,8**	**73**
Bangladesh	**141,8**	**242,9**	**24**
Nigéria	**131,5**	**258,1**	**47**
Japão	**128,1**	**112,2**	**65**
México	**107,0**	**139,0**	**76**
Vietnã	**84,2**	**116,7**	**26**
Filipinas	**83,1**	**127,1**	**61**
Alemanha	**82,7**	**78,8**	**88**
Etiópia	**77,4**	**170,2**	**16**
Turquia	**73,2**	**101,2**	**66**
Irã	**69,5**	**101,9**	**67**
Tailândia	**64,2**	**74,6**	**32**
França	**60,5**	**63,1**	**76**
Reino Unido	**59,7**	**67,1**	**89**
Myanmar	**50,5**	**63,7**	**29**
Coréia do Sul	**47,8**	**44,6**	**80**
Ucrânia	**46,5**	**26,4**	**67**
Espanha	**43,1**	**42,5**	**77**

Fonte: *Estado da População Mundial 2005*, FNUAP, www.unfpa.org

CRISE DA DEMOCRACIA

A DITADURA ECONÔMICA NEOLIBERAL PASSOU. ENTRAMOS EM OUTRA ETAPA DA HISTÓRIA

JOSÉ COMBLIN
João Pessoa, PB, Brasil

A democracia está em crise no mundo inteiro, em primeiro lugar na Europa e nos EUA. É um clamor universal. Na América Latina também, ainda que as manifestações possam ser um pouco diferentes.

Para nós cristãos, esta crise não nos surpreende tanto, porque o conceito de democracia vigente no mundo ocidental sempre nos pareceu superficial e destinado a ocultar um problema muito mais fundamental. O conceito de democracia pertence ao universo cultural da modernidade. Esta se inspira na filosofia e na política da antiga Grécia. O problema grego era saber qual seria o melhor sistema para ordenar a cidade: se as decisões deveriam ser tomadas por um só, o rei, por uma aristocracia, ou por todos os cidadãos. De todos os modos, os escravos, os estrangeiros e as mulheres não participam, pois não eram cidadãos, o que significa que, ainda na democracia, só uma pequena minoria participava nas decisões. Os sem poder não participavam.

Na tradição cristã, pelo contrário, a questão fundamental é precisamente o que ocorre com os que não têm poder. O ponto de partida não é uma reflexão teórica sobre o modo de governar que seja mais eficaz, mas o fato social básico da dominação da multidão dos sem poder pelas minorias que têm todo o poder, ainda que a distribuição possa ser variável.

A Bíblia nos apresenta uma visão de mundo na qual uma minoria detém todos os poderes e oprime as maiorias, exigindo-lhes que trabalhem para aumentar seu poder: a sociedade se divide entre dominadores e dominados. É o que a modernidade queria negar: acreditavam que a democracia instituída, depois das revoluções na Inglaterra, nos EUA e na França, iria constituir uma sociedade de homens livres, iguais e fraternos (não pensavam nas mulheres!). Na sociedade moderna já não existiria a dominação. Melhor dito: já não se consideraria esse problema, e sim a divisão de poder entre os poderosos.

Da situação política do mundo Jesus, pensa: "Sabeis que os chefes das nações as governam como senhores absolutos, e os grandes as oprimem com seu poder" (Mt 20,25). Esta é a situação e o desafio da política. Há uma minoria que oprime e uma maioria oprimida. Jesus já o percebera. E, todavia hoje é o problema.

O desafio é então como superar a situação da dominação, que é o primeiro problema da política.

Pois, para governar com justiça, é necessário reprimir os dominadores e libertar os dominados. Isto é o que se explicita na figura do rei no salmo 72: em uma sociedade de dominação, o papel do rei, ou seja, da autoridade política, é reprimir os poderosos e levantar os oprimidos. O mesmo diz Isaías: Is 11,4-5.

Esta visão esteve à base da doutrina política da cristandade. A igreja criou a **figura do rei cristão,** que defendia os pobres e reprimia os senhores da terra que dominavam os pobres camponeses. E essa figura é parte de uma ideologia mais ampla: o código do "cavaleiro cristão", defensor das viúvas e dos órfãos. Sua espada está a serviço dos oprimidos e sua arma serve para lutar contra os opressores do povo.

O ideal do cavaleiro cristão foi ensinado aos filhos da nobreza. Durante séculos, o clero foi vítima da ilusão de que por esse meio poderia buscar a justiça. Acreditou que sua influência sobre a nobreza era demasiado estreita. Quase todos os bispos eram de famílias nobres e não tinham vontade de exigir a aplicação do ideal que sua família não aplicava.

Veio a democracia moderna com sua ideologia otimista. Os democratas acreditaram que com uma constituição se poderia estabelecer a igualdade. Acreditaram que os tribunais aplicariam as leis da mesma maneira a todos, e que a eleição de representantes garantiria que os pobres pudessem exigir justiça, porque eles mesmos fariam as leis. A democracia seria o advento da "liberdade, da igualdade, da fraternidade", o reino da razão sobre a força, uma sociedade justa. O poder estaria nas mãos da nação, e, portanto, já não haveria o problema de dominação. As antigas classes privilegiadas, o clero, e a nobreza, desapareceriam.

No entanto, durante todo o século XIX, nas nações que haviam adotado o regime republicano e que haviam proclamado uma constituição democrática, a burguesia monopolizou para si mesma todas as faculdades inscritas na estrutura do Estado. Desde princípios do século XX, a classe operária pôde conquistar certos direitos, e

sua condição melhorou progressivamente. Durante certo tempo, os trabalhadores da indústria tiveram a sua disposição a arma da greve: eram indispensáveis para a produção e os patrões tiveram que fazer concessões. Mas esta situação, que tornou possível o Estado de Bem-Estar social entre 1945 e 1975, acabou-se.

A modernidade imaginou que bastaria suprimir a monarquia absoluta e as classes privilegiadas – o clero e a nobreza -, para estabelecer o reino de justiça. As instituições políticas democráticas poderiam atuar com plena liberdade. Porém, logo se viu que as forças econômicas que eram o clero e a nobreza não teriam desaparecido, se não que haviam sido substituídas por novos atores. A sociedade industrial deu origem a novas classes dominantes: os senhores da indústria, do comércio, dos bancos. Estes aprenderam a arte de manipular as instituições democráticas para que fossem instrumento de seu poder crescente.

A modernidade havia imaginado o Estado como força independente, autônoma, encarregada de criar a justiça e a prosperidade mediante a colaboração de todos os cidadãos, considerados iguais graças ao império da lei, aplicadas a todos por igual e que defendiam os direitos de todos. Já não haveria vítimas da dominação, porque todos poderiam contar com o amparo da lei aplicada por um sistema judicial imparcial.

Pois bem, a partir da década de 1970, a nova revolução industrial permitiu a constituição de novas forças econômicas mundiais, as "multinacionais", de um poder inimaginável. Começou um movimento de concentração de riqueza. Os Estados foram perdendo pouco a pouco qualquer possibilidade de controlar as forças econômicas. A economia está nas mãos de grupos mundiais que fazem dos Estados a garantia de sua liberdade de movimentos. O papel dos Estados consiste em manter tranqüila a população para que as empresas e as instituições financeiras possam funcionar sem problema.

Desde então a democracia se transformou em uma teoria política vazia de conteúdo real, porque as forças econômicas impõem sua vontade aos Estados. Os Estados novos são mais vulneráveis, porque não podem contar com o apoio de organizações cidadãs fortes. Os Estados novos, em pouco tempo foram conquistados pelas grandes forças multinacionais. Foi o que sucedeu na América Latina.

A democracia acabou vazia de conteúdo porque o Estado foi obrigado a conceder a plena autonomia às multinacionais. Estas podem mover seus capitais pelo mundo inteiro, sem controle. Dispõem de 37 paraísos fiscais nos quais todas as transações são possíveis sem que os Estados as conheçam. Os paraísos fiscais dispõem da proteção das grandes potências, que se têm colocado a seu serviço.

As multinacionais movem o comércio, que é principalmente o comércio interno dentro delas, o que não permite nenhum controle. As multinacionais se unem, as mais fortes conquistam as mais débeis, de tal modo que podem constituir quase monopólios. Podem contar com a isenção de impostos e recebem inumeráveis vantagens dos Estados. Se um Estado não lhes concede as vantagens que exigem, ameaçam transportar imediatamente suas fábricas para outro país.

As multinacionais conseguiram que se impusesse na consciência do mundo a idéia de que os Estados não são capazes de tomar iniciativas econômicas e devem entregar toda a economia a empresas privadas. Com essa "privatização", os Estados perderam a força econômica que lhes davam as empresas estatais. Foi o êxito extraordinário de uma imensa campanha de publicidade que conseguiu convencer a grande maioria da classe intelectual e a quase todos os economistas. O maior triunfo das multinacionais foi haver conquistado as metes das classes dirigentes e de seus assessores intelectuais. Desde então, os partidos políticos se têm transformado em movimentos de divulgação da ideologia neoliberal, e funcionam como funcionários das multinacionais – que inclusive lhes dão boas retribuições por isso.

A democracia perdeu seu conteúdo porque os **Estados perderam sua autonomia**. Ao mesmo tempo, os povos têm deixado de existir como força social. Pela "terceirização" e pela "deslocalização", as empresas mantêm os trabalhadores em estado de inseguridade total. Ninguém se sente seguro de seu emprego. Em qualquer momento, cada qual pode ser despedido. Nas empresas terceirizadas a greve é totalmente ineficiente. A classe operária tem deixado de existir e está desintegrada.

O sistema econômico neoliberal foi capaz de criar uma formidável **indústria da diversão.** Não há povo que resista. Todos os ex-cidadãos se deixam envolver por essa máquina de diversão que funciona 24 horas. Atua de forma combinada com a publicidade, que sustenta a cultura do consumo. O povo se esquece dos direitos do cidadão, porque está ocupado com o consumo e a diversão, que ocultam a realidade da dependência e da pobreza. O sistema tem conseguido convencer as maiorias de que não há nada que se possa fazer, que o sistema atual é a única possibilidade, e que não há nenhuma alternativa.

Em meio a tal situação, os direitos humanos vão perdendo seus defensores. Os EUA praticam agora, com

o reconhecimento público do presidente, a tortura, os desaparecimentos, os tribunais militares, as execuções secretas, o isolamento dos presos. O lugar mais conhecido é Guantánamo. Estimulados por tal exemplo os serviços de segurança de muitos Estados "democráticos" permitem violações dos direitos humanos.

As Constituições liberais seguem no papel. Não se lhes dá importância, ou não se criam leis para sua aplicação. Os partidos políticos aprendem a repetir todos a mesma linguagem, formulada pelas multinacionais, e se submetem a suas exigências. As eleições somente produzem sentimentos de frustração. Além disso, em muitos países, muitos cidadãos, sobretudo os jovens, já não crêem nas eleições e não participam.

Nos últimos anos tem crescido a consciência de que o **sistema democrático atual não funciona.** Alguns propõem reformas políticas, mas nenhuma reforma poderá mudar o sistema se não conseguir destruir o poder dos novos senhores feudais.

Desde 1999, um movimento de defesa e promoção da democracia começou a expressar-se e sua voz está crescendo a cada ano. Os **Fóruns Sociais Mundiais** reúnem cada ano milhares de movimentos que buscam uma alternativa. Mas estamos, todavia na fase dos protestos e da divulgação no mundo inteiro de um sentimento de revolta, ou pelo menos de insatisfação. Todavia não aparecem as saídas.

A questão é: Como limitar e reduzir as multinacionais de hoje, que podem contar com o apoio político das maiores potências da atualidade? Não há democracia sem poder, poder que consiste em tirar-lhes o poder aos grandes senhores feudais de hoje. Quais serão os caminhos? Eis aqui algumas considerações a respeito.

As futuras potências do mundo serão **China e Índia. A** China já é a terceira economia do mundo e alcançará o nível dos EUA em mais dez anos. Que fará a China então? Poderá conquistar poderes sobre as multinacionais? Poderá impor suas condições aos movimentos de capitais, ao comércio mundial, aos paraísos fiscais? Poderia criar uma nova ordem mundial impondo um controle sobre as forças econômicas? Ou bem poderia a China liderar uma aliança das antigas nações do Terceiro Mundo para impor limitações ao poder e às liberdades das multinacionais? Poderiam forças populares das nações dominadas realizar ações comuns desafiando as grandes multinacionais, tornando sua presença impossível em seus territórios? Poderiam organizações privadas não governamentais juntar forças suficientes para controlar os paraísos fiscais, os grandes centros financeiros ou o comércio internacional?

Em todo caso, não há democracia sem a conquista do poder sobre os grandes conjuntos econômicos, que atualmente são internacionais e têm seus centros nos países dominantes.

Enquanto isso, o que acontece na **América Latina**?

Oficialmente todas as nações seguem as normas da democracia liberal segundo o modelo dos EUA. Praticam os ritos das eleições, das assembléias legislativas, da constituição e das leis. É o triunfo da democracia depois da era das ditaduras militares.

Contudo, a insatisfação está crescendo. Em todas as eleições recentes, o povo vota por partidos que ofereciam um programa de transformação profunda. Uma vez eleito o novo presidente, eleito e instalado o novo Congresso, não acontece nada. Tudo continua como antes. É como se o sistema mesmo opusesse uma resistência insuperável. Os novos governantes não podem cumprir com suas promessas. Estão prisioneiros do sistema, ou seja, das grandes forças econômicas.

Mas têm aparecido alguns sinais que bem poderiam ser o começo de uma mudança. O primeiro sinal foi o **MERCOSUL**, apesar de todas as dificuldades que encontrou. O MERCOSUL sobrevive, e pode crescer. É o começo da formação de um conjunto de nações que se defendem juntas contra as grandes forças multinacionais.

Outro fato mais significativo apareceu: a figura carismática de Hugo Chávez na **Venezuela.** Em muitas ocasiões, as massas populares têm renovado o apoio mais firme. Sem alterar o sistema estabelecido, Hugo Chávez conseguiu construir algo como um Estado paralelo de serviço ao povo. Graças ao petróleo, tem podido estabelecer um novo sistema de saúde e educação para os pobres. Iniciou uma reforma agrária. Iniciou uma estreita colaboração com Cuba, e mostra que tem capacidade de promover uma união das nações da América do Sul, que seria como uma extensão e ampliação do MERCOSUL. A Venezuela já entrou nele.

Chávez foi eleito segundo as formas convencionais, de forma independente dos partidos. Na Venezuela todos os partidos estavam em um estado de corrupção avançado. O povo o elegeu e elegeu uma assembléia favorável fora dos partidos. Chávez conseguiu organizar de alguma maneira o povo dos pobres, sem formar partido. Entre ele e o povo há uma identificação que lembra o que na América Latina já se manifestou diversas vezes: um líder carismático desperta as energias de um povo que se encontrava humilhado e impossibilitado de atuar. O desprestígio dos partidos e do sistema é um fenômeno

crescente na América Latina. Se aparece um líder popular carismático, o povo abandonará os partidos para aderir ao chefe, com o qual se identificará.

O caso de Evo Morales na Bolívia é surpreendente. Ganhou as eleições no primeiro turno porque não somente os povos indígenas, como também setores de classe média ou de mestiços votaram nele. Todavia é cedo para saber o que poderá fazer, mas o fato parece também significativo. Agora, qual será o país que passará por um processo semelhante?

Nestes dois casos, estava claro que o povo esperava um líder forte, capaz de dar autoridade ao Estado. O sistema neoliberal fez o possível para destruir os Estados em todos os países dependentes, e conseguiu-o em grande parte. Agora se dá a rebelião dos povos: querem um Estado forte.

As **eleições** no Brasil, Argentina, Uruguai mostraram povos que também queriam um Estado forte, ainda que suas expectativas tenham sido frustradas em grande parte. É um sinal: estão aguardando que apareça um líder forte capaz de refazer um Estado forte.

Com as experiências de Chávez e Morales, os povos deixaram de acreditar que os EUA têm uma força ilimitada e que pode impor seu domínio sempre e em todo lugar. Descobriram que é possível resistir e que se pode pensar em uma alternativa. Têm a impressão de que a luta pela independência já começou. Durante 40 anos os EUA impuseram a "pax americana" a todo o Continente. Há sinais de que esta situação se esgota.

Em toda América Latina , há uma surda reivindicação, um protesto latente que está esperando o momento em que alguém seja capaz de organizar as forças sociais existentes e de construir em torno delas a unanimidade dos oprimidos. O que ocorreu na Venezuela e na Bolívia é revelador. E algo semelhante está em preparação em todos os países. Cada qual tem sua história, e os caminhos serão diversos, mas há algo que já se está manifestando.

No **Brasil,** muitos esperavam que o PT fosse a força capaz de unificar os movimentos populares, as esperanças das massas e o ressentimento da classe média. O PT não quis esse papel, preferiu exercer o governo ao gosto das grandes famílias e das multinacionais. Não quis ouvir a voz das massas populares, ou simplesmente não a ouviu. A experiência deixou claro que nunca será um partido político capaz de assumir esse papel...

Está em curso uma **proletarização da classe média.** Com isto, se faz possível uma aliança política entre a classe média, os trabalhadores e os excluídos, o que é a base de sustentação de Hugo Chávez e Evo Morales. Com essa aliança, as estruturas democráticas podem permitir que se escute a voz da maioria.

Nessa forma se poderia romper a aliança tradicional entre os opressores e os oprimidos, entre os mais ricos e os mais pobres, por meio da qual os ricos sempre receberam o apoio eleitoral dos pobres. Os ricos, por meio de benefícios minúsculos, sempre souberam comprar o voto dos pobres. Se a classe média chega a abrir os olhos dos pobres, a situação pode mudar. De todos modos, nada poderá mudar se as massas populares permanecerem dispersas.

Qual poderia ser hoje o papel das **Igrejas**?

Da hierarquia pouco se pode esperar, pois tem a sensibilidade da classe alta. Deixa-se impressionar pelos temores da classe dirigente. Irá se opor a todas as mudanças e vai defender o sistema vigente, que oferece tantas vantagens à classe dirigente. Haverá de fazê-lo, invocando os argumentos da paz social, da luta contra a violência e da neutralidade da Igreja em matéria política. O que sucede na Venezuela, onde a hierarquia está à frente da luta contra Chávez, ou na Bolívia, onde a hierarquia evita qualquer apoio à experiência dos indígenas, parece mostrar o que irá ocorrer nos demais países.

Por parte do Vaticano, a aliança firme com o governo Bush permite prever qual será sua atitude: oposição a qualquer mudança que prejudique os EUA.

Porém, sempre haverá uma minoria da hierarquia, do clero, e de religiosos ou religiosas comprometidos com mudanças sociais radicais. São os fiéis herdeiros de Medellín e Puebla.

Mas também são Igreja os milhões de cidadãos que se declaram católicos e receberam orientações inspiradas na Bíblia e na herança dos 40 anos de Medellín. Estes darão todo o apoio aos futuros movimentos populares, como o estão dando na Venezuela e na Bolívia. Deverão buscar o entendimento com os protestantes pentecostais, que freqüentemente foram se afastando das lutas pelo poder porque se sentiam minorias insignificantes. Hoje em dia, os pentecostais são uma parte importante da população e nada se fará sem eles.

Então, o povo de Deus está marchando para uma mudança das estruturas sociais desde agora. São os que dão força a Chávez ou a Morales e apoiarão os movimentos que irão aparecer na América Latina.

O tempo da ditadura econômica do sistema neoliberal já passou. Estamos entrando em outra etapa da história. Poderia ser o advento de uma democracia mais autêntica.

DIREITOS HUMANOS E DEMOCRACIA MUNDIAL

JEAN ZIEGLER
Relator da Comissão de DDHH da ONU, Suiça

I. Para um banqueiro de Wall Street ou de Zurich, um saco de arroz é uma mercadoria como qualquer outra. Seu preço de custo (de transporte, de seguro, de armazenamento, etc.) só pode ser determinado pelo livre jogo do mercado, mais precisamente pela especulação na Bolsa de Matérias Primas Agrícolas de Chicago (Chicago Commodity Stock Exchange) onde se fixam diariamente os preços de quase todos os alimentos que existem sobre a Terra. Para o faminto, o acesso a uma alimentação cotidiana adequada que lhe garanta uma vida física e psiquicamente satisfatória, digna e livre de angústias, é uma questão de vida ou de morte.

Diariamente, morrem 100 mil pessoas de fome ou por suas conseqüências imediatas. A cifra chegou a 36 milhões em 2002. A cada sete segundos, morre de fome uma criança de menos de 10 anos. A cada quatro minutos, uma pessoa perde a visão como conseqüência da falta de vitamina A. Há 840 milhões de pessoas gravemente subnutridas, mutiladas pela fome com seqüelas permanentes. Isto acontece num Planeta que esbanja riqueza. A FAO é dirigida por um homem valente e sumamente competente, Jacques Diouf, que afirma que no nível do desenvolvimento atual de suas forças de produção agrícola, o Planeta poderia prover sem problema à alimentação de 12 milhões de seres humanos, ou seja, o dobro da população atual do mundo.

Conclusão: este massacre diário ocasionado pela fome não obedece de modo algum a uma fatalidade. Por trás de cada vítima, há um assassino. A atual ordem mundial não é só mortífera, também é absurda. O massacre se produz no meio de uma normalidade glacial.

A equação é simples: quem tem dinheiro come e vive. Quem não tem sofre, converte-se em um inválido ou morre. Não se trata de fatalidade. Todo aquele que morre de fome é assassinado.

Mais de 2,7 bilhões de seres humanos vivem no que o PNUD denomina "miséria absoluta", sem emprego fixo, sem trabalho, sem alimento suficiente, sem moradia adequada, sem água potável, sem escola.

A globalização dos intercâmbios e mercadorias, de serviços, de capital, de patentes tem levado durante os dez últimos anos ao estabelecimento de uma ditadura mundial do capital financeiro. As reduzidas oligarquias multinacionais, que detêm o capital financeiro, dominam o Planeta.

A ONU tem catalogado algo mais de 60 mil empresas privadas multinacionais. As 200 mais poderosas têm controlado em 2002 mais de 23% do produto mundial bruto (ou seja, de toda a riqueza produzida no Planeta ao longo de um ano).

Franz Kafka escreveu esta frase enigmática: "Longe, longe de ti se desenvolve a história do mundo. A história mundial de tua alma".

Sobre bilhões de seres humanos, os senhores do capital financeiro mundializado exercem um direito de vida e de morte. Mediante suas estratégias de inversão, suas especulações, as alianças que estabelecem e as campanhas de conquista de mercados que organizam, decidem dia-a-dia quem tem o direito de viver neste Planeta e quem está condenado a morrer.

Nesta descrição falta uma dimensão do sofrimento humano: a da angústia que tortura qualquer ser faminto desde o momento que acorda.

Como poderá assegurar a subsistência dos seus e alimentar-se no decorrer do dia que se inicia?

Viver com esta angústia nas entranhas, dia após dia, noite após noite, é talvez mais terrível que suportar as múltiplas enfermidades e dores físicas que afetam seu organismo subnutrido.

II. Jean-Jacques Rousseau escreveu: "Entre o fraco e o forte estão a liberdade que oprime e a lei que liberta". Para reduzir as conseqüências desastrosas das políticas de liberalização e privatização, levadas ao extremo que praticam os senhores do mundo e seus mercenários (FMI, OMC), a Assembléia Geral das Nações Unidas decidiu criar e possibilitar a representação diante dos tribunais de um novo direito do ser humano: o direito à alimentação. A definição deste novo direito implica o seguinte: o direito à alimentação é o direito a ter acesso regular, permanente e livre, seja de forma direta ou mediante aquisições monetárias, a uma alimentação quantitativa e qualitativamente adequada e suficiente, de acordo com as tradições culturais do povo ao qual pertence o consumidor e que garanta uma vida física e psíquica, individual e coletiva, livre de angústias, satisfatória e digna.

Todos os direitos do ser humano são universais, interdependentes e equivalentes. Evidentemente não se trata de opor os direitos políticos e civis do ser humano aos direitos econômicos, sociais e culturais. A vontade de impor mediante a justiça um direito humano à alimentação surge de uma evidência que Bertolt Brecht resume nos seguintes termos: «Uma cédula de voto não alimenta um faminto».

Desgraçadamente, os direitos do ser humano não surgem do direito positivo. Isto significa que não existe ainda nenhum tribunal internacional que faça justiça ao faminto, que defenda seu direito de produzir por si mesmo seus alimentos ou de obtê-los por meio de aquisições monetárias e que proteja seu direito à vida.

III. Boutros Boutros-Ghali, secretário-geral das Nações Unidas até 1997, escreveu: «Como instrumentos de referência, os direitos do ser humano constituem a linguagem comum da humanidade graças ao qual todos os povos podem, ao mesmo tempo, compreender aos demais e escrever sua própria história. Os direitos do ser humano são, por definição, a norma última de toda política (...). São por sua própria essência, direitos em movimento. Com isto quero dizer que têm por sua vez como propósito expressar mandatos imutáveis e enunciar um momento da consciência histórica. Assim, pois, em seu conjunto, são absolutos e fixos».

Parafraseando Hegel, eu acrescentaria que os direitos do ser humano - tanto os direitos civis e políticos, como os direitos econômicos, sociais e culturais - constituem o Absoluto em relação, o Universal concreto. Neste preciso momento são o horizonte de nossa história. Mas um direito do ser humano cuja validade não é sancionada concretamente por nenhuma força, permanece reduzido a uma existência fantasmagórica.

IV. Tudo vai bem enquanto governos como o do presidente Luís Inácio Lula da Silva no Brasil mobilizam por vontade própria todos os recursos do Estado para garantir a cada cidadão seu direito à alimentação. O Sul da África é outro exemplo neste sentido e lá o direito à alimentação está incluído na Constituição. Esta estabelece a criação de uma Comissão Nacional dos Direitos do Ser Humano composta paritariamente por membros nomeados pelas organizações da sociedade civil (igrejas, sindicatos e movimentos sociais diversos) e membros designados pelo Parlamento.

A Comissão tem competências muito amplas. Pode apelar ao Supremo Tribunal contra qualquer lei votada pelo Parlamento, qualquer decisão tomada pelo governo e qualquer medida aplicada por uma empresa privada que constitua uma violação do direito à alimentação. A vítima da recusa deste direito (individual ou coletiva) se dirige à Comissão e esta leva a cabo uma investigação preliminar que, se o caso o justifica, apresenta uma ação de anulação diante do Supremo Tribunal.

Desde sua entrada em vigor faz cinco anos, a Comissão já tem conseguido triunfos importantes. Pôde intervir em todos os âmbitos relativos à recusa do direito à alimentação: expropriação de um camponês de suas terras; autorização dada por um município a uma empresa privada para a gestão do abastecimento de água potável que implique tarifas proibitivas para os habitantes mais pobres; desvio por parte de uma empresa privada da água para irrigação em detrimento dos agricultores; falta de controle da qualidade dos alimentos vendidos em bairros de favelas, etc.

Porém, quantos governos têm, especialmente no Terceiro Mundo, como preocupação cotidiana prioritária o respeito pelo direito à alimentação de seus cidadãos? O resultado é que nos 122 países que formam o que chamamos de Terceiro Mundo vivem atualmente 4,8 bilhões de seres humanos que habitam atualmente a Terra.

Em muitas regiões do mundo, as inumeráveis vítimas das violações do direito humano à alimentação, todavia, não têm na atualidade nenhum recurso digno desse nome. Sofrem e morrem em meio ao silêncio e no anonimato. O trabalho de um relator especial se parece, pois ao de Sísifo, filho de Eolo e fundador mítico de Corinto. O mínimo avanço em qualquer lugar do mundo fica imediatamente compensado pela brutalidade e o desprezo de outros governos em outro lugar do Planeta.

V. Os novos senhores do mundo têm horror aos direitos do ser humano. Temem tanto quanto o diabo da cruz. Pois é evidente que uma política econômica, social e financeira que tomasse ao pé da letra todos os direitos do ser humano acabaria honesta e plenamente com a ordem absurda e assassina do mundo atual e produziria necessariamente uma distribuição mais eqüitativa dos bens, satisfaria as necessidades vitais da gente, a protegeria contra a fome e a livraria de boa parte de suas angústias.

Em suma, os direitos do ser humano são, pois, a encarnação de um mundo totalmente diferente, solidário, despojado de desprezo e mais favorável à felicidade.

Os direitos do ser humano - sejam eles políticos e civis, econômicos, sociais ou culturais, tanto individuais como coletivos - são universais, interdependentes e indivisíveis.

São hoje em dia o horizonte da nossa luta. ❑

AMÉRICA LATINA... DEMOCRACIA QUE DOI

O CONTINENTE MAIS DESIGUAL DO MUNDO

ARTESÃOS DE UTOPIAS
Rio Cuarto - Argentina

VER

Por mais longe que nos afastemos no tempo, os ricos nunca foram mais numerosos do que os pobres. Acrescente-se a isso: os ricos sempre governaram o mundo ou deram forças aos que governavam. É a onstatação mais atual do que nunca aqui na América Latina, mais do que em qualquer outro lugar do mundo.

Os 14 latino-americanos mais ricos acumulam fortunas que, somadas, superam cinqüenta milhões de dólares, cifra que representa o acréscimo anual de mais de cem bilhões dos habitantes mais pobres da região.

• **Peru**, que em 2005 teve um crescimento estimado de 6% do PIB... Todo um sonho macroeconômico. A contra-face é que o país tem mais da metade da população na pobreza (51%).

• **Brasil**: enquanto em cada residência mais pobre vivem 4,5 pessoas, na mais rica vivem 1,6 pessoas.

• Se a **Argentina** fosse uma aldeia de 100 habitantes formada por 28 famílias, só duas residências contariam com um computador pessoal, um deles conectado com a internet. Destes 100 argentinos, 18 seriam considerados analfabetos funcionais. Três teriam um título universitário. Nessa aldeia, onde se produziriam alimentos em quantidade suficiente para alimentar durante um ano 830 pessoas, não podem dar alimentação digna para 20 habitantes, dos quais 15 têm menos de 18 anos.

• **Chile**: tem 23% da sua população na pobreza; segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho) aumenta a precariedade e a insegurança trabalhista, não obstante o crescimento econômico de 5%. Desde 1996, a indigência não abaixou, e se mantém em torno de 5,7%.

• **Bolívia**: é o país mais pobre da América Latina, 97% da população rural está em extrema pobreza, nas cidades 60% dos habitantes estão na mesma situação. Mais de 50% da população não conhece os serviços básicos, como eletricidade e a água potável.

• Na **América Central** a pobreza afeta 18% dos cidadãos na Costa Rica (o país mais estável) e 60% da população em Honduras e Guatemala, passando para 45% na Nicarágua e 43% em El Salvador.

• No **Brasil**, **Guiana**, **Guatemala**, **Bolívia**, **Chile**, **México** e **Peru** os indígenas ganham entre 35-65% menos que os homens brancos. A América Latina tem quarenta milhões de indígenas e cento e cinqüenta milhões de afro-descendentes. Estes grupos são mais pobres e apresentam os piores indicadores socioeconômicos e têm as menores possibilidades de chegar ao conhecimento e à participação política.

• **Países inteiros** têm ingressos equivalentes à das grandes cidades. Brasil=Osaka, 600 bilhões de dólares; México=Paris, 400 bilhões; Argentina=Chicago, 300 bilhões; Venezuela=Hamburgo, 100 bilhões de dólares.

Na **América Latina** a disparidade de ingressos da sociedade se dá em proporções extremamente graves: os 10% mais ricos ganham 30 vezes mais que os mais pobres.

Na A.L. os 10% mais ricos da população obtêm 6% da riqueza, enquanto os mais pobres obtêm apenas 2%. Noventa e um milhões de pessoas se tornaram pobres nos últimos 20 anos. 226 milhões de pessoas vivem com menos de 2 dólares diários, e noventa e oito milhões vivem com menos de um dólar por dia.

Da década de 1970 à de 1990, a desigualdade na A.L. foi superior a 10 pontos em relação à Ásia; em 17,5 pontos em relação aos 30 países da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) e em 20.4 pontos em relação à Europa Oriental.

Tudo isto é reconhecido como injusto, como uma autêntica «ferida, vergonha pura» por mais de 85% dos latino-americanos.

Não é a primeira vez que se diz, mas é um fato que continua. A pobreza no mundo se reduziu à metade nos últimos 20 anos, mas na América Latina não se registrou avanço algum. A América Latina é a região com maior desigualdade no mundo.

A seguir é uma lista de **países ordenada por ingressos**, com base no coeficiente de Gini, de acordo com a informação do Desenvolvimento Humano da ONU em 2005. O coeficiente de Gini é um cálculo que se utiliza para medir a desigualdade e vai de 0 a 1, em que o 0 é o total de paridade e 1 o contrário. A coluna «categoria» (de menor a maior coeficiente Gini) mostra os 5 países mais igualitários, em contraste com os da A.L., dos quais o primeiro que aparece é a Jamaica, o posto 63, de uma lista original de 124 países. O coeficiente Gini é multiplicado por 100 (ex.: CG da Dinamarca = 0,247; por 100

= 24,7). As colunas da direita mostram a quantidade de vezes que se incrementa os ingressos do 10% e 20% mais rico da população em relação ao 10% e 20% mais pobre.

Nível	*País*	*C. Gini*	*10%±*	*20%±*
1	Dinamarca	24,7	8,1	4,3
2	Japão	24,9	4,5	3,4
3	Suécia	25	6,2	4
4	Bélgica	25	7,8	4,5
5	Rep. Checa	25,4	5,2	3,5
63	Jamaica	37,9	11,4	6,9
71	Trindade T.	40	14,4	8,3
82	Nicarágua	43.1	15,5	8,8
85	Equador	43,7	44,9	17,3
86	Uruguai	44,6	18,9	10,4
90	Bolívia	44,7	24,6	12,3
92	Costa Rica	46,5	25,1	12,3
94	Dominicana	47,4	17,7	10,5
98	Venezuela	49,1	62,9	17,9
100	Peru	49,8	49,9	18,4
106	Argentina	52,2	39,1	18,1
108	El Salvador	53,2	47,4	19,8
109	México	54.6	45	19,3
110	Honduras	55	49,1	21,5
111	Panamá	56,4	62,3	24,7
113	Chile	57,1	40,6	18,7
114	Colômbia	57,6	57,8	22,9
115	Paraguai	57,8	73,4	17,8
117	Brasil	59,3	68	26,4
118	Guatemala	59,9	55,1	24.4

JULGAR: Diante destes números, estas perguntas:

Não é incrível a desigualdade na América Latina? Não é incrível que, sendo pobres, somos tão desiguais? Como a pobreza e a desigualdade afetam a democracia latino americana? A América Latina está diante de governos democráticos?

Se a desigualdade continua aumentando... a democracia avança ou retrocede? Onde está o centro de gravidade desta situação extrema e persistente...? A desigualdade não provém também da falta de democracia?

Apesar de tudo isto continua-se a acreditar que a democracia está consolidada. O fato de a democracia poder ser definida com muita precisão não significa que realmente ela funcione. Do ano 2000 em diante, quatro presidentes latino-americanos eleitos foram obrigados a renunciar antes de terminar o próprio mandato.

Mais da metade dos latino-americanos preferiria um "regime autoritário" a um democrático que "resolvesse" os seus problemas econômicos.

Entre 1996 e 2004, a porcentagem de latino-americanos que manifestou estar satisfeita com o funcionamento da democracia retrocedeu de 41% para 29%.

Nenhuma das causas da decadência democrática da A.L. pode-se considerar uma fatalidade histórica diante da qual nada se possa fazer. A América Latina é pobre e desigual... Por que continuar sendo?

Desigualdade e pobreza podem ser consideradas como os eixos do mal que impedem a consolidação do processo democrático na América Latina. A relação entre uma e outra é muito sensível: não podemos falar de democracia enquanto a redistribuição da riqueza estiver gerando um aumento da desigualdade. Não podemos afirmar que, com os níveis altos da desigualdade social, o processo democrático possa se consolidar.

A experiência confirma que uma democracia política que não tenha como base a democracia econômica e cultural não pode trazer tranqüilidade.

Não elegemos os governos para que "entreguem" os nossos povos ao mercado.

AGIR: Da dor latente ao combate decisivo

No nosso continente, o mais desigual do mundo, tanta dor deve repercutir em maior compromisso para transformar as nossas democracias:

Devemos questioná-las em todos os debates.

Levar a sério a participação política para melhorar a democracia. Não confundir o *conhecimento* dos problemas do momento com *fazer* alguma coisa para resolvé-los.

Procurar nas utopias e na vitalidade da nossa sociedade civil o caminho para a tão desejada igualdade.

Combater até a morte toda forma de exploração, e toda tendência corporativa (econômica, política, religiosa...) que gere desigualdade.

Costuma-se dizer que a democracia se fortalece com mais democracia... Não será com mais igualdade? ❑

EM 2015
QUASE 40 MILHÕES DE LATINO-AMERICANOS VIVERÃO NA POBREZA EXTREMA

Washington, 20 de abril de 2006 (EFE) – A América Latina não cresce o suficiente para eliminar suas enormes bolsas de pobreza, segundo um novo informe do Banco Mundial, que diz que em 2015, 6,2% da população da região viverá com menos de um dólar por dia.

A porcentagem, equivalente a 38 milhões de pessoas, se situará acima dos 5,7% estabelecidos nos "Objetivos do Milênio", das Nações Unidas. Esta iniciativa da ONU, que 189 países assinaram no ano de 2000, nasceu com a intenção de reduzir à metade a pobreza extrema em 2015 frente aos níveis de 1990 e persegue também objetivos como a educação primária universal e a redução da mortalidade infantil.

Segundo o "Informe Mundial de Monitoramento 2006", anual do Banco Mundial (BM), publicado em abril de 2006, que avalia o progresso na execução dos Objetivos do Milênio, a redução da pobreza na América Latina foi de menos de 1% entre 2002 e 2005.

A situação é especialmente difícil para os países com menores rendas, como Bolívia, Honduras e Nicarágua, que crescem abaixo da média e terão mais problemas para eliminar a pobreza extrema.

A América Latina fica, assim, atrasada diante das outras partes do mundo, que já superaram o objetivo de redução da pobreza.

Nessa situação está a região do Leste asiático e do Pacífico, que reduziu a "pobreza extrema" – o número de pessoas que vive com menos de um dólar por dia – de 29,5% em 1990, para 11,6% em 2002, e espera que a cifra baixe a 0,7% para 2015.

Porém, nem todas as notícias são más: a América Latina está a caminho de cumprir alguns dos "Objetivos de Desenvolvimento do Milênio", como a educação básica universal, a redução da mortalidade infantil em 2/3 para 2015, e a igualdade de gênero na educação primária e secundária, ou seja, o acesso à educação do mesmo número de meninos e meninas.

A análise do BM cita como exemplo de maiores oportunidades da mulher o caso da Argentina, onde o emprego feminino em setores não agrícolas alcançou 48% em 2003 (último ano com cifras disponíveis), frente os 36% de 1990.

O Peru reduziu a mortalidade infantil de 80 crianças falecidas antes dos cinco anos por 1000 nascimentos de 1990, para 29 mortes em 2004.

Nenhum país da América Latina conseguiu baixar o índice de novos casos de Aids, ainda que o BM aponte que a epidemia no Haiti, uma das mais antigas, parece ter alcançado um ponto de inflexão.

Mesmo assim, a cifra de pessoas infectadas com o vírus que recebe tratamento com antirretrovirais, os medicamentos usados para eliminar ou inibir a multiplicação do HIV, supera agora os 80% na Argentina, Brasil, Chile e Cuba. Esses tratamentos evitaram, segundo o BM, entre 250.000 e 300.000 mortes em 2005.

A América Latina é, além disso, uma das duas únicas regiões – junto com o Leste Asiático – que alcançará os níveis de tratamento da água e de rede de esgoto estabelecidos pela ONU.

Além disso, o informe insiste em que, conseguir os Objetivos do Milênio, não depende só de maiores taxas de crescimento, mas de um pacote que inclua também reformas comerciais e boas práticas de governo. O bom governo, diz o BM, requer regras claras, informação transparente para avaliar os resultados e incentivos e leis que premiem os êxitos e penalizem os fracassos. "Este informe mostra que a corrupção é o resultado de mau governo", disse Paul Wolfowitz, presidente do Banco Mundial num comunicado.

A África vem sendo a região mais assolada pela pobreza, já que 44% de seus habitantes vivem com menos de um dólar por dia.

❑ ELPAIS.es

ECONOMIA E DESIGUALDADE SOCIAL EM COSTA RICA E NA AMÉRICA LATINA

JOSÉ ELADIO MONGE PÉREZ
San José de Costa Rica

Recentemente, foram divulgados os resultados da última Pesquisa Nacional de Renda e Gastos dos Lares na Costa Rita, 2004. A anterior foi realizada em 1988. O resultado mais destacado é o crescimento da desigualdade social. A relação entre a renda dos 20% mais ricos e o dos 20% mais pobres da população passou de 11 para 1 em 1988, a 20 para 1 em 2004, quer dizer, praticamente duplicou.

Neste período de 16 anos, os 20% mais pobres da população viu aumentar sua renda em termos reais em 7%, enquanto que os 20% mais ricos da população tiveram um aumento em termos reais de 96% em sua renda, ou seja, ela duplicou.

Portanto, as políticas econômicas dos últimos 16 anos levaram a uma duplicação da desigualdade social na Costa Rita. Essas políticas reduziram o tamanho e a ação do Estado, favoreceram a importação de bens (reduzindo tarifas) e o investimento estrangeiro (estabelecendo zonas francas, sem impostos para as empresas) e incentivaram a exportação de produtos não tradicionais (com subsídios estatais). Elas são chamadas de «políticas neoliberais».

Pode-se concluir, então, junto com o diretor do Projeto Estado da Nação, que o modelo costa-riquense favoreceu e subsidiou basicamente os setores com maior capital, o que produziu o efeito lógico de aumentar a desigualdade social.

O caso da Costa Rita – país tido como um dos mais acomodados economicamente entre seus vizinhos centro-americanos – não é o único. Ocorre a mesma coisa praticamente em toda a América Latina, como no mundo inteiro, à medida que se adotam as medidas neoliberais.

Alguns argumentam que com estas políticas, os 20% mais pobres também aumentaram sua renda, ainda que tenha sido só em 7%, e que teria sido pior se sua renda tivesse sido reduzida. É a «teoria do derramamento»: os pobres prosperam se os ricos vão bem e sobra para os pobres...; ainda que isto demore, esse seria o único caminho.

Assim, o neoliberalismo não é uma opção econômica meramente «técnica, científica, natural», senão uma opção política que inclui uma determinada vontade de distribuição da riqueza. Toda decisão política inclui a opção por uma determinada vontade de distribuição. Pode-se privilegiar a uns, ou a outros. O neoliberalismo, apresentado como "natural" num momento de depressão dos movimentos populares, tem sido, durante todos estes anos, a fórmula econômica aplicada para a criação acelerada de riqueza à base do apertar o cinto e privar das conquistas sociais já adquiridas, os trabalhadores. Temos feito o jogo da ambição do capital e nossas sociedades se polarizaram com uma desigualdade nunca conhecida na história.

Alguns estudiosos sustentam que a violência se relaciona mais diretamente com a magnitude dessa desigualdade (desigualdade social), que com a magnitude mesma da pobreza (a explosão social).

Perguntamo-nos: É ético justificar o aumento da desigualdade social, como um subproduto inevitável do necessário desenvolvimento econômico? É um mal menor ou um mal maior? É inevitável ou se pode solucionar com uma necessária reforma fiscal? Justifica-se continuar com estas políticas (por exemplo, com o Tratado de Livre Comércio com os EUA), que alargarão cada vez mais essa desigualdade? Continuaremos apostando numa elite mais rica, mas no meio de uma sociedade mais desigual e mais violenta? É isto o que queremos que aconteça na Costa Rica e na América Latina? Estaremos vendendo a primogenitura (paz social) por um prato de lentilhas (maior riqueza de só um setor)? Será necessário arrancar os mercadores do templo?

É hora de superar o engano da suposta ingenuidade do neoliberalismo e de optar por outra vontade de distribuir a riqueza: como sociedade humana, não segundo a lei da selva. A América Latina está despertando e pondo-se em marcha. É a hora de uma virada história na América Latina e no mundo. ❑

HISTÓRIA DA DEMOCRACIA

ALFREDO J. GONÇALVES
Brasil - Paraguai

De acordo com Norberto Bobbio, três tradições confluem para a teoria contemporânea da democracia: tradição da teoria clássica, tradição romano-medieval e tradição republicana moderna. Eis aqui algumas das idéias principais de cada uma delas, seguindo de perto a história da filosofia política.

Tradição da teoria clássica

A *tradição da teoria clássica* fundamenta-se no pensamento político de Aristóteles, com sua distinção dos três tipos de governo: monarquia, democracia e aristocracia. Na base da filosofia política clássica encontra-se a cidade-Estado, onde o equivalente da «cidade» corresponde ao moderno «país», com seu Estado. Na tradição de Sócrates, Platão e Aristóteles, «a forma mais perfeita de sociedade é a *polis*», de onde deriva a palavra política. Esta, em termos gerais, designa a maneira mais correta de organizar a *polis*, em vista do bem comum. Entretanto, as decisões sobre o governo da *polis*, na antiga Grécia, estavam limitadas aos cidadãos livres e, entre estes, aos sábios e filósofos. Ficavam excluídos os escravos e as mulheres. Talvez por isso Aristóteles não hesita em escolher a aristocracia como o melhor dos governos.

Tradição romano-medieval

A *tradição romano-medieval* da soberania popular desenvolve-se em duplo aspecto: descendente, quando o soberano distribui e delega poderes a seus súditos; e ascendente, quando estes conquistam espaço crescente nas decisões políticas. Cícero, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e Marsílio de Pádua, são os expoentes desta tradição. A lei e o direito natural dão consistência ao pensamento romano e medieval. A justiça e o bem comum são horizontes a serem alcançados.

Na república romana, enquanto Cícero insiste sobre o cultivo da virtude entre os cidadãos, Santo Agostinho sublinha que «a justiça é a pedra fundamental da sociedade civil», opondo a cidade de Deus à cidade terrestre, isto é, o bem divino ao mal humano. A tarefa de Santo Tomás, por sua vez, será fundir a tradição filosófica clássica, especialmente o pensamento de Aristóteles, com o pensamento judaico-cristão, ou seja, a Bíblia com a filosofia grega. Segundo ele, «em caso de conflito entre o bem comum e o bem privado, o primeiro toma precedência natural sobre o último». A obra de Marsílio de Pádua trata particularmente da «enfermidade de sua época», concluindo que «qualquer regime é melhor que a anarquia». Na esteira de Santo Tomás, procura também conciliar o princípio de Aristóteles com o ensinamento cristão.

No decorrer da tradição romano-medieval, a soberania popular permanece subordinada aos sábios, aos doutores e, de forma particular, aos sacerdotes – o que significa uma outra espécie de aristocracia ou, mais precisamente, uma teocracia.

Tradição republicana moderna

A *tradição republicana moderna* é irmã gêmea do Estado Moderno. A distinção entre monarquia e república, como duas formas opostas e inconciliáveis de governo, vai-se tornando cada vez mais nítida. Maquiavel, Hobbes, Descartes e Spinoza conferem consistência teórica a essa tradição, que irá predominar durante os séculos XVI, XVII e XVIII, até a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa. Esse longo período representa a emergência do sujeito emancipado, do indivíduo livre da tutela religiosa, do cidadão moderno livre e independente. A ciência experimental predomina sobre os mistérios do mundo medieval, o mundo se «desencanta», para usar a expressão de Weber. Novos inventos permitem novas tecnologias e aceleram o progresso técnico. Em termos bem amplos, passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo, onde a razão humana é a referência última do saber e do poder. Este, que antes emanava de Deus, agora deve ser constituído e legitimado pelos próprios seres humanos. A subjetividade e a individualidade ganham força a partir do renascimento italiano e do iluminismo, desenvolvendo a chamada cultura humanista. Não é mais o sangue, a linhagem ou o berço que determinam o lugar da pessoa na hierarquia social, e sim o dinheiro que teoricamente iguala a todos.

Paralela à evolução do comércio, ao descobrimento de novas terras, ao progresso da indústria e da economia como um todo, verifica-se uma verdadeira revolução do pensamento científico e filosófico. A obra política de Maquiavel trata de «provocar um ressurgimento da antiga republica romana; longe de ser um inovador radical, ele é um restaurador de algo antigo e olvidado». Apesar do adjetivo a que deu origem, Maquiavel prefere as repúblicas às monarquias, sejam estas tirânicas ou não. Seguindo o realismo de Maquiavel, Hobbes denuncia o estado de

guerra de todos contra todos, sob o qual ninguém está seguro. Daí sua defesa da fidelidade estrita aos contratos como base da justiça. Para ele, a própria república é a nova pessoa legal, o soberano absoluto. Define a assembléia como uma pessoa.

O temor e a segurança de cada um levam a obedecer às leis, ao estatuto civil, dessa pessoa legal. Já para Descartes, o fundador da filosofia moderna, a generosidade é a chave de todas as virtudes. Estabelece a política da razão ilustrada, onde a ciência deve estar a serviço da justiça e do bem comum universal.

Spinoza é o primeiro filósofo que escreve uma defesa sistemática da democracia. Segundo ele, os interesses da filosofia e da democracia coincidem. Diz que a relação entre a religião e a política não é apenas um mero acidente da história, mas brota da própria natureza do homem. Em suas obras principais – *Tratado teológico-político e Ética* – insiste que o regime racional democrático deve equilibrar os poderes da força e da inteligência para conservar ambas. Acentua a importância das instituições democráticas, afirmando que o Estado deve subordinar a individualidade ao bem comum. Faz lembrar a noção de «função social da propriedade», tão cara à Doutrina Social da Igreja. Em síntese, Spinoza rechaça categoricamente a monarquia em favor da democracia.

Apesar disso, a democracia caminha a passos lentos, prevalecendo durante o período os Estados absolutistas monárquicos. Estes, gradativa e progressivamente, vão se constituindo e se sobrepondo ao poder descentralizado do universo feudal. Nação e nacionalismo são conceitos que vão adquirindo consistência histórica.

Democracia, liberalismo e socialismo

Com a Declaração da Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789), por um lado, e com a Revolução Industrial e o advento do socialismo, por outro, a democracia entra em uma nova fase. Nos dois lados do oceano Atlântico, com o crescimento acelerado da produção e da produtividade sob o trabalho assalariado, cresce igualmente a consciência da cidadania e da participação popular. Lá e cá, os ideais de «égalité, fraternité et liberté» e os princípios federalistas ganham terreno a passos rápidos.

No pensamento de Tocqueville «a democracia consiste na igualização das condições». «Democrática é a sociedade em que não subsistem distinções de ordens e classes; em que todos os indivíduos que compõem a coletividade são socialmente iguais». O conceito de igualdade social significa, para ele, «a inexistência de diferenças hereditárias de condições». Encontramos aqui a definição de democracia de Montesquieu e de outros autores clássicos, segundo a qual «o conjunto do corpo social é soberano, porque a participação de todos na escolha dos governantes e no exercício da autoridade é a expressão lógica de uma sociedade democrática, isto é, de uma sociedade igualitária».

Contrapondo-se ao idealismo de Hegel, seu mestre, Marx desmascara o poder do Estado moderno como «o organismo inventado pelos poucos opressores para manter a ordem sobre os muitos oprimidos». Para ele, «o Estado coroa o poder inumano que reina sobre toda a vida social; ele o consolida e o consagra». Em seu pensamento, especialmente na crítica à economia capitalista, propõe o socialismo como nova base para a democracia efetiva. Segundo ele, quanto mais o capitalismo se realiza e se aproxima do apogeu, mais se destrói a si mesmo e acelera sua queda. A partir do *Manifesto Comunista*, escrito conjuntamente por Marx e Engels em 1848, cresce a organização dos trabalhadores, sobretudo o proletariado como classe, seja no combate às condições de opressão, seja no lançamento dos alicerces para uma nova ordem social. A fórmula de Marx –«de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo suas necessidades»– é uma espécie de lema para a transformação da vida humana sob os princípios do socialismo.

No decorrer dos séculos XIX e XX, entretanto, a democracia irá debater-se entre dois universos opostos, como que prensada entre o *laissez faire* do modelo liberal e o socialismo da economia planejada. Além disso, as aspirações democráticas terão de conviver com os impérios colonialistas, com os totalitarismos de direita e de esquerda, com o holocausto e várias formas de genocídios, com duas grandes guerras mundiais e com centenas de conflitos espalhados por quase toda a face do globo. Na linha inaugurada pela teoria marxista, prossegue com veemência a crítica ao Estado: «A prosperidade de um Estado não reside no aumento de sua força física.

O desejo de ter mais e mais é tão desastroso na vida do Estado como na vida do indivíduo. Se o Estado cede a esse desejo, começa aí o seu fim. Os aumentos territoriais, a superioridade sobre os povos vizinhos, o avanço em poder militar e econômico, tudo isso não pode evitar a sua ruína, e, pelo contrário, apressa-a. A salvação do Estado não pode ser garantida por meio da prosperidade material nem pela manutenção de certas leis institucionais. Constituições e leis não têm, realmente, força coerciva se não são a expressão de leis previamente moldadas no espírito dos cidadãos.

Sem esse suporte moral, a própria força de um Estado torna-se o seu perigo inerente». ❑

SOBRE A DEMOCRACIA

JOSÉ SARAMAGO
Portugal

Aprendemos das lições da vida que de pouco nos servirá uma democracia política, por mais equilibrada que pareça ser nas suas estruturas internas e no seu funcionamento, se não tiver sido constituída como raiz de uma efectiva e concreta democracia económica e de uma não menos efectiva e concreta democracia cultural. Dizê-lo nos dias de hoje há-de parecer um exausto lugar-comum de certas inquietações ideológicas do passado, mas seria fechar os olhos à realidade não reconhecer que aquela trindade democrática – a política, a económica, a cultural -, cada uma delas complementar das outras, representou, no tempo da sua prosperidade como ideia de futuro, uma das mais entusiasmantes bandeiras cívicas que alguma vez, na história recente, foram capazes de abalar consciências, de mobilizar vontades, de comover corações.

Hoje, desprezadas e atiradas para o caixote do lixo das fórmulas que o uso cansou e deformou, a ideia de democracia económica deu lugar a um mercado obscenamente triunfante e a ideia de democracia cultural foi substituída por uma massificação industrial das culturas. Não progredimos, retrocedemos. E cada vez se irá tornando mais absurdo falar de democracia se teimarmos no equívoco de a identificar unicamente com as suas expressões quantitativas e mecânicas que se chamam partidos, parlamentos e governos, sem atender ao seu conteúdo real e à utilização que efectivamente é feita do voto que os justificou e os colocou no lugar que ocupam.

Não se conclua do que acabo de dizer que estou contra a existência dos partidos: sou membro de um deles. Não se pense que aborreço parlamentos e deputados: querê-los-ia, a uns e a outros, em tudo melhores. E tão-pouco se creia que sou o providencial inventor de uma receita mágica que permitiria aos povos, doravante, viver sem ter de aturar governos: apenas me recuso a admitir que só seja possível governar e desejar ser governado conforme os modelos democráticos em uso, a meu ver incompletos e incoerentes, que pretendemos tornar universais, numa espécie de fuga para a frente, como se quiséssemos fugir dos nossos fantasmas em vez de os reconhecer como o que são e trabalhar para os vencer.

Chamei «incompletos e incoerentes» aos modelos democráticos em uso porque em realidade não vejo como designá-los doutra maneira. Uma democracia bem entendida, inteira, irradiante, como um sol que por igual a todos iluminasse, deveria, em nome da pura lógica, começar pelos nossos próprios países. Se esta premissa não for assumida e observada, e a experiência de todos os dias diz-nos que não o é, todos os raciocínios e práticas subsequentes, quer dizer, a fundamentação do regime e o funcionamento do sistema, ficarão viciados e pervertidos.

Vimos como já se tornou obsoleto invocar os objectivos de uma democracia económica e de uma democracia cultural, sem os quais o edifício do que designamos por democracia política fica reduzido a uma frágil casca, acaso brilhante e colorida, mas vazia de conteúdo realmente nutriente. Querem, porém, as circunstâncias da vida actual que até mesmo essa delgada e quebradiça casca das aparências democráticas, preservadas pelo impenitente conservadorismo do espírito humano, ao qual, mais de costume, bastam as formas exteriores, os símbolos e os rituais para continuar a crer na existência de uma materialidade carecida de coesão ou de uma transcendência que perdeu sentido e nome – querem as circunstâncias da vida actual, repito, que as cintilações e as cores que têm adornado, aos nossos olhos, as formas da democracia política, se estejam a tornar baças, sombrias, de maneira ainda imprecisa, mas não por isso menos angustiante. Direi, segundo o meu modo de entender, porquê.

Como sempre sucedeu, a questão central de qualquer tipo de organização social humana, da qual todas as outras decorrem e para a qual todas acabam por concorrer, é a questão do poder, e o problema teórico e prático com que invariavelmente nos enfrentamos é identificar quem o detém, averiguar como chegou a ele, verificar o uso que dele faz, os meios de que se serve e os fins a que aponta. Se a democracia fosse, de facto, o que, com autêntica ou fingida ingenuidade continuamos a dizer

que é, o governo do povo, pelo povo e para o povo, qualquer debate sobre a questão do poder perderia sentido, uma vez que, residindo o poder no povo, era ao povo que competiria a administração dele, e, sendo o povo a administrar o poder, está claro que só o deveria fazer para o seu próprio bem e para a sua própria felicidade. Ora, só um espírito perverso, panglossiano até ao cinismo, ousaria proclamar hoje a felicidade de um mundo que, pelo contrário, ninguém deveria pretender que o aceitemos tal qual é, só pelo facto de ser, supostamente, o melhor dos mundos possíveis. É a própria e concreta situação do mundo denominado democrático que nos diz que se é certo serem os povos governados, certo é também que não o são por si mesmos nem para si mesmos...

Dir-me-eis: «Governam-nos os seus representantes eleitos democraticamente, aí se encontra o poder democrático». E eu responderei: «Não estamos num laboratório onde, tendo misturado substâncias quimicamente puras, podemos esperar que o produto resultante venha a ser também quimicamente puro».

Por definição, o poder democrático será sempre provisório e conjuntural, dependerá da estabilidade do voto, da flutuação das ideologias ou dos interesses de classe, e, como tal, pode ser visto como uma espécie de barómetro orgânico que vai registando as variações do querer político da sociedade. Mas, ontem como hoje, e hoje com amplitude cada vez maior, abundam os casos de mudanças políticas aparentemente radicais que tiveram como efeito radicais mudanças de governo, mas a que não se seguiram as mudanças económicas, culturais e sociais que o resultado do sufrágio tinha parecido anunciar. Dizer hoje «governo socialista», ou «social-democrata», ou «conservador», ou «liberal», e chamar-lhe «poder», é nomear algo que não se encontra onde parece, mas em outro inalcançável lugar – o do poder económico, efectivo, determinante e actuante, cujos contornos podemos perceber em filigrana por detrás das tramas e das malhas institucionais, mas que se nos escapa quando tentamos chegar-lhe mais perto e contra-ataca se tivermos a veleidade de reduzir ou regular o seu domínio, subordinando-o aos interesses gerais.

Por outras e mais claras palavras, digo que os povos não elegeram os seus governos para que eles os «levassem» ao Mercado, e que é o Mercado que por todos os modos condiciona os governos para que lhe «levem» os povos. Se assim falo do Mercado é por ser ele, hoje, e mais do que nunca, o instrumento por excelência do autêntico, único e insofismável poder, o poder económico e financeiro multinacional, esse que não é democrático porque não o elegeu o povo, que não é democrático porque não é regido pelo povo, que finalmente não é democrático porque não visa a felicidade do povo.

Não faltarão sensibilidades delicadas para acharem escandaloso e provocador o que acabo de dizer, embora elas próprias tenham de concordar que não fiz mais que enunciar algumas verdades elementares e transparentes, dados correntes da experiência quotidiana de todos nós, simples observações do senso comum. Sobre essas e outras não menos claras obviedades, porém, têm imposto as estratégias políticas de todos os rostos e cores um prudente silêncio para que não ouse insinuar alguém que, conhecendo a verdade, andamos a praticar a mentira ou dela aceitamos ser cúmplices.

Haveria que perguntar (1) se existe alguma legitimidade na interposição de limites tácitos ou consensuais ao exercício da responsabilidade de todo o cidadão na sua relação com a sociedade em que vive; (2) se a determinação desses limites, que o uso, passando tempo bastante, sempre acaba por fixar, resultou exclusivamente de um acto de renúncia voluntária ou foi consequência de atitudes de negação ou indiferença, mais ou menos conscientes, a exercer direitos e a assumir deveres; (3) se, finalmente, é legítimo continuar a falar de exercício democrático sem a participação e a intervenção permanentes dos cidadãos na vida colectiva; sem a clarificação pública das fontes do poder; sem o cumprimento rigoroso do preceito fundamental de Direito segundo o qual todos os cidadãos são iguais perante a lei; sem o reconhecimento, não somente formal, mas verificável nos factos, de que os benefícios e melhorias sociais, sem exclusão de nenhum dos seus componentes, quer sejam de natureza estrutural, económica ou cultural, são, por extensão e sem condições redutoras, extensíveis a toda a comunidade. Etc., etc., etc. Porque a democracia, ou é total, ou ainda não é democracia.

Isto me leva a concluir que antes de pensarmos em exportar simulacros de democracia para o resto do mundo deveríamos encontrar a maneira de a produzir e distribuir melhor (uso a linguagem do Mercado) nos nossos países.

Estou certo de que o mundo precisa de muito mais que a *ilusão democrática* que temos andado a fabricar e a que se reduzem, na maior parte dos casos, as nossas democracias. ❑

DEMOCRACIA E DIREITO

GREGORIO DIONIS
Madri, Espanha

A democracia é o governo do povo, pelo povo e para o povo. Como sistema, é então aquele que permite recolher a forma pluralista de qualquer tipo de sociedade, entendida esta no sentido de nação e estado.

Uma condição necessária para que um sistema assim queira funcionar é que exista uma separação de poderes, isto é, que existam, ao menos, o poder legislativo, o executivo e o judiciário, e que estes sejam regidos pelo princípio de separação de poderes.

Na América Latina a república presidencialista tem sido o modelo mais utilizado, o qual tem sua origem no modelo da revolução norte-americana e da revolução francesa, sendo Francisco de Miranda e Tom Paine os que uniram ambas as revoluções.

Tom Paine foi deputado durante a revolução francesa e é famoso por ter sido o encarregado de dar resposta ao conservador Burke, que se opunha à democracia popular da revolução francesa. O livro – que foi a resposta não só ao mundo conservador, mas também ao absolutismo – se chamou *"Os Direitos do Homem"*, e é um livro imprescindível na defesa dos direitos civis e do pacifismo ativo apesar de que foi escrito faz já mais de duzentos anos.

Francisco de Miranda foi militar durante a revolução americana e depois general nos exércitos da revolução francesa. Intelectual de idéias profundas e grande estrategista. Ele morreu preso no cárcere de Cádiz na Espanha. É o primeiro grande preso político por causa da defesa da liberdade na América Latina e é também o primeiro que apresenta a questão das liberdades civis e da democracia.

A democracia, é, portanto, um sistema muito conhecido e especialmente estimado pelas massas populares na América Latina, mas seus limites têm estado em que as classes oligárquicas exercem o poder rompendo o equilíbrio necessário para que o povo se expresse livremente e seus representantes eleitos respeitem o mandato de seus eleitores e, mais ainda, governem *para* o e *pelo* povo.

As liberdades civis e os direitos humanos são condições necessárias para confirmar que um sistema democrático funciona como tal, e a liberdade, para sê-lo, necessita de uma educação livre, de segurança social universal, de controle dos bens de propriedade do Estado, tais como as matérias primas, hidrocarbonetos e aqueles meios técnicos e científicos necessários para conseguir uma república de iguais que garanta a inclusão social e cultural.

Estado de exceção e de controle político social

Mas também existem governos eleitos que decidem atuar de forma contrária aos interesses de seu povo e, muitas vezes, inclusive contrária a seu próprio mandato eleitoral. Estes governos, que decidiram esquecer a defesa dos interesses gerais, tem ainda um limite que romper, a saber, o direito internacional e o direito internacional de direitos humanos, que, com certas limitações, impõem condições legais que deveriam ser, e que são, de cumprimento estrito.

Geralmente estes dirigentes políticos, militares ou religiosos utilizam o conceito de estado de exceção ou inclusive de ilegalidade.

O *estado de exceção* é um conceito surgido do direito absolutista espanhol e, portanto, muito enraizado na cultura latino-americana. É um conceito amplo que facilita os golpes de estado sem necessidade de mudar a constituição.

Na Alemanha de Hitler foi representado pela doutrina de Carl Schmitt e permitiu a existência de "dois estados", o existente e um regime de exceção permanente, sem necessidade sequer de modificar a constituição.

Este modelo de teoria do estado foi utilizado pelos governos de segurança nacional do Chile, Argentina, Uruguai e Guatemala, entre outros, e é desde esta concepção de onde se planeja e organiza um plano de extermínio sistemático de população civil como forma de controle político e social.

Contudo, este conceito também pode ser utilizado na democracia, e então nos encontramos com presidentes eleitos ou governos que atuam com leis de emergência, com leis que se originam no executivo ou na presidência e que não passam pelos parlamentares.

Esta ferramenta foi usada amplamente com os TLC (Tratado de Livre Comércio): Estados Unidos declara, como secreta, toda a documentação e esta é ocultada dos parlamentares e, muitas vezes, nem sequer é conhecida pelas equipes de negociadores.

Também foi utilizada amplamente nos denominados processos de privatização, nos quais foram passadas a mãos privadas enormes empresas, normalmente de recursos naturais (petróleo, gás, minérios, etc.) e para isto se usou a via da legislação de exceção; para evitar os protestos e o bloqueio do processo privatizante se dita uma lei de exceção que não passa pelo parlamento, ou inclu-

sive, como no caso da Argentina, a leis secretas, que não eram publicadas no Diário Oficial.

E depois do ocorrido no dia 11 de setembro (nos EUA) estamos sofrendo a mais bem elaborada tentativa de estado de exceção mundial, para enganar não a um parlamento, senão ao direito internacional e, necessariamente, ao sistema das Nações Unidas.

Encontramo-nos frente a governos que decidiram violar o direito internacional e utilizar a força fora de seus próprios parlamentos e fora da ONU.

Os direitos como suporte da democracia

A construção de modelos democráticos de solidariedade social, de integração social, de eliminação da pobreza, de distribuição da terra, de educação para todos, de saúde para todos, têm que ser a base de qualquer governo que cumpra com o princípio de governar com o povo e para o povo.

Da mesma maneira deve ser garantida a propriedade social das terras comunitárias e originárias dos indígenas, assim como de todos os recursos naturais que afetam a vida como direito humano elementar: bacias hidrográficas, aqüíferos, bosques, etc.

Impunidade dos crimes contra os direitos

É trágico ver como existem economistas bem graduados que são capazes de defender modelos econômicos baseados na violação sistemática dos direitos civis e políticos. Muitos deles, além disso, crêem que estão usando as idéias de Adam Smith e sua "mão invisível", sem saber que, na sua época, este homem defendeu justamente o contrário e significou precisamente uma tentativa de racionalizar a modernidade.

O que acontece é que utilizam a economia como instrumento ideológico frente às liberdades. Deixaram de pertencer à coletividade científica baseada na utilidade para o bem comum para converter-se em instrumentos das correntes mais reacionárias já havidas depois da revolução francesa.

Estes modelos que substituem as liberdades pela eficiência da curva da oferta-procura são complementares ao uso das doutrinas irracionais derivadas do discurso conservador. E uma vez postas em andamento não têm mais saída que a violação sistemática dos direitos civis e políticos.

Para esses economistas a impunidade não é uma conseqüência da violação dos direitos humanos: é simplesmente uma necessidade do mercado. O desarmamento dos instrumentos e organismos que estão na base da livre determinação dos cidadãos de um país, se converte em condição necessária deste modelo. Para ele é imprescindível romper a estrutura familiar para que uma família indígena esqueça de suas tradições culturais; é imprescindível romper a estrutura sindical que defende a dignidade de seus representados; é imprescindível romper a estrutura dos organismos de direitos humanos que têm sido porta-vozes do discurso da modernidade; é imprescindível romper a estrutura social que permite que os mais desfavorecidos se expressem publicamente de forma coerente e racional, para isto é necessário que os sistemas educativos não sejam elaborados a partir destes supostos de liberdade, solidariedade e fraternidade; é imprescindível que a racionalidade seja substituída pela lei da oferta e da procura, pela lei do mais forte, e, definitivamente, pela lei da selva.

Se deixarmos que sejam implantados definitivamente os modelos de impunidade na América Latina, na África, na Europa... correremos o risco seguro de perder as liberdades que o Pacto Internacional de Direitos, tanto Civis e Políticos, quanto Econômicos, Sociais e Culturais pretendeu universalizar.

E isto é assim porque, como dizia Jeremy Bentham, "do poder de perdoar sem limites surge a impunidade da delinqüência em todas as suas formas, da impunidade da delinqüência em todas as suas formas, a impunidade de todas as formas de maldade, da impunidade de todas as formas de maldade, a decomposição dos governos, da decomposição dos governos a decomposição política da sociedade".

Por isso é tão importante a mobilização social, o associativismo, o cooperativismo e toda forma de organização social que permita fazer frente às políticas neoliberais e aos modelos de impunidade e de controle político e social.

Creio que ainda não têm conseguido impor um modelo definitivo. Contudo, existem milhões de seres humanos livres que desejam impedir que estes modelos de impunidade sejam universalizados. Ainda não humilharam a memória da humanidade de forma definitiva. Por isso é um grave erro admitir a limitação do direito à justiça, do direito à verdade, assim como de todo atentado sistemático contra as liberdades e os direitos humanos.

Restaurar os direitos civis e políticos e os derivados dos econômicos e sociais significa devolvê-los a liberdade aos nossos filhos e netos.

O contrário é aceitar os princípios maquiavélicos de que o fim justifica os meios e o princípio mais bem trabalhado de estado de exceção mundial, pelo qual o mundo político e social perde toda a conexão com o sistema de liberdades civis e de direitos humanos. ❑

DEMOCRACIA E PODER

FREI BETTO
São Paulo, SP, Brasil

No tempo de Jesus a questão da democracia já estava posta, porém apenas numa região muito distante da Palestina: a Grécia. Dominada pelo Império Romano, a Palestina era governada por homens nomeados ou consentidos por Roma – o rei Herodes, os governadores Pôncio Pilatos, Herodes Antipas, Arquelau e Felipe, o sumo sacerdote Caifás.

O que aparece de novo na prática e na pregação de Jesus é uma velha questão à qual ele dá um enfoque radicalmente diferente de seus contemporâneos: o poder. O poder já era objeto de reflexão dos filósofos gregos desde Sócrates (c. 469-399 a.C.). A ele Platão (428 ou 427-348 ou 347 a.C.) dedicou o livro «República» e Aristóteles (383-322 a.C.) a obra «Política».

No Antigo Testamento, o poder é mais do que uma dádiva divina. É uma maneira de participar do poder de Javé. É através de seus profetas que Javé escolhe e legitima os poderosos. Todavia, nenhum deles, ao contrário do que ocorria no Egito e em Roma, era divinizado pelo fato de ocupar o poder. Ainda que escolhido por Deus, o poderoso permanecia falível e vulnerável ao pecado, como foram os casos de Davi e Salomão. Não se autodivinizava como os faraós egípcios e os césares romanos. Até na Grécia, Alexandre Magno, em desespero por manter centrada em si a unidade de suas conquistas, tratou de autodivinizar-se, exigindo que seus soldados o adorassem.

Jesus imprimiu outra ótica ao poder. Para ele não se trata de uma função de mando, e sim de serviço. É o que afirma em Lucas 22, 24-27: «Os reis das nações as dominam e os que as tiranizam são chamados Benfeitores. Quanto a vós, não deverá ser assim; pelo contrário, o maior dentre vós torne-se como o mais jovem, e o que governa como aquele que serve. (...) Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!».

Jesus dá o exemplo afirmando que «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mc 10, 41-45; cf Mt 20,24-28) e ajoelhou-se para lavar os pés de seus discípulos (Jo 13, 4-8).

O que leva Jesus a inverter a ótica do poder é a pergunta: a quem deve servir o poder numa sociedade desigual e injusta? À libertação dos pobres, responde ele, à cura dos doentes, ao acolhimento dos excluídos. Este o serviço por excelência dos poderosos: libertar o oprimido, promovê-lo, fazer com que ele também tenha poder. Por isso os pobres são «bem aventurados» (Mt 5, 1-12) e neles identifica Jesus os seus semelhantes (Mt 25, 31-46).

O poder é uma prerrogativa divina para o serviço do próximo e da coletividade. Tomado em si, perverte. A pessoa tende a trocar a sua identidade pessoal pela identidade funcional. O cargo que ocupa passa a ter mais importância do que a sua individualidade. Por isso, muitos se apegam ao poder. Pois ele torna o desejável possível. Imanta o poderoso de modo a atrair veneração e inveja, submissão e aplausos.

Para que o poderoso não se deixe embriagar pelo cargo que ocupa, Jesus propõe que ele ouse submeter-se à critica de seus subalternos. Quem de nós é capaz disso? Qual o vigário que indaga de seus paroquianos o que pensam dele? Qual o dirigente de movimento popular que solicita de seus dirigidos uma avaliação de seu desempenho no cargo? Qual político pede a seus eleitores que o critiquem? No entanto, Jesus não temeu indagar dos discípulos o que pensavam a respeito dele e, como se não bastasse, perguntou também o que o povo pensava dele (Mt 16, 13-20).

A questão do poder é o coração da democracia. Esta significa, etimologicamente, governo do povo para o povo. No entanto, ainda permanece, na maioria dos países, no estágio meramente representativo. Para se tornar participativa, a democracia deverá ser expressão do fortalecimento dos movimentos populares. Um poder – o do Estado ou da classe dominante – só admite limites e evita abusos na medida em que se defronta com outro poder: o do povo organizado. Essa é a condição para que a democracia baseie a liberdade individual e os direitos humanos na justiça social e na eqüidade econômica. É falsa a democracia que concede a todos liberdade virtual e exclui a maioria de bens econômicos essenciais, como o acesso à alimentação, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, à cultura e ao lazer.

Jesus não formulou uma proposta de sociedade, senão pela via inversa, ao criticar o modelo predominante na Palestina do século I, onde a riqueza de uns poucos resultava da pobreza de muitos. Por isso, posicionou-se ao lado dos pobres e defendeu os seus direitos: «Vim para que todos tenham vida e vida em abundância» (Jo 10,10). Este o critério para saber se uma sociedade é ou não justa – o direito de todos à vida plena. Pois a vida é o dom maior de Deus. ❑

A ADMINISTRAÇÃO BUSH NÃO CRÊ NA DEMOCRACIA EM NIVEL MUNDIAL

JOSEPH E. STIGLITZ
EEUU

Joseph E. Stiglitz é uma das vozes mais autorizadas para criticar os excessos do pensamento econômico neoliberal e as falhas das instituições que o promovem. Não é em vão que conhece como ninguém, seu funcionamento. Tendo estudado no Massachusetts Institute od Technology e nas universidades de Yale e Stanford, Stiglitz, de 63 anos, foi assessor do ex-presidente Clinton em 1993. Em 1997 foi nomeado economista chefe do Banco Mundial. Suas críticas abertas converteram-no em uma incômoda presença no organismo multilateral e em 2000 abandonou seu posto para voltar ao exercício docente e a pesquisa na Universidade de Columbia. Em 2001 lhe foi concedido o prêmio Nobel de Economia.

Pergunta. A tragédia do Katrina revelou o Terceiro Mundo que existe dentro dos Estados Unidos. Que ele diz de seu modelo econômico?

Resposta. O mero crescimento do PIB não é uma boa medida do estado para a economia. A questão é o que acontece ao cidadão mediano. Se bem o PIB vem crescendo nos últimos anos, o cidadão mediano dos Estados Unidos tem empobrecido. A renda familiar caiu cerca de 1.400 dólares nos quatro primeiros anos da Administração Busch. Além disso, a porcentagem da população sem seguro médico aumentou. EEUU tem a maior população de presos proporcionalmente que um pais tenha na atualidade e, se esta fosse incluída na taxa de desempregados, esta seria mais alta, mas não é incluída porque eles não têm a opção de procurar empregos. Quando estava em Washington já falava de que a esperança de vida de um homem negro de idade entre 25 e 30 anos em Washington e Nova York era similar a de um país pobre como Bangladesh. Era sabido que havia problemas, mas a opinião pública não se tinha chegado a tomar consciência disto. De repente, a gente viu isto na televisão. Já não era estatística de esperança de vida, e sim rostos de pessoas. Igual ao que acontece em países menos desenvolvidos, onde os governos estão controlados por elites insensíveis às preocupações dos pobres, isso está acontecendo nos EEUU, desgraçadamente. Em parte isto se deve a falhas em nosso sistema político, que o corrompem. Não é que se compre os políticos, como acontece em muitos países, mas se fazem doações para as campanhas e quando se faz um investimento em um partido político, se espera uma recompensa...; e a têm conseguido!

Pergunta. A utilidade do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial estão sendo questionadas. Como deveria ser apresentada a sua razão de ser hoje em dia?

Resposta. A questão não é se têm razão de ser, porque em um período de globalização no qual existe cada vez mais integração econômica se torna ainda mais necessária a ação coletiva. Existe mais necessidade de instituições internacionais. O problema é o jogo político. Durante a guerra Fria, Europa e EEUU tinham um objetivo bem definido. As instituições falavam de desenvolvimento, mas por trás disto havia um objetivo político. Agora, sobretudo desde 2001, está muito claro que a Administração Bush não crê na democracia em escala mundial, nas instituições. Sua política é o unilateralismo e o unilateralismo não é coerente com a democracia. Querem poder de veto.

Pergunta. Que margem tem o diretor gerente do FMI, Rodrigo rato, para promover uma mudança?

Resposta. Tem uma dificuldade e é que EEUU é o único país que tem poder de veto sobre qualquer coisa importante no FMI. Toda grande reforma que suponha uma democratização interna provavelmente será vetada. Mas existe uma margem ampla para reforma informal, por exemplo, mediante a criação de um comitê que estude o desemprego. Mas o problema não é apenas EEUU, e sim a burocracia interna, que é muito poderosa. Enquanto o diretor muda, a burocracia permanece e muito provavelmente resistirá a qualquer mudança.

Pergunta. O Senhor acredita que o FMI deveria reconhecer suas falhas sobre a imposição das políticas do Consenso de Washington nos últimos anos em alguns países para poder recuperar sua credibilidade?

Resposta. Creio que sim, mas deveria ir além do reconhecimento do erro e analisar o porquê esse erro foi cometido. Foi porque se acreditou que uma regra única valia para todos? Ou por que se tinha uma regra particular? Uma de minhas críticas tem sido que muitos modelos partem da premissa de que a informação e os mercados são perfeitos, que são más presunções para qualquer país, mas são muito piores em desenvolvimento.

Isabel LAFONT, EL PAÍS, Madri

DEMOCRACIA: FORMA POLÍTICA DO CAPITALISMO

JAUME BOTEY

Cristãos pelo Socialismo, Barcelona, Espanha

Fala-se que a democracia foi inventada pelos gregos porque lá, na Ágora, o povo podia opinar e decidir. Mas, não se diz que lá, quatro quintos da população, eram escravos, e trabalhavam «como escravos» para que a outra quinta parte pudesse opinar e decidir sobre eles.

Séculos mais tarde, na França, os ilustrados Diderot, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, os «pais» dos princípios da «Liberdade, Igualdade e Fraternidade» e também da Revolução Francesa, escreveram tratados sobre a democracia. Porém, a Revolução Francesa foi uma revolução burguesa e de intelectuais, não das massas. Setenta anos mais tarde, a Comuna, também na França, tentou e, em nome da mesma democracia, foi derrubada pelos mesmos que haviam feito a Revolução, 70 anos antes.

Quando, em meados do século passado, a sociedade quis dar forma política às mudanças produzidas pela industrialização, Keynes idealizou um modelo de Estado protetor que, salvaguardando os interesses dos ricos, permitisse partilhar riqueza aos pobres. A democracia sempre foi o sistema que, sob a bandeira da liberdade, encobriu a riqueza de uns e a pobreza de outros.

Mas isto se agravou a partir dos anos setenta do século passado com o neoliberalismo e a teoria do mercado como único mecanismo regulador da sociedade, e à medida que os países ricos foram necessitando de maiores recursos para continuar crescendo. Os EUA, que pretende ser a democracia modelo e referencial, para «salvar a democracia», potenciou golpes de Estado e ditaduras militares em toda a América Latina contra governos eleitos democraticamente e que tentavam reformas a favor do povo. Desde Getúlio Vargas ou Goulart a Torrijos, de Allende aos sandinistas, a quantidade de sangue derramado, de sofrimento, e a lista de vítimas é inacalável. Em 2003, os EUA invadiram o Iraque antidemocraticamente, contra a ONU e a opinião pública mundial, causando centenas de milhares de mortos, para «instaurar a democracia». É mentira. Mas, dá o mesmo, porque esta democracia pode incluir mentira e assassinato. Durante os dez anos anteriores morreram no Iraque um milhão e quatrocentas mil crianças menores de cinco anos por causa, principalmente, dos bombardeios com urânio empobrecido. Quando perguntaram a Medeleine Albright, então Secretária de Estado dos EUA, se isto valia a pena, ela respondeu que «o progresso e a democracia exigem sacrifícios».

Em nome da liberdade para todos, é imposta pela força a liberdade só para o mais forte, e quando o pequeno pede liberdade para não morrer é acusado de antidemocrático. É a liberdade do «salve-se quem puder».

Por isso, esta democracia quer menos Estado protetor. Hoje o verdadeiro inimigo da liberdade de mercado já não é o socialismo, que se considera derrotado, mas segundo o próprio Keynes: o Estado deve ser aliviado de suas obrigações, e deixar a sociedade mais livre. Como? A partir do econômico, despolitizando as necessidades e desta forma se proclama que «o Estado não tem obrigações com seus cidadãos». A partir do cultural, moralizando a sociedade, e assim se proclama que «aquele que se esforça ganha, o pobre é culpado (responsável) pela sua própria pobreza». O intervencionismo do Estado é considerado uma barreira para o desenvolvimento, inclusive nos serviços sociais e pessoais. Os serviços são um negócio. Quem pode pagar o hospital terá hospital. Quem não pode pagá-lo não o terá.

Mas, tampouco isto é suficiente. A partir do campo político é necessário despolitizar a democracia. A política se converte em gestão ao serviço do capital. E seus gestores, os políticos, em burocratas ao serviço do capital. E (o mesmo se diga) com a participação das pessoas. Quando as demandas são excessivas, acabam provocando uma crise de autoridade. E assim, se proclama que, se queremos que o sistema funcione, é necessário limitar a participação. Os males da democracia não se curam com mais democracia, e sim com menos, tem repetido o neoconservador Daniel Bell. Conseqüentemente, as funções do Estado mudam: de Estado protetor das maiorias, passa a ser Estado repressor das maiorias; em lugar de potencializar o Estado social, potencializa-se o Estado policial. Sua principal obrigação será garantir a segurança da democracia dos ricos. E, em primeiro lugar, segurança contra a maioria de seus próprios cidadãos, que pedem mais democracia. Quanto mais organização do povo, mais vigilância sobre ele.

Nossa democracia se baseia na pouca participação das pessoas na «coisa pública». Por isso os capitalistas a defendem com unhas e dentes. A maioria se limita a votar a cada quatro anos, e, em 1999 o presidente do país mais poderoso do mundo foi eleito «democraticamente», inclusive com fraude, com menos de 20% dos votos...

Desta forma, nossa sociedade atual, consumidora de democracia, não é nenhuma garantia de democracia. Contudo, com esta tão pouca apresentável bagagem, o

Ocidente tem ainda a arrogância de emitir certificados de democracia a outros países: os que passem por esta «peneira» eleitoral, embora sejam governos corruptos, «democraticamente» tiranos ou suas populações morram de fome, serão reconhecidos como democráticos, mas os que não passem pela peneira, embora tenham o apoio de seus habitantes e haja pão, educação e saúde para todos, correm o risco de ser catalogados como terroristas.

Fazem-nos acreditar que este é o melhor dos mundos possíveis, a única alternativa, o final da história. E muitos têm acreditado porque se tem afirmado que quem acredita no contrário é contra o progresso. É a nova ideologia da impossibilidade de toda ideologia que diga o contrário. Porém, uma vez mais devemos recordar que a derrota do povo começa pela derrota de suas mentes, pela derrota cultural: convencer-se de que não há nada a ser feito, por ter vergonha dos princípios que fundamentaram as lutas, pelo oportunismo dos seus dirigentes.

Continuamos funcionando com os esquemas de Montesquieu e com o modelo de democracia eleitoral por delegação e por representação de partidos sem levar em conta as mudanças acontecidas na história. Por exemplo, na Europa se fazem grandes parafernálias para eleger os parlamentares europeus, que, na realidade, não mandam, ou mandam muito pouco, e ao contrário, se tolera o mecanismo antidemocrático de eleição do presidente do Banco Central Europeu, que ele sim, manda, e muito.

Ampliar a democracia hoje significaria, além disso, pôr remédio ao excessivo peso dos meios, à dificuldade de financiamento dos partidos, às pressões dos lobbyes, às travas na independência do poder judicial, à possibilidade da corrupção institucionalizada, ao sigilo bancário, às listas fechadas, ao bloqueio que os grandes podem fazer aos pequenos, etc. Mas significa também democracia econômica, gestão democrática dos recursos, etc.

Os órgãos de governo vivem na permanente esquizofrenia administrando um poder que, em teoria e na prática vêm do povo, mas do qual o povo vive alheio. O medo dos governantes pela democracia do povo gera atitudes autoritárias e as atitudes autoritárias, por sua vez, geram crises de autoridade. Como afirma Hanna Harendt, não se trata de crise de legitimidade, mas sim de crise de autoridade. O poder constituído tem a legitimidade e os instrumentos necessários para exercer o poder, mas pode não ter autoridade moral e nem credibilidade. Negar a voz aos setores excluídos é negar-lhes a esperança e, ao longo do tempo, estes setores aparecerão, por exemplo, em forma de fundamentalismos.

Nesta democracia mundial, o poder está em muito poucas mãos e mais centralizado e hierarquizado que nunca. Toni Negri o chama de «Império» como «entidade difusa, mas 'intersticialmente' presente em tudo». Além disso, os poucos que detêm este poder se sentem novo Povo Escolhido por Deus, novo Israel enviado pela providência para salvar o mundo. Estão convencidos de que entre eles e Deus não existem intermediários, e, por mandato divino, devem se parecer ao próprio Deus em poder, em inteligência e em previsão. Somente a partir desta visão religiosa do poder político e militar, é que pode ser entendida a nova Doutrina de Segurança Nacional que o imperador Bush proclamou no dia 20 de setembro de 2002.Trata-se do mais puro fundamentalismo e fanatismo. O imperador é a encarnação da vontade de Deus e supre a democracia. E, então, justifica a «guerra preventiva»...

Mas o rei está nu! Fica cada vez mais evidente que estamos no fim de um sistema que se sustenta somente pelo uso da força, num mundo à deriva e envolvido em uma transformação de civilização. Hoje, surgem por todos os lados Novos Movimentos Sociais que questionam o sistema, que reclamam a participação das maiorias e de uma sociedade civil hoje ainda sem rosto nem configuração institucional. O atual chamado do movimento zapatista e aqueles que lutam por um «outro mundo possível» vão nesta direção. No fundo, estes não estão perguntando quem é o sujeito da democracia, quem é o sujeito produtor da política. Trata-se de questionamento do núcleo essencial da democracia. Suas perguntas e suas propostas vão à raiz dos problemas e em um clima de liberdade irreversível serão sempre conflitivas. Sãos aqueles que buscam novas utopias.

Vão nesta direção, por exemplo, o movimento zapatista que, com o slogan «mandar obedecendo» questiona os mecanismos de corrupção desta democracia, os movimentos por outra mundialização que, a partir dos Fóruns Sociais, proclama que «outro mundo é possível», o de indígenas que resurge das cinzas, o de mulheres, o de diálogo inter-religioso que questiona as estruturas hierárquicas das igrejas, etc. No fundo, estes movimentos estão nos perguntando quem é o sujeito da democracia, quem é o sujeito produtor da política. E nos estão dizendo que a democracia não é nada feito e pronto, não é uma receita, é algo construído continuamente. Que a democracia política deve ser também democracia no campo social, no campo econômico, no campo cultural. Por isso, com apenas sua existência estes movimentos questionam o núcleo essencial desta palavra tão antiga. Suas perguntas vão à raiz dos problemas e suas propostas, em um clima de liberdade irreversível, serão sempre conflitivas. São aqueles que buscam novas utopias. ❑

DEMOCRACIA DOENTE

JOSÉ INÁCIO GONZÁLEZ FAUS
Barcelona, Espanha

«O sentimento de que a democracia não é a forma correta da liberdade é bastante geral e vai-se difundindo cada vez mais. Não se pode ser omisso à crítica marxista contra a democracia: até que ponto as eleições são livres? Até que ponto a liberdade é manipulada pela propaganda, ou melhor, pelo capital, por alguns que se fazem donos dos meios de comunicação? Não existe a nova oligarquia que determina o que é moderno e progressista, o que uma pessoa culta deve pensar?... Quem vai continuar acreditando que o bem comum constitui o fator que propriamente determina essa vontade (dos grupos de representação democrática)? Quem poderá duvidar do poder e dos interesses, cujas mãos sujas se manifestam cada vez mais freqüentemente?... A vontade de impor-se uns sobre outros bloqueia a liberdade de conjunto... Precisamente em vista das limitações da democracia faz-se mais clamoroso o grito que reclama uma liberdade total».

Se brincássemos de adivinhar de quem são estas linhas, pode ser que mais de dois pensarão em Fidel Castro, ou em Chavez, ou Evo Morales, ou algum esquerdista ferrenho... Mas, não, irmãos: são de uma pessoa com tanta fama de conservadora como é o Cardeal Ratzinger, hoje elevado à cadeira de Pedro. Pode ser que Ratzinger faça uso dessa análise impecável não para ajudar a melhorar a democracia senão para a apologia da Igreja. Mas, o mau uso não elimina a exatidão de suas palavras[1].

As direitas (se não sabem que a citação é do papa atual) contestariam essa crítica com a agudeza de Churchill: "a democracia é o pior dos sistemas políticos... excetuando todos os demais". Não seria a primeira vez que a direita argumenta com ingenuidades que só pretendem fomentar a resignação. Mas essas agudezas acabam sendo perigosas porque levam a pensar que a diferença entre democracia e ditaduras é muito pequena.

E como, por outro lado, os autoritarismos costumam ser mais eficazes, a tentação ditatorial está servida. Melhor será, pois, examinar qual é o mal que afeta as nossas democracias e as põe quase no nível de qualquer outro sistema.

1.- Em primeiro lugar, apareceria a falta de uma educação de qualidade e para todos: *democracia sem educação equivale a incapacidade democrática*. De Hitler a Bush não faltam exemplos disso. Mas a boa educação requer grandes investimentos (e que, além disso, só frutificarão a longo prazo). Enquanto que investir em armas ou em luxos suntuosos que agradam a vaidade de um povo, é mais rentável a curto prazo.

2.- Em segundo lugar, apareceria a corrupção. Onde a educação tem sido morna, a corrupção se faz quente. Ela começa porque os "gastos de representação" se convertem em desculpas para viajar sem necessidade, luxuosamente e com a própria família. Segue porque há informações privilegiadas (sobre qualificações de terrenos e outras coisas) que permitem investimentos enormes e rentáveis. Continua na cobrança de comissões a empresas que executam trabalhos para os governos. E assim sucessivamente. "E daí a todos os vícios" como dizia Santo Inácio[2].

3.- De ambos os pontos, brota uma conclusão importante: a democracia será o melhor de todos os sistemas políticos quando for *democracia global*, ou seja, estendida a todos os aspectos: não só democracia *política*, mas também *democracia econômica*.

A primeira sem a segunda pode não ser mais do que uma ditadura camuflada: uma "fala mansa" que reduz todas as liberdades a uma única liberdade de consumo. Assim, a liberdade se falsifica convertendo-se no vício consumista de quase todos os países desenvolvidos. Por que quase todos os cidadãos do primeiro mundo estão tolerando uma diminuição agressiva de liberdades e de respeito aos direitos humanos, em nome de uma maior segurança diante do terrorismo?

Simplesmente porque *a única liberdade que interessa nesses países é a liberdade de consumir sem limites* e incessantemente. Por isso, a eles é aplicada, algumas vezes, uma paródia daquele verso de Calderón de la Barca em *A vida é sonho*: "e eu, com mais liberdade, tenho menos liberdade"[3].

4.- Isto nos leva ao problema inevitável da incompatibilidade entre capitalismo e democracia. Ao menos duas caraterísticas se enfrentam:

4.1.- O sistema capitalista busca somente o máximo benefício possível para uns poucos (à custa dos demais); é, pois, um sistema *particularista*. A democracia é o poder de *todos* (*dêmos* significa povo). Em boa parte (mas nem sempre) esse poder terá que ser exercido por delegação: mas esses delegados serão somente representantes do povo, não de seu partido nem, menos ainda, de si mesmos.

4.2.- Além disso, o capitalismo persegue seus fins de máximo benefício à base do *marketing*, que é na realidade a morte do mercado: o império da mentira à base de falsa propaganda e publicidade alienante. E a perversidade deste sistema acaba infectando inclusive as muitas iniciativas democráticas que há em todas as sociedades.

5.- E como o dinheiro leva ao poder, nossas democracias atuais estão enfermas de uma droga pior que a cocaína ou a heroína, ainda que Bush não a persiga. Refiro-me ao "vício do voto" que impõe aos políticos condutas inumanas. Qual um viciado, quando tem a síndrome de abstinência é capaz até de roubar e matar seus pais, os políticos apunhalam a democracia para ganhar votos: substituem o debate pelo insulto e a suspeita por calúnia, efetuam uniões "contra naturam" (antagonistas) e enfurecem as massas contra o "inimigo absoluto" como se fossem talibãs em vez de parlamentares. Quem duvida, venha passar uma temporada na Espanha. Ou recorde quantos norte-americanos disseram a seu presidente atual que ele quer impor a democracia fora dos EUA, mas é incapaz de praticá-la dentro do país.

Se a democracia é a pátria do humano terá que concluir então com aquele aviso dos antigos romanos: "a pátria está em perigo". Então, o senado romano lançava aquele grito famoso: "vigiem os cônsules para que não se acabe a república"[4]. Nestas circunstâncias, podia-se instaurar uma certa supressão das liberdades com duas condições muito precisas: não podia durar mais de seis meses e a decisão era do parlamento, não do chefe do governo (ou dos cônsules, que eram sempre dois e cujo mandato não durava mais de dois anos).

Não sei se nossas democracias necessitariam hoje de algum decreto semelhante, que respeita muito as condições postas pela república romana. O erro de Fidel Castro, por exemplo, não está em ter exercido uma certa ditadura no início, mas em ter-se perpetuado como ditador, quando a revolução já havia logrado determinadas conquistas inegáveis, e quando, por outro lado, satisfeitas as demandas primárias de alimentação, saúde e escola, o povo aspira a novas conquistas "espirituais" de expressão, associação, religião, etc. Fidel deveria recordar o pequeno epigrama de Dom Pedro Casaldáliga: "primeiro seja o pão/ depois a liberdade./ A liberdade com fome/ é uma flor encima de um cadáver". Lástima que, cumprida a primeira parte, esqueceu Fidel a segunda.

Ter-se-ia que contar neste juízo com o fator atenuante do bloqueio norte-americano, mas mesmo assim, a perpetuação no poder levou a revolução cubana a um beco sem saída. Porque o avalista da revolução não pode ser uma só pessoa: há de ser a maioria de um povo e se não, é sinal de que algo falhou nessa revolução.

Esta observação não entra na discussão latente entre economistas, dos quais alguns (cujo representante mais exímio é o índio Amartia Sen, prêmio Nobel de Economia) sustentam que com mais liberdade e democracia é mais fácil sair da pobreza. Outros contradizem esse modo de ver e pensam que, em casos de miséria e injustiças extremas, é imprescindível uma breve temporada autoritária para pôr em marcha o motor que as supere. Marx devia pensar assim e daí veio a idéia de ditadura do proletariado: mas é bem sabido que essa ditadura foi cruel, inabalável e além disso, não do proletariado, mas do partido. Provavelmente, não há uma resposta única a este problema, como acontece tantas vezes na vida. Por mais doloroso que seja, há que dizer que a resposta não depende de alguns princípios a aplicar mecanicamente, mas de análises concretas de situações. Isso complica as coisas, como complicado é todo o humano...

Quando concluo estas linhas está se iniciando o mandato de Evo Morales. Desejo a ele o melhor: que nem a impaciência nem a preguiça corrompam seu difícil mandato. E que o código ético de quéchuas e aymaras ("*ama sua, ama llulla, ama quella*"[5]) sirva de corretivo às democracias enfermas.

Notas:

[1] As palavras do então cardeal Ratzinger estão em *Fé, verdade e tolerância*, págs. 249-250

[2] Um pequeno detalhe: quando o democrata Berlusconi chegou ao poder, sua fortuna superava os 3 bilhões de dólares; atualmente passa dos 9.

[3] O original diz: "e eu com mais livre arbítrio, tenho menos liberdade".

[4] Em latim: *caveant consules ne quid respublica detrimenti capiat*.

[5] Não roubar, não mentir, não estar ocioso. ❑

APROFUNDAR A DEMOCRACIA

FRANÇOIS HOUTART
Bélgica - América Latina

A democracia não é uma evidência, um feito natural. Todos os que têm sofrido tiranias o sabem. A democracia é uma construção social, uma maneira de organizar as relações coletivas, econômicas, políticas, sociais... para que nelas todos possam participar. Trata-se, pois, de um processo social, constantemente em construção. A democracia se inscreve sempre dentro das relações sociais precisas e nunca se pode falar da democracia em abstrato.

O recurso da história é interessante: é necessário saber que a democracia de que falavam Platão ou Aristóteles se aplicava à categoria dos homens livres, deixando de lado as mulheres e os escravos. Quando o Bill of Right foi proclamado nos EUA, o governador Thomas Jefferson era dono de escravos. Quando Jean-Jacques Rousseau escreveu "O contrato social", se desenvolvia uma nova estrutura social das relações de produção cada vez mais excludente. Publicando seu "final da história", Francis Fukuyama consagrava uma sociedade globalizada, a mais desigual de toda a história...

Hoje em dia, o mundo é unipolar. Globalizaram-se as relações sociais de desigualdade e de exclusão e forma o contexto dos mecanismos de funcionamento da democracia. Não estamos em um mercado abstrato, mas em um mercado capitalista que subtraiu a economia do conjunto social, para impor sobre ele suas normas de funcionamento, transformando tudo em mercadoria e possuindo os meios de sua globalização. A democracia socialmente construída não existe senão no interior do contexto concreto.

Enquanto os intercâmbios econômicos reais continuam sendo, em grande parte, locais, os centros de poder se concentram e a relação social fundamental é cada vez mais desigual. Exerce-se pressão para que os mecanismos joguem em favor dos mais poderosos e o peso dos grande agentes econômicos vai aumentando, já que se trata das instituições financeiras internacionais ou de empresas cada vez mais concentradas e transnacionais. No entanto, o discurso proclama que tudo o que impede o mercado é antidemocrático, por exemplo, o Estado, e em particular o Estado-Providência. O mesmo discurso afirma que a livre propriedade do capital garante a liberdade da sociedade civil.

Durante o período neoliberal, que começou no final dos anos 70, assistiu-se a uma grande queda do exercício da democracia: menos controles democráticos sobre o campo econômico e despolitização acentuada. É verdade que as ditaduras militares foram progressivamente substituídas, na América Latina e na Ásia, por democracias controladas, o que foi um progresso. No entanto, isso não aconteceu porque o mercado é, em si mesmo, portador da democracia. Na maioria dos casos, as ditaduras foram a condição mesma do protoglobalização neoliberal dos mercados, especialmente financeiros. O caso do Chile é um exemplo particularmente claro. Quando as ditaduras que haviam instaurado uma estabilidade política e social favorável aos investimentos, tornaram-se politicamente embaraçosas e moralmente insuportáveis.

Para assegurar melhor a legitimidade da economia de mercado passou-se para as democracias chamadas *controladas*, ou seja, incluindo condições de impunidade para os atores políticos dos regimes anteriores ou ficar sob o controle dos organismos financeiros internacionais.

Em tais circunstâncias, é o conteúdo mesmo das decisões políticas que é transformado. A globalização da economia capitalista debilita a soberania dos Estados, o que não seria um problema, se instâncias democráticas eficazes atuarem na nova dimensão. Conhece-se o exemplo da Europa que tem muita dificuldade para se construir sobre um plano que vai além do estabelecimento de um mercado comum. As privatizações do que formava até agora o setor público, com todos seus defeitos, significam amiúde uma luta contra o Estado. E o que dizer da verdadeira pirataria do patrimônio comum acumulado que elas implicam, concedendo a potentes grupos privados nacionais ou internacionais uma influência crescente sobre as decisões coletivas...?

O que queremos dizer é que a democracia é muito mais que um feito político, e que o mercado, sob sua forma capitalista, reduz a democracia a uma gestão de um Estado orientado a serviço da propriedade privada, auto-reduzindo seu espaço de ação nos demais setores. Democracia significa, então, simplesmente multipartidarismo e processos eleitorais.

Com certeza, uma democracia limitada é melhor que uma tirania. Neste sentido, o liberalismo político significou um progresso na história européia, em direção à liberdade, e à descolonização, como um processo político, estendeu no Sul um verdadeiro desejo de democracia.

No entanto, estes processos, enxertados numa economia cada vez mais desenraizada do corpo social e que põe seus objetivos nela mesma, mais do que no bem-estar das populações, têm tido muito pouca autonomia. Inscreveram-se no quadro de relações sociais que faziam do Estado uma ferramenta principalmente a serviço dos interesses dominantes. Somente sob a pressão de grupos sociais desfavorecidos, que iniciaram lutas amiúde cruelmente reprimidas, o Estado começou a democratizar-se e pôde, como no caso do Estado social depois da Segunda Guerra Mundial na Europa, ser um árbitro entre as forças concorrentes e garantia de uma certa igualdade.

A ofensiva neoliberal, destinada a recompor o processo de acumulação do capital, pôs em questão este papel do Estado, debilitando-o nas sociedades mais organizadas e o reduzindo consideravelmente nas outras, em particular no Sul, e o fazendo inoperante no processo de globalização em função de seu caráter de Estado-Nação e da absorção do poder de regulação internacional pelas forças do mercado. É neste contexto que se situa a democracia parlamentarista, a de conquista do indivíduo e objetivo das lutas sociais, mas também realização somente parcial da democracia que hoje em dia está submetida a uma evasão do poder, quando ao mesmo tempo está presente como co-natural ao mercado.

No mundo inteiro, assistimos a uma queda da participação eleitoral. É um sinal de desânimo ante a incapacidade do setor político de transformar situações que se prolongam. Onde alguns partidos majoritários compartem o poder, constata-se que qualquer que seja a maioria, as coisas não mudam. Essa é a verdade. Mas se pode emitir também uma segunda hipótese de explicação: o poder de decisão sobre os grandes problemas da sociedade escapa, cada vez mais, aos políticos, ou transcende o espaço do Estado-Nação, ou está reduzido pela estratégia privatizante do capital. Cria-se, então, um clima de desencanto, não sempre consciente de suas causas profundas, mas que repercute sobre os comportamentos eleitorais.

Podemos concluir com algumas reflexões diante do futuro.

Primeiro, a democracia é uma realidade em processe, jamais uma sorte, sempre por construir. E não se pode conseguir sem condições, se entendermos por democracia a possibilidade para todos os seres humanos de serem cidadãos e de exercerem seu direito de participação em todos os domínios que orientam a vida coletiva. A democracia eleitoral é certamente uma conquista social, mas não representa senão uma parte da democracia, hoje em dia cada vez mais reduzida pela invasão do mercado.

Segundo: o que se chama de economia de mercado, que agita a democracia como bandeira ideológica, abre o espaço democrático a tudo o que não põe em questão a relação social que é fundamental, ou seja, a relação capital-trabalho (no sentido amplo), direto (o salário) ou indireto (por outros mecanismos distintos ao salário). Mas, ao mesmo tempo, fecha o espaço a outras organizações da economia (não há alternativas, dizia a senhora Thatcher) e reduz progressivamente o espaço democrático existente, transformando o cidadão em consumidor e os serviços públicos em mercadorias. Ao mesmo tempo em que afirmam a defesa dos direitos humanos, os atores da economia de mercado não duvidam em destruir as relações sociais de sociedades inteiras (as companhias petrolíferas, por exemplo), de se aliar a ditadores, de reforçar as instituições destinadas a garantir a hegemonia dos EUA (por exemplo, a OTAN) e de realizar guerras preventivas (contra o Afeganistão, o Iraque). A globalização do capital tende a esvaziar a democracia de seu conteúdo real e desemboca, não somente no desastre econômico da tremenda desigualdade atual, senão no desequilíbrio das tecnologias e dos investimentos e no eclipse do político.

Terceiro: devemos, pois, interrogar-nos sobre o porvir. Uma reconquista do setor político é uma necessidade, ao se tratar de ampliar os espaços democráticos, reforçando os órgãos de ação coletiva em todos os níveis. Isso significa a extensão de uma participação mais direta, não somente nos órgãos públicos (ou seja, mais do que uma eleição a cada quatro ou cinco anos, delegando um poder), senão também no seio das instituições do setor econômico (evitando o corporativismo que significou muitas vezes a co-gestão). Isso significa também uma descentralização real (o exemplo do "pressuposto participativo" de Porto Alegre é interessante) e a organização de mecanismos de controle democrático das instituições supranacionais.

Quarto: trata-se também de organizar um Estado eficaz em todos os níveis, ou seja, dotado de mecanismos permanentes destinados a evitar a burocracia e a corrupção, mas que invada ou afogue a sociedade civil, como foi o caso do que se chamou o socialismo real. Tal Estado, na medida em que é fruto de um processo democrático, terá que contribuir para restabelecer a economia.

Isso será possível somente se o Estado se empenhar em resolver os problemas da justiça e da eqüidade e com a difusão de uma cultura política de participação. Existem numerosas formas concretas de realização de tal objetivo, real alternativa ao sistema predominante hoje em dia e essa é a tarefa que devemos realizar. ❑

DEMOCRACIA NA IGREJA

ANDRÉS TORRES QUEIRUGA
Santiago de Compostela, Espanha

«Outra democracia é possível. Para que esse mundo, ferido, desconcertado e ainda impenitentemente sonhador, seja de verdade casa feliz de uma Humanidade fraterna». São palavras de Casaldáliga na introdução desta Agenda. E acrescenta: «e nós a exigimos como um direito fundamental das pessoas e dos povos, em todas as latitudes». Mas, é legítima, e, portanto possível, também para a religião?

Com sua voz humilde, e por humildade profética, ele o afirma com palavras que reconhecendo as falhas, não renunciam à audácia evangélica: «Para que a religião não seja um grande inimigo da democracia, como freqüentemente tem sido e ainda o é, até Deus deve ser 'democratizado' de outro modo».

Deus, sim, sem dúvida alguma, porque Ele é amor, e, portanto humildade e serviço. Já são João da Cruz, falando da «alma», tinha ousado dizer que Deus «se submete a ela (...), como se Ele fosse seu servo e ela fosse seu senhor, e é tão solícito em alegrá-la, como se Ele fosse escravo e ela fosse seu Deus. Tão profunda é a humildade e doçura de Deus!» (Cântico 27,1).

Mas, também a Igreja? Pode a Igreja ser democrática? Jesus de Nazaré, se tomamos a sério suas palavras limpas e concretas, respondeu que sim, sem lugar a dúvidas: «Sabeis que os que são considerados chefes das nações dominam sobre elas e os seus intendentes exercem poder sobre elas. Entre vós, porém, não será assim: todo o que quiser tornar-se grande entre vós, seja o vosso servo; e todo o que entre vós quiser ser o primeiro, seja escravo de todos. Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos» (Mc 10,42-45; cf. Mt 20,25-28; Lc 22,25-27).

Pode alguém duvidar honestamente de que aqui se está convocando ao mais radical e decidido espírito democrático?

É claro que a comunidade do Senhor recebe o encargo de tornar presente este espírito no mundo. De sorte que, como se Jesus previsse os duros limites e as terríveis perversões a que a democracia estaria sempre exposta às que, por desgraça, sucumbiria tantas vezes - repassadas as queixas de Casaldáliga -, insta à Igreja a ser fermento crítico e testemunha insubornável desses valores. Pois é deles que se trata, definitivamente, e não de formalismos definitórios.

O que aconteceu então, para que muitos - até em demasia - prossigam afirmando que a Igreja não é nem pode ser democrática?

Não cabe aqui negar que nesta negação tem influenciado terrivelmente a dinâmica do poder, que, desde os conflitos entre os próprios apóstolos e as rivalidades entre as primeiras igrejas, até muitos funcionamentos eclesiásticos atuais, continuam contaminando nossa percepção e tentando nosso desejo de honestidade. Mas o que lhe confere força e a protege com manto ideológico e inclusive com aparência piedosa, é uma hermenêutica que, sem malicia de ninguém, impediu e continua impedindo de atualizar eficazmente o mandato de Jesus.

Uma frase paulina teve nisto uma influência decisiva: «Não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem por Deus foram constituídas» (Rm 13,1). Um literalismo bíblico e uma concepção sacramental verticalista e «milagreira» levaram a uma interpretação abstrata e extracomunitária: na Igreja, através da imposição das mãos, a autoridade cairia vertical do céu sobre o eleito, em pura descida hierárquica. Desse modo, haveria somente dependência «para cima»: do sacerdote ao bispo, do bispo ao papa, e do papa... a Deus. A comunidade nada teria que dizer.

Assim interpretaram-no, encantados, também os reis e os imperadores: «O trono régio não é o trono de um homem, mas o trono do próprio Deus». Isto o escreveu o nada menos que o Cardeal Bossuet, aplicando-o ao rei da França. E Jaime I da Inglaterra soube tirar as conseqüências: «o estado da monarquia é a coisa suprema sobre a face da terra, porque os reis não são somente lugares-tenente de Deus sobre a terra e se sentam sobre o trono de Deus, mas que ainda o próprio Deus lhes chama deuses». O passo seguinte era óbvio: «não é lícito que se discuta o que concerne ao *mistério* - note-se a palavra, sublinhada por mim - do poder régio, porque isso seria reconhecer que os princípios erram, e abandonaríamos assim a reverência mística dedicada aos que se sentam no trono de Deus».

Seguramente como Igreja nos assombra ler estes absurdos ditos sobre os reis. Mas seríamos ingênuos se não advertíssemos que essa é exatamente a sensação de muitos que, de fora da Igreja, lêem hoje afirmações não muito diferentes em certas eclesiologias com respeito à autoridade dentro da Igreja; em concreto, da autoridade papal.

E o curioso é que, com respeito aos reis, a sociedade civil, encabeçada pelos teólogos (Suárez, por exemplo, polemizando com Jaime I), aprovados e apoiados pela hierarquia, compreenderam o fundamental. A saber, que o fato *verdadeiro* de que a autoridade vem de Deus, não exclui à sociedade, senão que a inclui: vem de Deus, mas através da sociedade. Pois bem, já é hora de que, por estrita fidelidade ao Evangelho, façamos o mesmo na Igreja: a autoridade hierárquica vem de Deus, mas através da comunidade.

Por sorte, o Vaticano II já colocou a base fundamental, e por algo se tem falado de «revolução copernicana». A *Lumen Gentium*, dando uma volta de 180 graus ao modelo pré-conciliar, assenta o «mistério da Igreja» (cap. I) em seu caráter primeiro e radical de «povo de Deus» (cap. II), e somente depois, já dentro dessa base comum, estuda sua «constituição hierárquica» (cap. III). Potencia assim uma «eclesiologia de comunhão» e deixa patente que *todos* os ministérios nascem já do seio da Igreja, que, enquanto habitada e movida pelo Espírito, os faz surgir de si ao serviço da realização de seu ser e de sua missão.

Yves Congar, estando ainda recente o Concílio, escreveu: «A expressão 'povo de Deus' encerra tal densidade, tal seiva, que é impossível empregá-la para designar essa realidade que é a Igreja, sem que o pensamento se veja envolvido em determinadas perspectivas. Enquanto ao lugar destinado a este capítulo, é conhecido o alcance doutrinal - com freqüência decisivo - da ordem posta nas questões e do lugar concedido a cada uma delas. (...) Tem-se continuado (...) a seqüência de Mistério da Igreja, Povo de Deus, Hierarquia. Assim se colocava como valor primeiro a qualidade de discípulo, a dignidade inerente à existência cristã como tal ou a realidade de uma ontologia da graça, e depois, no interior dessa realidade, uma estrutura hierárquica de organização social». Já se vê que falar assim, não questiona nem a eficácia sacramental nem, obviamente, a constituição divina da Igreja. Trata-se tão somente de reinterpretar e reorganizar o modo de seu funcionamento e exercício ao serviço efetivo do Reino na concretude da história humana.

Por isso, tampouco tem sentido uma objeção muito prolongada: a Igreja, afirma-se, não é dona da verdade divina, que, portanto, não pode ser «objeto de votação democrática». Mas, não se trata disso. Ao contrário, justamente porque a Igreja não é dona da verdade, deve buscá-la por todos os meios. E historicamente está demonstrado que, com todas as suas limitações, a busca democrática é muito mais eficaz e a mais livre das manipulações - conscientes ou inconscientes - do poder. Longe, pois de tornar-se dona da verdade, a colaboração de toda a comunidade constitui a maneira mais verdadeira e humilde de obediência ao Espírito.

Realmente, quando, para além das palavras, olha-se o espírito e por trás dos jurisdicismos se pensa nos valores, compreende-se que, inclusive as discussões terminológicas carecem de valor. Se alguém continua pensando que usar a palavra «democracia» com respeito à Igreja, pode ameaçar ou obscurecer a confissão de seu mistério, que busque em boa hora outros símbolos ou conceitos. Mas nunca para rebaixar o chamado de Jesus aos valores reais de humildade e serviço de participação e direitos. Isto é, se for mudada a terminologia, que não seja para baixo, enfraquecendo o Evangelho. A mudança somente poderá ser apostando para cima: se não for «democracia», então seja muito mais que democracia.

Que esta «outra democracia» na Igreja é possível, pode ver-se de modo intuitivo em uma citação de João XXIII, falando da sociedade civil. Basta pôr simplesmente «Igreja» no lugar de «nação» e «fiéis» no lugar de «homens», para ver a profunda legitimidade de uma nova visão: «do fato de que a autoridade provém de Deus não deve de modo nenhum se deduzir que os fiéis não tenham direitos a escolher os governantes da Igreja, estabelecer a forma de governo e determinar os procedimentos e os limites no exercício da autoridade. Daqui que a doutrina que acabamos de expor possa conciliar-se com qualquer classe de regime autenticamente democrático» (Pacem in Terris, 52).

Não faz falta discorrer muito para ver quanto ganharia a Igreja, em fidelidade ao Senhor e em serviço à humanidade, se entre todos fôssemos conseguindo que se levasse a sério e se pusesse em prática esta profunda verdade. Verdade somente em aparência inovadora, porque na límpida transparência de fundo se revela como puro Evangelho. ❑

2007

Janeiro

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Fevereiro

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

Março

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Abril

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24	25	26	27	28	29

Maio

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Junho

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Julho

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Agosto

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Setembro

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Outubro

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Novembro

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Dezembro

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

2006

Janeiro'2006

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Fevereiro

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28					

Março

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Abril

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Maio

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Junho

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Julho

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

Agosto

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Setembro

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Outubro

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

Novembro

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Dezembro'2006

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Latino-americana'

2008

Janeiro'2008

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Fevereiro

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29		

Março

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24/31	25	26	27	28	29	30

Abril

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

Maio

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Junho

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24	25	26	27	28	29

Julho

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Agosto

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Setembro

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Outubro

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Novembro

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Dezembro'2008

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

2007

janeiro	fevereiro	março
1 S	1 Q	1 Q
2 T	2 S	2 S
3 Q	3 S	3 S
4 Q	**4 D**	**4 D**
5 S	5 S	5 S
6 S	6 T	6 T
7 D	7 Q	7 Q
8 S	8 Q	8 Q
9 T	9 S	9 S
10 Q	10 S	10 S
11 Q	**11 D**	**11 D**
12 S	12 S	12 S
13 S	13 T	13 T
14 D	14 Q	14 Q
15 S	15 Q	15 Q
16 T	16 S	16 S
17 Q	17 S	17 S
18 Q	**18 D**	**18 D**
19 S	19 S	19 S
20 S	20 T	20 T
21 D	21 Q Cinzas	21 Q
22 S	22 Q	22 Q
23 T	23 S	23 S
24 Q	24 S	24 S
25 Q	**25 D**	**25 D**
26 S	26 S	26 S
27 S	27 T	27 T
28 D	28 Q	28 Q
29 S		29 Q
30 T		30 S
31 Q		31 S

abril	maio	junho
1 D	1 T	1 S
2 S	2 Q	2 S
3 T	3 Q	**3 D**
4 Q	4 S	4 S
5 Q	5 S	5 T
6 S	**6 D**	6 Q
7 S	7 S	7 Q
8 D Páscoa	8 T	8 S
9 S	9 Q	9 S
10 T	10 Q	**10 D**
11 Q	11 S	11 S
12 Q	12 S	12 T
13 S	**13 D**	13 Q
14 S	14 S	14 Q
15 D	15 T	15 S
16 S	16 Q	16 S
17 T	17 Q	**17 D**
18 Q	18 S	18 S
19 Q	19 S	19 T
20 S	**20 D**	20 Q
21 S	21 S	21 Q
22 D	22 T	22 S
23 S	23 Q	23 S
24 T	24 Q	**24 D**
25 Q	25 S	25 S
26 Q	26 S	26 T
27 S	**27 D** Pentecostes	27 Q
28 S	28 S	28 Q
29 D	29 T	29 S
30 S	30 Q	30 S
	31 Q	

2007

julho	agosto	setembro
1 D	1 Q	1 S
2 S	2 Q	**2 D**
3 T	3 S	3 S
4 Q	4 S	4 T
5 Q	**5 D**	5 Q
6 S	6 S	6 Q
7 S	7 T	7 S
8 D	8 Q	8 S
9 S	9 Q	**9 D**
10 T	10 S	10 S
11 Q	11 S	11 T
12 Q	**12 D**	12 Q
13 S	13 S	13 Q
14 S	14 T	14 S
15 D	15 Q	15 S
16 S	16 Q	**16 D**
17 T	17 S	17 S
18 Q	18 S	18 T
19 Q	**19 D**	19 Q
20 S	20 S	20 Q
21 S	21 T	21 S
22 D	22 Q	22 S
23 S	23 Q	**23 D**
24 T	24 S	24 S
25 Q	25 S	25 T
26 Q	**26 D**	26 Q
27 S	27 S	27 Q
28 S	28 T	28 S
29 D	29 Q	29 S
30 S	30 Q	**30 D**
31 T	31 S	

outubro	novembro	dezembro
1 S	1 Q	1 S
2 T	2 S	**2 D** Advento, A
3 Q	3 S	3 S
4 Q	**4 D**	4 T
5 S	5 S	5 Q
6 S	6 T	6 Q
7 D	7 Q	7 S
8 S	8 Q	8 S
9 T	9 S	**9 D**
10 Q	10 S	1 S
11 Q	**11 D**	11 T
12 S	12 S	12 Q
13 S	13 T	13 Q
14 D	14 Q	14 S
15 S	15 Q	15 S
16 T	16 S	**16 D**
17 Q	17 S	17 S
18 Q	**18 D**	18 T
19 S	19 S	19 Q
20 S	20 T	20 Q
21 D	21 Q	21 S
22 S	22 Q	22 S
23 T	23 S	**23 D**
24 Q	24 S	24 S
25 Q	**25 D**	25 T
26 S	26 S	26 Q
27 S	27 T	27 Q
28 D	28 Q	28 S
29 S	29 Q	29 S
30 T	30 S	**30 D**
31 Q		31 S

2007

Dezembro'2006

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17

S	T	Q	Q	S	S	D
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
1	2	3	4
8	9	10	11
15	16	17	18
22	23	24	25
29	30	31	

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

Fevereiro

Sexta	Sábado	Domingo
5	6	7
12	13	14
19	20	21
26	27	28

JANEIRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

1 Segunda

Santa Maria Mãe de Deus
Nm 6, 22-27 / Gl 4, 4-7
Sal 66 / Lc 2, 16-21

1508: Início da colonização de Porto Rico.
1804: Independência do Haiti. Festa nacional.
1959: Vitória da Revolução Cubana.
1977: Maurício López, reitor da Universidade de Mendoza, Argentina, membro do Conselho Mundial de Igrejas, desaparecido. **30 anos.**
1990: Maureen Courtney e Teresa Rosales, religiosas assassinadas pelos contras, na Nicarágua.
1994: Insurreição indígena zapatista no México.
2003: Lula eleito presidente no Brasil.

Dia mundial da Paz

2 Terça

1Jo 2,22-28 / Sal 97
Jo 1, 19-28

Basílio Magno
Gregório Nazianzeno
J.K.Wilhelm Loehe

1904: Desembarque dos marines na Rep. Dominicana "para defender interesses norte-americanos".
1979: Francisco Jentel, defensor dos índios e lavradores, vítima da Segurança Nacional no Brasil.
1981: José Manuel de Souza, "Zé Piau", lavrador, vítima dos grileiros de terras do Pará.
1994: Daniel Arrollano, militante da vida, constante evocador da memória dos mártires do seu povo argentino.

3 Quarta

1Jo 2,29 - 3,6 / Sal 97
Jo 1, 29-34

Genoveva

1511: O "grito de Coayuco", a grande insurreição dos taínos, liderados por Agüeybaná, o Bravo, Porto Rico.
1981: Diego Quic, indígena, catequista, líder das organizações populares da Guatemala, desaparecido.
1994: Antulio Parrilla Bonilla, bispo, lutador independentista e da causa dos perseguidos, "Las Casas do século XX" em Porto Rico.

Cheia: 08h57m em Cáncer

4 Quinta

1Jo 3,7-10 / Sal 97
Rigoberto Jo 1,35-42

1975: José Patrício León, "Pato", animador da JEC e militante político, desaparecido no Chile.
2005: A Corte Suprema autoriza o processo de Pinochet por crimes da «Operação Condor».

5 Sexta

1Jo 3,11-21 / Sal 99
Telésforo e Emiliana Jo 1,43-51
Kaj Munk

1534: Guarocuya, "Enriquillo", cacique cristão de La Española (República Dominicana), primeiro a se rebelar em defesa de seus irmãos.
1785: A Rainha Maria I proíbe toda indústria brasileira, exceto a de roupas para os escravos.

6 Sábado

1Jo 5,5-13 / Sal 147
Santos Reis Mc 1,7-11

1848: Os guaranis são declarados cidadãos paraguaios por decreto de Carlos A. López.
1915: Reforma agrária no México, fruto da revolução, primeira divisão de latifúndios na AL.
1927: Tropas dos EUA ocupam a Nicarágua para combater Sandino. Só sairão em 1933.
1982: Vitória de Roca, religiosa guatemalteca, mártir dos pobres, desaparecida.
1986: Julio González, bispo de Puno, Peru, morto num acidente suspeito.
1992: Augusto María e Augusto Conte, mártires da solidariedade e dos DDHH na Argentina.

7

Epifania
Is 60,1-6 / Sal 71
Ef 3,2-6 / Mt 2,1-12
Raimundo de Peñafort

1835: Vitória da Cabanagem, o mais notàvel movimento popular do Brasil. Rebeldes tomam Belém e assumem o governo da província.
1981: Sebastião Mearin, líder rural no Pará, Brasil, assassinado por grileiros.
1983: Felipe e Mary Barreda, militantes cristãos revolucionários, assassinados pela contra-revolução na Nicarágua.
1999: †Bartolomeu Carrasco Briseño, bispo de Oaxaca, México, conhecido pela sua opção pelos pobres e pela defesa dos índios.

8 Segunda

Batismo do Senhor
Is 42,1-4.6-7 / Sal 28
Severino At 10,34-38 / Lc 3,15-16.21-22

1454: O Papa Nicolau autoriza o rei de Portugal a escravizar qualquer nação do mundo africano, desde que a Igreja possa batizar.
1642: Morre Galileu Galilei, condenado pela Inquisição. O Vaticano o reabilitará três séculos e meio depois (dia 30/12/1992).
1850: João, um dos líderes da revolução de Queimados, Espírito Santo é enforcado.
1912: Fundação do Congresso Nacional Africano.
1982: Domingo Cahuec Sic, índio achi, catequista lavrador, Rabinal, Baja Verapaz, Guatemala.

9 Terça

Hb 2,5-12 / Sal 8
Eulógio e Basília Mc 1,21-28

1662: Lisboa ordena a extinção dos índios Janduim no Brasil (Estados CE, RN e PB).
1858: Primeira greve conhecida no Brasil, dos tipógrafos, pioneiros da luta operária.
1959: Nasce Rigoberta Menchú, em Chimel, Departamento de El Quiché, Guatemala.

10 Quarta

Hb 2,14-18 / Sal 104
Aldo Mc 1,29-39

1911: Greve de 5 meses dos sapateiros de São Paulo pela jornada de 8 horas.
1920: É criada a Liga das Nações, depois dos massacres da Primeira Guerra Mundial.
1978: Pedro Joaquim Chamorro, jornalista, lutador pelas liberdades públicas contra a ditadura somosista, na Nicarágua.
1982: Dora Azmitía, "Menchy", professora de 23 anos, mártir da juventude estudantil, na Guatemala.
1985: Ernesto Fernández Espino, pastor luterano, mártir dos refugiados salvadorenhos.

11 Quinta

Hb 3,7-14 / Sal 94
Mc 1,40-45

Higino, Martinho de León
Idd Inneyer, ano novo amazig (2956).
1839: Nascimento de Eugenio María de Hostos, lutador pela Independência de Porto Rico.

Minguante: 07h44m em Libra

12 Sexta

Hb 4,1-5.11 / Sal 77
Mc 2,1-12

Bento, Tatiana
1694: 6.500 homens invadem o Quilombo de Palmares, que resistirá até o dia 6 de fevereiro.
1948: A Corte Suprema dos EUA proclama a igualdade de brancos e de negros na escola.

13 Sábado

Hb 4,12-16 / Sal 18
Mc 2,13-17

Hilário, *Jorge Fox*
1825: É fuzilado Frei Caneca, revolucionário republicano, da Confederação de Equador.
1879: Roca inicia a campanha do Deserto na Patagônia, Argentina.
2001: Terremoto de 7.9 graus Richter, em El Salvador, 5.400 mortos e 500 mil vítimas.

14

2º Domingo do tempo comum
Is 62,1-5 / Sal 95
1Cor 12,4-11 / Jo 2,1-11

Fulgêncio
1988: Miguel Angel Pavón, diretor da Comissão dos DDHH e Moisés Landaverde, Honduras.
1997: Marcha de 700.000 sul-coreanos nas greves contra a manipulação dos direitos sociais.

15 Segunda

Hb 5,1-10 / Sal 109
Efísio Mc 2,18-22
1929: Nasce Martin Luther King, Atlanta, Georgia, EUA.
1970: Leonel Rugama, na luta revolucionária contra a ditadura de Somoza, Nicarágua.
1976: O governo da Bahia, Brasil, suprime a exigência de registro policial para os candomblés.
1981: Estela Pajuelo Grimani, lavradora, 55 anos, 11 filhos, mártir da solidariedade, Peru.
1982: A lei constitucional do Canadá inclui os direitos dos índios.
1988: Sarney lança o Plano Verão: Cruzado Novo.
1990: É liberada a cotização do real brasileiro e aí vem a queda.

16 Terça

Hb 6,10-20 / Sal 110
Marcelo Mc 2,23-28
1992: Assinados os Acordos de Paz em El Salvador.

17 Quarta

Hb 7,1-3.15-17 / Sal 109
Antão Abade Mc 3,1-6
1961: É assassinado no Congo Lumumba, herói da independência da África.
1981: Sílvia Maribel Arriola, enfermeira, 1ª religiosa mártir acompanhando a seu povo salvadorenho.
1981: Ana María Castillo, militante cristã, mártir da justiça em El Salvador.
1988: Jaime Restrepo López, padre, mártir da causa dos pobres, Colômbia.
1991: Começa a Guerra do Golfo Pérsico.
1994: Terremoto em Los Angeles, EUA.
1996: † Juan Luis Segundo, teólogo da libertação, Uruguai.

18 Quinta

Hb 7,25-8,6 / Sal 39
Mc 3,7-12

Beatriz, Prisca
Confissão de São Pedro
1535: Fundação da Cidade dos Reis (Lima), Peru.
1867: Nasce Rubén Dario em Metapa, Nicarágua.
1978: Germán Cortés, militante cristão e político, mártir da causa da justiça no Chile.
1981: José Eduardo, líder sindical do Acre, Brasil, assassinado por um grileiro.
1982: Sérgio Bertén, religioso belga, e companheiros, mártires da solidariedade, Guatemala.

Nova: 23h01m em Capricórnio

19 Sexta

Hb 8,6-13 / Sal 84
Mc 3,13-19

Mário, Marta
Henrique, bispo de Upsala
1897: Batalha de Tabuleirinho: os sertanejos contêm o exército a 3 km de Canudos, Brasil.

20 Sábado

Hb 9,2-3.11-14 / Sal 46
Mc 3,20-21

Fabiano e Sebastião
1973: Amílcar Cabral, anticolonialista da Guiné Bissau, morto pela polícia portuguesa.
1979: Octavio Ortiz, padre, quatro estudantes e catequistas, mártires em El Salvador.
1982: Carlos Morales, padre dominicano, mártir entre os lavradores indígenas na Guatemala.

21

3º Domingo do tempo comum
Nh 8,2-4a.5-6.8-10 / Sal 18
1Cor 12,12-30 / Lc 1,1-4;4,14-21

Inês
Dia do Sacrifício no Islã (Eid-al-Adha).
1972: Geraldo Valencia Cano, bispo de Buenaventura, Colômbia, profeta e mártir da libertação dos pobres.
1974: Massacre de camponeses, Alto Valle, Bolívia.
1980: Maria Ercilia e Ana Corália Martínez, estudantes, socorristas da Cruz Vermelha e catequistas, mártires em El Salvador.
1984: É fundado em Cascavel, PR, Brasil, o MST, Movimento dos trabalhadores Rurais sem Terra.
2000: Levante indígena e popular no Equador.

22 Segunda

Hb 9,15.24-28 / Sal 97

Vicente — Mc 3,22-30

1565: "Tata" Vasco de Quiroga, bispo de Michoacán, México, precursor das reduções indígenas.

1982: Massacre de lavradores em Pueblo Nuevo, Colômbia.

2006: Evo Morales, indígena aymara, assume a Presidência da Bolívia.

23 Terça

Hb 10,1-10 / Sal 39

Ildefonso — Mc 3,31-35

1914: Revolta de Juazeiro, Brasil. Vitória dos sertanejos, comandados pelo Pe. Cícero.

1958: Queda do último ditador da Venezuela, general Márcos Pérez Jiménez.

1983: Segundo Francisco Guamán, indígena quéchua, mártir da luta pela terra no Equador.

24 Quarta

Hb 10,11-18 / Sal 109

Francisco de Sales — Mc 4,1-20

1835: Os negros malês organizam em Salvador, Bahia, a maior revolução urbana do Brasil.

1977: Primeiro Congresso Indígena da América Central. **30 anos.**

25 Quinta

At 22,3-16 / Sal 116
Conversão de Paulo — Mc 16,15-18
Jornada pela Unidade dos cristãos
1524: Saem da Espanha "os doze apóstolos do México", franciscanos.
1554: Fundação da cidade de São Paulo.
1934: Nasce a Universidade de São Paulo (Estatal).
1984: Campanha 'Diretas já', 300 mil pessoas, Brasil.

Crescente: 23h01m em Touro

26 Sexta

2Tm 1,1-8 / Sal 36
Timóteo, Tito e Silas — Mc 4,26-34
1500: Vicente Pinzón desembarca no Nordeste brasileiro, antes de Pedro Álvares Cabral.
1813: Nasce Juan Pablo Duarte, herói nacional, precursor da independência, Rep. Dominicana.
1914: José Gabriel, "Cura Brochero", padre e profeta entre os camponeses da Argentina.
2001: Terremoto na índia com 50 mil vítimas.

27 Sábado

Hb 11,1-2.8-10 / Int.: Lc 1
Ângela de Mérice — Mc 4,35-41
Lídia
1554: Pablo de Torres, bispo do Panamá, primeiro exilado da América Latina por defender o índio.
1977: Miguel Angel Nicolau, sacerdote salesiano, mártir da solidariedade e da entrega à juventude argentina, desaparecido. **30 anos.**

28

4º Domingo do tempo comum
Jr 1,4-5.17-19 / Sal 70
1Cor 12,31-13,13 / Lc 4,21-30
Tomás de Aquino
1853: Nasce José Martí em La Habana.
1979: Abertura da Conferência de Puebla.

DEMOCRACIA ECOLÓGICO-SOCIAL

LEONARDO BOFF
Da Comissão da Carta da Terra, Brasil

A democracia é um ideal e uma realidade. Um ideal com as características da utopia e, por isso, sempre aberta para cima e para frente e, no termo, inalcansável. É uma realidade naquelas sociedades que tentam concretizar o ideal nas condições histórico-sociais-ecológicas possíveis e, por isso, sempre limitada. Entre o ideal e a realidade se dá o processo de construção permanente da democracia, na medida em que se amplia a cidadania e o empoderamento dos cidadãos. Quanto mais esses dois valores forem potenciados, mais e mais haverá democracia e se garantirá sua sustentabilidade.

1. Novo ideal democrático

O pressuposto básico de toda democracia é esse: o que interessa a todos deve poder ser decidido por todos, seja diretamente, seja por representantes. Como se depreende, democracia não convive com a exclusão. Na maioria dos paises latino-americanos onde existem grandes maiorias marginalizadas e excluídas -no Brasil são 50 milhões-, a democracia apresenta traços de irrealidade. Não obstante, propugna-se por democracia enriquecida, especialmente nos movimentos sociais de base, proclamando o ideal: *uma sociedade na qual todos possam caber, a natureza incluída*. Portanto, pretende-se uma democracia mais que delegatícia e representativa, mas uma democracia inclusiva, como valor universal, participativa e ecológico-social.

Esse último aspecto, o ecológico-social, merece ser aprofundado, pois representa um ponto de enriquecimento em nossa compreensão habitual da democracia. Ele nos obriga a superar um limite interno ao discurso clássico da democracia: o fato de ser ainda antropocêntrica, centrada apenas nos seres humanos, como cidadãos.

O antropocentrismo é um equívoco, pois o ser humano não é um centro exclusivo, como se todos os demais seres somente ganhassem sentido enquanto ordenados a ele. Ele é um elo, entre outros, da corrente da vida. Todos os seres vivos são parentes entre si, primos e primas e irmãos e irmãs pois todos possuem o mesmo código genético de base: as quatro bases fosfatadas e os 20 aminiácidos.

Sem as relações com a biosfera, com o meio-ambiente e com as precondições físico-químicas o ser humano não existe nem subsiste. Elementos tão importantes devem ser incluídos em nossa compreensão de democracia contemporânea na era da conscientização ecológica e planetária. Segundo ela, natureza e ser humano estão indossoluvelmente unidos de sorte que possuem um mesmo destino comum.

2. Democracia e cosmologia contemporânea

A perspectiva ecológico-social tem, ademais, o condão de inserir a democracia na lógica geral das coisas. Sabemos hoje pelas ciências da Terra que a lei básica que continua atuando na constituição do universo e de todos os eco-sistemas é a sinergia, a simbiose e a relação de todos com todos em todos os momentos e circunstâncias. Mesmo a sobrevivência do mais forte pela seleção natural de Darwin, em parte válida no reino dos vivos, inscreve-se dentro desta lei universal. Por ela se garante a diversidade e se inclui também o mais fraco que no jogo das inter-retro-relações tem chances de sobreviver.

A singulariedade do ser humano, dizem renomados antropólogos, como os chilenos Maturana e Varela, consiste no fato de comparecer como ser de socialidade, de cooperação e de convivialidade.Tal singularidade aparece melhor quando o comparamos com os símios superiores dos quais nos diferenciamos em apenas 1,6% da carga genética. Estes também possuem vida societária. Mas se orientam pela lógica da dominação e da hierarquização.

Ao surgir o ser humano, há alguns milhões de anos, ao invés da competitividade e da subjugação entra a funcionar a cooperação. Concretamente, nossos ancestrais humanóides saíam para caçar, traziam os alimentos, e os repartiam socialmente entre eles. Esse 1,6% de ácidos nucléicos e de bases fosfatadas que nos diferencia, funda o humano enquanto humano, como ser de cooperação.

Ora, a democracia é o valor e o regime de convivência que melhor se adapta à natureza humana cooperativa e societária. Aquilo que vem inscrito em sua natureza é transformado em projeto político-social consciente, fundamento da democracia: a cooperação e a solidariedade sem restrições. Realizar a democracia, da melhor forma que pudermos, significa avançar mais e mais para o reino do especificamente humano. Significa re-ligar-se também mais profundamente com o todo e com a Terra que são sustentadas também pelo princípio da cooperação.

3. Novos cidadãos: os seres da natureza

Cosmólogos vêm afirmando com insistência que há de se entender a vida como um momento da história evolutiva do universo, quando a matéria, colocada longe de

seu equilíbrio, se complexifica e se auto-organiza. A vida humana é um capítulo da história da vida. Como humanos, consoante o mito antigo do cuidado, viemos do húmus (humus=homo); por isso somos fundamentalmente Terra que em seu evoluir chega ao momento de sentir, de pensar, de amar e de venerar. Não vivemos apenas sobre a Terra. Somos filhos e filhas da Terra. Melhor, somos a própria Terra que sente, pensa, ama e venera. Em razão disso, notáveis astrofísicos e biólogos como Lovelock, Mergullis, Sathouri, Swimme e Berry entre outros, sustentam que a Terra é um super-organismo vivo. Mostra tal equilíbrio em todos os seus elementos físico-químicos que somente um ser vivo pode revelar. Chamam-na de Gaia, nome mitológico dos gregos para sinalizar a Terra como vivente, ou como Magna Mater e Pacha Mama de nossos indégenas latino-americanos.

Se assim é, então a Terra é portadora de subjetividade, de direitos e de relativa autonomia, tanto ela, quanto os eco-sistemas que a compõem. Há a *dignitas Terrae*, a dignidade da Terra que reclama respeito e veneração.

Impõe-se ampliação da personalidade jurídica à Terra, às aguas e às florestas. Bem disse o pensador das ciências francês Michel Serres: «A Declaração dos Direitos do Homem teve o mérito de dizer "todos os homens têm direitos" e o defeito de pensar "só" os homens têm direitos». Os indígenas, os escravos e as mulheres tiverem que lutar para serem incluídos em «todos os homens». E hoje esta luta inclui a Terra e a inteira natureza com seus subsistemas, também sujeitos de direitos e, por isso, novos membros da sociedade ampliada.

Criamos uma máquina de morte, capaz de destruir a espécie humana e grande parte da vida da Terra-Gaia. Por isso, não podemos mais excluí-la do novo pacto social planetário, base da sociedade mundial que queremos democrática. Hobbes, Locke, Rousseau e Kant partiam do pressuposto de que o futuro da Terra estava garantido pelas forças diretivas do universo. Hoje não é mais assim. Devastada Gaia, não há mais base para nenhum tipo de cidadania e de democracia. Se quisermos sobreviver juntos, a democracia tem de ser também biocracia e cosmocracia, numa palavra: democracia ecológico-social que assume a preservação da Terra, incluindo-a no pacto social.

Foi em razão desta consciência que governos atentos ao cuidado ecológico (como o Governo do Estado do Acre no Brasil), criaram a expressão *florestania*. Por ela se quer sinalizar uma nova forma de relação do cidadão, habitante da floresta. Convive com a floresta, como um novo cidadão, vive de sua biodiversidade, sem agredi-la ou extenuar sua riqueza. Da mesma forma, o movimento da agroecologia está desenvolvendo semelhante compreensão da florestania. Aí se trata de uma nova relação interativa do homem com a natureza na qual ambos se vêem incluídos e respeitados. Poder-se-ia falar então de ecoagriculturania.

Uma cidade não vive apenas de cidadãos, instituições e serviços sociais. Nela, vivem também paisagens, árvores, pássaros, animais, montanhas, pedras, águas, rios, lagos, mares, atmosfera, ar, estrelas no firmamento, o sol e a lua. Sem tais realidades morreríamos de solidão,como diz o sábio indígena Seattle em 1854. São os novos cidadãos com os quais devemos aprender a conviver em harmonia. Faz-se mister uma educação ecológica para que os humanos aprendam a acolher todos os seres como con-cidadãos, no respeito, na justa relação e na irmandade universal. Eis o surgir da democracia ecológico-social, enriquecimento necessário da democracia clássica em tempos de nova consciência ecológica e de responsabilidade pelo futuro comum da Terra e da Humanidade.

O número de espécies animais e plantas em perigo de extinção, em 2006, é já de 16.119, «um de cada três anfíbios, e uma quarta parte das árvores coníferas do mundo, a mais de uma de cada oito aves e um de cada quatro mamíferos».

O crescimento da concentração de CO2 pode ser mais destrutivo que a deflorestação. As zonas mais afetadas serão a região do Cabo (Suráfrica), as bacias do Caribe e do Mediterráneo e os Andes tropicais, que perderão 3.000 espécies de plantas. No Caribe, Indochina-Birmânia e os Andes tropicais desaparecerão 200 espécies de vertebrados.

O urso polar, *Ursus maritimus*, será uma das vítimas mais notórias do aquecimento planetário, dado que o fenômeno «sente-se sempre mais nas regiões polares, onde o gelo marino do verão se verá reduzido entre 50 e 100% nos próximos 50 - 100 anos». A população dos ursos polares diminuirá 30% nos próximos 45 anos.

56% das 252 espécies de peixes do Mediterrâneo e o 28% das da África do Leste estão em perigo de extinção. «As espécies marinhas estão tão expostas à extinção como seus parceiros terrestres».

O incremento de CO2 (em menos de um século duplicará) e o correspondente aquecimento planetário fará desaparecer 56.000 plantas e 3.700 vertebrados: 40% nas zonas mais ameaçadas do Planeta.

(Dados da UMCN, União Mundial para a Conservação da Natureza, que agrupa 81 Estados). ❑

2007

Janeiro

S	T	Q	Q	Q	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
			1
5	6	7	8
12	13	14	15
19	20	21	22
26	27	28	

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Março

Sexta	Sábado	Domingo
2	3	4
9	10	11
16	17	18
23	24	25

FEVEREIRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

29 Segunda

Hb 11,32 -40 / Sal 30
Valero Mc 5,1-20

1895: José Martí começa a guerra pela independência de Cuba.
1985: I Congresso Nacional do MST, Brasil.
1999: O dólar chega a 2,15 reais: momento crítico da queda da moeda brasileira.
2001: Pinochet é processado como autor dos crimes da "Caravana da morte"

30 Terça

Hb 12,1-4 / Sal 21
Martinha Mc 5,21-43

1629: Antônio Raposo, bandeirante, destrói as missões guaranis de Guaíra, PR, Brasil e escraviza 4 mil índios.
1948: Morre assasinado Mahatma Gandhi.

Dia da Não-Violência e da paz

31 Quarta

Hb 12,4-7.11-15 / Sal 102
João Bosco Mc 6,1-6

1865: A emenda da 13º Constituição declara abolida a escravidão nos EUA.
1980: Massacre de 40 indígenas quichés na embaixada da Espanha em Guatemala. María Ramírez, Gaspar Viví, Vicente Menchú e companheiros.

1 Quinta

Hb 12,18-19.21-24 / Sal 47
Mc 6,7-13

Cecílio, Veridiana

1870: Jonathan Jasper Wright é eleito para a Corte Suprema do Estado, sendo o primeiro negro a conseguir esse posto no Judiciário dos EUA.
1932: Agustín Farabundo Martí é fuzilado, no cemitério geral de San Salvador, às vésperas da grande revolta camponesa.
1977: Daniel Esquivel, operário, membro da Pastoral de Imigrantes Paraguaios na Argentina, mártir.

2 Sexta

Mal 3,1-4 / Sal 23
Hb 2,14-18 / Lc 2, 22-40

Apresentação do Senhor

1976: José Tedeschi, padre e operário, mártir dos imigrantes da Argentina, seqüestrado e morto.
1989: Alfredo Stroessner, ditador do Paraguai, é derrubado por um golpe de Estado sem sangue.
1991: Expedito Ribeiro Souza, do Sindicato de Trabalhadores Rurais, Rio Maria, PA, assassinado.

Cheia: 01h45m em Leão.

3 Sábado

Hb 13,15-17.20-21 / Sal 22
Mc 6,30-34

Brás e Oscar

Ansgar de Hamburgo

1795: Nasce Antônio José de Sucre.
1929: Nasce Camilo Torres.

4

5º Domingo do tempo comum
Is 6,1-2a.3-8 / Sal 137
1Cor 15,1-11 / Lc 5,1-11

André Corsino

1794: Libertação dos escravos no Haiti. Primeira lei abolicionista da América Latina.
1927: A coluna Prestes se refugia na Bolívia
1979: Benjamin Didincué, líder indígena mártir pela defesa da terra na Colômbia.
1979: Massacre de Cromotex, Lima (Peru): 6 operários mortos e dezenas de feridos.
1981: Massacre de Chimaltenango (Guatemala): 68 lavradores mortos.
1992: Tentativa de golpe de Estado na Venezuela.

5 Segunda

Gn 1,1-19 / Sal 103
Águeda Mc 6,53-56

1977: A Guarda Somozista destrói a comunidade contemplativa de Solentiname, comprometida com a revolução da Nicarágua. **30 años.**

1988: Francisco Domingos Ramos, líder sindical em Pancas, Brasil, assassinado a mando dos fazendeiros.

6 Terça

Gn 1,20-2,4a / Sal 8
Paulo Miki Mc 7,1-13

1694: Zumbi e os seus, cercados em Palmares, já sem pólvora, fogem para a selva.

1916: Morre Rubem Darío, nicaragüense, príncipe das letras castelhanas.

1992: Morre Sérgio Méndez Arceo, bispo de Cuernavaca, México, Patriarca da Solidariedade.

1997: O Congresso equatoriano, com 95% dos votos, destitui o presidente Abdala Bucaram, no segundo dia de uma greve geral.**10 anos.**

7 Quarta

Gn 2,4b-9.15-17 / Sal 103
Ricardo Mc 7,14-23

1756: Massacre de Sepé Tiarajú (São Sepé) e 1.500 índios da República Cristã dos Guaranis, Caiobaté, São Gabriel, RS, pelos exércitos da Espanha e de Portugal.

1974: Independência de Granada. Festa nacional.

1986: Jean Claude Duvalier abandona o Haiti, depois de 29 anos de ditadura familiar.

1990: Raynal Sáenz, padre, Peru.

8 Quinta

Gn 2,18-25 / Sal 127
Jerônimo Emiliani — Mc 7,24-30
1712: Revolta dos escravos em Nova Iorque, EUA.
1812: Grande repressão contra os habitantes dos quilombos de Rosário, Brasil.

9 Sexta

Gn 3,1-8 / Sal 31
Miguel Febres Cordero — Mc 7,31-37
Ano Novo Chino (Yüan Tan).
1977: Agustín Goiburu, médico, Paraguai. **30 anos.**
1985: Felipe Balam Tomás, religioso missionário, servidor dos pobres, mártir na Guatemala.

10 Sábado

Gn 3,9-24 / Sal 89
Escolástica — Mc 8,1-10
Ano Novo Muçulmano (1426 Hijrah).
1986: Alberto Koenigsknecht, bispo de Juli, Peru, morto em acidente suspeito, depois de ter sido ameaçado de morte devido à sua opção pelos pobres.

Minguante: 04 h51m em Escorpião

11

6º Domingo do tempo comum
Jr 17,5-8 / Sal 1
1Cor 15,12.16-20 / Lc 6,17.20-26
N. Sra. de Lourdes
1990: Nelson Mandela, expoente máximo da resistência negra internacional contra o apartheid, é libertado depois de 27 anos de prisão.
1998: As comunidades negras do Médio Atrato (Colômbia) conseguem do governo um título coletivo de 695 mil hectares de terra.

Dia mundial do enfermo

12 Segunda

Gn 4,1-15.25 / Sal 49
Eulália Mc 8,11-13

1541: Pedro de Valdívia funda Santiago do Chile.
1542: Orellana chega ao Amazonas.
1545: Os conquistadores chegam às minas de prata de Potosi; nelas morrerão 8 milhões de índios.
1809: Nascimento de Abraham Lincoln.
1817: Vitória de San Martín em Chacabuco.
1818: Independência do Chile.
1894: O exército nicaragüense ocupa Bluefields e anexa o território da Mosquitia.
2005: Dorothy Stang, mártir da terra e da luta ecológica, assassinada em Anapu, PA.

13 Terça

Gn 6,5-8;7,1-5.10 / Sal 28
Benigno Mc 8,14-21

Ano Novo Tibetano.
1976: Francisco Soares, sacerdote, mártir da justiça entre os pobres da Argentina.
1982: Santiago Miller, irmão de La Salle, norte-americano, mártir da educação libertadora na Igreja indígena guatemalteca.

14 Quarta

Gn 8,6-13.20-22 / Sal 115
Valentim, Cirilo e Metódio Mc 8,22-26

1992: Rick Julio Medrano, religioso, mártir da Igreja perseguida de Guatemala.

Dia da amizade

15 Quinta

Gn 9,1-13 / Sal 101
Mc 8,27-33

Cláudio

1600: José de Acosta, missionário, historiador e defensor da cultura indígena, Peru.
1966: Camilo Torres, padre, mártir das lutas de libertação do povo, Colômbia.
1981: Juan Alonso Hernández, padre, mártir do povo da Guatemala.
1992: María Elena Moyano, líder popular, mártir da paz e da justiça em Villa El Salvador, Peru.
2003: Primeira manifestação social mundial: 15milhões de pessoas em 600 cidades, contra a guerra dos EUA contra o Iraque.

16 Sexta

Gn 11,1-9 / Sal 32
Mc 8,34-9,1

Juliana, Onésimo

1981: Albino Amarilla, líder lavrador e catequista, mor-to pelo exército, mártir do povo paraguaio.
1985: Alí Primera, poeta e cantor da justiça para o povo latino-americano, Venezuela.
1986: Maurício Demierre, colaborador suíço e companheiras camponesas, assassinados pela contra-revolução na Nicarágua.

17 Sábado

Hb 11,1-7 / Sal 144
Mc 9,2-13

Fundadores Servitas

1997: 1.300 militantes do MST partem de São Paulo rumo a Brasília pela reforma agrária.
1997: Morre Darcy Ribeiro, escritor militante, antropólogo brasileiro, senador.

Nova: 11h14m em Aquário.

18

7º Domingo do tempo comum
1Sm 26,2.7-9.12-13.22-23 / Sal 102
1Cor 15,45-49 / Lc 6,27-38

Simeão

1519: Hernán Cortés parte de Cuba para a conquista do México.
1546: Morre Martinho Lutero, na Alemanha.
1853: Félix Varela, lutador pela causa da independência cubana.
1984: Edgar Fernando García, ativista social, capturado ilegalmente e desaparecido na Guatemala.

19 Segunda

Sir 1,1-10 / Sal 92
Álvaro e Conrado Mc 9,14-29

1590: Bernardino de Sahagún, missionário no México, protetor da cultura de nossos povos.
1990: Os estudantes ocupam a Universidade do Estado de Tennessee, EUA, tradicionalmente afroamericana, exigindo igualdade.

20 Terça

Sir 2,1-13 / Sal 36
Eleutério Mc 9,30-37
Rasmus Jensen

1524: "No dia 1º Ganel, os quichés foram destruídos pelos homens de Castela", testemunha o Memorial de Sololá.
1974: Domingo Lain, padre mártir das lutas de libertação, Colômbia.
1978: O decreto 1142, na Colômbia, ordena respeitar a língua e a cultura dos índios.

21 Quarta

Cinzas / Jl 2,12-18 / Sal 50
Pedro Damião 2Cor 5,20-6,2 / Mt 6,1-6.16-18

1934: Somoza assassina à traição o líder popular nicaragüense Augusto C. Sandino.
1965: Malcom X, líder liberacionista afro-americano, é morto nos EUA.
1985: Camponeses são crucificados em Xeatzan, no meio da Paixão sofrida pela Guatemala.

22 Quinta

1Pe 5,1-4 / Sal 22
Mt 16,13-19

Cátedra de São Pedro
1910: Intervenção dos marines na Nicarágua.
1979: Independência de Santa Lúcia. Festa nacional.
1990: Lavradores mártires de Iquicha, Peru.

23 Sexta

Is 58,1-9a / Sal 50
Mc 9,14-15

Bartolomeu, Policarpo
Ziegenbalg
1970: Independência da Guiana.

24 Sábado

Is 58,9b-14 / Sal 85
Lc 5,27-32

Sérgio
Matias Apóstolo
1821: Plano de Iguala. Proclamação da Independência do México.
1920: Nancy Astor, primeira mulher eleita parlamentar, discursa em Londres.

Crescente: 02 h56m em Gêmeos.

25

Domingo 1º de Quaresma
Dt 26,4-10 / Sal 90
Rm 10,8-13 / Lc 4,1-13

Justo e Valero, Isabel Fedde
Isabel Fedde
Dia Nacional da Dignidade das vítimas do conflito armado, Guatemala.
1778: Nasce José de San Martín
1980: Golpe militar no Suriname.
1982: Tucapel Jiménez, 60 anos, mártir das lutas dos sindicalistas chilenos.
1985: Guillermo Céspedes, militante cristão e revolucionário, mártir da luta do povo colombiano.
1987: É assassinado o índio toba Caincoñen, por defender sua terra, em Formosa, Argentina.
1990: Derrota eleitoral da FSLN, na Nicarágua.

JUVENTUDE E CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA

MIRE
Movimiento «Mística e Revolução»
São Paulo, SP, Brasil

É cada vez mais difícil a inserção dos jovens no mundo do trabalho comandado pelo capital. O acesso à educação básica aumenta em quantidade, porém decai em qualidade; os jovens no campo muitas vezes se vêem fadados a seguir a vida dos seus pais e avós, subjugados a exploração de um latifundiário; ou por outro lado estes mesmos jovens seguem as correntes migratórias em direção aos grandes centros urbanos atraídos e seduzidos pelo fetiche do consumo e da "diversão", que se encontram nesses lugares e da ilusória condição de mobilidade social. É possível dizer que é cada vez menor a realização substantiva de seus direitos sociais, como meio de se autoconstruir e assim de fato atuar na perspectiva da construção democrática. Diante deste quadro, muitos jovens das periferias de países da América Latina tragicamente têm como "primeiro emprego" funções na dinâmica do crime organizado, no narcotráfico. Outros engrossam as fileiras dos trabalhadores sazonais nos campos em canaviais, em minas de carvão, nos cortes de sisal, a maioria das vezes de forma precária e informal, ou seja, tendo negados seus direitos como trabalhadores. Essa é a luta diária da maioria da juventude de Nossa América, uma luta pela sobrevivência. Decorre daí que os jovens são assolados por uma grande apatia política, uma anestesia diante da situação dramática vivida no Continente. Antes de serem desafiados a construir um país democrático, são desafiados a conseguir condições materiais de vida. Nesse sentido pode-se afirmar o quanto a democracia é frágil e ainda profundamente restrita aos marcos da formalidade, e por outro lado limitada como condição de uma cidadania substantiva e legítima para as maiorias.

Disso decorre uma grande dificuldade do jovem se ver como sujeito histórico, capaz de transformar a realidade e com isso participar efetivamente da construção democrática. A democracia não é um discurso a ser decorado, mas sim algo a ser construído a partir de práticas sociais que devem se enraizar no tecido social. Como bem diz o companheiro argentino Atílio Boron "não se pode reduzir a democracia a um sistema de regras do jogo que faz abstração de seus conteúdos éticos e da natureza profunda dos antagonismos sociais – e que só coloca o problema da governabilidade e da eficácia administrativa".

Os processos educativos formais e não-formais, empobrecidos de forma e conteúdo democrático, marcam uma dificuldade no que diz respeito ao avanço da construção democrática. Os jovens são educados e formados por aspirações individuais, que dizem respeito a sucesso pessoal no emprego, no estudo. Há em nossa subjetividade uma idéia forte de concorrência, e não de socialização e partilha. Essa é uma marca que o neoliberalismo procura imprimir em cada pessoa para que possa garantir a lógica de reprodução do capital, e dessa forma legitimar-se na vida particular de cada pessoa, abarcando múltiplas dimensões subjetivas e objetivas dos sujeitos. A individualização e a concorrência são "idéias-força" para construção e manutenção do sistema de exploração do homem pelo homem. Por isso são necessários novos processos educativos que incentivem o coletivismo e a autonomia indispensáveis para que se construam novas subjetividades encarnadas com princípios novos, como a justiça e a solidariedade, base na qual será enraizado o compromisso ético de inaugurar uma outra sociedade, na qual recriaremos os processos de socialização, estimulando assim relações sociais que não se baseiem na exploração do homem pelo homem, mas que abram caminho em busca da comum-unidade.

A mercantilização da educação formal também dificulta muito o envolvimento dos jovens em sua realidade de forma crítica e participativa. Por esse processo consumimos a educação como outra mercadoria qualquer, e somos subjugados à própria condição de mercadoria. Forma-se assim um pacote sócio-cultural e ideológico que imprime nos educandos a lógica do capital. Educação mercantilizada não cria processos formativos em que os educandos são também educadores, e por isso não abre espaço para que os educandos-educadores formem-se como sujeitos enraizados nas questões de sua cultura, de sua comunidade, de sua diversidade. Desafia-nos então, a urgência de darmos voz às manifestações engendradas nas culturas dos países de Nossa América, e garantirmos visibilidade e organização aos processos que nos singularizam, pois eles nos fortalecem, opondo toda resistência aos princípios homogeneizantes do neoliberalismo.

Essas são dimensões da luta pela construção democrática e por isso, questões que nos afetam a todos, as juventudes latino-americanas, e diretamente ligadas à nossa soberania econômica, política e cultural.

Tentamos fazer um breve recorte da realidade na intenção de percebermos algumas das limitações que existem para a construção de uma sociedade verdadei-

ramente democrática. Limitações que nos interpelam como desafios a serem pensados e transformados, para que consigamos avançar na perspectiva de consolidar a Democracia, entendida em três aspectos básicos, a partir da formulação da companheira chilena-cubana Martha Harnecker: o aspecto substancial, cujo propósito fundamental é à procura de soluções para os problemas mais sentidos pela população – pão, terra, trabalho, educação, habitação, conquistas que permitem avançar para uma sociedade mais igualitária; aspecto representativo, que se refere fundamentalmente ao regime político e põe a tônica na liberdade para eleger governantes e nos direitos civis de todo cidadão; e o aspecto participativo, que torna a organização e a mobilização do povo os alicerces fundamentais dos governos. Essas três dimensões unidas e fortalecidas pela ação popular na construção da democracia que desejamos e necessitamos, podem orientar o processo democrático para aquelas que são suas principais vocações como regime político das maiorias.

Afinal, para onde estamos indo?

É necessário que coloquemos aqui, mesmo falando de uma construção que revelará sua face inédita a cada conquista, que está acontecendo um conjunto de lutas protagonizadas por jovens, organizados ou não em movimentos. Jovens que procuram agir de formas diferentes daquelas que a lógica da competição e do individualismo capitalista quer disseminar e naturalizar em nossas sociedades. Buscam ressignificar as relações interpessoais, amalgamando no âmbito da intimidade novas formas de interação, participação e reconhecimento. Experimentam novas formas de organização, onde os espaços de exercício do poder são ocupados coletivamente segundo critérios éticos, comunitários e de serviço ao conjunto da população. Essas novas experiências assumem um caráter pedagógico, uma vez que os espaços de poder são ocupados de forma coletiva, crítica e consciente, qualificando e tornando real o exercício de mandatos representativos da vontade da maioria, que participa ativamente dos rumos que o representante vai assumir. Isso vem sendo vivido por alguns movimentos sociais e culturais protagonizados por jovens. Nestes, valores como a solidariedade, a partilha e a cooperação, são indispensáveis para a produção dessas novas formas de sociabilidade.

Podemos perceber também que suas lutas hoje assumem um caráter internacionalista e ampliado à sociedade em seu conjunto. Além de imprimir o caráter e as urgências da juventude, estes movimentos estão engajando-se nas lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, entre outros, e dessa forma protagonizam novos processos de educabilidade e de socialização que fortalecem a construção democrática na sociedade. Outros movimentos buscam pela via cultural aludir as características singulares de suas nações e de nossa América, contribuindo na construção da "Pátria Grande" sonhada por Bolívar. Jovens que fortalecem os diversos movimentos sociais que se erguem em Nossa América, procurando por diversas vias, seja a questão da reforma agrária, nos cenários de resistência urbana ou em tantos outros, transformar a sociedade numa perspectiva democrática e socialista.

Poderíamos resgatar novamente a companheira chilena-cubana Martha Harnecker quando afirma que "a luta pela democracia é inseparável da luta pelo socialismo". De fato é, pois o conteúdo democrático que aqui colocamos é inconciliável com os valores individuais e competitivos que o capitalismo necessita para se legitimar. O caráter formal, segundo Boron que "reduz a democracia a uma questão de método dissociado completamente dos fins, valores e interesses que animam a luta dos atores coletivos", é o que possibilita a ação dos opressores, detentores do capital e dos meios de produção (inclusive da informação), que monopolizam o exercício do poder político. É uma democracia burguesa, onde as necessidades e interesses coletivos, ou seja, dos pobres, oprimidos e esfarrapados do mundo, são suprimidos ou radicalmente reduzidos pela ação dos opressores.

Nossa luta é pela transformação desse cenário, repleto de pedras no caminho, que dificultam a sua construção. Assim, a democracia exige defensores viscerais que entendem que ela só pode se tornar palpável para todas/os, se vivermos uma nova práxis, nos três aspectos que propõe Martha Harnecker, substancial, representativo e participativo, dessa maneira, enxergamos a via democrática como um importante instrumento na construção do caminho para Revolução, superando essa situação de dominação e submissão. É preciso inaugurar uma nova democracia que a partir de sua significação literal seja atualizada e superada, e que seja anunciada e vivida como condição necessária para todo Ser Humano, na busca de construir uma comum-unidade de mulheres e homens. Devemos cultivar na organização de cada micro espaço valores e práticas que busquem uma transformação estrutural da sociedade em que vivemos, tanto material, na esfera produtiva, quanto na esfera cultural e política, ou seguindo as palavras de Rosa Luxemburgo: *mediante a democratização substantiva da escola, da família, da fabrica, da igreja, enfim do conjunto da sociedade*. É uma luta anti-sistêmica, onde esses novos e necessários valores que aqui expomos concorrerão na criação de condições para que alcancemos uma nova perspectiva de vida em sociedade – uma sociedade socialista. ❑

Texto más amplio en el archivo digital de la Agenda: http://latinoamericana.org/archivo

2007

Fevereiro

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28				

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
			1
5	6	7	8
12	13	14	15
19	20	21	22
26	27	28	29

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Abril

Sexta	Sábado	Domingo
2	3	4
9	10	11
16	17	18
23	24	25
30	31	

MARÇO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
	31

26 Segunda

Lv 19,1-2.11-18 / Sal 18
Mt 25,31-46

Paula Montal, Alejandre

1550: Antonio Valdivieso, bispo da Nicaràgua, martir na defesa do índio.

1885: As potências européias repartem entre si o continente africano, em Berlín.

1965: Jimmie Lee Jackson, ativista negro dos direitos civis, é morto a panadas pela polícia.

1992: Morre José Alberto Llaguno, bispo, apóstolo inculturado dos índios Tarahumara, México.

27 Terça

Is 55,10-11 / Sal 33
Mt 6,7-15

Gabriel da Dolorosa

1844: A República Dominicana torna-se independente do Haiti. Festa nacional.

1989: O "caracazo", revolta social em Caracas com 400 mortos e 2.000 feridos.

1998: Jesús Mª Valle Jaramillo, 4º presidente assassinado da Comissão dos DDHH, Antioquia, Colômbia.

2005: 40 dos 57 países membros do Convênio Mundial contra o tabaquismo começam a ficar juridicamente vinculados.

28 Quarta

Jn 3,1-10 / Sal 50
Lc 11,29-32

Romão

1924: Desembarque de marines em Honduras e ocupação de Tegucigalpa.

1985: Guillermo Céspedes Siabato, dos Cristãos pelo Socialismo e das CEBs, inicialmente operário e em seguida professor e poeta. Assassinado pelo exército enquanto jogava futebol.

1989: Teresita Ramírez, religiosa da Companhia de Maria, assassinada em Cristales, Colômbia.

1989: Miguel Angel Benítez, padre, Colômbia.

2004: Em 29 de fevereiro, sai Aristide do Haití diante do avanço iminente da resistência militar contra ele.

1 Quinta

Est 14,1.3-5.12-14 / Sal 137

Rosendo, Albino — Mt 7,7-12

Jorge Herbert

1739: Assinado na Jamaica, entre os cimarrões e os brancos, o tratado de paz de quinze pontos.

1959: Nascimento da CLAR, Confederação Latino-Americana de Religiosos.

2 Sexta

Ez 18,21-28 / Sal 129

Simplício — Mt 5,20-26

John e Charles Wesley

1791: Morre John Wesley na Inglaterra.

1897: Terceiro ataque contra Canudos, Brasil

1963: Goulart promulga o Estatuto dos Trabalhadores, que supõe um avanço no momento. Brasil.

3 Sábado

Dt 26,16-19 / Sal 118

Emetério, Marino — Mt 5,43-48

1982: Hipólito Cervantes Arceo, padre mexicano, mártir da solidariedade com Guatemala.

1982: Emiliano Pérez Obando, ministro da Palavra, mártir da revolução nicaragüense.

2000: Regressa ao Chile o ditador Pinochet, depois de 503 dias de retenção em Londres.

2005: A OMC condena os subsídios dos EUA para seu algodão, que perjudicam o livre comércio.

Eclipse total de lua, visível na Europa, Africa, NE de América do Norte, e E de América do Sul

Cheia: 18h17m em Virgem

4

Domingo 2º da Quaresma
Gn 15,5-12.17-18 / Sal 26
Fl 3,17 - 4,1 / Lc 9,28b-36

Casimiro

1962: Os EUA começam a operar um reator nuclear na Antártida.

1970: Antonia Martínez Lagares, mártir da luta universitária, assassinada pela polícia de Porto Rico.

1990: Nahaman Carmona, criança de rua, Guatemala, morto a pancadas pela polícia.

2004: O exército argentino reconhece pela primeira vez que realizou torturas durante a ditadura.

5 Segunda

Dn 9,4b-10 / Sal 78
Adrián Lc 6,36-38
1996: A maior ocupação do MST: 3.000 famílias, em Curionópolis, Brasil.

6 Terça

Is 1,10.16-20 / Sal 49
Olegário, Rosa de Viterbo Mt 23,1-12
1817: Revolução de Pernambuco, Brasil.
1854: Abolição da escravatura no Equador.
1996: Pascuala Rosado Cornejo, fundadora da Comunidade Autogestora de Huaycán, Peru, baleada por não ceder ao terrorismo.
2005: A Corte Suprema argentina confirma a prisão perpétua de Arancibia Clavel pelo seu assassinato do general chileno Prats, 1974, como delito de lesa humanidade, imprescriptível.

7 Quarta

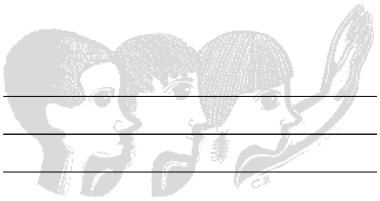
Jr 18,18-20 / Sal 30
Perpétua e Felicidade Mt 20,17-28
Tomás de Aquino
1994: Joaquin Carregal, Remígio Morel, Pedro Medina e Daniel de la Sierra, sacerdotes da diocese de Quilmes, Argentina, profetas da justiça.

8 Quinta

Jr 17,5-10 / Sal 1
Lc 16,19-31

Joã de Deus

Dia Internacional da Mulher. Estabelecido em 1910. Neste dia de 1857 trabalhadoras de Nova York foram mortas quando exigiam melhores condições de trabalho e direito ao voto.



9 Sexta

Gn 37,3-28 / Sal 104
Mt 21,33-43.54-46

Domingos Sávio
Francisca Romana

1989: 500 famílias ocupam uma fazenda e são expulsas pela polícia militar: 400 feridos, 22 presos. Brasil.

10 Sábado

Mq 7,14-15.18-20 / Sal 102
Lc 15,1-3.11-32

Caio

1928: Elías del Socorro Nieves, agostiniano, e Jesús e Dolores Sierra, leigos, assassinados na Revolução dos Cristeros, proclamando sua fé.

11

Domingo 3º da Quaresma
Ex 3,1-8a.13-15 / Sal 102
1Cor 10,1-6.10-12 / Lc 13,1-9

Constantino, Vicente, Ramiro

1797: Derrotados pelos ingleses, os garífunas de San Vicente são deportados a Honduras.
1914: Abertura do canal do Panamá.
1971: A polícia invade a Universidade de Porto Rico, com forte repressão aos estudantes.
1990: Patrício Aylwin assume a Presidência do Chile após a ditadura do Pinochet.
2004: Atentado de um grupo islâmico marroquino em Madri. 200 mortos e mais de 1.400 feridos.

12 Segunda

2Rs 5,1-15a / Sal 41
Lc 4,24-30

Inocêncio,
Gregório de Nisa

1977: Rutilio Grande, vigário, Manuel e Nelson, lavradores, mártires em El Salvador. **30 anos.**

1994: A Igreja anglicana ordena, em Bristol, Inglaterra, o primeiro grupo de 32 sacerdotisas.

2005: Argentina entrega ao Chile Paul Schaefer, ex-nazista, colaborador de Pinochet na «Colonia Dignidad», acusado de desaparições, torturas e abusos sexuais contra menores.

Minguante: 03h54m em Sagitário

13 Terça

Dn 3,25.34-43 / Sal 24
Mt 18,21-35

Rodrigo, Salomão, Eulógio

1957: José Antonio Echeverría, estudante, da Ação Católica, mártir das lutas de libertação do povo cubano contra a ditadura de Batista.

1983: Marianela García, fundadora da Comissão de DDHH, mártir da justiça em El Salvador.

1998: Maria Leite Amorim, assassinada por organizar uma ocupação dos sem terra, Manaus.

14 Quarta

Dt 4,1.5-9 / Sal 147
Mt 5,17-19

Matilde

1549: Morre o santo negro franciscano Antônio de Categeró.

1795: O líder garifuna, Joseph Satuyé, morre enfrentando os ingleses na II Guerra do Caribe.

1849: Chegam a Bluefieds (Nicarágua) os missionários moravos que evangelizaram a Mosquitia.

1997: Declaração de Curitiba: Dia internacional de Ação contra as represas, e pelos rios, a água e a vida.

15 Quinta

Jer 7,23-28 / Sal 94
Luísa de Marillac — Lc 11,14-23

1951: Morre em Viedma, Argentina, Artemides Zatti, salesiano coadjutor, o "santo enfermeiro da Patagônia", em processo de beatificação.
1961: Criada a Aliança para o Progresso.
1986: Antonio Chaj Solís, pastor, Manuel de Jesús Recinos e companheiros, militantes evangélicos, mártires da fé e do serviço, Guatemala.
1991: Ariel Granada, missionário colombiano, assassinado pelas guerrilhas em Moçambique.
1995: 30 anos de reclusão ao general Luiz Garcia Meza por seu golpe de Estado em 1980, na Bolívia. Primeiro militar golpista condenado.

16 Sexta

Os 14,2-10 / Sal 80
Raimundo de Fitero — Mc 12,28b-34

1630: Benkos Biohó, líder e herói negro na luta pela liberdade. Colômbia.
1977: Antonio Olivo e Pantaleón Romero, mártires da justiça entre os camponeses de Perugorria, Argentina.

17 Sábado

Os 6,1-6 / Sal 50
Patrício — Lc 18,9-14

1973: Alexandre Vanucchi, estudante e militante cristão, mártir, assassinado pela polícia. Brasil.
1982: Jacobus Andreas Koster, "Koos", e companheiros jornalistas, mártires pela verdade na América Latina. El Salvador. **25 anos.**
1990: María Mejía, mãe quiché, de Ação Católica, assassinada em Sacapulas, Guatemala.

18

Domingo 4º da Quaresma
Js 5,9a.10-12 / Sal 33
2Cor 5,17-21 / Lc15,1-3.11-32
Cirilo de Jerusalém

1871: Comuna de París, primeira revolução operária da história.
1907: Desembarque de marinheiros em Honduras.
1938: O presidente mexicano Lázaro Cárdenas decreta a nacionalização do petróleo.
1981: Presentación Ponce, catequista, e companheiros,mártires na revolução nicaragüense.
1989: Neftalí Liceta, sacerdote, e Amparo Escobedo, religiosa, e companheiros, mártires peruanos.

Eclipse parcial do sol, visível em Ásia, extremo oriente da Europa e Alasca.

Nova: às 21h42m em Peixes.

19 Segunda

2Sm 7,4-5a.12-14a.16 / Sal 88
Rm 4,13.16-18.22 / Mt 1,16.18-21.24a

José

1849: Revolução de Queimados, ES, Brasil. Mais de 200 negros se organizaram para proclamar a libertação dos escravos.
1915: Levante de Qhishwas e Aymaras, encabeçados por Rumi Maka, Peru.
1980: Primeiro Encontro de Pastoral Afro-americana, Boaventura, Colômbia.
1991: Felisa Urrutia, carmelita assassinada em Cauga, Venezuela. Mártir do serviço aos pobres.

20 Terça

Ez 47,1-9.12 / Sal 45
Jo 5,1-3.5-16

Serapião

1838: O governo de Sergipe proíbe os "africanos", escravos ou livres, e os portadores de doenças contagiosas de freqüentarem a escola.
1982: Golpe de Estado de Rios Montt na Guatemala.
1995: Menche Ruiz, catequista, profeta e poeta popular nas comunidades de base de El Salvador.
2003: EUA começa a invasão do Iraque, à margem da ONU, contra o direito internacional.

21 Quarta

Is 49,8-15 / Sal 144
Jo 5,17-30

Filêmon, Nicolau
Dia Forestal Mundial

1806: Nasce Benito Juárez, México.
1937: Massacre de Ponce, Porto Rico.
1975: Carlos Dormiak, salesiano, assassinado devido à sua linha libertadora, Argentina.
1977: Rodolfo Aguilar, vigário, 29 anos, mártir da libertação do povo mexicano. **30 anos**.
1987: Luz Marina Valencia, religiosa, mártir da justiça entre os camponeses do México. **20 anos**.

Dia internacional contra a discriminação racial

Equinócio. Começa a primavera no Norte e o outono no Sul, às 00h07 UTC

22 Quinta

Ex 32,7-14 / Sal 105

Bienvenido, Lea — Jo 5,31-47

1873: Abolição da escravidão em Porto Rico.
1980: Luis Espinal, padre e jornalista, mártir das lutas do povo boliviano.
1988: Rafael Hernández, líder camponês, mártir da luta pela terra entre os mexicanos.

Dia internacional da água

23 Sexta

Sb 2,1a.12-22 / Sal 33

Turíbio de Mongrovejo — Jo 7,1-2.10.25-30

1606: Turíbio de Mongrovejo, arcebispo de Lima, pastor do povo Inca, profeta da Igreja colonial.
1976: María del Carmen Maggi, professora universitária, mártir da educação libertadora, Argentina.
2003: Rachel Corrie (23), estadunidense assassinada por uma motoniveladora israelense, em Rafah, se opondo à demolição de uma casa palestina. Voluntária do International Solidarity Movement.
2005: Chile reconhece o assassinato de Carmelo Soria em 1976 pela ditadura.

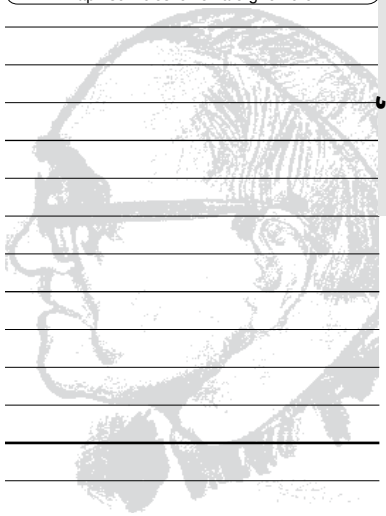
24 Sábado

Jr 11,18-20 / Sal 7

José Oriol — Jo 7,40-53

1918: As mulheres canadenses conquistam o direito de votar.
1976: Golpe de Estado de Jorge Videla contra o regime de Isabel Perón, na Argentina.
1980: È assasinado "São Romero da América", arcebispo de San Salvador, profeta e mártir.
2004: Kichner transforma a ESMA, centro de tortura da ditadura argentina, em Museu da Memória. O terrorismo do Estado militar mandou matar 4 mil cidadãos e fez desaparecer 30 mil.

Visite hoje a página de Romero e suas homilías: http://servicioskoinonia.org/romero



25

Domingo 5º da Quaresma
Is 43,16-21 / Sal 125
Fl 3,8-14 / Jo 8,1-11

1914: Os pastores anglicanos chegam ao Chaco argentino.
1986: Donato Mendoza, ministro da palavra, e companheiros, mártires da fé, Nicarágua.

Crescente: 13h16m em Câncer

26 Segunda

Anunciação
Is 7,10-14;8,10 / Sal 39
Bráulio Hb 10,4-10 / Lc1,26-38
1989: María Gómez, professora e catequista, mártir do serviço a seu povo Simiti, Colômbia.
1998: Onalício Barros e Valentim Serra, líderes do MST, executados pelos fazendeiros em Paranapebas, Pará.

27 Terça

Nm 21,4-9 / Sal 101
Ruperto Jo 8,21-30
Dia Mundial do Teatro
1502: Colombo chega a Cariari, Costa Rica.
1984: Os Txukahamãe bloqueiam um caminhão exigindo suas terras sagradas no Xingu.

28 Quarta

Dn 3,14-20.24.25.28
Sisto Int.: Dn 3,52-53 / Jo 8,31-42
1750: Francisco de Miranda nasce em Caracas.
1985. Héctor Gómez Calito, defensor de derechos humanos, torturado y asesinado en Guatemala.
1988: 14 índios ticunas assassinados e 23 feridos pelo madeireiro Oscar Castelo Branco e mais 20 pistoleiros. Reunidos em Benjamim Constant, Amazonas, esperavam a ajuda da FUNAI.

29 Quinta

Gn 17,3-9 / Sal 104
Beatriz da Silva Jo 8,51-59
Juan Nielsen Hauge
1904: Nasce Consuelo Lee Corretjer, revolucionária líder do movimento independentista, Porto Rico.
1967: Pela primeira vez, encontra-se petróleo na Amazônia equatoriana.
1985: Rafael y Eduardo Vergara Toledo, mártires da resistência contra a ditadura em Chile.

30 Sexta

Jr 20,10-13 / Sal 17
Gladys, João Clímaco Jo 10,31-42
1492: Decreto dos Reis Católicos que expulsa da España aos judeos.
1870: Os homens afro-americanos ganhan o direito de votar nos EUA: ratificação da 15ª emenda.
1985: José Manuel Parada, sociólogo, Santiago Natino, estudiante y Manuel Guerrero, líder sindical, Santiago de Chile.

31 Sábado

Ez 37,21-28
Benjamim, Int.: Jr 31,10-13 / Jo11,45-57
Amós, John Donne
1767: Expulsão dos jesuítas da América Latina.
1866: Explode a guerra entre a Espanha, por um lado, e o Chile, a Bolívia e o Peru, pelo outro.
1987: Roseli Correia da Silva, camponesa, em Natalino, Brasil.

1

Domingo de Ramos
Is 50,4-7 / Sal 21
Fl 2,6-11 / Lc 22,14-23,56
Hugo
1680: Lisboa declara, suprime a escravidão dos índios no Brasil, por influência de Antônio Vieira.
1964: João Goulart é derrubado por militares golpistas. Início de 21 anos de ditadura militar.
1980: Começa a grande greve de metalúrgicos em São Paulo e no interior.
1982: Ernesto Pili Parra, militante, mártir da paz e da justiça em Caquetá, Colômbia.

OUTRA DEMOCRACIA: COM IGUALDADE DE GÊNERO

MARIA CECÍLIA DOMEZI
São Paulo, SP, Brasil

O paradigma dominante na modernidade estabeleceu que ser gente é ser cidadão, com garantia de dignidade e liberdade individual. Não se admite mais dominação do senhor sobre o servo. Os direitos civis, políticos e sociais originam-se na dignidade e na liberdade de cada indivíduo.

Mas esse indivíduo é abstrato e só aparece na forma masculina. Não tem emoções, desejos e afetos, porque essas experiências e sentimentos ficam excluídos dos espaços econômico, jurídico, científico, administrativo. Trata-se do indivíduo domesticado, enquadrado na mobilidade e na competitividade do mercado capitalista global. Nas regras de compra e venda, a liberdade humana, entendida como autonomia individual, é o mesmo que não ter dívida com ninguém. Daí que também esse indivíduo não tem obrigação com ninguém. Pode desfrutar do direito de ser «ele mesmo», fora da participação social, política e pública, preocupado somente com seu corpo, seguindo as preferências e possibilidades de consumo. Está certo que, como membro de uma nação, ele é estimulado ao altruísmo e até mesmo ao sacrifício de si mesmo. Porém, a liberdade individual dos cidadãos da nação pode não passar de uma máscara, que esconde graves injustiças e vergonhosas desigualdades nas relações sociais. E uma democracia de indivíduos abstratos será sempre uma democracia só para alguns segmentos privilegiados das sociedades.

Uma emancipação verdadeira não é possível com individualismo e exclusão dos outros e das outras. A pessoa humana individual amadurece à medida da sua afirmação como sujeito histórico. Com consciência das diferenças individuais, toma atitude a favor de relações humanas e sociais justas e igualitárias.

Riobaldo, personagem criado por Guimarães Rosa (*Grande Sertão: veredas*, 19ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 74) assim diz:

> *Às vezes eu penso: seria o caso de pessoas de fé e posição se reunirem, em algum apropriado lugar, no meio dos gerais, para se viver só em altas rezas, fortíssimas, louvando a Deus e pedindo glória do perdão do mundo. Todos vinham comparecendo, lá se levantava enorme Igreja, não havia mais crimes, nem ambição, e todo sofrimento se espraiava em Deus, dado logo, até à hora de cada uma morte chegar. Raciocinei isso com compadre meu Quelemém, e ele duvidou com a cabeça – «Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...» – ciente me respondeu.*

Na América Latina, as imensas maiorias de pessoas excluídas dos bens e dos benefícios indispensáveis para viver com dignidade e liberdade, têm, em sua cultura popular, inusitadas contribuições para uma democracia alternativa. O «capinar sozinho», o processo de emancipação do indivíduo, se faz ao mesmo tempo com consciência crítica, com religião, com comunidade e com responsabilidade pelo mundo. Quando a adesão religiosa é consciente e livre, e leva ao engajamento nas práticas solidárias e transformadoras, a devoção tradicional continua oferecendo o seu núcleo de sentido para a vida e o mundo, como um alimento vital.

Uma especial contribuição da cultura popular latino-americana, com suas múltiplas expressões regionais, é a de recriar e ressignificar imagens e conceitos impostos pelo patriarcalismo. Os colonizadores "cristãos» impuseram um deus patriarcal, distante e ameaçador, partidário dos privilegiados. E as maiorias colonizadas, empobrecidas e submetidas, através de criativos recursos culturais de sincretismos, ambivalências e hibridez, desenvolveram uma especial capacidade de resistir, através da religião, aos padrões rígidos das desigualdades estabelecidas. No imaginário popular, o referencial de uma antiga deusa, tanto mais poderosa quanto mais próxima das pessoas sofredoras e injustiçadas, possibilita constantes ressignificações da cultura e da religião e alimenta a atuação na história. Seja invocando a Pacha Mama, Iemanjá ou a Virgem Maria, é cada vez mais uma divina misericórdia que desmonta o sexismo prepotente e afirma uma relação de amor com Deus. Nas representações de Nossa Senhora, moreninha, índia e negra, expressa-se a grande Mãe da Compaixão, intimamente próxima e protetora, a cujo poder as pessoas espoliadas e excluídas têm pleno acesso.

Nas tradições da cultura popular latino-americana há também formas alternativas de relação solidária. São

outras relações de reciprocidade, em redes de famílias, de vizinhança e de religião. A prática dos mutirões, as festas, os laços de compadrio, a relação com a família dos santos, tudo é perpassado de uma ética de obrigação uns com os outros. Cada pessoa se sente devedora da outra. No Cristianismo de libertação, esse sentimento alimenta vitalmente a solidariedade real e histórica que se vai ampliando em redes cada vez mais abrangentes e articuladas. A apropriação da Bíblia através de um método de leitura e interpretação que é popular, comunitário e libertador, tem favorecido um efetivo exercício de democracia desde a base. Todo este legado é favorecedor da superação das dominações sexistas, raciais, culturais e das dominações de toda espécie.

A tradicional prática da reciprocidade tem relação complementar com a moderna noção de democracia. O que antigamente era uma aliança entre grupos, agora se torna uma cadeia múltipla de interdependências, que atua na esfera das políticas públicas. As colaborações circulam, as relações se ampliam cada vez mais e as redes de relações instauram a grande comunidade solidária. Isso pode favorecer, de um modo especial, a justiça e a igualdade nas relações entre as pessoas de sexos diferentes. O moderno conceito de gênero é uma categoria de conhecimento que analisa as relações sociais entre os sexos. Essa categoria é importante para a reivindicação de direitos iguais. Mas a igualdade de direitos e de liberdade tem que se efetivar dentro de uma política das identidades, que leve em conta as particularidades das culturas. Também a heterogeneidade, as diferenças, os espaços fragmentados e não bem definidos.

O patriarcalismo já atravessou milênios, entrou invicto na democracia moderna e impera no século XXI. Continuam vigorando "papéis» atribuídos às mulheres, submetidas a uma sobrecarga de trabalho e a uma diminuição de benefícios em relação aos homens. É completamente absurdo o fato de se manter ainda hoje uma compreensão das mulheres como de natureza inferior aos homens, aquelas que necessitam ser comandadas por eles e que só se valorizam à medida em que os servem. É hipocritamente infundada a classificação do masculino como o ativo, pensante e dirigente, e do feminino como o passivo, passional, impuro e perigoso, permanentemente necessitado de controle. É pecaminoso excluir as mulheres do exercício de funções sagradas no campo das religiões.

Para se manter, a dominação masculina sobre as mulheres continuamente arranja justificativas filosóficas, teológicas, e até mesmo alega um determinismo biológico. No entanto, as desigualdades foram estabelecidas dentro das relações sociais, pela imposição de um segmento da humanidade. Convencionou-se que os homens brancos, especialmente os situados no hemisfério norte, detentores de poder econômico e político, são mais "indivíduos» e mais cidadãos que o restante da humanidade. E, nesse imenso restante, maior é a discriminação e a exclusão quanto mais as pessoas se aproximam do pólo inferiorizado: mulheres pobres, negras, indígenas, mestiças; pessoas com definições sexuais diferentes; pessoas de culturas diferentes; pessoas anciãs, crianças e jovens, bem como pessoas portadoras de necessidades especiais, consideradas improdutivas segundo as regras do mercado.

Não dá mais para denunciar o imperialismo e a dominação de classe sem lutar, ao mesmo tempo, pela justiça nas relações entre as pessoas individuais reais. As relações injustas não se dão somente quando um bloco inteiro se impõe sobre outro, mas também no tecido fino das sociedades, no cotidiano dos círculos familiares, na vizinhança, nas Igrejas, nos sindicatos, nos organismos de poder, no meio científico, nos movimentos populares, nos meios de comunicação social, nas escolas.

Felizmente, a prática de uma democracia alternativa, que inclui justiça nas relações de gênero, já aparece nas bases populares. Foi o que presenciei dentro de uma família brasileira, num assentamento do Movimento de Trabalhadores Sem Terra. Assim como o trabalho de agricultura, as tarefas domésticas eram ali assumidas tanto pelas mulheres como pelos homens. E as crianças, sempre bem observadoras, quando viam algum homem descuidar-se, deixando pratos e copos sujos para as mulheres lavarem, punham as mãos na cintura e cobravam: Cadê a relação de gênero?

Nas comunidades eclesiais de base tem crescido uma compreensão da Virgem Maria como companheira na caminhada que objetiva o Reino de Deus. A convicção de que o seu cântico profético exalta a opção partidária de Deus pelos pobres, segundo o testemunho dos evangelhos, inspira a luta pela justiça também nas relações de gênero.

O empenho na superação das desigualdades entre os sexos, desde os micro-espaços até os blocos imperialistas, não pode se separar da luta contra a fome e contra todas as injustiças. É preciso afirmar e fazer valer os direitos das mulheres, de todas as pessoas, grupos e comunidades, com a riqueza de suas diferenças étnicas, culturais, sexuais, individuais.

Não haverá democracia sem uma garantia de igualdade de direitos e de vida digna para todas as pessoas na face da terra. ❑

2007

Março

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
2	3	4	5
9	10	11	12
16	17	18	19
23	24	25	26
30			

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20

S	T	Q	Q	S	S	D
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Maio

Sexta	Sábado	Domingo
		1
6	7	8
13	14	15
20	21	22
27	28	29

ABRIL

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

2 Segunda

Is 42,1-7 / Sal 26
Francisco de Paula — Jo 12,1-11

1550: A Coroa espanhola ordena ensinar castelhano aos índios.
1982: A Argentina ocupa militarmente as Ilhas Malvinas, em poder dos britânicos.
1993: Greve conjunta em 8 países da Europa pelo emprego e as conquistas sociais.
2005: Morre João Paulo II.

Cheia: às 12h15m em Libra

3 Terça

Is 49,1-6 / Sal 70
Ricardo, Sisto — Jo 13,21-33.36-38

1976: Víctor Bionchenko, pastor protestante, Argentina.
1986: Brasil aprova seu Plano de Informática, que protegerá a indústria nacional por alguns anos.
1992: Golpe de Estado institucional de Fujimori, Peru.

4 Quarta

Is 50,4-9 / Sal 68
Gema Galgani — Mt 26,14-25
Isidoro de Sevilha

1680: Abolição oficial da escravidão de índios.
1775: A Coroa portuguesa incentiva os casamentos entre indígenas, negros e brancos.
1884: No Acordo de Valparaíso, a Bolívia cede sua província costeira de Antofagasta ao Chile e converte-se num país mediterrâneo.
1968: Martin Luther King, assasinado, EUA.
1985: Rosário Godoy e família, mártires da fraternidade em El Salvador.

Dia contra a prostituição infantil

5 Quinta

Ceia do Senhor
Ex 12,1-8.11-14 / Sal 115
1Cor 11,23-26 / Jo 13,1-15

Vicente Ferrer

1818: Vitória de San Martin, em Maipu, que confirma a Independência do Chile.
1976: Juan Carlo D'Costa, operário, Paraguai.
1989: María Cristina Gómez, militante da Igreja Batista, mártir da luta das mulheres salvadorenhas.
1992: Fujimori dissolve o Congresso, suspende a Constituição e impõe a lei marcial.

6 Sexta

Paixão do Senhor
Is 52,13-53,12 / Sal 30
Hb 4,14-16;5,7-9 / Jn 18,1-19,42

Marcelino
Albrecht Dürer

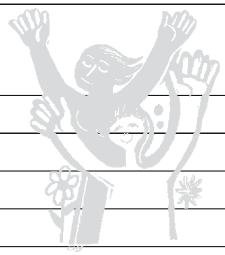
1976: Mário Schaerer, professor, Paraguai.
1979: Morre, aos 39 anos, Hugo Echegaray, peruano, padre e teólogo da libertação.

7 Sábado

Vigília Pascal
Gn 1,2-2.2 / Gn 22,1-18 / Ex 14,15-15,1
Is 54,5-14 / Is 55,1-11 / Br 3,9-15.32-4,4
Ez 36,16-28 / Rm 6,3-11 / Lc 24,1-12

João Batista de La Salle

Dia Mundial da Saúde



abril

8

Domingo da PÁSCOA
At 10,34a.37-43 / Sal 117
Cl 3,1-4 / Jo 20,1-9

Dionísio

565 a.C.: Nascimento de Siddartha Buddha.
1827: Nascimento de Ramón Emeterio Betances, Pai da Pátria porto-riquenha.
1977: Carlos Bustos, padre capuchinho argentino, testemunha da fé entre os pobres de Buenos Aires, assassinado. **30 anos.**

Dia em memória do Holocausto
de 6 milhões de judeus assassinados pelos nazis.

9 Segunda

At 2,14.22-23 / Sal 15
Cacilda, Maria de Cleofas Mt 28,8-15
Dietrich Bonhoeffer
1920: Desembarque de marines na Guatemala para "proteger" os cidadãos norte-americanos.
1948: Jorge Eliécer Gaitán é assassinado em Bogotá. Violenta revolta reprimida: o "Bogotazo".
1952: Começa a revolução cívica na Bolívia.

10 Terça

At 2,36-41 / Sal 32
Ezequiel Jo 20,11-18
Miguel Agrícola
1919: Morre, emboscado, o Emiliano Zapata, chefe dos camponeses revolucionários, México.
1985: Oscar Fuentes, estudante, Chile.
1985: Daniel Hubert Guillard, vigário em Cali, Colômbia, morto pelo exército por seu compromisso.
1987: Martiniano Martínez, Terencio Vázquez e Abdón Julián, militantes da Igreja Batista, mártires da liberdade de consciência em Oaxaca, México.

Menguante: 13h04m en Capricornio

11 Quarta

At 3,1-10 / Sal 104
Estanislau Lc 24,13-35
1927: Formação da Coluna Prestes, que percorrerá 25 mil km combatendo os exércitos dos latifundiários, Brasil.
1986: Antonio Fernández, jornalista popular, mártir da solidariedade em Bogotá, Colômbia.
2002: Golpe de Estado contra o presidente Chávez na Venezuela. Três presidentes em 42 horas.
2002: Começa a funcionar a Corte Penal Internacional, apesar da oposição dos EUA.

12 Quinta

At 3,11-26 / Sal 8
Zenão Lc 24-35-48

1797: Chegam a Trujillo, Honduras, vindos da ilha de Roatán, cerca de 2.500 garífunas expulsos da ilha de San Vicente. Assim o povo garífuna chega à terra firme.

1925: Reunião em Foz do Iguaçu. Da início à Coluna Prestes, que percorrerá 30 mil km pelo Brasil.

13 Sexta

At 4,1-12 / Sal 117
Martinho, Hermenegildo Jo 21,1-14

1999: Transferido para Belém, o julgamento dos 155 policiais acusados da morte dos 19 sem-terra em Eldorado de Carajás, Brasil.

14 Sábado

At 4,13-21 / Sal 117
Telmo Mc 16,9-15

1981: Mártires de la mayor masacre que recuerda la historia reciente de El Salvador, en Morazán: 150 niños, 600 ancianos y 700 mujeres.

1986: Adelaide Molinari, religiosa, mártir de la lucha de los marginados en Marabá PA, Brasil. **20 anos.**

15

2º Domingo da Páscoa
At 5,12-16 / Sal 117
Ap 1,9-11a.12-13.17-19 / Jo 20,19-31

Bento José Labre

1961: Invasão da Baía dos Porcos, Cuba.

1983: Mártires camponeses indígenas de Joyabaj, El Quiché, Guatemala.

1992: Aldemar Rodríguez, catequista, e companheiros militantes, mártires da solidariedade entre os jovens de Cali, Colômbia.

1993: José Barbero, sacerdote, profeta e servidor dos irmãos mais pobres da Bolívia.

16 Segunda

At 4,23-31 / Sal 2
Engrácia Jo 3,1-8

1952: Triunfa a revolução: camponeses e mineiros conseguem a reforma agrária na Bolívia.
1984: 1,7 milhão de manifestantes em São Paulo pelas "Diretas Já".
2002: O juiz Carlos Escobar pede a extradição do ex-teditador Stroessner, exilado em Brasília.

17 Terça

At 4,32-37 / Sal 92
Aniceto Jo 3,7-15

1695: † Juana Inés da Cruz, poetisa mexicana.
1803: Morre na prisão francesa de Joux Toussaint L'Ouverture, defensor da libertação do Haiti.
1990: Tibério Fernández, e companheiros, mártires da promoção humana, Trujillo, Colômbia.
1996: Massacre de Eldorado dos Carajás, PA, Brasil. A Polícia Militar do Estado mata 23 pessoas que defendiam seu direito à terra.
1998: César Humberto López, presidente da Fraternidade Ecumênica pela Paz, assassinado em San Salvador por seu compromisso.

Dia Internacional da Luta Camponesa.
É o «primeiro de maio» dos camponeses.

Nova: 06h36m em Aries

18 Quarta

At 5,17-26 / Sal 33
Perfecta, Galdino Jo 3,16-21

1537: Francisco Marroquín, primeiro bispo sagrado nas Índias, fundador das primeiras escolas e hospitais, pastor da Guatemala.
1955: Conferência de Bandung, Indonésia, no qual se cria o movimento de países não alinhados.
1998: Assassinato de Eduardo Mendoza, advogado dos direitos populares.

19 Quinta

At 5,27-33 / Sal 33
Jo 3,31-36

Leão, Ema
Olavus Petri

1925: Desembarque de marines em La Ceiba, Honduras.
1980: Juana Tun, esposa de Vicente Menchú, e seu filho Patrocínio, de família indígena de catequistas, que lutaram por sua terra, mártires de El Quiché, Guatemala.

Dia Panamericano do Índio

20 Sexta

At 5,34-42 / Sal 26
Jo 6,1-15

Sulpício

1586: Nasce Rosa de Lima, Peru.
1871: Os franciscanos de Brasil libertam os escravos de todos seus conventos.
1898: Guerra entre Espanha e EUA, que invadem Cuba, Porto Rico, Guam e Filipinas.
1980: Mártires indígenas da organização popular em Veracruz, México.
1980: «Primavera amaziga»: revolta cultural e democratizadora dos amazigs da Cabilia argelina contra o poder central e arabizador de Argel.

21 Sábado

At 6,1-7 / Sal 32
Jo 6,16-21

Anselmo, Tiradentes

Nascimiento de Mahoma. Dia de perdão para o mundo.
Nascimiento de Rama. Religião Sij.

1792: Joaquim José da Silva Xavier, "Tiradentes", precursor da Independência do Brasil, é enforcado e depois decapitado pelos portugueses.
1960: Brasília é inaugurada como a capital do Brasil.
1965: Morre torturado Pedro Albizu Campos, pela independência de Porto Rico.
1971: Morre o ditador F. Duvalier, Haiti.
1989: Juan Sisay, militante da vida, mártir da arte popular em Santiago de Atitlán, Guatemala.
1997: Gaudino dos Santos morre em Brasília queimado por jovens. Os pataxós exigiam a demarcação da sua reserva.

22

3º Domingo da Páscoa
At 5,27b-32.40b-41 / Sal 29
Ap 5,11-14 / Jo 21,1-19

Sotero, Caio, Agapito

1500: Desembarque do primeiro europeu no Brasil, Pedro Álvares Cabral.
1519: Desembarque de Cortéz em Vera Cruz, com 600 soldados, 16 cavalos e algumas peças de artilharia.
1638: Hernando Arias de Ugarte, bispo de Quito e de Santa Fé, Colômbia, defensor dos índios.
1982: Félix Tecu Jerônimo, lavrador achi, catequista, ministro da Palavra, Guatemala.
1997: O exército invade a embaixada do Japão em Lima, ocupada pelo MRTA, "sem fazer prisioneiros".

Dia da Terra

23 Segunda

At 6,8-15 / Sal 118
Jo 6,22-29

Jorge
Toyohiko Kagawa

1971: Os indígenas do Alasca rebelam-se contra os testes atômicos que contaminaram a Ilha de Anchitks.

Dia do Livro e dos Direitos do Autor.
Neste dia de 1616 morrem o inca Garcilaso de la Vega, Miguel de Cervantes e William Shakespeare.

24 Terça

At 7,51-8,1a / Sal 30
Jo 6,30-35

Fidel

1915-17: Genocídio silenciado contra o povo armênio, pelas autoridades turcas. Morte e deportação de quase milhão e meio de armênios.
1965: Intervenção dos EUA na República Dominicana, com 40 mil homens.
1977: Rodolfo Escamilla, sacerdote, martir, México.
1985: Laurita López, catequista, martir, El Salvador.

Crescente: 00h36m em Leão

25 Quarta

1P 5,5b-14 / Sal 88
Mc 16,15-20

Marcos

1667: Pedro de Betancourt, franciscano, apóstolo dos pobres na Guatemala. Canonizado em 2002.
1975: É fundada a Associação Indígena da República Argentina (AIRA).

26 Quinta

At 8,26-40 / Sal 65
Jo 6,44-51

Anacleto, Marcelino, Isidoro

1998: Assassinado na Guatemala d. Gerardi, depois de publicar o informe "Nunca Mais", que documenta 55 mil violações dos direitos humanos, 80% dos quais atribuídos ao exército.

27 Sexta

At 9,1-20 / Sal 116
Jo 6,53-60

Zita, Montserrat

1977: Rodolfo Escamilla, padre, mártir, México.

1999: O Tribunal da Dívida Externa no Rio de Janeiro, Brasil, determina que não seja paga.

28 Sábado

At 9,31-42 / Sal 115
Jo 6,60-69

Pedro Chanel

1688: Carta Régia de Portugal restabelece a escravidão e a guerra justa contra o índio.

1965: Lyndon Johnson ordena a invasão da República Dominicana.

1985: Cleusa Carolina Coelho, missionária agostiniana, assassinada pela defesa dos indígenas na Prelazia de Lábrea, Amazonas.

29

4º Domingo da Páscoa
At 13,14.43-52 / Sal 99
Ap 7,9.14b-17 / Jo 10,27-30

Catarina de Sena

1991: Moisés Cisneros Rodríguez, marista, mártir da violência e da impunidade, Guatemala.

1982: Enrique Alvear, bispo, pastor e profeta da Igreja do Chile.

A DEMOCRACIA DOS POVOS INDÍGENAS

JUSTIÇA E IGUALDADE COMO DESAFIOS DO COTIDIANO

MARCY PICANÇO E PAULO MALDOS

Revista «Porantim», do CIMI

Numa manhã, em uma aldeia Guarani, os homens se reúnem para discutir e decidir como irão lidar com um conflito sobre a invasão do seu território por parte de fazendeiros. Os homens se revezam em longas falas, cada um explicitando um ponto de vista, nem todos com a mesma posição diante do conflito. Não longe dali, lavando a roupa no córrego, perto o suficiente da Casa dos Homens para poder ouvir os debates, as mulheres comentam entre si, cada uma logo antes de seu marido falar: "agora ele vai falar tal coisa", e o marido falava exatamente o que a sua mulher havia antecipado para as amigas. Cada casal havia tido a noite anterior toda para pensar sobre o assunto e definir uma posição.

É assim que a maioria dos povos indígenas vive a sua participação política. Eles não delegam a um indivíduo ou grupo o poder de decidir pela comunidade. Isto é feito por todos, no dia-a-dia da aldeia.

Não podemos afirmar que todos os povos indígenas se estruturam da mesma maneira. Ao contrário, há uma grande diversidade de sistemas sociais, políticos, religiosos, econômicos, como também culturais e lingüísticos, entre os povos indígenas no Brasil e na América Latina. Cada um tão distinto de outro quanto um egípcio de um russo.

Entretanto, quando estes sistemas políticos são comparados aos dos países em que os povos indígenas se encontram, é possível identificar características comuns entre eles, bem distintas das sociedades que os envolvem. Nenhum dos povos indígenas no Brasil criou um Estado; não usam a força coercitiva para manter a "ordem interna" da comunidade, nem têm o exercício do poder como privilégio de um grupo.

Em geral, os homens e os mais velhos têm mais o poder da palavra do que as mulheres e os mais novos. Além disso, algumas pessoas da comunidade se distinguem por suas habilidades, como um xamã, um guerreiro, um caçador, o que não significa uma posição privilegiada. Ao contrário, eles também atuam em função do interesse coletivo e são controlados pela comunidade.

Nas comunidades indígenas, os sistemas econômico, social, político e religioso são intrinsecamente relacionados e perpassam todos os espaços e situações da vida cotidiana. A participação política e o controle sobre o bem-estar da aldeia estão presentes no dia-a-dia de todos. Não é atribuição de alguns poucos especialmente designados para isso e nem necessita de espaços específicos.

Uma pessoa ter liderança em algum aspecto da vida da comunidade não significa que ela detenha algum privilégio ou poder especial em relação aos outros. Um cacique, por exemplo, pode ser um grande conselheiro ou responsável por diversas atividades; ele pode ter a tarefa de manter o equilíbrio interno, o bem-estar na aldeia, de articular o consenso geral. Para isso, precisa de atributos que o legitimem ante a comunidade, pois ele pode perder sua função caso desrespeite ou desagrade a esta.

Uma das tarefas intrínsecas ao ser cacique pode ser, ao mesmo tempo, uma das formas que a comunidade tem de controlá-lo: o cacique precisa retribuir o que recebe. Existem aldeias em que o cacique é aquele que menos acumulou bens, pois, ainda que receba muitos presentes, deve dar muitos presentes em retribuição.

Na verdade, a economia de redistribuição permanente no interior das comunidades foi a forma encontrada pelos povos indígenas no Brasil de interditar o acúmulo de propriedades e bens e, em conseqüência, de poder, por parte de indivíduos ou grupos.

De acordo com a tradição indígena, o objetivo da produção não é acumular excedentes, mas sim, compartilhar. Todo o excedente da caça, da pesca e da agricultura é repartido dentro da aldeia ou usado para presentear comunidades vizinhas, geralmente em grandes celebrações. Durante a colonização da América, alguns povos foram impedidos de fazer as festas da partilha da produção, pois isto era visto como desperdício. Esta atitude teve um efeito contrário ao esperado, gerando, muitas vezes, a escassez de alimentos, uma vez que muitos indígenas não viam sentido em trabalhar para fazer estoques, sem as celebrações, que tinham um caráter religioso.

Ao impedir culturalmente esse acúmulo e essa

diferenciação interna, os povos indígenas evitaram o surgimento da propriedade privada, a constituição de classes sociais e a produção do instrumento por excelência de dominação de uma classe por outra: o Estado.

Uma democracia exercida por todos, não só por representantes.

Esta radical igualdade, ancorada na economia, organizada pela cultura e concretizada nas práticas cotidianas, confere um alto grau de autonomia às comunidades indígenas, o que tem como conseqüência a não-adoção de práticas como a de delegação de representação a indivíduos como "representantes" da comunidade. Entre os povos indígenas, simplesmente não existe a prática da representação; o que pode existir são pessoas que vão encaminhar demandas e propostas da comunidade a serviço e sob o controle desta – e sempre de forma pontual e específica, não como uma "representação geral", de "amplo espectro" e sem limites no tempo.

Muitas vezes, vemos "representantes indígenas" perenes na mídia ou nos espaços do Estado, falando ou negociando em nome "dos povos indígenas" em geral. Esses "representantes" surgem muito mais pela necessidade que o Estado e a sociedade têm de encontrar interlocutores entre os povos indígenas, do que devido a uma legitimidade construída por aqueles junto às comunidades. "Representantes genéricos" dos povos indígenas surgem, portanto, devido a processos "exógenos" às comunidades e não "endógenos".

Depois da Constituição de 1988, no Brasil, centenas de organizações indígenas vêm surgindo, buscando cumprir um papel de articulação, organização e mobilização dos povos indígenas em torno dos seus direitos históricos. Muitas surgem e, da mesma maneira, morrem, permanecendo aquelas que melhor conseguem refletir os anseios das comunidades e se transformar em função de uma busca constante de sintonia com as bases.

Essa ausência de delegação da representação faz com que toda a comunidade tenha como responsabilidade cuidar de seu presente e de seu futuro. Isto mobiliza todos os seus membros a exercerem sua palavra e seus gestos na construção autônoma e, ao mesmo tempo, coletiva de sua história, em todos os espaços existentes no cotidiano.

A sociedade brasileira, surgida com a invasão européia, há 506 anos, assim como as demais sociedades latino-americanas, na sua fase republicana, buscaram na Grécia Antiga as origens de sua idéia de Democracia. Estas idéias originais foram adaptadas para a construção de uma República democrática em nossos países, num contexto de sociedades baseadas na noção da propriedade privada como sagrada e dilaceradas pelos conflitos entre as classes. O resultado desta adequação foi a criação de Estados como instrumento das classes hegemônicas e de nações com fortes desigualdades econômicas e sociais. Tudo isso fez com que nossas "democracias", controladas pelo poder de classe e nossas "representações políticas" apropriadas por este, ficassem muito longe da promessa de igualdade e justiça.

No contexto de nossas sociedades, absurdamente desiguais e injustas, a democracia se tornou um ritual vazio e a representação política, quase uma farsa. Ao longo da nossa história, os setores populares têm-se esforçado em dar substância às nossas recentes democracias, por meio de mobilizações e de encaminhamento institucional das demandas e propostas dos trabalhadores e dos setores populares, bem como, pelo controle social sobre o Estado e suas instituições. Esta luta, entretanto, tem um triste histórico de reações das oligarquias e classes dominantes, revelado nos inúmeros golpes de Estado e ditaduras militares que tanto feriram os povos latino-americanos durante todo o século XX.

Hoje, mais uma vez, os povos latino-americanos buscam eleger representantes que realizem, de fato, as suas aspirações de democracia e justiça social. Novamente, os setores dominantes buscam interditar essa experiência, cooptando os representantes eleitos, transformando-os em traidores daqueles que os elegeram; ou ameaçando-os com o desgaste na mídia, com ações num Poder Judiciário classista, com o descrédito na sociedade e, no limite, com novos golpes militares.

Neste difícil momento histórico em que vivemos, nossas democracias têm muito que aprender com os povos indígenas e com suas práticas de vida em comunidade. Seria fundamental que nos dedicássemos a conhecer as diversas formas que nossos povos milenares construíram para viver em comunidades livres da exploração, da dominação, da miséria e da barbárie social.

Certamente, os povos indígenas têm muito a nos ensinar a respeito de como construir democracias verdadeiras, onde a Justiça e a Igualdade estejam inscritas no cotidiano de nossas sociedades, não apenas no preâmbulo de nossas Constituições.

2007

Abril

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
	1	2	3
7	8	9	10
14	15	16	17
21	22	23	24
28	29	30	31

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17

S	T	Q	Q	S	S	D
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Junho

Sexta	Sábado	Domingo
4	5	6
11	12	13
18	19	20
25	26	27

MAIO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

30 Segunda

At 11,1-18 / Sal 41
Jo 10,1-10

Pio V

1948: 21 países assinam em Bogotá a carta de constituição da OEA.

1977: Criação da Associação das Mães da Praça de Maio, Argentina.

1 Terça

At 11,19-26 / Sal 86
Jo 10,22-30

José operário, *Mônica*
Felipe y Santiago

1980: Conrado de la Cruz, padre, e Herlindo Cifuentes, catequista, seqüestrados e mortos, mártires na Guatemala.

1981: Raynaldo Edmundo Lemus Preza, da CEB Guadalupe, em Soyapango, El Salvador, desaparecido, por seu compromisso cristão.

Dia internacional dos trabalhadores

2 Quarta

At 12,24-13,5 / Sal 66
Jo 12,44-50

Atanásio

1979: Luis Alfonso Velázquez, menino de 10 anos, mártir da ditadura somozista, Nicarágua.

1981: Criada a União das Nações Indígenas, UNI, no Brasil.

1994: Sebastián Larrosa, estudante camponês, mártir da solidariedade e da justiça entre os pobres do Paraguai.

1997: Falece Paulo Freire, fundador da pedagogia libertadora latino-americana.

Cheia: 05h09m em Escorpião

3 Quinta

1Cor 15,1-8 / Sal 18
Filipe e Tiago — Jo 14,6-14

1500: Frei Henrique de Coimbra, primeiro missionário a pisar o solo brasileiro.
1991: Felipe Huete, Ministro da Palavra, e quatro companheiros, mártires da Reforma Agrária, em El Astillero, Honduras.

Dia (da ONU) da liberdade da imprensa

4 Sexta

At 13,26-33 / Sal 2
Floriano — Jo 14,1-6
Mônica

1493: Bula *Inter Caetera*, pela qual o Papa doava as terras do novo Continente aos Reis Católicos da Espanha.
1521: Pedro de Córdoba, primeiro apóstolo missionário dos dominicanos na América. Autor do primeiro catecismo do Continente.
1547: Cristóbal de Pedraza, bispo de Honduras, «Pai dos Índios».

5 Sábado

At 13,44-52 / Sal 97
Máximo — Jo 14,7-14

1862: O México derrota os franceses em Puebla.
1980: Isaura Esperanza, "Chaguita", catequista, da Legião de Maria, mártir em El Salvador.
2001: É assassinada Bárbar Ann Ford, 64 anos, irmã estadunidense, trabalhando no Quiché desde 1989. Tinha colaborado com dom Gerardi no informativo «Nunca mais» e ajudado as vítimas da guerra para declarar suas experiências.

6

5º Domingo da Páscoa
At 14,21b-27 / Sal 144
Ap 21,1-5a / Jo 13,31-33a.34-35
Heliodoro

Primer domingo de maio: Dia dos mártires de Honduras.
1977: Oscar Alajarín, militante da Igreja Metodista, mártir da solidariedade na Argentina.
1987: Rubén Darío Vallejo, padre, Colômbia.
1994: A Corte Constitucional da Colômbia legaliza a "dose pessoal" de narcóticos.

7 Segunda

At 14,5-18 / Sal 113
Jo 14,21-26

Augusto, Flavia, Domitila

1937: Juicio a Prestes, 16 años de prisión. Brasil.

1991: Apresado el fazendeiro Jerônimo de Amorim, mandante de la muerte de un sindicalista, Brasil.

8 Terça

At 14,19-28 / Sal 144
Jo 14,27-31a

Vítor e Acácio

1753: Nasce Miguel Hidalgo, Pai da Pátria, México.

1770: Carlos III ordena "que se extingam os idiomas indígenas e se imponha o castelhano".

1987: Vicente Cañas, missionário jesuíta, assassinado pelos que cobiçavam as terras dos índios que ele acompanhava, Mato Grosso.

1989: Nicolau Van Kleef, sacerdote vicentino de origem holandesa, é morto por um militar em Santa María, Chiriquí, Panamá.

Dia da Cruz Vermelha Internacional

9 Quarta

At 15, 1-6 / Sal 121
Jo 15,1-8

Pacômio, Gregório Ostiense

1982: Luis Vallejo, arcebispo de Cusco, Peru, anteriormente ameaçado de morte devido a sua opção preferencial pelos pobres, morre em um "acidente" provocado, nunca esclarecido.

1994: Depois das primeiras eleições multiraciais da história da África do Sul, Nelson Mandela assume a presidência, com 62% dos votos; primeiro presidente negro de seu país e o preso político vivo com mais anos de cadeia no mundo.

Minguante: às 23h27m em Aquário

10 Quinta

At 15,7-21 / Sal 95

João de Ávila, Antonino — Jo 15,9-11

1795: José Leonardo Chirino, mestiço, lidera a insurreição de Coro, Venezuela, com índios e negros lutando "pela liberdade dos escravos e a eliminação de impostos".

1985: Irne García e Gustavo Chamorro, mártires da justiça. Guanabanal, Colômbia.

1986: Jósimo Morais Tavares, padre, assassinado pelo latifúndio. Imperatriz, Maranhão, Brasil.

11 Sexta

At 15,22-31 / Sal 56

Anastásio — Jo 15,12-17

1974: Carlos Mugica, mártir do povo das «villas miseria». Argentina (www.carlosmugica.com.ar).

1977: Alfonso Navarro, padre, e Luis Torres, coroinha, mártires em El Salvador. **30 años.**

1988: Montado no Rio de Janeiro o maior aparato militar após a revolução de 1964, para intimidar a "Marcha contra o centenário da abolição", organizada pelas entidades negras.

12 Sábado

At 16,1-10 / Sal 99

Nereu, Aquiles, Pancrácio — Jo 15,18-21

Dia atribuído à escrava Anastásia, que simboliza todas as negras torturadas e estupradas até a morte pelos brancos donos de fazendas.

1957: A OIT adotou o Convênio 107 sobre Populações Indígenas e Tribais, dos direitos dos índios.

1980: Walter Voodeckers, missionário belga, mártir pelos lavradores pobres, Escuintla, Guatemala.

13

6º Domingo da Páscoa
At 15,1-2.22-29 / Sal 66
Ap 21,10-14.22-23 / Jo 14,23-29

Fátima

1829: Nascimento de Segundo Ruiz Belvis, patriota e revolucionário porto-riquenho.

1888: Lei Áurea. É abolida juridicamente a escravidão negra no Brasil, quando mais de 95% dos negros já haviam conseguido, por seus próprios esforços, a liberdade.

1977: Luis Aredez, médico, mártir da solidariedade entre os pobres da Argentina.

1998: Ocupada pelo exército a sede da Comissão de Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Religiosos da Colômbia.

14 Segunda

At 1,15-17.20-26 / Sal 112

Matias apóstolo — Jo 15,9-17

1811: Independência do Paraguai. Festa nacional.
1904: †Mariano Avellana, missionário popular, Chile.
1980: Massacre do Rio Sumpul, El Salvador, no qual morreram mais de 600 pessoas.
1980: Juan Ccaccya Chipana, operário, militante, vítima da repressão policial no Peru.
1981: Carlos Gálvez Galindo, padre e mártir na Guatemala.
1988: Lavradores mártires pela causa da paz, Cayara, Peru.
1991: Porfírio Suny Quispe, militante e educador, mártir da justiça e da solidariedade, Peru.

15 Terça

At 16,22-34 / Sal 137

Isidro Lavrador — Jo 16,5-11

Joana de Lestonnac

1903: Fuzilado, em Chiriqui, o guerrilheiro Victoriano Lorenzo, herói nacional do Panamá.
1986: Nicolás Chuy Cumes, jornalista evangélico, mártir da liberdade de expressão, Guatemala.
1987: Mártires indígenas, vítimas do despejo de suas terras, Bagadó, Colômbia. **20 anos.**

Dia Internacional dos objetores de consciência

16 Quarta

At 17,15.22 - 18,1 / Sal 148

João Nepomuceno, Ubaldo — Jo 16,12-15

1818: João II aprova a vinda dos colonos suíços para a atual Nova Friburgo (Estado do Rio de Janeiro), depois da grande fome de 1917 na Suíça.
1981: Edgar Castillo, jornalista, assassinado na Guatemala.

Nova: às 14h27m em Touro

17 Quinta

At 18,1-8 / Sal 97
Jo 16,16-20

Pascal Bailão

1961: Inicia o bloqueio comercial dos EUA contra Cuba, em resposta à Reforma Agrária realizada pela revolução cubana.

Dia Mundial das Telecomunicações

18 Sexta

At 18,9-18 / Sal 46
Jo 16,20-23a

Rafaela M. Porras

1525: Fundação de Trujillo, Honduras.
1781: É esquartejado José Gabriel Condorcanqui, Tupac Amaru II, guerreiro indígena, Peru.
1895: José Martí morre em combate, lutando pela independência de Cuba.
1895: Nasce Augusto C. Sandino, Nicarágua.
1950: Reúne-se no Rio de Janeiro, Brasil, o Conselho Nacional de Mulheres Negras.
1976: Héctor Gutiérrez e Zelmar Michellini, políticos cristãos, mártires das lutas do povo uruguaio.

19 Sábado

At 18,23-28 / Sal 46
Jo 16,23b-28

Pedro Celestino

1979: Encarceradas 21 pessoas na ilha de Vieques, Porto Rico, por protestar contra os EUA.
1995: Morre Jaime Nevares, bispo de Neuquén, voz profética da Igreja argentina.
1997: Manoel Luís da Silva, 40, sem-terra assassinado por capangas de Alcides Vieira de Azevedo, em São Miguel de Taipu.
2002: Canonização de Paulina, 1ª santa brasileira, defensora dos pobres.

20

Ascensão
At 1,1-11 / Sal 46
Ef 1,17-23 / Lc 24,46-53

Bernardino de Siena

1506: Colombo morre em Valladolid, Espanha.
1981: Pedro Aguilar Santos, sacerdote, mártir da causa dos pobres Guatemala.
1993: Carlos Andrés Pérez, presidente da República da Venezuela, é destituído.
1998: Assassinado em Pesqueira, Pernambuco, Francisco de Assis Araújo, cacique do povo xukuru, líder conhecido em âmbito internacional.

21 Segunda

At 19,1-8 / Sal 67
Jo 16,29-33

Felícia e Gisela
João Eliot

1897: Morre em Puerto Plata, Gregório Luperón, herói da Independência da República Dominicana.
1981: Pedro Aguilar Santos, padre, mártir, Guatemala.
1991: Jaime Gutiérrez Álvarez, religioso, Colômbia.
1991: Irene Mc'Cormack, missionária, e companheiros, mártires pela causa da paz, Peru.

Dia mundial (da ONU) da diversidade cultural para o diálogo e o desenvolvimento

22 Terça

At 20,17-27 / Sal 67
Jo 17,1-11a

Joaquina Vedruna
Rita de Cássia

1937: Massacre de Caldeirão, Brasil.
1965: Brasil envia 280 soldados, solicitados pelos EUA, em apoio ao golpe em Santo Domingo.

Dia internacional (da ONU) da biodiversidade

23 Quarta

At 20,28-38 / Sal 67
Jn 17,11b-19

Desidério
Ludwig Nommensen

1977: Elisabeth Käseman, militante alemã da Igreja luterana, mártir pela Causa dos pobres, Buenos Aires, Argentina.

Semana de solidariedade
com os povos de todos os territórios coloniais

Crescente: às 16h02m em Virgem

24 Quinta

At 22,30; 23,6-11 / Sal 15
Jo 17,20-26

Vicente de Lerins
Nicolau Copérnico

1822: Batalha do Picincha, dando a independência total ao Equador.
1986: Ambrosio Mogorrón, enfermeiro espanhol, e companheiros camponeses, mártires da solidariedade, San José de Bocay, Nicarágua.
2005: Edickson Roberto Lemus, lutador pela reforma agrária, assassinado. Progreso, Honduras.

25 Sexta

At 25,13-21 / Sal 102
Jo 21,15-19

Vicenta López Vicuña
Gregório VII

1810: Revolução de maio, dia da Pátria Argentina.
1987: Bernardo López Arroyave, colombiano, mártir pelas mãos dos latifundiários e militares.

Dia da Libertação da África

26 Sábado

At 28,16-20.30-31 / Sal 10
Jo 21,20-25

Filipe Néri
Mariana Paredes

1966: Independência da Guiana.
1969: Henrique Pereira Neto, padre, 28 anos, mártir da justiça, Recife.

27

Pentecostes
At 2,1-11 / Sal 103
1Cor 12,3b-7.12-13 / Jo 20,19-23

Agostinho de Canterbury
João Calvino

1975: O quéchua é oficializado no Peru. (decreto 21.156).

28 Segunda

Eclo 17,20-28 / Sal 31

Emílio e Justo — Mc 10,17-27

1926: Golpe de Estado que leva o direitista Salazar ao poder em Portugal, até sua morte em 1970.

1993: Javier Cirujano, missionário, mártir da paz e da solidariedade, Colômbia.

2001: A justiça francesa chama Henry Kissinger, ex-secretário de Estado (EUA), pela sua implicação com a ditadura de Pinochet.

29 Terça

Eclo 35,1-15 / Sal 49

Maximino — Mc 10,28-31

Jiri Tranovsky

1969: O «cordobazo»: Levante social contra a ditadura de Onganía, em Córdoba, Argentina.

1978: Massacre de uma centena de quichés em Panzós, Guatemala.

1980: Raimundo Ferreira Lima, "Gringo", lavrador, sindicalista, agente de pastoral, mártir em Conceição do Araguaia, Pará, Brasil.

2001: A juíza Servini, da Argentina, reitera ao Chile o pedido de extradição de Pinochet, para julgá-lo pelo assasinato do general Prats.

30 Quarta

Eclo 36,1-2a.5-6.13-19 / Sal 78

Fernando, Joana D'Arc — Mc 10,32-45

1961: Cai, assassinado, o ditador dominicano Rafael Leónidas Trujillo.

1994: María Correa, religiosa, irmã dos indígenas mby'a, profeta da denúncia na sua terra paraguaia.

1996: A comissão dos desaparecidos políticos aprova a indenização à família de Fiel Filho, Brasil.

31 Quinta

Sf 3,14-18 / Int.: Is 12,2ss
Visitação de N. Senhora Rm 12,9-16 / Lc 1,39-56
1961: Assassinado o ditador dominicano Rafael Leónidas Trujillo.
1979: Teodoro Martínez, lavrador e militante cristão, mártir na Nicarágua.
1986: Iº Encontro de Agentes de Pastoral Negros de Duque de Caxias e S. João do Meriti.
1990: Clotario Blest, profeta cristão no mundo sindical chileno.

Dia Mundial Sem Fumo

Cheia: às 20h04m em Sagitário

1 Sexta

Sir 44,1.9-13 / Sal 149
Justino, Mc 11,11-26
João Batista Scalabrini, beatificado em 9/nov/1997
1989: Sergio Restrepo, jesuíta, mártir da libertação dos camponeses de Tierralta, Colômbia.
1991: Assassinado João de Aquino, presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Nova Iguaçu,RJ.

2 Sábado

Sir 51,17-27 / Sal 18
Pedro e Marcelino Mc 11,27-33
1537: Bula *Sublimis Deus* de Paulo III condenado a escravidão.
1987: Sebastián Morales, diácono da Igreja evangélica, mártir da fé e da justiça na Guatemala.

maio

3

Trindade
Pr 8,22-31 / Sal 8
Rm 5,1-5 / Jo 16,12-15
Carlos Lwanga
João XXIII
1548: Juan de Zumárraga, bispo do México, protetor dos índios.
1758: A comissão de limites encontra os Ianomami da Venezuela.
1885: São Carlos Lwanga e companheiros, mártires da fé, Uganda. Padroeiro dos jovens africanos.
1963: Morre João XXIII.

REPENSEMOS A DEMOCRACIA

IVONE GEBARA
Camaragibe, PE, Brasil

Em 2005, particularmente o mundo universitário celebrou o bicentenário do nascimento de Aléxis de Tocqueville, consagrado autor de «A Democracia na América», obra que provocou a intelectualidade a pensar no sentido do que seria uma democracia moderna. Tocqueville, naquela época, analisando a sociedade norte-americana, apesar de ser francês, já profetizara as formas de despotismo que adviriam da «igualdade de condições» da *sociedade individualista de massa*. Para ele, haveria uma exacerbação das exigências egoístas e uma tirania da opinião democrática, que ao exigir que todas as diferenças fossem igualmente respeitadas acabaria por destruir o que chamamos de bem comum. E mais ainda, acabaria por nos fazer viver numa espécie de «totalitarismo brando» imposto pela sociedade de consumo que excitaria os nossos desejos narcisistas em seu próprio benefício. Assim, a pretensa igualdade democrática se fundaria de certa forma na universalização do consumo individual em proveito do lucro de uma elite. Esta análise feita há mais de duzentos anos pode ser uma referência para nos ajudar a entender a falácia da democracia atual e a nossa incapacidade de criar novas formas de organização social que favoreçam a vida da maioria.

Cada vez mais nos damos conta da complexidade do que chamamos «democracia» e da necessidade de entendermos e construirmos novas formas de convivência social diante da exclusão crescente de pessoas em todos os continentes. Estas formas não podem ser abstratas ou pré-estabelecidas, como se fossem modelos mais ou menos fixos ou rígidos aos quais queremos chegar. Igualmente não podem utilizar apenas os princípios gerais dos direitos humanos visto que os princípios muitas vezes habitam o mundo dos ideais e não conseguem articular soluções imediatas. Da mesma forma não podem pensar em modelos democráticos iguais para todo o mundo, pois assim sendo estariam copiando a pretensa democracia do Império estadunidense. Não podem igualmente pensar os seres humanos, mulheres e homens como fundamentalmente bons e por isso mesmo sempre capazes de querer o bem uns dos outros. E entre os bons, se elegeria alguns melhores e os reconheceríamos como detentores de poderes de bondade capazes de transformar nossas relações. E é bom lembrar que este tem sido o procedimento atual das religiões querendo fundar comportamentos políticos de direita ou de esquerda, batizando-os de «democracia segundo a vontade divina». Uma vez mais acentuaríamos as formas hierárquicas e também, indiretamente, modelos a serem imitados na linha do consumismo consagrado pelo capitalismo vigente.

Hoje, o consumo considerado quase como prática religiosa não reflete apenas à sua maneira a questão das classes sociais, mas mostra uma espécie de convite a um igualitarismo «democrático» consumista. Todos precisam e podem ter o seu som, o seu telefone celular, o seu computador, o seu carro, a sua dieta personalizada. O coletivo cede seu lugar para o individual. Dá-se então a perversão da democracia e, a partir dela, os governantes apenas passam a garantir o crescimento do consumo inútil, permitem a propaganda de produtos supérfluos à manutenção da vida, deixando de lado as atividades básicas que mantêm uma vida com dignidade. Os governos hoje chamados democráticos acabam permitindo o desenvolvimento do ilusório sonho que todos os bens de consumo como são propostos pela propaganda podem estar ao alcance de todos. E, nessa ilusão ideologicamente consciente não têm outra alternativa a não ser como diz Foucault «vigiar e punir» ou, como diz Deleuze «controlar», sobretudo os pobres. E isto porque todos nós, estamos mais ou menos inebriados pelas novidades e extravagâncias que a sociedade de consumo apresenta e vemos no desejo de possuir esses bens a realização de nossa humanidade e a vivência de nossa cidadania. Os pobres, mulheres e homens, também podem e devem desejar, mas o Estado vigilante controlaria os excessos compreensíveis do desejo daqueles que não querem ser excluídos. Há uma espécie de perversão que mantém o capitalismo vigente vivo e nele uma ilusão de democracia.

Fizemos da democracia um reinado de consumismo de forma que acabamos entendendo a democracia como o direito de todos e de todas de usufruir a «igualdade de condições» para desejar e possuir o supérfluo, o descartável, aquilo que alimenta a divindade do lucro sempre presente no meio de nós. E mais, fizemos uma democracia que se dá ao direito de exibir o supérfluo, de escrever e convencer sobre o direito ao supérfluo como produção cultural. Assim, a sociedade chamada democrática na qual vivemos passou a ser uma sociedade sempre ávida de prazeres novos, de dominações novas, de instrumentalização e comercialização de corpos. É uma sociedade que exige cada vez mais especializações e produz cada vez

mais seres humanos descartáveis, sujeitos de assistência pública. Nossa democracia passou a ser uma democracia de fachada, uma democracia de palavra vazia de ética.

Suspeito que esta palavra «democracia» se tornou uma palavra inadequada, um conceito gasto e impróprio para explicar o que vivemos e o que gostaríamos de viver. Entretanto, continuamos falando de democracia e, vivendo na realidade, num regime totalitário mundial, militarizado e tecnológico. Este prega os «direitos humanos» universais e apaga do mapa diariamente milhares de crianças recém-nascidas. A ditadura do lucro e do consumismo fechou-nos no «medo do outro» que não tem o que temos, fechou-nos na busca de prazeres individualistas e, nos tornou de certa forma, insensíveis aos movimentos que ainda buscam transformações sociais fundadas num bem comum de qualidade ética.

Às vezes penso que a idéia que temos de democracia, sobretudo nos meios cristãos, é talvez uma idéia muito religiosa. Pensamos a democracia como uma utopia, como uma espécie de fraternidade universal onde todas as fomes serão saciadas, como expressão idealizada do reinado de Deus, como um mundo de relações pacíficas e pacificadoras, como um lugar político bom ao qual se quer chegar. Essa idéia «religiosa de democracia» não tem força para se opor «à capitalista democrática» do consumismo. Ambas pecam pela absolutização e idealização do ser humano quer no seu aperfeiçoamento consumista quer no seu aperfeiçoamento anticonsumista. Ambas se situam em extremos julgando-se mutuamente e buscando adeptos para seu lado. Na realidade, parece que ambas esquecem-se da história humana e de seus desafios reais, dos processos de socialização que nos marcam, dos micropoderes que educam nossos desejos e das dores imediatas que sentimos. Não tenho respostas convincentes para encontrar caminhos nesta floresta cinzenta em que estamos. Tenho algumas sugestões que servem como convite ao pensamento.

Se, por exemplo, nos detivéssemos a observar a vida cotidiana de cada um e cada uma de nós, poderíamos ao menos admitir as dificuldades inerentes às relações humanas. Perceberíamos que a ganância e egoísmo estão sempre espreitando as boas ações e as boas intenções de pessoas e grupos. Da vida cotidiana na sua simplicidade e complexidade aprenderíamos que a convivência humana exige um mínimo de ordem e de limites. Isto porque não somos nem bons por natureza e nem maus por natureza. Somos seres históricos «misturados» e essa mistura faz com que nossas ações e instituições sejam misturadas. Não seremos perfeitos, nem irrepreensíveis, nem faremos da terra um Paraíso de delícias e de justiça e nem uma democracia radical onde todas e todos tenham seus direitos respeitados. Não somos totalmente pacíficos e nem totalmente belicosos. Por isso, a arte política que buscar favorecer o bem comum tem que lidar com seres misturados, inconstantes, contraditórios, verdadeiros e mentirosos que somos nós. E tem que propor a educação de cada sujeito no lugar pequeno em que está, na linha do «faça o bem que você deseja que os outros façam». Nessa mesma perspectiva, e agora num espaço maior, as velhas fórmulas da política democrática que convidavam as pessoas a formar organizações para a defesa de seus interesses de forma a participarem do governo da cidade e da nação necessitariam recobrar força e criatividade para enfrentar o complexo momento em que vivemos. A criação de instâncias intermediárias nos diferentes setores da organização social, precisaria ser reativada a fim de manter valores e ideais de serviços e de governabilidade que sirvam ao bem comum. Por isso, essas instâncias poderiam até propor a deposição de um governo, de um chefe de empresa, de um governador, de um bispo, de um pastor, de um papa, de um rei, de um funcionário, de um professor caso eles estivessem se esquecendo através de suas ações de priorizar o bem comum.

Elas deveriam funcionar desde o bairro até a cidade, desde a capela até a diocese, desde o hospital até o Ministério da Saúde. E o bem comum quem o definiria? Este é o desafio que nos é colocado sempre de novo e, sobretudo neste momento em que parecemos viver no «totalitarismo brando» do lucro e do consumismo e numa grande dificuldade de encontrar caminhos de justiça e de bem. Uma vez mais, aqui também, devem aparecer as «instâncias intermediárias» que se organizariam nos diferentes níveis e instituições e a partir daí pensariam no «bem comum» naquela situação, naquele momento, para aquele grupo sem jamais esquecer que somos parte de uma complexa rede vital de relações bem mais ampla que nosso próprio grupo. Mais uma vez, não pensem que seremos perfeitos. Seremos apenas um pouco melhores porque seremos capazes de pensar as nossas dificuldades e as nossas necessidades à luz do que nos parece fundamental para o sustento de nossa vida e da vida do Planeta. A responsabilidade será nossa e não mais daqueles que decidem por nós e nos impõem sua democracia e sua política. Saberemos que mesmo fazendo parte de um «sistema capitalista imperial» que não escolhemos estaremos vivendo «algo» do que acreditamos e nos ajudando a acolher as exigências dos próximos passos que virão. Talvez, essas pequenas coisas alimentarão nossa esperança para HOJE e nos ajudarão a construir relações um pouco mais democráticas. ❑

2007

Maio

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
4	5	6	7
11	12	13	14
18	19	20	21
25	26	27	28

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Julho

Sexta	Sábado	Domingo
1	2	3
8	9	10
15	16	17
22	23	24
29	30	

JUNHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

4 Segunda

Tb 1,3;2,1b-8 / Sal 111

Francisco Caracciolo — Mc 12,1-12

1559: O ouvidor Fernando Santillán informa dos massacres de índios no Chile.

1876: Raúl Rodriguez e Carlos Antonio di Pietro, religiosos assuncionistas, seqüestrados, San Miguel, Buenos Aires, Argentina.

1980: José Maria Gran, padre, e Domingo Batz, sacristão, mártires em El Quiché, Guatemala.

Dia Internacional das crianças vítimas inocentes de agressões

5 Terça

Tb 2,9-14 / Sal 111

Bonifácio — Mc 12,13-17

1573: Execução cruel do cacique Tanamaco, Venezuela.

1981: Descoberto o primeiro caso de Aids da história, em Los Angeles, EUA.

1988: Agustín Ramírez e Javier Sotelo, operários mártires da luta dos marginalizados da grande Buenos Aires, Argentina.

2000: A Corte de Recursos de Santiago retira a imunidade do Pinochet, com 109 acusações nos tribunais chilenos.

Dia Mundial do Meio Ambiente

6 Quarta

Tb 3,1-11a.16-17a / Sal24

Norberto — Mc 12,18-27

1940: Morre Marcos Garvey, líder negro jamaicano, idealizador do pan-africanismo.

1980: José Ribeiro, líder da nação indígena Apurinã, assassinado, Brasil.

1989: Pedro Hernández e companheiros, indígenas, mártires da luta pela terra México.

2001: Condenam três militares pelo assasinato de Mons. Gerardi na Guatemala, e um sacerdote por acobertamento.

7 Quinta

Corpus Christi
Gn 14,18-20 / Sal 109
Roberto, *Seattle* 1Cor 11,23-26 / Lc 9,11b-17

1494: Castela e Portugal assinam o Tratado de Tordesillas, negociando sua expansão no Atlântico.
1978: Começa a organização do Movimento Negro Unificado (MNU).
1990: Ir. Filomena López Filha, apóstola das favelas, Nova Iguaçu, assassinada.
1998: Soldados atacam indígenas reunidos em El Charco, Guerrero, México, confundidos com guerrilheiros. Morrem 11 camponeses.
2005: Depois 30 anos de luta, um juiz dita a devolução das terras de camponeses das Ligas Agrarias Paraguaias, expulsos pela ditadura em 1975.

8 Sexta

Tb 11,5-17 / Sal 145
Salustiano, Medard Mc 12,35-37

1706: Una carta regia manda secuestrar la primera tipografía de Brasil, instalada en Recife.
1982: Luis Dalle, obispo de Ayaviri, Perú, amenazado de muerte por su opción por los pobres, muere en «accidente» provocado nunca esclarecido.

Minguante: às 06h43m em Peixes

9 Sábado

Tb 12,1.5-15.20 / Int. Tb 13,2-8
Efrém, *Columbano, Aidan, Bede* Mc 12,38-44

1597: José de Anchieta, das Ilhas Canárias, evangelizador do Brasil, "Grande Pai" dos guaranis.
1971: Héctor Gallego, padre colombiano, desaparecido em Santa Fé de Veráguas, Panamá.
1979: Juán Morán, padre mexicano, mártir dos indígenas mazahuas.
1981: Toribia Flores de Cutipa, líder camponesa, vítima da repressão da Guarda Civil no Peru.

10

10º Domingo do tempo comum
1Rs 17,17-24 / Sal 89
Gl 1,11-19 / Lc 7,11-17
Críspulo e Maurício

1521: Os índios destroem a missão de Cumaná, Venezuela, construída por Las Casas.
1835: Aprobada a pena de morte contra o escravo que mate ou moleste a seu senhor, Brasil.
1993: Norman Pérez Bello, militante, mártir da fé e da opção pelos pobres na Colômbia.
2002: O ex-presidente Luis Echeverria é chamado a declarar acusado de genocídio no massacre dos estudantes de Tlatelolco, México 1968.

11 Segunda

At 11,21b-26;13,1-3/ Sal 97
Mt 10,7-13

Barnabé

1980: Ismael Enrique Pineda, promotor da Cáritas em San Salvador, e companheiros, desaparecidos em El Salvador.

1997: Condenado a 26 anos de prisão José Rainha, líder do MST, por suposto homicídio.

12 Terça

2Cor 1,18-22 / Sal 118
Mt 5,13-16

Gaspar,
João de Sahagún

1514: É feita pela primeira vez a leitura do "requerimento" (ao cacique Catarapa), na voz de Juan Ayora, na costa de Santa Marta.

1935: Fim da Guerra do Chaco.

1981: Assassinado Joaquim Neves Norte, advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Naviraí, Paraná, Brasil.

13 Quarta

2Cor 3,4-11 / Sal 98
Mt 5,17-19

Antônio de Pádua

1645: Começa a insurreição Pernambucana para expulsar o domíno holandês no Brasil.

2003: México concede a extradição para Espanha de Ricardo Cavallo, torturador na ditadura argentina.

14 Quinta

2Cor 3,15-4,1.3-6 / Sal 84
Eliseu; *Basílio, o Grande,* Mt 5,20-26
Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa

1977: Maurício Silva, sacerdote uruguaio mártir dos pobres em Buenos Aires. Desaparecido.
1980: Cosme Spessoto, padre italiano, vigário, mártir em El Salvador.
1983: Vicente Hordanza, padre missionário a serviço dos camponeses, Peru.
2005: Argentino declara inconstitucionais as leis de «obediência devida» e «ponto final».

15 Sexta

Ez 34,11-16 / Sal 22
Maria Micaela, Vito Rm 5,5b-11 / Lc 15,3-7

1932: Início da Guerra do Chaco, entre Bolívia e Paraguai.
1952: Víctor Sanabria, arcebispo de São José da Costa Rica, defensor da justiça social.
1987: "Operação Albânia": 12 assassinatos em Santiago pelos serviços de segurança.Chile.
1989: Teodoro Santos Mejía, padre, Peru.
2005: México declara não prescrito o delito do ex-presidente Echeverría por genocídio, em 1971.

Nova: às 07h04m em Câncer

16 Sábado

Is 61,9-11 / Int. 1Sm 2,1.4-8
Juan Francisco de Regis Lc 2,41-51

1976: Masacre de Soweto, Sudáfrica: 700 niños asesinados por negarse a aprender «afrikaans», la lengua del opresor.
1976: Aurora Vivar Vásquez, militante, sindicalista, mártir de las luchas obreras de Perú.
1978: Firma del Tratado Torrijos-Carter sobre la entrega del Canal por EEUU a Panamá.

junho

17

11º Domingo do tempo comum
2Sm 12,7-10.13 / Sal 31
Gl 2,16.19-21 / Lc 7,36-8,3
Ismael e Samuel

1703: Nascimento de John Wesley, Inglaterra.
1983: Felipa Pucha e Pedro Cuji, indígenas, mártires do direito à terra em Culluctuz, Equador.
1991: Fim das leis do apartheid na África do Sul.

Dia Internacional contra a Desertificação

18 Segunda

2Cor 6,1-10 / Sal 97
Germão Mt 5,38-42

1954: O presidente Jacobo Arbenz renuncia diante de uma invasão apoiada pela CIA, Guatemala.
1997: Brasil aprova a lei que permite privatizar as comunicações.

19 Terça

2Cor 8,1-9 / Sal 145
Romualdo Mt 5,43-48

1764: Nascimento de José Artigas, libertador do Uruguai, "pai" da Reforma Agrária.
1867: Fuzilamento de Maximiliano, imperador imposto ao México.
1986: Massacre nas cadeias de Lima, Peru.

20 Quarta

2Cor 9,6-11 / Sal 111
Silvério Mt 6,1-6.16-18

Dia do Refugiado Africano.
1820: † Manuel Belgrano, prócer argentino.
1923: Assassinato de Doroteo Arango, "Pancho Villa", general revolucionário mexicano.
1979: Rafael Palacios, padre, mártir das comunidades de base salvadorenhas.
1995: GreenPeace consegue que a Shell e a Esso renunciem à instalação no oceano da plataforma petrolífera Brent Spar, e outras 2 mil futuras.

Dia Mundial (da ONU) dos Refugiados

21 Quinta

2Cor 11,1-11 / Sal 110
Mt 6,7-15

Luís Gonzaga, *Onésimo Nesib*

1984: Sergio Ortiz, seminarista, mártir da perseguição à Igreja na Guatemala.

Año Nuevo Aymara

Solstício: começa o verão no Norte e o inverno no Sul, às 18h06m GMT.

22 Sexta

2Cor 11,18.21b-30 / Sal 33
Mt 6,19-23

João Fisher, *Tomás Morus*

1534: Benalcázar toma e saqueia Quito, Equador.

1965: Arturo Mackinnon, missionário de origem canadense, da Sociedade Missionária de Scarboro, mártir, assassinado aos 33 anos em Monte Plata, Rep. Dominicana, ao protestar contra as injustiças da polícia contra os pobres.

1966: Manuel Larraín, bispo de Talca, presidente do CELAM, pastor do povo chileno.

Crescente: às 08h15m em Libra

23 Sábado

2Cor 12,1-10 / Sal 33
Mt 6,24-34

Zenão

1524: Chegam ao México «os doze apóstolos da Nova Espanha», franciscanos.

1936: Nasce Carlos Fonseca.

1967: Massacre de San Juan, centro mineiro «Século XX», Bolívia.

24

João Batista
Is 49,1-6 / Sal 138
At 13,22-26 / Lc 1,57-66.80

Nascimento de João Batista

1541: Rebelião indígena no oeste do México (Guerra de Mixton).

1821: Batalha de Carabobo, Venezuela.

1823: Constitui-se a Federação das Províncias Unidas da América Central, de curta duração.

1935: Carlos Gardel, representante máximo do tango argentino, morre em acidente aéreo no aeroporto de Medellín, Colômbia.

25 Segunda

Gn 12,1-9 / Sal 32
Mt 7,1-5

Guilherme, Máximo
Confissão de Augsburgo, Filipe Melanchton

1524: Colóquio dos sacerdotes e sábios astecas com «os doze apóstolos do México».
1975: «Os mártires de Olancho»: Iván Betancourt, Miguel «Casimiro», padres, e 7 companheiros camponeses hondurenhos, mártires.

26 Terça

Gn 13,2.5-18 / Sal 14
Mt 7,6.12-14

Pelaio

1541: Morte violenta de Pizarro.
1822: Encontro de San Martín e Bolívar, Guayaquil.
1945: É assinada a Carta das Nações Unidas em São Francisco, EEUU.
1987: Criação da Confederação dos Povos Indígenas do México. **20 anos.**

Dia Internacional da Luta contra o uso Indevido e o Tráfico Ilícito de Drogas.

Dia internacional de apoio às vítimas de tortura.

27 Quarta

Gn 15,1-12.17-18 / Sal 104
Mt 7,15-20

Cirilo de Alexandria

1552: Domingo de Santo Tomás e Tomás de San Martín, dominicanos, primeiros bispos da Bolívia, defensores do índio.
1982: Juan Pablo Rodríguez Ran, sacerdote indígena, mártir da justiça na Guatemala.
1986: O Tribunal Internacional de Haia considera os EUA "culpados de violar o Direito Internacional por sua agressão contra a Nicarágua".

28 Quinta

Gn 16,1-12.15-16 / Sal 105
Irineu Mt 7,21-29
1918: Desembarque de marines no Panamá.
1954: Derrubada de Jacobo Arbenz, Guatemala.
1890: O governo republicano, abrindo as portas do Brasil aos imigrantes europeus, estabelece que africanos e asiáticos só poderão entrar me-diante autorização do Congresso.
2001: Vladimiro Montesinos ingressa na prisão por ele mesmo construída para terroristas. Peru.

29 Sexta

Gn 17,1.9-10.15-22 / Sal 127
Pedro e Paulo Mt 8,1-4
1995: Conflitos de terras em São Félix do Xingu, Brasil, morrem seis agricultores e um policial.
1997: Condenados os fazendeiros "mandantes" do assassinato do Pe. Jósimo Tavares, 1986.

30 Sábado

Gn 18,1-15 / Int. Lc 1
Protomártires de Roma Mt 8,5-17
João Olof Wallin
Dia dos mártires da Guatemala (antes, do exército).
1520: "Noite triste", derrota dos conquistadores no México.
1975: Dionisio Frías, lider camponês, mártir das lutas pela terra na República Dominicana.
1978: Hermógenes López, vigário, fundador da Ação Católica Rural, mártir, Guatemala.

Cheia: às 08h49m em Capricórnio

junho

1

Pedro e Paulo
At 12,1-11 / Sal 33
2Tm 4,6-8.17-18 / Mt 16,13-19
Casto, Secundino, Aarão
Catarina Winkworth, João Mason Neale
Festa nacional do Canadá.
1974: † Juan Domingo Perón, três vezes presidente argentino.
1981: Túlio Maruzzo, padre italiano, e Luiz Navarrete, catequista, mártires na Guatemala.
1990: Mariano Delaunay, professor, mártir da educação libertadora para o povo haitiano.
2002: O ditador Pinochet declarado «livre» por demência. Chile.
2002: Entra a vigorar o Tribunal Penal Internacional, mesmo com a oposição dos EUA.

É POSSIVEL A DEMOCRACIA NO MUNDO?

A PARTILHA DO MUNDO E A LUTA DE CLASSES EM NIVEL MUNDIAL

WIM DIERCKXSENS
São José, Costa Rica

Na disputa neoliberal pela partilha do mercado mundial, uma parte crescente do mesmo mercado foi absorvido pelas transnacionais, com sacrifício dos mercados nacionais e locais, sobretudo na periferia. A participação das 200 maiores empresas transnacionais no Produto Mundial Bruto (PMB) era de 17% em 1965. Trinta anos depois, o conjunto das transnacionais tinha açambarcado mais de 50% do PMB, isto é, três vezes mais que a sua participação 30 anos antes (Beinstein 1999:60). Ao acumular os ingressos, tende-se a reduzir a demanda global, uma vez que os mais ricos consomem porcentagem menor da sua entrada do que o que consomem os mais pobres. Não há dúvida de que enquanto uma quinta parte da população mundial, com rentas maiores, consome quase exclusivamente produtos transnacionais e as quintas partes inferiores tendem a consumir mais produtos locais, a concentração das entradas tendem a beneficiar as transnacionais.

No meio da crescente miséria das maiorias aumenta a demanda de produtos transnacionais, quase sempre de caráter luxuoso, e prospera o grande capital. Durante os anos 80, e sobretudo nos anos 90, as bolsas de valores subiram sem cessar diante da miséria cada vez mais generalizada. Apostavam-se somas cada vez mais gigantescas com créditos cada vez mais arriscados. Esses investimentos não ampliaram a base produtiva; inflaram os preços das ações, sem contrapartida de riqueza real. As ações tendiam a subir de forma geométrica, enquanto a base real da economia crescia cada vez mais lentamente. O resultado foi uma crescente massa de dinheiro virtual, sem respaldo na economia real.

Nos inícios do novo milênio, surge a ameaça de recessão mundial. Até os fins de 2001, os países centrais entram simultaneamente em recesso. Um crescimento econômico negativo atrai a demanda de produtos transnacionais e, por conseguinte, entram em perigo as garantias transnacionais. Como resultado, o preço das ações tende a cair e a bolsa de valores entra em crise. Entre abril de 2000 e 10 de setembro de 2001, as ações da bolsa caíram – em media mundial – em 31%. O 11 de setembro então foi responsável pela crise da bolsa (Tablada e Dierckxsens, 2004: 167-168).

O atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 foi utilizado para se atribuir os maus resultados econômicos ao terrorismo. A guerra contra o terrorismo, na sua essência, revela uma modalidade coercitiva para aprofundar a distribuição do mercado mundial existente. É uma geopolítica do terror que já não parte do livre jogo do mercado. Se neste mundo não existe lugar para todos (os capitais), alguns (o Ocidente, e sobretudo os EUA) acham que têm mais direitos de estar neste mundo do que os outros (o Oriente em geral e o Islã em primeiro lugar). Legitimar a política de exclusão com base na suposta ameaça ao Ocidente pelo Islã, com a justificativa ideológica de que se trata de civilizações e regiões fundamentalistas inferiores e perigosas, implica a passagem da exclusão à eliminação metódica. O resultado é que a geopolítica se separa da democracia formal e tende a um etnocídio de caráter neo-fascista.

O terrorismo oficial fomenta o terrorismo dos dominados e tende a se justificar com a sua criação. O terrorismo oficial procura então se legitimar. Deste modo cria-se um círculo vicioso do terror. Gera-se um mundo onde ninguém se sente seguro, nem na periferia nem nos próprios centros do poder. O terrorismo oficial torna-se assim a verdadeira ameaça para a humanidade e não o terrorismo de baixo. No meio deste terror, tarde ou cedo, se apresenta a ameaça de uma guerra mundial, com o uso de armas de destruição em massa. No meio da ameaça de um holocausto nascerá a consciência que neste "salve-se quem puder" ninguém estará a salvo. A solidariedade com o "outro"... acaba sendo o suposto necessário para a minha própria salvação. Nasce então a ética solidária.

Desmoronamento do poder hegemônico dos EUA

O poder hegemônico dos EUA no mundo, se assenta sobre dois pilares: o dólar como moeda internacional e o Pentágono. Os EUA possuem a moeda de reserva e de intercâmbio mundial, em conseqüência da sua fortaleza econômica do passado. Hoje em dia, os EUA vivem da renda que traz esta posição hegemônica, mas a mesma está sendo minada pelo caráter improdutivo e parasitário de uma economia de característica capitalista. Na medida em que a fortaleza econômica de um império se enfraquece, a história da humanidade nos ensina que o último recurso é recorrer à força. Um gasto militar em ascensão, que se sustenta em uma base econômica em declínio, não pode ser mantido. Pelo fato de possuir a moeda universal, os EUA poderão agüentar o gasto militar du-

rante um tempo de puro crédito. Mas um país que vive cada vez mais do crédito já não pode impor o seu critério aos seus credores. Ao perder a hegemonia no econômico, o império costuma recorrer à força e, às vezes, contra os seus credores. Uma hegemonia baseada na economia de guerra, mas sustentada puramente no crédito dos seus inimigos, leva ao colapso.

A recessão mundial que se anunciava a partir da crise da bolsa de 2001 e 2002 pôde ser amortecida mediante a intervenção econômica, com uma baixa geral das taxas de juros. No mundo todo, e sobretudo nos EUA, se observava uma baixa permanente nas taxas de juros desde 2001 até junho de 2004. O pensamento era manter a demanda efetiva dos produtos transnacionais. O resultado foi uma onda especulativa no mercado de bens de raízes e um aumento substancial no consumo privado. Os EUA, com 5% da população mundial, consomem 30% do PMB. A dívida dos norte americanos equivale ao PIB do país. A dívida pública e privada acumulada dos EUA em 2004 somava 38 bilhões de dólares: quase o PIB mundial.

Para os EUA torna-se estratégico preservar o dólar como moeda de reserva e como moeda internacional. Até novembro de 2000 conservaram-se estes privilégios. Nessa data, o Iraque mudou as suas reservas de dólares para euros, e negociava o petróleo por euros, no lugar de dólares. Era possível que outros países da OPEP seguissem esta iniciativa, o que levaria a uma "queda livre" do dólar. Neste contexto, os EUA começam a "guerra preventiva" contra o Iraque, para amedrontar o mundo todo em enfrentar o dólar.

Os custos da guerra subiram muito mais do que o previsto. Os EUA não tiveram outra alternativa que financiar parte importante da guerra com uma crescente dívida pública. A metade desta dívida pública é financiada pelo exterior e a metade desta metade, os países asiáticos. A outra metade é financiada internamente e quase a metade dela com fundos do seguro social em bancarrota. A ascendente dívida pública dos EUA compromete o dólar como moeda de reserva. Com esta depreciação as reservas internacionais dos países perdem o valor, sobretudo dos países que possuem muitas reservas internacionais em dólares, como a China. O déficit na balança comercial dos EUA com a China aumenta sem parar e a China, em vez de repatriar os dólares aumenta suas reservas em dólares nos EUA, para evitar uma contração na demanda. Esta política pode ter como conseqüência o desequilíbrio do dólar, e levará a uma queda futura ainda mais profunda. É uma bomba temporânea. Os EUA, junto com o Japão, mantém atualmente a China sob ameaça de guerra para evitar que troque estes dólares por euros. Desta forma, o império aumenta o totalitarismo afim de adiar a queda livre do dólar, sem possibilidade de evitá-lo.

Inevitável transição para um mundo multipolar

A multipolaridade é hoje uma realidade emergente. É evidente a expansão da Europa. A China começou a deslocar os EUA na organização de Cooperação Econômica Ásia Pacífico (APEC); está deixando para trás o Japão no Irã, nas inversões petrolíferas e como o principal sócio comercial das maiores economias latino-americanas. A China assinou com o Brasil, em 2004, importantes acordos de investimentos e comércio, e com a Argentina, Venezuela, Bolívia, Chile e Cuba. A Venezuela concordou em dar-lhe amplo acesso ao seu petróleo. A China e a Índia em 2005 chegaram a um acordo comercial com a explícita pretensão de mudar a atual ordem mundial a partir de duas economias pujantes, com mais de um terço da população mundial. A hegemonia dos EUA está em crise.

Tudo o que precedeu gera angustiante expectativa sentida em todo o mundo: que os EUA recorra à guerra total, como último recurso. Efetivamente se espera há muito tempo um aumento do atual cenário bélico nesta guerra global pelo mercado. Os EUA ameaçam atacar o Irã com uso de armas nucleares. As conseqüências poderiam ser muito mais imediatas do que foi no caso do Iraque: os iranianos estão armados com mísseis russos e têm capacidade de fechar o estreito de Hormutz e cortar o tráfico do petróleo durante meses. O conflito poderia envolver outras potências e ameaçaria uma guerra mundial. Em questão de dias o petróleo poderia subir às nuvens e o dólar desmoronaria. Uma recessão mundial do comércio seria inevitável.

Em nível mundial, não vivemos uma democracia, mas uma luta internacional pela divisão do bolo, que não é uma luta democrática. De fato os EUA continuam sendo a força mais poderosa, mas agonizante na sua hegemonia econômica. É provável que os EUA aumentem as suas ações violentas. Um conflito nuclear com o Irã não só provoca a crise da economia norte americana, mas da mundial. De fato, a causa pode ser projetada para o terrorismo externo, e não simplesmente para causas internas. A crise será mundial e profunda e levará provavelmente ao colapso não só do neoliberalismo, mas do próprio capitalismo. Diante da crise do neoliberalismo e do terrorismo oficial, uma nova correlação de forças está se produzindo; e estamos no momento de mudanças. De todos os lados aparecem movimentos sociais reivindicando democracias participativas e uma economia que reafirme a vida. Os militantes pela democracia integral nunca devem deixar de analisar os fatores mais profundos da (atual falta de) democracia mundial. ❑

2007

Junho

S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17

S	T	Q	Q	S	S	D
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
2	3	4	5
9	10	11	12
16	17	18	19
23	24	25	26
30	31		

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19

S	T	Q	Q	S	S	D
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Agosto

Sexta	Sábado	Domingo
		1
6	7	8
13	14	15
20	21	22
27	28	29

JULHO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

2 Segunda

Gn 18,16-33 / Sal 102

Vidal, Marcial — Mt 8,18-22

1617: Rebelião dos tupinambás (Brasil).

1823: Tomada de posse de Salvador, que termina com a guerra de independência da Bahia, Brasil.

1925: Nasce o revolucionário africano Lumunba.

1991: 1ª Conferência legal do Congresso Nacional Africano, África do Sul, depois de 30 anos.

3 Terça

Ef 2,19-22 / Sal 116

Tomé — Jo 20,24-29

1951: Aprovada a Lei Afonso Arinos, que condena a discriminação de raça, de cor e de religião.

1978: Pablo Marcano García e Nydia Cuevas ocupam o Consulado chileno em San Juan, Porto Rico, para denunciar o absurdo de se celebrar a independência do país (EUA) que nega essa independência a Porto Rico.

1987: Tomás Zavaleta, franciscano salvadorenho, mártir da solidariedade centro-americana, Nicarágua.

4 Quarta

Gn 21,5.8-20 / Sal 33

Isabel de Portugal — Mt 8,28-34

1776: Independência dos EUA. Festa nacional.

1974: Antonio Llido Mengua, sacerdote diocesano espanhol, detido e desaparecido pela ditatura de Pinochet.

1976: Alfredo Kelly, Pedro Dufau, Alfredo Leaden, padres; Salvador Barbeito e José Barletti, seminaristas, mártires da justiça, Argentina.

5 Quinta

Gn 22,1-19 / Sal 114
Antônio Maria Zacaria Mt 9,1-8
1573: Execução cruel do cacique Tamanaco, Venezuela.
1811: Independência da Venezuela. Festa nacional.
1920: Na Bolívia, decretada a entrega de terra aos "nativos".
1981: Emeterio Toj, lavrador indígena, seqüestrado na Guatemala.

6 Sexta

Gn 23,1-4.19;24,1-8.62-67 / Sal 105
Maria Goretti Mt 9,9-13
1415: Morre John Huss na Checoslováquia.
1943: Morre em Buenos Aires, Argentina, Nazaria Ignacia March Mesa, fundadora das religiosas "Cruzadas da Igreja"; fundou em Oruro, Bolívia, o primeiro sindicato operário feminino da América Latina; beatificada em 27.09.1992.
1986: Rodrigo Rojas, militante, mártir da luta pela democracia do povo chileno.

7 Sábado

Gn 27,1-5.15-29 / Sal 134
Firmino Mt 9,14-17
1976: Arturo Bernal, lavrador cristão, dirigente das Ligas Agrárias, morto sob tortura, Paraguai.
1991: Carlos Bonilla, mártir do direito ao trabalho, Citlatepetl, México.
Minguante: às 09h54m em Aries

8

14º Domingo do tempo comum
Is 66,10-14c / Sal 65
Gl 6,14-18 / Lc 10,1-12.17-20
Eugênio, Adriano
1538: Morte violenta de Almagro.
1991: Martín Ayala, mártir da solidariedade dos marginalizados do seu povo salvadorenho.

9 Segunda

Gn 28,10-22a / Sal 90
Mt 9,28-26

Rosário de Chiquinquirá
1816: Independência da Argentina.
1821: San Martín proclama a independência do Peru.
1880: Joaquim Nabuco funda a Sociedade Brasileira contra a Escravidão.
1920: Pedro Lessa, estivador, lutador pelos direitos dos trabalhadores, preso e morto na prisão, Recife.

10 Terça

Gn 32,22-32 / Sal 16
Mt 9,32-38

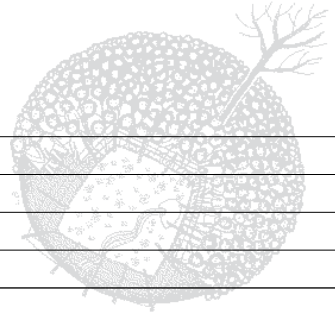
Cristóvão
1509: Nascimento de Calvino na França.
1973: Independência das Bahamas. Festa nacional.
1980: Faustino Villanueva, padre espanhol, mártir do povo indígena de El Quiché, Guatemala.
1988: Joseph Lafontant, advogado, mártir da defesa dos direitos humanos no Haiti.
2002: O juíz argentino Claudio Bonadío detém 30 exmilitares, entre eles o ex-presidente Leopoldo Galtieri, pelo seqüestro, tortura e homicídio de 20 guerilheiros durante a ditadura (1976-83).

11 Quarta

Gn 41,55-57;42,5-7.17 / Sal 32
Mt 10,1-7

Bento
1968: Fundação do Movimento Índio dos EUA (American Indian Moviment).
1977: Carlos Ponce de León, bispo de San Nicolás, mártir da justiça na Argentina, **30 anos.**

Dia Mundial da População



julho

12 Quinta

Gn 44,18-21.23b-29;45,1-5
João Gualberto Sal 104 / Mt 10,7-15

1821: Bolívar cria a República da Grande Colômbia
1917: Greve geral e insurreição em São Paulo.
1976: Aurelio Rueda, padre, mártir dos habitantes dos cortiços da Colômbia.

13 Sexta

Gn 46,1-7.28-30 / Sal 36
Henrique Mt 10,16-23

1900: Nasce, em Santiago do Chile, Juana Fernández Solar, Santa Teresa de Jesus dos Andes, carmelita descalça.
1982: Fernando Hoyos, jesuíta missionário entre os indígenas, e Chepito, coroinha, na Guatemala, mortos numa emboscada do exército.
1989: Natividad Quispe, índia de 90 anos, Peru.
1991: Riccy Mabel Martínez, violentada e assassinada por militares, símbolo da luta do povo de Honduras contra a impunidade militar.

14 Sábado

Gn 49,29-32;50,15-26a / Sal 104
Francisco Solano Mt 10,24-33
Camilo de Lelis

1616: Francisco Solano, missionário franciscano, apóstol dos índios em Peru.
1630: Hernandarias publica no Paraguai as primeiras leis em defesa dos índios.
1969: Explode a «guerra do futbol», entre El Salvador e Honduras, cuja origem é a expulsão de colonos salvadorenhos do território hondurenho.

Nova: às 07h04m em Câncer

15

15º Domingo do tempo comum
Dt 30,10-14 / Sal 68
Cl 1,15-20 / Lc 10,25-37

Boaventura
Vladimir

1972: Héctor Jurado, pastor metodista, mártir do povo uruguaio, torturado.
1976: Rodolfo Lunkenbein, missionário, e Lourenço Simão, cacique bororo, mártires do povo indígena.
1981: Misael Ramírez, lavrador, animador de comunidades, mártir da justiça na Colômbia.
1991: Julio Quevedo Quezada, catequista da Diocese de El Quiché, assassinado pelas forças de segurança do Estado, Guatemala.

Dia internacional (da ONU) da Família

16 Segunda

Ex 1,8-14.22 / Sal 123
N. Sra. do Carmo Mt 10,34-11,1
1750: José Gumilla, missionário, defensor dos índios, cultivador das suas línguas, Venezuela.
1982: Os sem-teto ocupam 580 casas em Santo André, SP.

17 Terça

Ex 2,1-15a / Sal 68
Aleixo Mt 11,20-24
Beato Inácio de Azevedo e companheiros
Bartolomeu de las Casas
1566: Bartolomeu de las Casas, 82 anos, primeiro padre ordenado no Continente, profeta defensor da causa dos índios e negros.
1976: Mártires operários do engenho Ledesma, Argentina.
1980: Cruento golpe militar na Bolívia, encabeçado pelo general Luíz García Meza.

18 Quarta

Ex 3,1-6.9-12 / Sal 102
Arnulfo, Frederico Mt 11,25-27
1872: Morre o grande índio zapoteca Benito Juárez.
1976: Carlos de Dios Murias e Gabriel Longueville, padres, seqüestrados e mortos, mártires da justiça em La Rioja, Argentina.

19 Quinta

Ex 3,13-20 / Sal 104
Mt 11,28-30

Justa e Rufina, Arsênio
1824: Fuzilamento do imperador Itúrbide, México.
1979: Vitória da Revolução Sandinista.
1983: Yamilet Sequiera Cuarte, catequista, Nicarágua.

20 Sexta

Ex 11,10-12,14 / Sal 115
Mt 12,1-8

Elias
1500: Carta Real ordena pôr em liberdade a todos os índios vendidos como escravos na Península.
1810: Independência da Colômbia. Festa nacional
1969: O ser humano, por meio do Neil Armstrong, da Apolo 11, pisa a Lua pela primeira vez.
1981: Massacre de Coyá, Guatemala: trezentos mortos, entre mulheres, idosos e crianças.

21 Sábado

Ex 12,37-42 / Sal 135
Mt 12,14-21

Lourenço de Bríndisi
1980: Wilson de Souza Pinheiro, sindicalista, lutador em favor dos lavradores pobres, assassinado em Brasiléia, Acre.
1984: Sergio Alejandro Ortíz, seminarista, Guatemala.
1987: Alejandro Labaca, Vigário de Aguaricó, e Inés Arango, missionária, na selva equatoriana.

22

16º Domingo do tempo comum
Gn 18,1-10 / Sal 14
Cl 1,24-28 / Lc 10,38-42

Maria Madalena
1980: Jorge Oscar Adur, padre assuncionista, ex-presidente da JEC, Raúl Rodríguez e Carlos Di Pietro, seminaristas, desaparecidos na Argentina.

Crescente: às 07h04m em Libra

23 Segunda

Ex 14,5-18 / Int. Ex 15,1-6
Brígida Mt 12,38-42

1978: Mário Mujía Córdoba, "Guigui", operário e professor, agente de pastoral, mártir da causa operária na Guatemala.
1983: Pedro Angel Santos, catequista, mártir da fé e da solidariedade com seu povo salvadorenho.
1987: Mártires lavradores de Jean-Rabel, Haiti.
1993: Oito crianças de rua assassinadas por um esquadrão da morte enquanto dormiam na praça da Igreja da Candelária, Rio de Janeiro.

24 Terça

Ex 14,21-15,1 / Int. Ex 15,8-17
Cristina Mt 12,46-50

1783: Nasce Simão Bolívar em Caracas, Venezuela.
1985: Ezequiel Ramim, missionário comboniano, mártir da terra, defensor dos posseiros em Cacoal, Rondônia. Assassinado.

25 Quarta

At 4,33;5,12.27-33;12,2
Tiago Apóstolo 2Cor 4,7-15 / Sal 125 / Mt 20,20-28

1545: Diego Colón funda Santiago de los Caballeros em La Hispaniola (hoje Rep. Dominicana).**1524**: Funda-se a cidade de Santiago de los Caballeros, na Guatemala. **1567**: Funda-se Santiago de León de Caracas, Venezuela.**1898**: Os EUA invadem Porto Rico. **1901**: EUA impõem a Cuba a emenda Platt, que lhes concede a base de Guantánamo e autorização para intervir. **1952**: Porto Rico é proclamado "Estado Livre Associado" dos EUA. **1976**: Wenceslao Pedernera, lavrador, dirigente do Movimento Rural Diocesano, mártir em La Rioja, Argentina. **1980**: José Othomaro Cáceres, seminarista, e seus 13 companheiros, mártires em El Salvador. **1981**: Angel Martínez Rodrigo, espanhol, e Raul José Lager, canadense, missionários leigos, catequistas, na Guatemala. **1983**: Luis Calderón e Luis Solarte, militantes, mártires da luta dos sem-teto de Popayan, Colômbia.

26 Quinta

Ex 19,1-2.9-11.16-20 / Int. Dn 3,52-56
Mt 13,10-17

Joaquim e Ana

1503: O cacique Quibian, Panamá, destrói a cidade de Santa María, fundada por Colombo.
1927: Primeiro bombardeio aéreo da história do Continente, realizado pelos EUA contra Ocotal, Nicarágua, onde Sandino se havia instalado.
1953: Assalto ao quartel de Moncada, em Cuba.

27 Sexta

Ex 20,1-17 / Sal 18
Mt 13,18-23

Celestino

1909: Semana trágica em Barcelona, reivindicações trabalhistas fortemente reprimidas.
1991: Eliseo Castellano, padre, Porto Rico.

28 Sábado

Ex 24,3-8 / Sal 49
Mt 13,24-30

Inocêncio, *Johann Sebastian Bach*
Heinrich Schütz, George F. Haendel

1821: Independência do Peru. Festa nacional.
1980: Massacre de 70 lavradores em San Juán Cotzal, Guatemala.
1981: Stanley Francisco Rother, dos EUA, morto depois de 13 anos de serviço sacerdotal com os pobres de Santiago de Atitlán, Guatemala.

29

17º Domingo do tempo comum
Gn 18,20-32 / Sal 137
Cl 2,12-14 / Lc 11,1-13

Marta
María, Marta y Lázaro de Betania, Olaf

Cheia: às 19h48m em Aquário

PÁTRIA GRANDE E DEMOCRACIA

GUIDO ZULETA IBARGÜEN
Fundalatin. Caracas. Venezuela.

Nestas linhas se apresenta a visão bolivariana da sociedade e da democracia, e alguns enfoques sobre a possibilidade de passar de uma democracia elitista para uma democracia de participação humana e ecologicamente responsável. Concebem-se desde uma Venezuela em transformação, que, com acertos e erros, transita historicamente por um êxodo sumamente difícil, mas, ao mesmo tempo, esperançoso.

1. Bolívar e a democracia: o discurso de Angostura.

No devir histórico da emancipação, provavelmente existam duas influências muito relevantes na visão da sociedade a construir. A mais conhecida, a de Simón Bolívar, que, assumindo a perspectiva dos ideais republicanos provenientes da Europa revolucionária, intenta criar um modelo possível e viável para os povos nascentes. Esta visão da sociedade possível, esboça-a no chamado Discurso de Angostura (15/2/1819), dirigido ao Congresso da Grande Colômbia. O discurso oferece um marco de referência do governo republicano, democrático, com o Congresso como instância representantiva, e no qual, além dos três grandes poderes clássicos – Executivo, Legislativo e Judiciário – propõe a constituição de um Poder Moral como impulso a uma formação e ação cidadãs. Ao finalizar o discurso, o militar cede o lugar ao estadista e assume que terminou sua tarefa para que o Congresso inicie a sua.

Muito dessa temática vem à discussão massiva durante 1999, que originou a Constituição da República Bolivariana da Venezuela, na qual, junto dos três poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, agrega-se um Poder Cidadão que inclui a Promotoria Geral, a Controladoria Geral e a Defensoria Pública. Este Poder Cidadão representa o Poder Moral Republicano como propósito de apoio a uma democracia com um conteúdo ético transcendente.

2. Democracia e tratados de livre comércio.

Depois da queda do muro de Berlim, no final dos anos 1990, com o fim da geopolítica predominantemente baseada em um mundo bipolar, a vigência do modelo neoliberal, baseado na livre concorrência, se fez especialmente potente. A enorme brecha histórica entre elites nacionais e população empobrecida por uma parte e por outra a desigual potência econômica comercial nas relações com o exterior geraram uma situação na qual a democracia real resultava vigente plenamente para os grandes grupos de poder, entre eles as transnacionais, mas, praticamente inexistente para as grandes maiorias.

O predomínio do mercado no tratamento da orientação desse estilo de democracia permite tratados de livre comércio de mercadorias, entre países economicamente muito desiguais, mas impede na prática a passagem de pessoas que buscam atravessar as fronteiras para obter trabalho. A democracia assim enfocada inibe na sua capacidade de garantia e é restringida para uma elite econômica.

3. Democracia, direitos humanos e desenvolvimento

A desigualdade gerada e a debilidade dos Estados diante o impulso dos grandes grupos de poder geraram uma enorme brecha de atenção aos direitos sociais, políticos e culturais, direitos sumamente urgentes para que os direitos políticos possam ser exercidos pela sociedade. Essa democracia política com exclusão social não resultou viável. Na Venezuela derivou num dos acontecimentos de maior impacto histórico quando, em 1989, se firmavam e se aplicavam as primeiras medidas da Carta de Intenção com o Fundo Monetário Internacional. A população empobrecida saiu às ruas para buscar seus direitos e foi reprimida pela força armada. Questão que depois resultou numa campanha de alerta à consciência dos militares formados no pensamento bolivariano: "maldito o soldado que dispare contra seu povo".

A democracia política requer assumir um critério de defesa dos direitos humanos sociais e culturais, sem os quais sua vigência resulta esporádica. A democracia necessária nestes momentos deve ter como princípio a defesa desses direitos para avançar não só no crescimento econômico, mas, também, na qualidade de vida da população.

4. Democracia, globalização e recursos naturais

O sistema neoliberal gerou uma super-exploração dos recursos naturais do planeta, e impactos sumamente graves que atentam contra sua sobrevivência. A chuva ácida, o aquecimento global, a destruição da camada de ozônio são, em grande parte, ocasionadas pelo estilo de crescimento adotado em nome da liberdade de decisão sem restrições. Cuja máxima responsabilidade está nos países industrializados.

Desde a Cúpula da Terra, 1992, o conceito de Desenvolvimento Sustentável tenta assumir um estilo de desenvolvimento que equilibre a produção conservacionista

com a qualidade de vida da população, o cuidado dos recursos naturais. Lamentavelmente, os acordos na ONU, como o protocolo de Kyoto, que servem para regular estes aspectos não são bem vistos nem cumpridos pelos governos dos países que mais contaminam o planeta, como os EUA. Países de grande desenvolvimento humano, como Suécia, Noruega, Dinamarca, respeitam e promovem estes acordos. A democracia a ser construída na América Latina deve ter em seu seio uma grande responsabilidade sobre os recursos da Criação.

5. Democracia, participação e comunicação

Desde suas origens, a democracia se concebe como governo do povo. No princípio, não se incluía entre os votantes os escravos nem as mulheres. A evolução do conceito democrático requer, hoje, levar em conta a ampliação na participação na tomada de decisões que afetam a comunidade. Com a tecnologia atual se podem conseguir ampliar vias de comunicação e melhorar a tomada de decisões. A palavra deve ter essa carga espiritual bíblica com conteúdo ético para que se permita a vida de todos. E a palavra restringida mediante a propriedade dos meios de difusão impede na prática o direito de estar bem informado, necessário para as tomadas de decisões comuns. Uma democracia com responsabilidade participativa, deve conseguir implantar eficazmente a comunicação como serviço público. E requer promover espaços de decisão no nível comunitário o mais amplo possível, para implantar modelos de planejamento democrático, eticamente participativos, que permitam, por sua vez, um controle social responsável.

6. Democracia e integração econômica

Como critério de integração econômica, tem-se promovido os tratados de Livre Comércio das Américas, a ALCA, como uma forma de preservar uma área geográfica como um ringue para que compitam nações com graus de industrialização muito diferentes. E nesta livre concorrência se põe a competir a primeira potência econômica do mundo com países que não chegam nem a 1% de seu produto interno bruto, como o Haiti. Neste contexto resulta uma integração competitiva sumamente desigual e com critérios que não têm nada a ver com desenvolvimento sustentável ou humano. Uma democracia com critério de responsabilidade humana e social requer apresentar-se com outros esquemas de integração.

A via da integração inicial Latino-americana permite não só equilibrar a negociação frente a países e empresas transnacionais, como muda o enfoque para um critério não de competência, mas de solidariedade, para resolver os grandes problemas comuns, e com responsabilidade frente aos enormes recursos estratégicos da criação, situados nestes lados do hemisfério, assim como respeito às culturas ancestrais. Como alternativa a uma globalização excludente, se projeta uma via democrática de integração com critério de mundialização solidária.

7. Democracia e integração social

Os tratados de integração baseados no livre mercado se apresentam privilegiando o comércio de mercadorias. Reconhecendo que esta dimensão deve ser tratada em termos realistas em cada país, a dimensão ética democrática privilegia as pessoas e sua qualidade de vida, sobre a mercadoria. Daí que não resulta ética uma integração com esse privilégio comercial. Trata-se de priorizar democraticamente a integração social como orientação da tomada de decisões comuns entre os países. De nada serve abrir mercados em zonas excluídas socialmente que, mais do que capacidade de demanda, o que têm são necessidades sociais insatisfeitas. A democracia a construir requer eticamente projetar uma dimensão integradora. Daí a importância de delinear sistemas de caráter socialista democrático que preservem a propriedade privada e a liberdade com critérios de justiça, responsabilidade social integradora e responsabilidade com os bens da criação.

8. Democracia e segurança

A Constituição da Venezuela, de 1999, inclui (art. 326) como conceito de Segurança da Nação a co-responsabilidade entre o Estado e a sociedade civil para dar cumprimento aos princípios de independência, democracia, igualdade, paz, liberdade, justiça, solidariedade, promoção e conservação ambiental e afirmação dos direitos humanos... sobre as bases de um desenvolvimento sustentável e produtivo de plena cobertura para a comunidade nacional. Conceito totalmente diferente para uma orientação baseada em hegemonias de poder. Para assumir um critério co-responsável de segurança que permite combater males como a pobreza, a exclusão ou a insegurança ambiental.

A democracia responsável requer assumir um critério de segurança que resulte coerente com a defesa das pessoas e de seus meios de vida.

9. Por uma democracia integradora e solidária

Para a América Latina, a democracia que se vislumbra, como um aporte próprio de séculos de dominação que se reverte construtivamente, depois de séculos de sofrimento, num aporte de ressurreição construtivo, tolerante, responsável, pluricultural, solidária com os fracos, integradora e responsável com os recursos da criação.

Capaz, assim, de oferecer um aporte a toda a humanidade, para demonstrar que realmente é o Continente da Esperança, por uma vida digna de vida em abundância partilhada. ❑

2007

Julho

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15

S	T	Q	Q	S	S	D
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
		1	2
6	7	8	9
13	14	15	16
20	21	22	23
27	28	29	30

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16

S	T	Q	Q	S	S	D
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Setembro

Sexta	Sábado	Domingo
3	4	5
10	11	12
17	18	19
24	25	26
31		

AGOSTO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
	31

30 Segunda

Ex 32,15-24.30-34 / Sal 105
Pedro Crisólogo Mt 13,31-35

1502: Chegada de Colombo a Honduras.
1811: Fuzilado Miguel Hidalgo, vigário de Dolores, herói da Independência do México.
1958: A polícia de Batista metralha, na rua, Frank País, líder estudantil, dirigente laico da 2ª Igreja Batista de Cuba, envolvido na luta revolucionária.

31 Terça

Ex 33,7-11;34,5b-9.28 / Sal 102
Inácio de Loyola Mt 13,36-43

1970: Guerrilheiros tupamaros seqüestram, em Montevidéu, o cônsul do Brasil.
1997: Encontro dos Movimentos de esquerda da A. L. em São Paulo. **10 anos.**

1 Quarta

Ex 34,29-35 / Sal 98
Afonso Maria de Ligório Mt 13,44-46

1920: Gandhi lança a campanha de desobediência civil na Índia.
1975: Arlen Siu, estudante, 18 anos, militante cristã, mártir da revolução nicaragüense.
1979: Massacre de Chota, Peru.

julho

2 Quinta

Ex 40,16-21.34-38 / Sal 83
Eusébio Vercelli Mt 13,47-53
1981: Carlos Pérez Alonso, padre, apóstolo dos doentes e dos presos, lutador pela justiça, desaparecido na Guatemala.

3 Sexta

Lv 23,1.4-11.15-16.27.34b-37 / Sal 80
Lídia Mt 13,54-58
1492: Colombo zarpa de Palos de Moguer, Espanha, em sua primeira viagem para as Índias Ocidentais.
1980: Massacre de mineiros bolivianos em Caracoles, Bolívia, após um golpe de Estado: 500 mortos.
1999: Tí Jan, padre comprometido com a causa dos pobres, assassinado em Porto Príncipe, Haiti.

4 Sábado

Lv 25,1.8-17 / Sal 66
João Maria Vianney Mt 14,1-12
1849: Anita Garibaldi, heroína brasileira lutadora pela liberdade no Brasil, Uruguai e Itália.
1976: Dom Enrique Angelelli, testemunha da causa dos pobres, assassinado, La Rioja, Argentina.
1979: Alirio Napoleón Macías, padre mártir em El Salvador, metralhado sobre o altar.
1982: Destruído pela Prefeitura de Salvador, Bahia, o terreiro Casa Branca, primeiro terreiro do Brasil.

agosto

5

18º Domingo do tempo comum
Ecl 1,2;2,21-23 / Sal 89
Cl 3,1-5.9-11 / Lc 12,13-21
1499: Alonso de Ojeda chega a La Guajira, Colômbia
Minguante: ás 16h20m em Touro

145

6 Segunda

Dn 7,9-10.13-14 / Sal 96
2Pe 1,16-19 / Mt 17,1-9

Transfiguração do Senhor
1325: Fundação de Tenochtitlán (México).
1524: Batalha de Junín.
1538: Fundação de Santa Fé de Bogotá, Colômbia
1825: Independência da Bolívia. Festa nacional.
1945: EUA lançam a bomba atômica. Hiro-shima.
1961: Fundação da "Aliança para o Progresso".
1962: Independência da Jamaica. Festa nacional.
1978: Morre Paulo VI.
1987: Os cinco presidentes centro-americanos assinam o acordo conhecido como Esquipulas II.
2000: É detido na Itália o maior argentino Jorge Olivera por delitos do tempo da ditadura militar.

7 Terça

Nm 12,1-13 / Sal 50
Mt 14,22-36

Sisto e Caetano
1819: Com a vitória de Bocayá (Colômbia), Bolívar abre o caminho para a libertação de Nova Granada.
1985: Cristopher Williams, pastor evangélico, mártir da fé e da solidariedade em El Salvador.

8 Quarta

Nm 13,1-2.25-14,1.26-30.34-35
Sal 105 / Mt 15,21-28

Domingos de Gusmão
1873: Nasce Emiliano Zapata, o dirigente camponês da Revolução Mexicana, que pôs definitivamente a reforma agrária no programa das lutas sociais latino-americanas.
1997: Greve geral na Argentina, com 90% de adesão.
2000: A Corte Suprema do Chile retira a imunidade parlamentar do ex-ditador Pinochet.

9 Quinta

Nm 20,1-13 / Sal 76
Mt 16,13-23

Fábio, Romão

1945: Os EUA lançam a bomba atômica, Hiroshima.
1991: Miguel Tomaszek e Zbigniew Strzalkowski, franciscanos, mártires da paz e da justiça, Peru.
1995: A polícia militar mata 10 sem terra e prende 192 pessoas, em Corumbiara, RO, Brasil.
2000: Morre Orlando Yorio, desaparecido, testemunha, referência na Igreja comprometida, Argentina.

Dia da ONU das populações indígenas

10 Sexta

2Cor 9,6-10 / Sal 111
Jo 12,24-26

Lourenço

1809: Primeiro grito de independência na América Latina continental, no Equador. Festa nacional.
1974: Tito de Alencar, dominicano, torturado até o suicídio, Brasil.
1977: Jesús Alberto Páez Vargas, líder comunitário, seqüestrado e desaparecido, Peru.

11 Sábado

Dt 6,4-13 / Sal 17
Mt 17,14-20

Martim de Tours

1992: Começa a marcha de 3 mil sem-terra no Rio Grande do Sul, Brasil.
1997: Começa a crise asiática, que se propagará às economias do mundo inteiro.

agosto

12

19º Domingo do tempo comum
Sb 18,6-9 / Sal 32
Hb 11,1-2.8-19 / Lc 12,32-48

Julião

1546: Morre Francisco de Vitória em Salamanca.
1976: 17 bispos, 36 padres, religiosas e leigos latino-americanos são detidos pela polícia quando participavam de uma reunião em Riobamba, Equador.
1983: Margarida Maria Alves, presidente do Sindicato Rural de Alagoa Grande, Paraíba. Assassinada, mártir da luta pela terra.

Día internacional de la ONU de la juventud

Nova: às 18h02m em Leão

13 Segunda

Dt 10,12-22 / Sal 147

Policarpo, Hipólito — Mt 17,22-27

1521: No dia 1-Serpente do ano 3-Casa, depois de 80 dias de cerco, cai México-Tenochtitlán, Cuauhtémoc é feito prisioneiro e morrem cerca de 240.000 guerreiros.

1961: Construção do Muro de Berlim.

14 Terça

Dt 31,1-8 / Int. Dt 32,3-12

Maximiliano Kolbe — Mt 18,1-5.10.12-14

1816: Morre na prisão Francisco de Miranda, precursor da independência venezuelana.

1983: Morre Alceu Amoroso Lima, "Tristão de Athayde", escritor, filósofo, militante cristão.

1984: Mártires camponeses de Pucayacu, Ayacucho, Peru.

1985: Mártires camponeses de Accomarca, Estado de Aycucho, Peru.

15 Quarta

Dt 34, 1-12 / Sal 65

Mt 18,15-20

1914: Inauguração do Canal do Panamá.

1980: José Francisco dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntes, Paraíba. Assassinado.

1984: Luis Rosales, líder sindical, e companheiros, mártires da luta pela justiça entre os operários das fazendas de bananas da Costa Rica.

1989. María Rumalda Camey, catequista e representante do GAM, capturada ilegalmente e desaparecida.

16 Quinta

Js 3,7-10a.11.13-17 / Sal 113A
Roque, Estêvão da Hungria Mt 18,21-19,1

1976: Coco Erbetta, catequista, universitário, mártir das lutas do povo argentino.
1993: Mártires indígenas ianomâmis, Roraima, Brasil.
2006: Morre Stroesner, ex-ditador paraguaio, em Brasília, acusado de crimes contra a Humanidade e de ter participado na «Operación Cóndor».

17 Sexta

Jos 24,1-13 / Sal 135
Jacinto Mt 19,3-12

1850: Morte de San Martín na França.
1997: O Movimento dos Sem-Terra ocupa duas fazendas em Pontal do Paranapanema, SP, Brasil. **10 anos.**

18 Sábado

Jos 24,14-29 / Sal 15
Helena Mt 19,13-15

1527: O cacique Lempira é morto durante uma Conferência de Paz, em Honduras.
1952: Alberto Hurtado, padre chileno, apóstolo dos pobres, beatificado em 1993.
1993: Mártires indígenas asháninkas, Tziriari, Peru.
2000: Dois policiais militares de Rondônia são considerados culpados pelo massacre de Corumbiara contra os sem-terra, Brasil.

19

Assunção
Ap 11,19a;12,1.3-6a.10ab / Sal 44
1Cor 15,20-27a / Lc 1,39-56
João Eudes

1991: Tentativa de golpe de Estado na URSS.

20 Segunda

Jz 2,11-19 / Sal 105
Mt 19,16-22

Bernardo
1778: Nasce o general chileno Bernardo O'Higgins.
1998: EUA bombardeiam Afeganistão e Sudão.

Crescente: às 19h48m em Escorpião

21 Terça

Jz 6,11-24a / Sal 84
Mt 19,23-30

Pio X
1971: Maurício Lefèvre, missionário oblato canadense, assassinado durante um golpe de Estado na Bolívia.

22 Quarta

Jz 9,6-15 / Sal 20
Mt 20,1-16

Maria Rainha
Dia Mundial do Folclore.
1988: Jürg Weiss, teólogo suíço, missionário evangélico, mártir da solidariedade em El Salvador.

23 Quinta

2Cor 10,17-11,2 / Sal 148
Mt 13,44-46

Rosa de Lima

1617: Rosa de Lima, padroeira e primeira santa canonizada da América.
1948: Fundação do Conselho Mundial das Igrejas.
1975: Cria-se no Paraguai o Instituto Nacional do Índio.

Dia internacional (da ONU) da lembrança do tráfico de escravos e de sua abolição.

24 Sexta

Ap 21,9b-14 / Sal 144
Jn 1,45-51

Bartolomeu

1882: Morre o abolicionista Luiz Gama, Brasil.
1977: Iº Congresso das Culturas Negras das Américas.
1980. 17 dirigentes sindicais, capturados ilegalmente e desaparecidos, reunidos na fazenda Emaús, propriedade do bispado de Escuintla, Guatemala.

25 Sábado

Rt 2,1-3.8-11;4,13-17 / Sal 127
Mt 23,1-12

José de Calazanz
Luís da França

1825: Independência do Uruguai. Festa nacional.
1991: Alessandro Dordi Negroni, missionário, mártir da fé e da promoção humana, Peru.

26

21º Domingo do tempo comum
Is 66,18-21 / Sal 116
Hb 12,5-7.11-13 / Lc 13,22-30

Teresa Jornet

1968: Inauguração da Conferência de Medellín.
1977: Felipe de Jesus Chacón, lavrador, catequista, assassinado pelas forças de segurança em El Salvador. **30 anos.**
2005: O Tribunal Supremo do Chile permite que seja julgado o general ex-ditador Pinochet.

27 Segunda

1Ts 1,1-5.8b-10 / Sal 149
Mônica — Mt 23,13-22

1828: O Acordo de Montevidéu, com apoio da Inglaterra, assegura a independência do Uruguai.
1987: Héctor Abad Gómez, médico, mártir da defesa dos direitos humanos em Medellín, Colômbia.
1993: A lei 70/93 reconhece os direitos territoriais, étnicos, econômicos e sociais das comunidades negras da Costa Atlântica, na Colômbia.
1999: Falecimento de d. Hélder Câmara, irmão dos pobres, profeta da paz e da esperança, Brasil.
2006: † Dom Luciano Mendes de Almeida, figura destacada do episcopado brasileiro na caminhada da Igreja Latino-americana, sobretudo em Puebla.

28 Terça

1Ts 2,1-8 / Sal 138
Agostinho — Mt 23,23-26

1994: Assassinado, em Porto Príncipe, Jean-Marie Vincent, religioso monfortiano, comprometido com as organizações de direitos humanos.

Eclipse total de lua, visível em América do N, e em América do Sul, exceto o Leste.

Cheia: às 05h35m em Peixes

29 Quarta

Jer 1,17-19 / Sal 70
Martírio de João Batista — Mc 6,17-29

1533: Batismo e morte de Atahualpa.
1563: Criada a Ouvidoria Real em Quito, Equador.
1986: Realizado no Rio de Janeiro, o III Encontro de Religiosos, Seminaristas e Sacerdotes Negros, apesar da proibição do cardeal do Rio de Janeiro.

30 Quinta

1Ts 3,7-13 / Sal 89
Mt 24,42-51

Félix, Estêvão Zudaire

1985: 300 agentes do FBI invadem Porto Rico e prendem mais de uma dúzia de batalhadores pela independência.

1993: Um esquadrão da morte e policiais matam 21 pessoas na favela de Vigário Geral, Rio de Janeiro.

Dia internacional dos desaparecidos
(Anistía Internacional e FEDEFAM)

31 Sexta

1Ts 4,1-8 / Sal 96
Mt 25,1-13

Raimundo Nonato

1925: Os marines dos EUA terminam uma ocupação de dez anos no Haiti.

1962: Independência de Trinidad e Tobago.

1988: Falecimento de d. Leónidas Proaño, bispo dos índios, Riobamba, Equador.

1 Sábado

1Ts 4,9-11 / Sal 97
Mt 25,14-30

Arturo

Noite da ascensão de Mahomé: transferido da Meca a Jerusalém, de lá ascendeu ao céu.

1971: Júlio Expósito, estudante, 19 anos, militante cristão, mártir das lutas do povo uruguaio, assassinado pela polícia.

1976: Inés Adriana Coblo, militante metodista, mártir da causa dos pobres, em Buenos Aires.

1978: Surge o grupo União e Consciência Negra (mais tarde dos Agentes de Pastoral Negros).

1979: Jesus Jiménez, camponês, Ministro da Palavra, mártir da Boa Nova aos pobres em El Salvador, assassinado.

2

22º Domingo do tempo comum
Eclo 3,17-18.20.28-29 / Sal 67
Hb 12,18-19.22-24a / Lc 14,1.7-14

Antolín, Elpidio

ISLÃ E DEMOCRACIA

AMINA TESLIMA AL-JERRAHI
México

"E consulta (Oh!, Maomé) a eles em todos os assuntos de interesse público", Qur'an, 159.

"Em verdade, Deus não muda a condição de um povo enquanto este não se muda a si mesmo," Qur'an, XII 11.

Já são muitos os estudos realizados que exploram se o Islã, tem ou não, queda para a democracia como sistema político como sistema político de organização social. Vai ficando claro que a grande maioria dos muçulmanos prefere a democracia como sistema de governo para participar nas decisões que afetam as sociedades onde vivem, segundo mostra, desde 2003, uma ampla pesquisa realizada pelo centro de investigações Pew de Washington. No entanto, as tradições sagradas, em geral, e o Islã em particular –universos orgânicos que abarcam todos os aspectos imutáveis da existência- não podem ser, na verdade, comparadas com sistemas de organização política, que só abordam aspectos variáveis e relativos.

Feito este esclarecimento, podemos dizer que o vínculo disso que chamamos de democracia –e os valores que esta representa- com o Islã, tem raízes profundas. Sem dúvida, no terreno da organização social, participam os principais postulados: inclusão social, eqüidade na pluralidade, justiça social, a prática da tolerância diante da diferença, defesa dos direitos humanos, estímulo da participação social em todos os assuntos da comunidade, respeito às minorias, etc.

Não é de se estranhar esta incessante busca de certeza a respeito de algo tão óbvio. Os numerosos acontecimentos violentos que surgem, cada vez mais com ampla variedade de movimentos extremistas em países islâmicos, em sociedades não islâmicas desinformadas e absolutamente desconhecedoras do Islã, criam uma confusão atroz. Mas também é igualmente evidente que muitas destas polarizações, em algumas, (muitas?) sociedades islâmicas, são produto, precisamente, de violações sistemáticas desses valores. Estes estão na própria raiz do sistema de organização social que propôs a revelação do Islã à humanidade quando nem sequer existia o termo 'democracia', e que se atribuem superficialmente ao Islã, com a ilícita licença que oferece a ignorância.

As transgressões das oligarquias do Golfo Pérsico contra a lei sagrada, que impuseram sistemas monárquicos de característica feudal –onde o poder está nas mão de uma minoria que utiliza a religião como instrumento de controle ideológico-, são exemplos dramáticos de quanto puderam se deformar os sistemas sociais em países islâmicos, distanciado-se da revelação do Islã e criando assim este muro nebuloso. No entanto, os fatos, por si mesmos, revelam tendências insuspeitas das populações (quando têm liberdade de opinar), quanto à consciência que expressam espontaneamente (apesar do alto grau de analfabetismo que muitos regimes mantêm, especialmente entre as mulheres) do vínculo primário entre o Islã e o sistema democrático: na Malásia, a democracia é praticada há mais tempo que na Espanha; na Indonésia, onde vivem 180 milhões de muçulmanos, uma mulher, Megawatti Sukarnoputri, foi eleita presidenta; e no Paquistão, uma mulher tão –em aparência ao menos ocidentalizada, como Benazir Bhuto, ganhou duas vezes as eleições gerais.

Além do mais, não se pode esquecer que além da insuspeita perspectiva de gênero, ao abordar o tema que nos toca, no Irã, Bani Sadr foi o presidente eleito por sufrágio universal após a revolução de 1979, e que seu triunfo laico e liberal contra o candidato dos ayatolás demonstrou que os revolucionários iranianos não buscavam, desde esse momento, instaurar uma teocracia.

Atualmente, no Iraque, os apelos à democracia procedem do conselho *shia* da escola de Nayaf. Como sabemos, o Ayatolá Ali al-Sistani defende que seja um órgão eleito –e não um conselho designado pelos EUA-, o que redija a constituição de todos os iraquianos. Em Bagdá, são muitas as manifestações que já pediram o fim da ocupação e o início de uma democracia legítima.

É um fato irrefutável que, apesar de todas as dolorosas deformações que falseiam e ignoram a proposta divina na hora de organizar o governo comunitário em seu próprio berço, nos inícios do século XXI, a grande maioria dos muçulmanos do mundo elegem os seus governantes pela via eleitoral. Com isto, não se pretende afirmar que os países muçulmanos constituam, atualmente, exemplos democráticos a serem seguidos no mundo, nem que todos estes governos tenham conseguido cimentar suas políticas sobre um terreno livre, plural e

democrático fiel aos princípios islâmicos revelados. Tal é o caso da Argélia, Nigéria, Marrocos, Egito, Mauritânia, Turquia, onde existe um regime democrático mediatizado por uma oligarquia militar. Mas é necessário recordar que nem o sagrado Qur'an nem a Sunna profética propõem um modelo unívoco exportável de governo.

O que chamamos 'democracia' é um valioso sistema de organização social cujas idéias principais são universais e vêm de tempos remotos. A democracia liberal moderna que tem sua origem nas revoluções da América do Norte (1776) e na francesa (1789), está em contínuo desenvolvimento, revisão e aperfeiçoamento com o fim de combater os desequilíbrios em sua manifestação. Sua aplicação é variável de acordo com as circunstâncias da comunidade na qual se pratica.

O Islã, em troca, estabeleceu princípios que transcendem bastante o variável, o temporal, o transitório, e não exclui de sua luz a todo assunto temporal e relativo da organização comunitária: a não-discriminação por raça, cor, idade, nacionalidade ou traços físicos ("Todos os povos são iguais aos dentes de um pente"); o poder se fundamenta na verdade, não a verdade no poder; a justiça social e o estado de direito; a liberdade de crença e o direito à vida, a propriedade privada, à reprodução e à saúde são liberdades declaradas invioláveis pela escritura sagrada; ninguém pode ser sentenciado por uma violação sem evidência ou, acusado e castigado por violações cometidas por outro; um sistema de conselho para a administração dos assuntos da comunidade.

Já que o Islã considera os indivíduos e as sociedades responsáveis por suas decisões, às comunidades concerne o exercício de auto-governar-se, isto é, de escolher o melhor sistema possível para sua organização social baseada na luz da revelação. Se lhe chamamos democracia, sociocracia ou *shurá*, é secundário. O importante é determinar e exercer "o absolutamente necessário, o relativamente necessário e o recomendável" em harmonia com os princípios fundamentais que delineiam a revelação: paz, justiça, igualdade, unidade na diversidade, amor, misericórdia extrema, compaixão infinita e solidariedade.

O princípio da Shura (a consulta mútua) é, na realidade, o preceito raíz do Islã sobre o modelo de organização social, que, como órgão de participação de todos os membros da comunidade islâmica nas decisões coletivas, que constitui o ponto de partida para um diálogo frutífero entre o modo de organização social islâmica e o modelo democrático: "...[os crentes] têm por norma consultar-se entre si" (Qur'an, 42, 38).

Em outro verso, Al-láh se dirige ao Profeta Maomé nos seguintes termos: "E consulta a eles em todos os assuntos de interesse público" (Qur'an 3, 159). Devido ao fato de que na mesquita de Medina se reuniam todos os membros da comunidade –incluídas as mulheres- para discutir e buscar soluções de consenso aos problemas que se colocavam num círculo de escuta ativa, onde todos opinavam e todas as opiniões eram levadas em conta, torna-se evidente que o sistema de governo, chamado *democracia participativa* é afim aos princípios do Islã. Inclusive, conhecem-se, decisões tomadas de forma coletiva contrárias à opção defendida pelo próprio Profeta, paz e bênçãos para ele.

Devido ao fato de que o crente muçulmano tem a obrigação de escutar o outro e optar pelo caminho da sabedoria, do equilíbrio, e não pelo da opressão, do Islã provém a metodologia para fazer que os frutos de tal maturidade social se reflitam na sociedade. Sem o exercício da tolerância não se pode conseguir a paz numa sociedade plural, como têm sido todas as sociedades islâmicas desde o princípio. Por isso, é bom recordar, se Al-láh, O Mais Alto, não quisesse criar o mundo plural, nem a palavra plural existiria. Portanto, como conviver dentro da diversidade é um legado do Islã do qual a modernidade pode se servir e se iluminar.

A chamada 'democracia', no Islã, se encontra em suas origens no fato mesmo de que cada crente, em sua relação com a Soberania divina, tem a capacidade de receber a revelação e de aplicá-la em sua vida segundo sua percepção e entendimento. De cada muçulmano e muçulmana espera-se que faça uso de um exercício que poderíamos chamar, sem embaraços, *democrático*, para escolher entre a liberdade de interpretação e de consciência, ou a dependência daqueles que gostam de se chamar guardiães da tradição...

A pergunta essencial hoje é: Por que isso que se afasta de forma tão evidente da tradição sagrada do Islã –a compatibilidade intrínseca do sistema democrático com os princípios revelados do Islã- se tornaram uma interrogação? Por que algo tão óbvio é colocado em dúvida? E mais ainda: que fatores fazem com que muitos declarem o sistema democrático em evolução, totalmente incompatível com uma sociedade autenticamente islâmica?

As respostas apresentarão com clareza os graves problemas que as sociedades islâmicas devem enfrentar hoje se seu propósito é que o Islã autêntico, a sabedoria que emana de sua revelação e do exemplo de seu profeta, brilhem por si só. Quando isso ocorrer, para todos, em todos os continentes, tornar-se-á claro que é o sistema democrático ou qualquer outro sistema de organização social, que será beneficiado no seu contato com a luz clara do Islã e não ao contrário. ❑

2007

Agosto

S	T	Q	Q	S	S	D
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19

S	T	Q	Q	S	S	D
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
3	4	5	6
10	11	12	13
17	18	19	20
24	25	26	27

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21

S	T	Q	Q	S	S	D
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Outubro

Sexta	Sábado	Domingo
	1	2
7	8	9
14	15	16
21	22	23
28	29	30

SETEMBRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

3 Segunda

1Ts 4,13-18 / Sal 95

Gregório Magno Lc 4,16-30

1759: Lisboa expulsa da colônia os jesuítas,acusados de «usurpar todo o Estado do Brasil».

1976: Ramón Pastor Bogarín, bispo, profeta, Paraguai.

Minguante: às 21h32m em Gêmeos

4 Terça

1Ts 5,1-6.9-11 / Sal 26

Rosália, *Albert Schweitzer* Lc 4,31-37

1970: Vitória da Unidade Popular (UP) do Chile.

1984: André Jarlán, padre, morto por uma bala disparada por policiais quando lia a Bíblia no bairro La Victória, em Santiago do Chile.

1995: IV Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher, em Pequim.

2005: O juiz Urso condena a Jorge Videla e outros 17 repressores da ditadura militar argentina.

5 Quarta

Col 1,1-8 / Sal 51

Lourenço Justiniano Lc 4,38-44

1972: A censura proíbe no Brasil a publicação de notícias sobre Anistia Internacional.

1983: Os desempregados acampam na Assembléia Legislativa de São Paulo.

6 Quinta

Col 1,9-14 / Sal 97
João de Ribera Lc 5,1-11

1839: Foi enforcado Manuel Congo, chefe do Quilombo de Serra do Mar, destruído pelo futuro Duque de Caxias. Brasil.

1995: 2.300 sem-terra ocupam a fazenda Boqueirão, Brasil. Depois foram expulsos.

7 Sexta

Col 1,15-20 / Sal 99
Regina Lc 5,33-39

1822: Independência do Brasil. Grito do Ipiranga. Festa nacional.

1981: Assembléia Nacional de criação do Grupo de União e Consciência Negra.

8 Sábado

Mq 5,1-4a / Sal 12
Natividade de Maria Mt1,1-16.18-23

1522: Juán Sebastián Elcano completa a primeira volta ao mundo.

1974: Ford concede a Nixon "perdão pleno e absoluto por todos os crimes que cometeu ou possa ter cometido quando ocupava a Presidência".

Dia Internacional da Alfabetização. Existe no mundo um bilhão de adultos que não sabem ler e nem escrever, além de 100 milhões de crianças em idade escolar que não têm escola.

9

23º Domingo do tempo comum
Sb 9,13-18 / Sal 89
Fm 9b-10.12-17 / Lc 14,25-33
Pedro Claver

1613: Levante de Lari Qáxa, Bolívia (aymaras e quéchuas enfrentam os espanhóis).

1654: Pedro Claver, apóstolo dos escravos negros em Cartagena, Colômbia.

1990: Hildegard Feldman, religiosa, e Ramón Rojas, catequista, mártires do serviço aos camponeses colombianos.

10 Segunda

Col 1,24-2,3 / Sal 61

Nicolau Tolentino — Lc 6,6-11

1924: Os marines ocupam várias cidades hondurenhas para apoiar o candidato presidencial do agrado de Washington.

1984: Policarpo Chem, Ministro da Palavra de Deus, fundador da Cooperativa de San Cristóbal, Verapaz, Guatemala, seqüestrado e torturado pelas forças de segurança.

11 Terça

Col 2,6-15 / Sal 144

Proto e Jacinto — Lc 6,12-19

1973: Golpe de Estado, no Chile, contra o presidente constitucional Allende.

1981: Sebastiana Mendoza, indígena catequista, mártir da solidariedade, El Quiché, Guatemala.

1988: Mártires da Igreja de San Juan Bosco, em Porto Príncipe, Haiti.

1990: Myrna Mack, antropóloga, militante dos direitos humanos, assassinada na Guatemala.

2001: Atentado terrorista contra as Torres Gêmeas de Nova Iorque.

Eclipse parcial do sol, visível no centro e Sul da América do Sul e parte da Antártida.

Nova: às 19h48m em Virgem

12 Quarta

Col 3,1-11 / Sal 144

Leôncio e Guido — Lc 6,20-26

1977: Martírio de Steve Biko na cadeia do regime branco da África do Sul. **30 anos.**

1982: Alfonso Acevedo, catequista, mártir da fé e do serviço aos desabrigados de El Salvador.

1989: Valdício Barbosa dos Santos, sindicalista rural de Pedro Canário, ES, Brasil.

2001: No dia seguinte ao ataque, Bárbara Lee, congressista pela California, vota contra conceder a Bush poderes especiais para invadir Afganistão.

13 Quinta

Col 3,12-17 / Sal 150
Lc 6,27-38

João Crisóstomo

1549: Juán de Betanzos retratou-se de sua opinião de que os índios eram animais.
1589: Rebelião sangrenta dos mapuches no Chile.
1978: A ONU reafirma o direito de Porto Rico à independência e à livre determinação.
1980: Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz, arquiteto argentino, encarcerado e torturado.

14 Sexta

Nm 21, 4b-9 / Sal 77
Fl 2, 6-11/ Jo 3, 13-17

Exaltação da Cruz

1843: Nasce Lola Rodríguez, autora do hino da insurreição contra o domínio espanhol. Porto Rico.
1856: Batalha de San Jacinto, derrota dos piratas de William Walker na Nicarágua.
1973: Miguel Woodward, pároco em Valparaíso, Chile, assassinado pela ditadura de Pinochet.

15 Sábado

Hb 5,7-9 / Sal 30
Jo 19,25-27

N. Sra. das Dores

1810: "Grito de Dolores" no México.
1821: Independência da América Central. Festa nacional em todos os países centro-americanos.
1842: Fuzilado Francisco Morazán, unionista centro-americano, em San José da Costa Rica.
1973: Arturo Hillerns, médico, mártir do serviço aos pobres do Chile.
1974: Antonio Llidó, padre espanhol, desaparecido, mártir das prisões do Chile.
1981: Pedro Pio Cortés, índio achi, catequista ministro da Palavra, Rabinal, Guatemala.

16

24º Domingo do tempo comum
Ex 32,7-11.13-14 / Sal 50
1Tm 1,12-17 / Lc 15,1-32

Cornélio e Cipriano

1501: O Rei da Espanha autoriza ao governador das ilhas do Caribe para levar escravos negros.
1821: Independência do México. Festa nacional.
1931: Fundada em São Paulo, Brasil, a Frente Negra Brasileira, posteriormente fechada violentamente por Getúlio Vargas.
1955: Insurreição cívico-militar que derrota o presidente constitucional Perón.
1983: Guadalupe Carney, jesuíta, assassinado pelo exército hondurenho.

Dia internacional da camada de ozônio

17 Segunda

1Tm 2,1-8 / Sal 27
Roberto Belarmino Lc 7,1-10

1645: Juán Macías, irmão leigo dominicano, servidor dos pobres no Peru colonial.
1980: Morre em acidente de aviação Augusto Cotto, batista salvadorenho, lutador popular.
1981: John David Troyer, missionário norte-americano, mártir da justiça na Guatemala.
1982: Alirio, Carlos e Fabián Buitrago, Giraldo Ramírez e Marcos Marín, lavradores, catequistas, de Cocorná, Colômbia, assassinados.
1983: Julián Bac, ministro da Palavra, e Guadalupe Lara, catequista, mártires na Guatemala.

18 Terça

1Tm3,1-13 / Sal 100
José de Cupertino Lc 7,11-17
Dag Hammarskjold

1810: Independência do Chile. Festa Nacional.
1945: Decreto de Getúlio Vargas reabre a imigração e permite apenas a entrada no Brasil de pessoas que preservem na composição étnica do país sua «ascendência européia».
1969: «Rosariazo». As forças policiais são subjugadas pela cidadania e o exército vê-se obrigado a negociar a paz, Rosário, Argentina.

19 Quarta

1Tm 3,14-16 / Sal 110
Januário Lc 7,31-35

1973: João Alsina, sacerdote missionário espanhol assassinado; Omar Venturelli, detido e desaparecido; Etienne Marie Louis Pesle de Menil, fuzilado, em Valdivia, pela polícia de Pinochet.
1983: Independência de São Cristóvão e Nevis.
1985: Grave terremoto na cidade do México.
1986: Charlot Jacqueline e companheiros, mártires da educação libertadora. Haiti.
1994: Os EUA ocupam o Haiti e reconduzem o presidente Jean Bertrand Aristide.
2001: Yolanda Cerón, religiosa, diretora da Pastoral Social de Tumaco, Colômbia, assassinada.

Crescente: às 11h48m em Sagitário

20 Quinta

1Tm 4,12-16 / Sal 110
André Kim, Fausta Lc 7,36-50

1519: Fernando de Magalhães parte de Sanlúcar.
1976: 20 anos depois, é culpado Manuel Contreras, diretor da DINA de Pinochet, do assassinato de Orlando Letelier.
1978: Francisco Luis Espinosa, padre, e companheiros, mártires em Esteli, Nicarágua.
1979: Apolinar Serrano, José López, Félix Salas e Patrícia Puertas, lavradores e dirigentes sindicais, mártires em El Salvador.

21 Sexta

Ef 4,1-7.11-13 / Sal 18
Mateus Mt 9,9-13

1526: Chegada do primeiro europeu às costas equatorianas.
1956: O ditador Anastásio Somoza morre nas mãos de Rigoberto L. Pérez, em León, Nicarágua.
1981: Independência de Belize. Festa nacional.
1973: Gerardo Poblete Fernández, Iquique, salesiano chileno, assassinado na ditadura de Pinochet.

Dia internacional (da ONU) da Paz

22 Sábado

1Tm 6,13-16 / Sal 99
Maurício Lc 8,4-15

1862: Libertados juridicamente os escravos nos EUA.
1977: Eugênio Lyra Silva, advogado popular, mártir da justiça no Brasil. **30 anos.**

23

25º Domingo do tempo comum
Am 8,4-7 / Sal 112
1Tm 2,1-8 / Lc 16,1-13
Lino e Tecla

1868: «O grito de Lares» (Porto Rico): Ramón Emeterio Betances inicia o movimento independentista e emancipador da escravidão.
1905: †Francisco de Paula Víctor, negro, considerado um grande santo pela comunidade negra.
1973: Morre Pablo Neruda.
1989: Henry Bello Ovalle, militante, mártir da solidariedade com a juventude, Bogotá, Colômbia.
1993: Sérgio Rodríguez, operário e universitário, mártir da luta pela justiça na Venezuela.

Equinócio: começa o outono no Norte e a primavera no Sul, às 09h51m GMT.

24 Segunda

Esd 1,1-6 / Sal 125
Lc 8,16-18

Pedro Nolasco

1553: Caupolicán, líder mapuche, é executado.

1976: Independência de Trinidad e Tobago. Festa nacional.

1976: Marlene Kegler, estudante operária, mártir do serviço aos universitários. La Plata, Argentina.

25 Terça

Esd 6,7-8.12b.14-20 / Sal 121
Lc 8,19-21

Cléofas

Sérgio de Radonezh

1849: Foi enforcado Lucas da Feira, escravo negro fugitivo, chefe dos sertanejos. Brasil.

1963: Golpe militar pró-EUA em Dominicana. É deposto Bosh, simpatizante da revolução cubana.

26 Quarta

Esd 9,5-9 / Int. Tob 13,2-8
Lc 9,1-6

Cosme e Damião

1974: Lázaro Condo e Cristóbal Pajuña, camponeses líderes cristãos mártires pela reforma agrária, assassinados em Riobamba, Equador.

Cheia: às 14h45m em Aries

27 Quinta

Ag 1,1-8 / Sal 149

Vicente de Paula — Lc 9,7-9

Dia de Enriquillo, cacique quisqueyano que resistiu à conquista espanhola na Rep. Dominicana.

1979: Guido Leão dos Santos, herói da causa operária, morto pela repressão policial, Minas Gerais.

1990: Irmã Agustina Rivas, religiosa do Bom Pastor, mártir em La Florida, Peru.

28 Sexta

Ag 2,15b-2,9 / Sal 42

Venceslau e Lourenço Ruiz — Lc 9,18-22

551 a.C.: Nascimento de Confúcio, China.

1569: Casiodoro de Reina entrega à gráfica sua tradução da Bíblia.

1871: Firmada no Brasil a «Lei do Ventre Livre».

1885: A «Lei do Sexagenário» lança na rua os escravos com mais de 60 anos.

1990: Pedro Martínez e Jorge Euceda, jornalistas, mártires da verdade em El Salvador.

29 Sábado

Dan 7.9-10.13-14 / Sal 137

Miguel, Gabriel e Rafael — Jo 1,47-51

1871: Os beneditinos, primeira ordem religiosa a liberar seus escravos no Brasil.

1906: Segunda intervenção armada dos EUA em Cuba, que se prolongará 2 anos e 4 messes.

1992: O Congresso brasileiro destitui o presidente Collor.

30

26º Domingo do tempo comum

Am 6,1a.4-7 / Sal 145

1Tim 6,11-16 / Lc 16,19-31

Jerônimo

1655: Coronilla e companheiros, caciques indígenas, mártires da libertação, Argentina.

1974: Carlos Prats, general do exército chileno, e sua esposa, mártires da democracia no Chile.

1981: Honorio Alejandro Nuñez, celebrante da Palavra e seminarista, mártir do povo hondurenho.

1991: Vicente Matute e Francisco Guevara, indígenas, mártires da luta pela terra, Honduras.

1991: José Luiz Cerrón, universitário, mártir da solidariedade com os jovens, Huancayo, Peru.

1991: Golpe de Estado contra o Presidente constitucional Jean-Bertrand Aristide, Haiti.

Dia da Bíblia em vários países de AL

É POSSÍVEL A DEMOCRACIA NA ÁFRICA?

ALEX ZANOTELLI
Nápoles, Itália

«Exigimos e fazemos outra democracia» é o tema da Agenda Latino Americana 2007.

É possível exigir e fazer outra democracia no continente mais oprimido e marginalizado da terra?

«Não se trata de ignorar a realidade – lembra-nos o amigo Pedro Casaldáliga. Pelo contrário, é necessário assumí-la e transformá-la radicalmente».

«A pobreza e o arrefecimento na África são a maior tragédia do nosso tempo», afirma a «Comissão África do governo Blair» (2005).

Diante do mundo que se submerge na abundância, cada ano morrem na África quatro milhões de crianças abaixo dos cinco anos, dois terços dos quais se poderiam cuidar com pouco dinheiro. Quarenta milhões de crianças não podem freqüentar escola. A metade da população africana vive com menos de um dólar por dia. Trinta e oito milhões de pessoas, doentes terminais de AIDS, estão destinadas a morrer em breve, porque não podem ter acesso ao uso de remédios, por causa do alto custo.

«Cada mês de cada ano a África sofre algo equivalente a um Tsunami, o que quer dizer uma onda mortal de enfermidade e fome que raramente faz parte das notícias», afirma novamente a Comissão África.

Não obstante, a África é o continente mais rico do mundo, pelo que diz respeito a matérias-primas, e representa apenas 1% do produto mundial bruto. E então, como se explica toda esta pobreza?

Seria muito longo explicar o que tem acontecido e porque tem acontecido. O continente africano viveu quinhentos anos dramáticos – desde a viagem de Vasco da Gama (1498) até hoje – três séculos de escravidão – posta em prática tanto por brancos como pelos árabes - um século de colonialismo e logo cinqüenta anos de neocolonialismo, liberalismo, e agora globalização. E os frutos amargos estão ai, basta abrir os olhos para vê-los.

Os 51 Estados africanos foram criados pelos impérios coloniais. As poucas estradas, ferrovias e portos foram pensados e construídos para levar os produtos para a Europa. EUA e URSS, durante a guerra fria, apoiaram os «seus» ditadores, que procuravam enriquecer e endividar os seus povos (a África tem uma dívida de 350 bilhões de dólares).

Porém a riqueza da África significa também a sua maldição (conflitos, guerras, como a do Congo, que causou quatro milhões de mortos).

A agricultura na África foi desenvolvida em vista a exportar matérias-primas para os países ricos, produtos sujeitos a variações de preços (no período de 1980 a 2000 o preço do açúcar sofreu uma queda de 77%, o do cacau caiu 71%, o do café desceu 64%).

Os males que descem sobre o continente não são só de responsabilidade de fatores externos; devem também a causas internas.

A traição da elite burguesa autóctona, a qual se enriqueceu às custas das massas populares, cada vez mais empobrecidas. A traição dos governos,cada vez mais autoritários e ditatoriais, corruptos, e cada vez menos respeitosos diante dos direitos humanos e dos processos democráticos. O dano que têm causado as políticas que têm privilegiado a indústria em detrimento de uma agricultura de subsistência. Os enormes gastos sem sentido em armamentos, que têm dado lugar a guerras, massacres e genocídios.

Lamentavelmente a África não tem gozado de bom governo ou um governo que comporte políticas corretas e pessoas capazes para pô-las em prática, um poder judicial independente, uma polícia eficaz e transparente, e meios de comunicação independentes do poder político. São muitas as razões que caracterizam a debilidade dos governos na África, entre elas: a falta de recursos e estruturas, a insuficiência de capital para melhorar as comunicações, a moradia, o serviço de água... a impossibilidade de se obter informações decisivas para se tomar decisões justas, falta de transparência, corrupção... "A África tem colocado em prática dois tipos de sistemas de governo que a têm levado ao nada" – afirma o conhecido teólogo luterano congolês Kä Mana.

«O primeiro, exercido durante os primeiros trinta anos de independência, foi o de levar a acreditar em

pessoas que se haviam auto-proclamado homens da providência. O fracasso deste tipo de governo faz parte da trágica história deste continente.

«O segundo tipo de governo, que prevaleceu nos últimos anos, foi o das democracias formais, preparadas para tranqüilizar a comunidade internacional. Com exceção de alguns casos, na maior parte dos países, a comunidade internacional, por trás de uma cortina de fumaça, estava convencida de poder exportar a democracia ou de dirigí-la à distância». Deste modo se concluiu a independência africana com a chagada dos novos líderes «democráticos», tão aclamados nos anos 90 pelos Estados Unidos, entre eles Museveni (Uganda), Kagame (Ruanda), Melawi (Etiópia), Afeworki (Eritréia). «Muitos ditadores têm sido reciclados e têm sido tidos por 'arautos da independência africana' diante da opinião pública, quando na realidade não foram outra coisa que lamentáveis comediantes, empenhados em sinuosas danças de ventre, com o fim de umedecer os olhos de lascivos patrões do mundo», afirma sempre Kä Mana.

É então evidente que a África terá que procurar o seu próprio caminho também quanto à forma de se governar, ou seja, terá que inventar esse caminho.

«É necessário inventar uma liderança comunitária e levar os nossos povos à praxis de um governo solidário. É um sonho que traz algo ainda de mais profundo: educar o povo para uma liderança comunitária e para uma nova forma de governo, segundo princípios de responsabilidade recíproca. Para chegar a este ponto são essenciais a circulação da informação, a compartilha de idéias, a organização dos debates e os referendos. Temos que colocar como alicerce deste processo a educação e a formação de consciência social. Este propósito o poderá realizar a parte mais sã da sociedade civil. Então é necessário entabular hoje, e não amanhã, uma luta formativa para que surja uma 'vanguarda' que crie nova forma de conduzir os povos e administrar a vida pública. Terá que investir enormes energias na África, mas é a única esperança que nos resta».

Kä Mana sugere quatro caminhos para realizar este sonho:

1. Chegar a opções individuais para novas relações pessoais com todos os tipos de poder, eliminando a fidelidade a chefes e formas de governo que esmagam as nações;

2. Coordenar as forças individuais em momentos coletivos de pensamento e ação com vistas a desenvolver poderes comunitários de resistência;

3. Envolver-se nas lutas políticas que já estão promovendo uma verdadeira transformação social;

4. Unir-se à rede mundial que trabalha para uma nova ética do poder.

«Para desanuviar os horizontes e abrir novos caminhos não há nada de melhor do que as comunidades de fé – afirma novamente Kä Mana – porque estas recolhem o que a humanidade tem de mais profundo: a linfa espiritual que conduziu a humanidade a sair do estado animal para construir comunidades vivas e organizadas, regidas por regras sãs de vida e animadas por sinceras aspirações para o pleno desenvolvimento de todos, até à manifestação daquela consciência que, pouco a pouco, convenceu os povos a tomar parte de uma mesma pátria ética e de um mesmo Deus criador Pai-Mãe de todas as civilizações».

Também para mim este é o único caminho viável para que a África volte a ser a mãe, o sinal de esperança para a humanidade. De fato, a África constitui o pulmão antropológico do mundo. Ela carrega consigo uma incrível riqueza antropológica, espiritual e cultural. Ai de nós se a perdermos. Seria uma perda fatal para toda a humanidade.

Resolvi escrever este artigo em 23 de abril, dia do martírio de um dos grandes teólogos da África: Engelbert Mveng, do Camarões, jesuíta, poeta, pastor, artista, convicto impulsor de um cristianismo inculturado. Foi encontrado em seu leito sem coração, cérebro e testículos, assassinado sob precisas ordens provenientes das altas esferas, por causa da suas críticas à ditadura de Paul Biya, tirano de Camarões.

Termino este texto no dia 25 de maio, jornada da África, com as palavras de um grande amigo de Mveng, o sacerdote camaronês J-Marc Ela, importante teólogo da libertação: «Deus convoca o seu povo naqueles lugares onde se organiza a luta para que haja plena humanidade para homens e mulheres desfigurados pelas estruturas de dominação e de injustiça. Não se pode falar de Deus sem antes se preocupar por ver brilhar a sua imagem nos rostos de cada homem e de cada mulher».

2007

Setembro

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
1	2	3	4
8	9	10	11
15	16	17	18
22	23	24	25
29	30	31	

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Novembro

Sexta	Sábado	Domingo
5	6	7
12	13	14
19	20	21
26	27	28

OUTUBRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

1 Segunda

Zc 8,1-8 / Sal 101

Teresinha do Menino Jesus Lc 9,46-50

1542: Começa a guerra da Araucânia.

1991: Os militares expulsam o presidente constitucional do Haiti, Aristide, e iniciam o massacre de centenas de haitianos.

1992: Júlio Roca, colaborador italiano, mártir da solidariedade no Peru.

Dia Internacional das Pessoas da Terceira Idade

Dia Mundial dos Sem Teto
Primeira segunda feira de outubro

2 Terça

Ex 23,20-23 / Sal 90

Santos Anjos da Guarda Mt 18,1-5.10

1869: Nasce Mahatma Gandhi

1968: Massacre de Tlateloco, na praça das Culturas, México.

1972: Começa a invasão do território Brunka, Honduras, pela United Brand Company.

1989: Jesús Emilio Jaramillo, bispo de Arauca, Colômbia, mártir da paz e do serviço.

1992: A polícia militar reprime a rebelião de presos na Casa de Detenção de Carandiru, São Paulo, deixando 111 mortos e 110 feridos.

3 Quarta

Ne 2,1-8 / Sal 136

Francisco de Borja Lc 9,57-62

1980: Maria Magdalena Enríquez, batista, secretária de Imprensa da Comissão de Direitos Humanos de El Salvador, defensora dos direitos dos pobres, mártir.

1953: Vitória da Campanha O petróleo é nosso, com a criação do monopólio estatal diante das iniciativas entreguistas. Brasil.

1990: Unificação da Alemanha.

Minguante: às 11h48m em Câncer.

4 Quinta

Ne 8,1-4a.5-6.7b-12 / Sal 18
Francisco de Assis — Lc 10,1-12
Teodoro Fliedner
Dia Mundial da Anistia.
Dia da Ecologia
1555: O concílio provincial do México proíbe o sacerdócio aos índios.
1976: Omar Venturelli, mártir da dedicação aos mais pobres em Temuco, Chile.

5 Sexta

Br 1,15-22 / Sal 78
Plácido e Mauro — Lc 10,13-16
1995: O exército assassina 11 camponeses na comunidade "Aurora 8 de outubro", para reprimir o retorno dos refugiados exilados, Guatemala.

Dia internacional (da ONU) dos professores

6 Sábado

Br 4,5-12.27-29 / Sal 68
Bruno — Lc 10,17-24
William e Tyndale
1981: 300 famílias sem-teto resistem ao despejo em Jardim Robru, São Paulo.

7

27º Domingo do tempo comum
Hb 1,2-3;2,2-4 / Sal 94
2Tm 1,6-8.13-14 / Lc 17,5-10
N. Sra. do Rosário
Enrique Melchor Muhlenberg
Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros.
1462: Pio II censura oficialmente a escravidão de africanos.
1931: Nascimento de Desmond Tutu, arcebispo negro sul-africano, prêmio Nobel da Paz.
1973: Mártires de Lonquén, Chile.
1978: José Osmán Rodríguez, camponês, ministro da Palavra, mártir, Honduras.
1980: Manuel Antonio Reyes, vigário, mártir, El Salvador.
2001: EUA começam a invasão de Afeganistão.

8 Segunda

Jo 1,1-2,1-11 / Int. Jn 2,3-8
Taís e Pelágia Lc 10,25-37

1970: Nestor Paz Zamora, seminarista, universitário, filho de um general boliviano, mártir das lutas de libertação do seu povo.
1974: O primeiro Parlamento Indio-Americano do Cone Sul reúne-se em Assunção.
1989: Penny Lernoux, jornalista, defensora dos pobres da América Latina.

9 Terça

Jo 3,1-10 / Sal 129
Dionísio, Luis Beltrão Lc 10,38-42

1581: Morre Luis Beltrão, missionário espanhol na Colômbia, dominicano, pregador, escritor, mestre de noviços, canonizado em 1671 e nomeado principal padroeiro da Colômbia.
1967: Ernesto "Che" Guevara, médico, guerrilheiro, internacionalista, morto na Bolívia. **40 anos.**

Dia internacional (da ONU) do correio

10 Quarta

Jo 4,1-11 / Sal 85
Tomás de Vilanova Lc 11,1-4

1987: Iº Encontro dos Negros do Sul e Sudeste do Brasil, no Rio de Janeiro.

Dia mundial (da ONU) da saúde mental

Dia Internacional contra os desastres naturais
Segunda quarta feira de outubro

11 Quinta

Ml 3,13-20a/ Sal 1
Soledad Torres Acosta Lc 11,5-13

1531: Morre Ulrico Zwinglio na Suíça.
1629: Luis de Bolaños, missionário, franciscano, precursor das reduções indígenas, tradutor do catecismo, apóstolo do povo guarani.
1976: Marta González de Baronetto e companheiros, mártires do serviço, Córdoba, Argentina.
1983: Benito Hernández e companheiros, indígenas, mártires da terra em Hidalgo, México.

Nova: às 00h01m em Libra.

12 Sexta

Nª Sra.Aparecida, Padroeira do Brasil
Est 5,1b-2; 7,2b-3 / Sal 44
Dia da Criança Ap 12,1.5.13a.15-16a / Jo 2,1-11
Grito dos excluídos em vários países de AL.

1492: Colombo avista na madrugada a Ilha Gaunahani, que chama San Salvador (hoje Watling).
1925: 600 marines desembarcam no Panamá.
1958: Primeiros contatos com os Ayoreos, Paraguai.
1976: João Bosco Penido Burnier, missionário jesuíta, mártir em Ribeirão-Cascalheira, MT.
1983: Marco Antonio Orozco, pastor evangélico, mártir da causa dos pobres na Guatemala.

13 Sábado

Jl 4,12-21 / Sal 96
Eduardo Lc 11,27-28

1987: 106 famílias dos sem-terra ocupam fazendas em vários pontos do Rio Grande do Sul.

14

28º Domingo do tempo comum
2Re 5,14-17 / Sal 97
2Tm 2,8-13 / Lc 17,11-19

Calisto

15 Segunda

Rm 1,1-7 / Sal 97
Teresa de Ávila — Lc 11,29-32

1535: Pedro de Mendoza penetra pelo Rio da Prata com 12 navios e 15.000 homens.
1980: O presidente Figueiredo expulsa do Brasil o sacerdote italiano Victor Miracapillo.
1994: Aristide volta ao poder no Haiti, após a interrupção do golpe militar de Raul Cédras.

16 Terça

Rm 1,16-25 / Sal 18
Margarida Mª Alacoque — Lc 11,37-41

1952: Foi criada a CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (católicos).
1992: Prêmio Nobel da Paz a Rigoberta Menchú.
1997: Fulgêncio Manuel da Silva, líder sindical e político, assassinado, em Santa Maria da Boa Vista.
1998: Detido em Londres Pinochet. Mais de 3.100 pessoas torturadas, assassinadas ou desaparecidas nos 17 anos da sua ditadura

Dia Mundial da Alimentação (FAO, 1979)

17 Quarta

Rm 2,1-11 / Sal 61
Inácio de Antioquia — Lc 11,42-46

1806: Morre Jean-Jacques Dessalines, chefe da revolução de escravos no Haiti que se tornou exemplo para toda a América.
1945: A mobilização popular impede o golpe Anti-Perón na Argentina.

Dia Mundial da Erradicação da Pobreza

18 Quinta

2 Tm 4, 10-17a / Sal 144
Lc 10, 1-9

Lucas

1859: Levante anti-escravagista em Kansas, EUA.
1977: Massacre do Engenho Aztra, Equador. Mais de 100 mortos por protestarem contra a empresa que não lhes pagava o salário.
1991: O grupo Tortura, nunca mais identifica 3 vítimas enterradas clandestinamente em São Paulo.

19 Sexta

Rm 4,1-8 / Sal 31
Lc 12,1-7

Pedro de Alcântara
Paulo da Cruz

1970: Morre no México Lázaro Cárdenas, patriota mexicano.
2001: Digna Ochoa, mexicana, assassinada por sua defesa dos direitos humanos.

Crescente: às 03h33m em Capricórnio

20 Sábado

Rm 4,13.16-18 /Sal 104
Lc 12,8-12

Laura

1548: Fundação da cidade de La Paz, Bolívia.
1883: Fim da guerra de fronteiras de Chile e Peru.
1944: O ditador Ubico é derrubado por insurreição popular na Guatemala.
1975: Raimundo Hermann, padre norte-americano, pároco entre os índios quéchuas, mártir dos camponeses da Bolívia.
1978: Oliverio Castañeda de León. Dirigente máximo da Asociação de Estudantes Universitários (AEU) de la Universidade de São Carlos da Guatemala. Símbolo da luta pela liberdade.
1988: Jorge Eduardo Serrano, jesuíta, Colômbia.

Semana (da ONU) para o desarmamento

21

29º Domingo do tempo comum
Ex 17,8-13 / Sal 120
2Tm 3,14-4,2 / Lc 18,1-8

Úrsula, Celina

1973: Gerardo Poblete, padre salesiano, torturado e morto, mártir da paz e da justiça no Chile.

22 Segunda

Rm 4,20-25 / Int. Lc 1,69-75
Maria Salomé Lc 12,13-21

1976: Ernesto Lahourcade, mártir da justiça, Argentina.
1981: Eduardo Capiau, religioso belga, mártir da solidariedade na Guatemala.
1987: Nevardo Fernández, mártir da luta pelas reivindicações indígenas na Colômbia.

23 Terça

Rm 5,12.15b.17-19.20b-21
João Capistrano Sal 39 / Lc 12,35-38
Tiago de Jerusalém

1981: Marco Antonio Ayerbe Flores, estudante universitário, Peru.
1986: Vilmar José de Castro, agente de pastoral e militante da causa da terra, assassinado em Caçu, Goiás, pela União Democrática Ruralista UDR.
1987: João "Ventinha", posseiro em Jacundá, Pará, assassinado por três pistoleiros.

24 Quarta

Rm 6,12-18 / Sal 123
Antônio Maria Claret Lc 12,39-48

1945: A ONU começa a existir oficialmente.
1977: Juán Caballero, líder sindicalista porto-riquenho, assassinado por esquadrões da morte.

Dia das Nações Unidas
Aniversário da publicação da Carta da ONU, 1945

25 Quinta

Rm 6,19-23 / Sal 1
Crisanto, Daria, Gaudêncio Lc 12,49-53

1887: Um setor do exército brasileiro, solidário com a luta popular, nega-se a ser utilizado para destruir os quilombos dos negros.
1975: Wladimir Herzog, jornalista, assassinado pela ditadura militar, São Paulo.
1983: Os EUA invadem Granada e põem fim à revolução do New Jewel Movement.
1987: Carlos Páez, Salvador Ninco, indígenas; Luz Estela, Nevardo Fernandes, operários, Colômbia.
1988: Alejandro Rey e Jacinto Quiroga, agentes de pastoral, mártires da fé, Colômbia.
1989: Jorge Párraga, pastor evangélico, e companheiros, mártires da causa dos pobres, Peru.
2002: † Richard Shaull, teólogo da libertação, presbiteriano dos EUA, missionário na Colômbia e no Brasil.

Cheia: às 23h51m em Touro

26 Sexta

Rm 7,18-25a / Sal 118
Felicíssimo, Evaristo Lc 12,54-59

Filipe Nicolai, Johann Heermann, Paul Gerhard

1981: Ramón Valladares, secretário administrativo da Comissão de DDHH, assassinado, El Salvador.
1987: Herbert Anaya, advogado, mártir dos Direitos Humanos, El Salvador. **20 anos.**

27 Sábado

Rm 8,1-11 / Sal 23
Gustavo Lc 13,1-9

1866: Paz de Black Hills entre cheyennes, sioux e navajos com o exército dos EUA.
1979: Independência de São Vicente e das Granadinas. Festa nacional.

28

30º Domingo do tempo comum
Eclo 35,12-14.16-18 / Sal 33
2Tm 4,6-8.16-18 / Lc 18,9-14

Simão e Judas
Procissão do Senhor Negro dos Milagres (Cristo) em Lima, Peru, tradição afro-peruana.
1492: Colombo chega a Cuba na sua 1ª viagem.
1880: Nascimento de Luisa Capetillo, em Porto Rico. Lutou pelo socialismo, pela emancipação do ser humano e pelos direitos da mulher.
1986: Maurício Maraglio, missionário, mártir da luta pela terra, Brasil.

A RELIGIÃO DO MERCADO
SÓ AS RELIGIÕES, UNIDAS, PODEM ENFRENTÁ-LA

PAUL F. KNITTER
Cincinati – Nova Iorque, EUA

O que me proponho sinalizar é por que esta tarefa -vincular o diálogo inter-religioso com a libertação inter-religiosa- é hoje mais urgente e mais complexa do que nunca. A minha tese, se assim pode ser chamada, é que a razão principal e a causa essencial da crescente injustiça econômica no mundo e da pobreza desumanizante que resulta de tal injustiça *é, em si mesma, religiosa*. As forças que estão gerando tanta riqueza e ao mesmo tempo tanta disparidade na sua distribuição *converteram-se elas mesmas em uma religião*. O mercado livre global se tornou uma *religião exclusivista mundial*. As religiões do mundo, tanto individual como inter-religiosamente, devem participar de um diálogo libertador profético com esta nova religião mundial. Sem um diálogo inter-religioso com a religião do mercado, não se poderá desafiar e «converter» eficazmente o poder desumanizante do mercado. Seja-me permitido explicar.

A religião do mercado

Ao contrário da afirmação de Samuel Huntington de que hoje estamos enraizados em um «choque de civilizações», creio que o choque que na realidade está acontecendo – e eu acrescentaria que «não pode deixar de acontecer», não é entre civilizações. É entre religiões! Sem dúvida as religiões que lutam entre si não são as comunidades religiosas tradicionais. Refiro-me mais à oposição fundamental, entre as chamadas religiões mundiais de um lado, e a nova Religião do Mercado de outro lado.

David Loy, em um artigo que provocou ampla discussão, argumentou com cuidado e eloqüência que a religião dominante, a mais extensa em todo o mundo, é a «Religião do Mercado». Especialmente nos paises desenvolvidos como os EUA, Europa e Japão esta é a religião à qual pertence a maioria da população, e a que reclama os seus compromissos religiosos fundamentais. A sua devoção à Religião do Mercado precede e modifica a sua devoção ao cristianismo, judaísmo ou budismo (*The Religion of the Market*, «Journal of the American Academy of Religion», 65/2 (1997) 275-90).

Para o crente comum, Religião do Mercado significa religião do consumismo. Alguém pratica a sua fé e encontra salvação consumindo nos templos que são «centros comerciais», uma liturgia e uma adoração diárias, não reduzidas ao domingo, ao sábado ou às sextas-feiras.

Para os prelados e poderosos desta nova religião, Religião do Mercado significa a religião do «economicismo» segundo John B. Cobb Jr. Os devotos do «economicismo» colocam a sua fé total, absoluta (e poderíamos acrescentar «cega») na crença de que o crescimento econômico conduzido sem restrições e sem interferência do governo, tanto por pessoas individuais como por países individuais, trará a salvação ao mundo. Em palavras de Cobb:

«O economicismo é essa organização da sociedade que intencionalmente está a serviço do crescimento econômico. Todos os demais valores, inclusive a soberania nacional, se tornam subordinadas a este fim, com a sincera esperança de que uma prosperidade suficiente permitirá ao mundo solucionar também as suas necessidades não econômicas» (Cobb, BCS, 4-5).

Para a Religião do Mercado, que se baseia na fé incondicional no economicismo, o ser humano é um ser econômico (homo economicus), isto é, um ser «...que procura racionalmente obter o maior número possível de coisas com o menor trabalho possível. As suas relações com os outros seres são de competência» (BCS, 11).

Esta Religião do Mercado tem todos os riscos que encontramos nas religiões tradicionais:

* Os seus **credos** são feitos de economia neoliberal do (Papa) Friedrich von Hayek e o (Ayatollah) Milton Friedman. Os seus **teólogos** ou «ulemá» (doutores) são os economistas (principalmente economistas ocidentais).

* Os seus **missionários** são o vasto exército de anunciantes que proclamam a sua mensagem de consumo em «comerciais» que enchem as transmissões de rádio e televisão e nos cartazes publicitários que povoam as nossas cidades e paisagens.

* Os seus **centros de aprendizagem** são os departamentos de economia de universidades norte-americanas e ocidentais, e o seu tribunal é a Organização Mundial do Comércio.

* Esta religião tem os seus **mandamentos**, o primeiro dos quais é: «Não interferirás no livre mercado». (Ou em forma mais tradicional: «o livre mercado é senhor teu deus, não terás deuses estranhos diante dele»).

* Tem uma **teoria da salvação** que é clara e absoluta: «Fora do livre mercado não há salvação». Aqueles que não estiverem «dentro» e não forem membros desta religião verdadeira são considerados hereges ou inimigos, a serem controlados ou eliminados.

Diferença entre religiões e religião do mercado

Há uma diferença fundamental, que é uma oposição fundamental, entre a ética do que Cobb chama «economicismo» (ou fundamentalismo de mercado) e a ética das religiões tradicionais. Em formas assombrosamente diferentes, que sem dúvida são também complementares, as tradições abraãmicas (judaísmo, cristianismo, islã), as tradições asiáticas (hinduísmo, budismo, confucionismo, taoísmo) e as religiões indígenas têm um acordo básico de qualquer grau que seja de unidade globalizada que possa alcançar a raça humana, esta unidade *tem que se basear em um equilíbrio entre o interesse por um e o interesse por outro*.

A ética religiosa sempre é paradoxal. Em uma diversidade de símbolos e com ênfases diferentes todas as tradições religiosas dizem à humanidade que, de forma paradoxal e que também promete, *o interesse por um equivale ao interesse pelo outro*. A intuição fundamental que está na base das religiões convida as pessoas para uma mudança que lhes encherá de vida e paz, fazendo do interesse por um o interesse pelo outro. Este «outro» sempre é diferente para a mesma pessoa ou é mais do que a consciência que a pessoa tem de si mesma no momento presente. É o Outro com O maiúsculo (a Fonte de Vida Interior de todos), e o outro com o minúsculo: o próximo de cada um.

Assim nos diz Jesus que só nos amaremos verdadeiramente a nós mesmos quando amamos o nosso próximo. Maomé nos adverte que ao cuidar de nós mesmos, ao promover uma boa sociedade, nunca podemos esquecer do cuidado de todos os outros, especialmente dos pobres e abandonados. Para Buda, experimentar a iluminação é sentir compaixão por todo ser sensível. Na ética confuciana, «para que nós mesmos nos afirmemos, devemos ajudar os outros a se afirmarem, para que nós cresçamos, devemos ajudar os outros a crescer...».

Portanto esta é a questão ou desafio que as religiões devem propor aos promotores do livre mercado. A comunidade religiosa deve perguntar aos economistas, aos políticos e aos presidentes corporativos: o interesse por um, que vocês procuram, está equilibrado com o interesse por outro, está inserido nele, é o que o conduz? Certamente não parece ser assim. O princípio condutor do sistema capitalista mundial, governado pelo fundamentalismo do mercado, parece ser: «Se procuramos o interesse por nós mesmos também promoveremos o interesse dos outros».

Isto, segundo as religiões, deve equilibrar com: «Se promovemos o interesse dos outros também realizaremos o nosso próprio interesse». As religiões advertem: se não temos este equilíbrio, se unimos o interesse por nós mesmos com o interesse pelo bem estar dos outros teremos problemas. De fato, esta é a razão pela qual o chamado livre mercado globalizado não está respondendo à grande disparidade da riqueza no nosso mundo globalizado, ou na realidade está sendo a sua causa.

Diálogo inter-religioso com a religião do mercado

Ainda que seja difícil, as religiões tradicionais do mundo devem participar de um diálogo profético e crítico com esta nova Religião universal do Mercado. As religiões devem enfrentar os comandantes e os sumos sacerdotes da globalização e confrontá-los com o «choque», com a diferença fundamental entre a Religião do Mercado e as religiões tradicionais históricas. Os dirigentes e mestres religiosos devem fazer ver claramente que no momento atual, e dada a forma em que a Religião do Mercado entende a si mesma, não é possível que um individuo seja «membro» da Religião do Mercado e ao mesmo tempo seja seguidor de Maomé, de Jesus, Buda ou Abraão. Aqui não cabe a «dupla pertença». A pessoa deve escolher: prostrar-se diante de Deus/Alá/Dharma... ou diante do Mercado.

O diálogo inter-religioso com a Religião do Mercado é extremamente difícil, sobretudo porque o Mercado insiste, como o fez a Igreja Católica em tempos passados e o fazem atualmente muitas comunidades fundamentalistas cristãs e mussulmanas, que é a única religião verdadeira. Todas as outras seriam falsas. Como bem se sabe pela história das relações inter-religiosas, qualquer religião que afirma ser a única verdadeira não dialoga com outra religião: o que procura é convertê-la.

Sem dúvida é sumamente urgente chegar a algum tipo de diálogo ou encontro entre as religiões do mundo e a Religião do Mercado. Se o Livre Mercado assumiu o poder e a dominação de uma religião mundial, ele informa e dirige as vidas das pessoas em forma penetrante como sempre o fez a religião. Por acaso não se trata então de as religiões tradicionais do mundo se colocarem entre os meios principais para se contrapor a esta nova religião idólatra do Mercado? Se às vezes se necessita de fogo para combater o fogo, hoje precisamos das religiões para «combater», sufocar e re-dirigir a Religião do Mercado. Na atualidade só as religiões podem dar aos povos a visão, a energia, a esperança e a perseverança para dialogar com a Religião do Mercado, lutar contra ela e recuperar seus seguidores, que colocaram o deus do consumismo e do crescimento econômico no lugar do único Deus, que nos assegura que cada um de nós só encontrará a verdadeira felicidade se promover a felicidade de todos. ❑

2007

Outubro

S	T	Q	Q	S	S	D
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21

S	T	Q	Q	S	S	D
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
			1
5	6	7	8
12	13	14	15
19	20	21	22
26	27	28	29

S	T	Q	Q	S	S	D
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16

S	T	Q	Q	S	S	D
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Dezembro

Sexta	Sábado	Domingo
2	3	4
9	10	11
16	17	18
23	24	25
30		

NOVEMBRO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

29 Segunda

Rm 8,12-17 / Sal 67
Narciso Lc 13,10-17

1626: Los holandeses compran a los indios la isla de Manhattan por 24 dólares.
1987: Manuel Chin Sooj y compañeros, campesinos y catequistas mártires en Guatemala. **20 años**
1989: Masacre de los pescadores de El Amparo, Venezuela.

30 Terça

Rm 8,18-25 / Sal 125
Alonso Rodríguez Lc 13,18-21

1950: Levante nacionalista em Porto Rico, liderado por Pedro Albizu Campos.
1979: Santo Dias da Silva, líder sindical, 37 anos, metalúrgico, militante da pastoral operária, mártir dos operários brasileiros.
1983: Eleito Raúl Alfonsín na Argentina, após a ditadura dos militares.
1987: Nicarágua estabelece a Autonomia das Regiões do Caribe, primeira multiétnica na A.L. **20 anos.**
1999: Dorcelina de Oliveira Folador, deficiente física, do MST, prefeita de Mundo Novo, assassinada por causa de suas denúncias dos poderosos.

31 Quarta

Rm 8,26-30 / Sal 12
Alonso Rodríguez Lc 13,22-30
Dia da Reforma Protestante

1553: Aparece a primeira comunidade negra na América Latina que não experimentou a escravidão, em Esmeraldas, Equador. Seu líder foi Alonso de Illescas.
1973: José Matías Nanco, pastor evangélico, e companheiros, mártires da fé e da solidariedade no Chile.

Dia universal da poupança

1 Quinta

Rm 8,31-39 / Sal 108
Lc 13,31-35

Todos os Santos
1974: Florinda Soriano, "Dona Tingó", camponesa analfabeta, dirigente da Federação das Ligas Agrárias Cristãs, mártir do povo dominicano.
1979: Massacre de Todos os Santos, La Paz, Bolívia.
1981: Simón Hernández, índio achi, Ministro da Palavra, camponês, em Rabinal, Guatemala.
1981: Independência de Antígua e Barbuda.
2004: O exército chileno reconhece responsabilidade institucional nos crimes da ditadura de Pinochet.

Minguante: às 16h18m em Leão.

2 Sexta

2Mc 12,43-46 / Sal 22
Mt 11,17-27

Finados
1979: Primeiro Encontro das Nacionalidades e Minorias, Cuzco, Peru.

3 Sábado

Rm 11,1-2a.11-12.25-29 / Sal 93
Lc 14,1.7-11

Martín de Porres
1639: Morre São Martinho de Lima, Martinho de Porres, primeiro santo mulato da América, filho de uma escrava e lutou contra os preconceitos até ser aceito como religioso dominicano.
1903: A Província do Panamá separa-se da Colômbia com o apoio dos EUA. Festa nacional.

4

Todos os Santos
Ap 7, 2-4.9-14 / Sal 23
1Jo 3, 1-3 / Mt 5, 1-12a

Carlos Borromeu
1763: Os ottawa atacam Detroit, EUA.
1780: Revolta contra os espanhóis liderada por Tupac Amaru, Peru.
1969: É executado Carlos Mariguela em São Paulo.

5 Segunda

Rm 11,29-36 / Sal 68
Zacarias e Isabel Lc 14,12-14

1838: Independência de Honduras.
1980: Fanny Abanto, professora, animadora de comunidades cristãs de Lima, Peru, ligada às lutas populares, testemunha da fé.
1988: Araceli Romo Álvarez e Pablo Vergara Toledo, militantes cristãos mártires da resistência contra a ditadura no Chile.

6 Terça

Rm 12,5-16a / Sal 130
Leonardo Lc 14,15-24

1866: O decreto imperial nº 3.275 deeclara livres os escravos da nação que estejam dispostos a defender o Brasil na guerra contra o Paraguai.
1988: José Ecelino Forero, agente de pastoral, mártir da fé e do serviço na Colômbia.

Dia Internacional (da ONU) para a Prevenção da Exploração do meio ambiente, na guerra e nos conflitos armados

7 Quarta

Rm 13,8-10 / Sal 111
Vilibrordo Lc 14,25-33
John Christian Frederik Heyer

1513: Ponce de León toma posse da Flórida.
1917: Triunfa a revolução dos trabalhadores do campo na Rússia e começa a primeira experiência de construção do socialismo no mundo.
1978: Antonio Ciani. Dirigente estudantil de la AEU na Guatemala. Foi capturado ilegalmente quando saía de sua casa para a Universidade de San Carlos da Guatemala. Ainda desaparecido.

8 Quinta

Rm 14,7-12 / Sal 26

Adeodato — Lc 15,1-10

1546: Rebelião dos cupules e dos chichuncheles contra os espanhóis em Yucatán.
1976: Carlos Fonseca cai em Zinica, Nicarágua.
1983: Augusto Ramírez, sacerdote, mártir da defesa dos pobres, Guatemala.
1987: Mártires indígenas de Pai Tavyeterá, Paraguai.

9 Sexta

Ez 47,1-2.8-9.12 / Sal 45

Teodoro — 1Cor 3,9-11.16-17 / Jo 2,13-22

1977: Justo Mejía, sindicalista camponês e catequista, mártir da fé, El Salvador.
1984: Primeiro Encontro dos Religiosos, Seminaristas e Padres Negros do Rio de Janeiro.
1989: Cai o Muro de Berlim.

Nova: às 18h03m em Escorpião

10 Sábado

Rm 16,3-9.16.22-27 / Sal 144

Leão Magno — Lc 16,9-15

1483: Nascimento de Lutero na Alemanha.
1969: O governo Médici proíbe notícias sobre índios, negros, esquadrão da morte e guerrilha.
1980: Policiano Albeño López, pastor protestante, e Raúl Albeño Martínez, mártires, El Salvador.
1984: Alvaro Ulcué Chocué, padre indígena páez, assassinado em Santander, Colômbia.
1996: Jafeth Morales López, militante popular colombiano, animador das CEBs, assassinado.
2004: Entregam ao presidente do Chile as provas de mais de 35 mil vítimas da ditadura Pinochet.

11

32º Domingo do tempo comum
2Mc 7,1-2.9-14 / Sal 16
2Ts 2,16-3,5 / Lc 20,27-38

Martinho de Tours
Soren Kierkegaard

1976: Guillermo Woods, padre missionário, ex-combatente norte-americano no Vietnã, mártir e servidor do povo da Guatemala.
1983: Sebastián Acevedo, militante, mártir do amor filial ao povo chileno.

12 Segunda

Sb 1,1-7 / Sal 138
Lc 17,1-6

Josafá

1838: Abolição da escravidão na Nicarágua.

1980: Nicolás Tum Quistán, catequista, ministro da eucaristia, mártir da solidariedade, Guatemala.

13 Terça

Sb 2,23-3,9 / Sal 33
Lc 17,7-10

Leandro

1969: Indalécio Oliveira da Rosa, padre, 33 anos, mártir dos movimentos de libertação do povo uruguaio.

14 Quarta

Sb 6,1-11 / Sal 81
Lc 17,11-19

Diego de Alcalá

1960: Greve nacional de 400 mil ferroviários, portuários e marítimos, Brasil.

15 Quinta

Sb 7,22-8,1 / Sal 118
Lc 17,20-25

Alberto Magno

1562: Juán del Valle, bispo de Popayán, Colômbia, peregrino da causa indígena.
1781: Julián Apasa, «Tupac Katari», rebelde contra os conquistadores espanhóis, mártir da insurreição indígena na Bolívia, morto pelo exército.
1889: Proclamada a República no Brasil.
1904: Desembarcam marines em Ancón, Panamá.
1987: Fernando Vélez, advogado militante, mártir dos direitos humanos na Colômbia.

16 Sexta

Sb 13,1-9 / Sal 18
Lc 17,26-37

Margarida, Gertrudes

1982: Fundação do Conselho Latino-Americano das Igrejas, CLAI.
1889: Ignacio Ellacuría, companheiros jesuítas e empregadas domésticas em San Salvador.

Dia internacional da tolerância

17 Sábado

Sb 18,14-16;19,6-9 / Sal 104
Lc 18,1-8

Isabel da Hungria

1985: Luis Che, celebrante da palavra, mártir da fé na Guatemala.

Crescente: às 17h32m em Aquário

18

33º Domingo do tempo comum
Ml 3,19-20a / Sal 97
2Ts 3,7-12 / Lc 21,5-19

Elsa

1867: O Duque de Caxias escreve ao Imperador sobre a possibilidade de os negros virem a iniciar uma guerra interna pelos seus legítimos direitos.
1903: O Panamá outorga aos EUA a construção do canal.
1970: Gil Tablada é assassinado por opor-se à grilagem de terras, em La Cruz, Costa Rica.

19 Segunda

1Mc 1,10-15.41-43.54-57.62-64
Sal 118 / Lc 18,35-43

Abdias, Crispim

1681: Roque González, primeira testemunha da fé no Paraguai e companheiros jesuítas, mártires.

1980: Santos Jiménez Martínez e Jerônimo "Don Chomo", pastores protestantes, lavradores, mártires na Guatemala.

2000: Fujimori renuncia à presidência do Peru, por fax, do Japão.

20 Terça

2Mc 6,18-31 / Sal 3
Lc 19,1-10

Félix de Valois, Otávio

1695: Morte-martírio de Zumbi dos Palmares, lider do Quilombo de Palmares. **Dia Nacional Brasileiro da Consciência Negra.**

2000: Condenado à prisão perpétua Enrique Arancibia, ex-agente da DINA chilena, por atentado contra o general Prats, em Buenos Aires em 30.09.74.

Dia Internacional dos Direitos da Criança

Dia mundial pela industrialização da África

21 Quarta

2Mac 7,1.20-31 / Sal 16
Lc 19,11-28

Apresentação de Maria

1831: A Colômbia se proclama Estado soberano, separando-se da Grande Colômbia.

1966: Fundação da Organização Nacional de Mulheres de Chicago, EUA.

1975: Massacre de La Unión, Honduras: matança de lavradores por mercenários contratados por latifundiários.

Dia mundial (da ONU) da televisão

22 Quinta

1Mc 2,15-29 / Sal 49
Cecília Lc 19,41-44
Dia Universal da Música
1910: João Cândido lidera a Revolta da Chibata. Os líderes assumiram o comando dos principais navios de guerra e apontaram seus canhões na direção do Palácio Presidencial, exigindo o fim dos castigos corporais (a chibata), melhor alimentação e melhoria salarial para todos os marinheiros, negros e brancos.

23 Sexta

1Mc 4,36-37.52-59
Clemente Int. 1Cr 29,10-13 / Lc 19,45-48
1974: Amilcar Oviedo, líder operário, Paraguai.
1980: Ernesto Abrego, vigário, desaparecido com quatro de seus irmãos, em El Salvador.

24 Sábado

1Mac 6,1-13 / Sal 9
André Dung-Lac Lc 20,27-40
1590: Agustin de La Coruña, bispo de Popayán, desterrado e encarcerado por defender o índio.
1807: Morre José Brandt, chefe da nação Mohawk.
1980: O IV Tribunal Russel considera 14 casos de violação de direitos humanos contra indígenas.

Cheia: às 11h48m em Gêmeos

25

Cristo Rei
2Sm 5,1-3 / Sal 121
Col 1,12-20 / Lc 23,35-43
Catalina de Alejandría
Isaac Wats
1808: Es firmada una ley que concede tierras a todos los extranjeros no negros que viniesen a Brasil.
1960: Asesinato de las hermanas Mirabal en República Dominicana.
1975: Independencia de Surinam. Fiesta nacional.
1983: Marçal de Sousa, Tupá'í, indígena, mártir de la lucha por la tierra, que había hablado a Juan Pablo II en Manaus en 1980. Asesinado.

Dia Internacional contra a violência contra a Mulher.

26 Segunda

Dn 1,1-6.8-20 / Int. Dn 3,52-56
Jo Lc 21,1-4

João Berchmans

1984: Mártires camponeses de Chapi e Lucmahuayco, Peru.

27 Terça

Dn 2,31-45 / Int. Dn 3,57-61
Lc 21,5-11

Virgílio

1977: Fernando Lozano Menéndez, estudante universitário, morto durante a detenção e o interrogatório pelos militares. **30 anos.**

1980: Juan Chacón e companheiros dirigentes da Frente Democrática Revolucionária, mártires em El Salvador.

1992: Tentativa de Golpe de Estado na Venezuela.

28 Quarta

Dn 5,1-6.13-14.16-17.23-28
Int. Dn 3,62-67 / Lc 21,12-19

Catarina Labouré

1975: A Frente Revolucionária por um Timor Leste Independente declara a independência da ex-colônia de Portugal.

1976: Liliana Esthere Aimetta, militante metodista, mártir da causa dos pobres, em Buenos Aires.

1978: Ernesto Barrera, "Neto", padre, operário, mártir das CEBs salvadorenhas.

1980: Marcial Serrano, vigário, mártir dos lavradores em El Salvador.

29 Quinta

Dn 6,12-28 / Int Dn 3,68-74
Saturnino Lc 21,20-28

1916: Desembarque de marines e implantação de protetorado na República Dominicana.
1976: Pablo Gazarri, irmãozinho do Evangelho, seqüestrado e desaparecido nas prisões, Argentina.

Dia Internacional da Solidariedade com o Povo Palestino.

30 Sexta

Rom 10,9-18 / Sal 18
André Mt 4,18-22

1967: A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) protesta contra a prisão de sacerdotes.

1 Sábado

Dn 7,15-27 / Int. Dn 3,82-87
Elói Lc 21, 34-36

1981: Diego Uribe, sacerdote, mártir da luta de libertação de seu povo, Colômbia.
2000: O juiz Guzmán sentencia a detenção domici-liar e a abertura de processo contra Pinochet.

Dia Mundial da Luta contra a AIDS

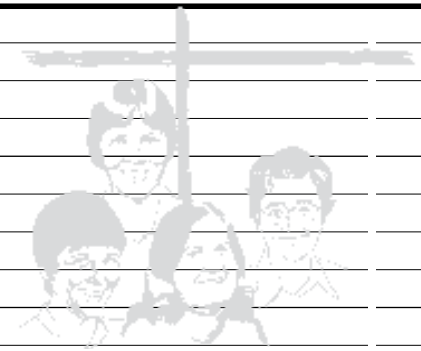
Minguante: às 11h48m em Virgem

2

1º Domingo do adviento
Is 2,1-5 / Sal 121
Rm 13,11-14 / Mt 24,37-44
Bibiana

1823: Declaração da Doutrina Monroe: "A América para os "norte-americanos".
1956: Desembarque do Granma em Cuba.
1972: O Panamá reconhece o direito dos indígenas a suas terras.
1980: Ita Catherine Ford, Maura Clark, Dorothy Kasel e Jean Donovan, religiosas e leiga, seqüestradas e assassinadas, El Salvador.
1990: Lavradores mártires de Atitlán, Guatemala.

Dia internacional contra a escravidão



DE MEDELLÍN 1968 A APARECIDA 2007

ENTRE CONTINUIDADE E RUPTURAS UMA VIAGEM SEM RETORNO

JORGE PEIXOTO
Buenos Aires - Roma

O documento de Medellín inicia a aventura de renovação da Igreja na América Latina. Não é uma mudança superficial. É a grande viagem do novo modelo eclesial e de reflexão teológica. Uma viagem sem retorno.

Já se passaram quase 40 anos daquele Medellín que representou a "recepção criativa do Concílio Vaticano II" e o começo de "outro modo de ser Igreja" para a América Latina. O Concílio Vaticano II foi uma atualização para iniciar o diálogo da Igreja com o mundo, abrindo-a para uma nova perspectiva pastoral, para mudanças estruturais no interior da Igreja, para uma nova visão da evangelização e para um novo lugar para a construção da utopia do Reino.

Porém, nem tudo estava resolvido, pois permaneciam no interior da Igreja, grupos de pastores e instituições que não tinham assimilado as exigências de tais mudanças, com grandes contradições e conflitos, ainda não por resolver.

Estava começando uma renovação com um novo método pastoral: **ver, julgar e agir**. Trata-se de processos educativos e de aprendizagem, de caminhos de crescimento e integração, que durante estes últimos anos foram percorridos pelos empobrecidos de nosso Continente e pelo setor da Igreja comprometida com suas Causas, entre confrontos e desencontros, entre assimilações e resistências, com um importante setor da Hierarquia da Igreja.

Medellín nos ensinou a olhar a realidade de outro modo, nos permitiu ler as fontes do cristianismo de outra maneira, mudar nossa perspectiva e entrar em contradição com o verticalismo da instituição eclesial quando esta se distanciava do compromisso com as Causas da libertação e da justiça. Medellín 1968 nos convida para o compromisso de toda a Igreja com os pobres, animando a missão evangelizadora e libertadora ao propor uma pastoral de conjunto a partir das Comunidades Eclesiais de Base, na lógica de uma eclesiologia de comunhão. Esta chave de leitura é muito importante, já que a comunhão se expressa a partir das pequenas comunidades de base e do encontro com os movimentos emancipatórios.

Um novo modo de ser Igreja se torna teologia

O processo de reflexão popular que começou a acontecer nos centros de estudo, nas comunidades de base e na teologia da libertação foi extraordinário. Este tipo de reflexão tornou-se um fenômeno cultural, que se apresenta como alternativa leiga à teologia da dominação, pensada escolasticamente, sem fundamento bíblico e a partir dos centros de poder. Este modo de fazer teologia é o laço de continuidade que testemunham as mesmas comunidades, enraizadas na sabedoria e na sensibilidade dos pobres junto aos que lutam por uma transformação da realidade. Nasce da leitura orante da Palavra, se relaciona com o caminhar das organizações não governamentais, é ecumênico e pluralista.

A realidade nos desafia a jogar a partida decisiva

A desigualdade entre ricos e pobres continua aumentando. É o continente mais violento e de maior injustiça, com uma desigualdade sistemática. A pobreza e a exclusão conformam esse retrato antropológico e sociológico de nossa América Latina que não mudou dos anos 60 até a atualidade. Verificam-se situações de extrema perversão na flexibilização operária que hoje se constituíram como normais. Nos atos, nas leis do mercado funcionam como revogatórias dos direitos sociais básicos. O capitalismo realmente existente, na realidade concreta das pessoas mais pobres, se submerge no império da escravidão.

Já não existem possibilidades em curto prazo de superar a fronteira imposta pela pobreza e pela exclusão. Continua no ar um debate de fundo: a dívida externa, com a mesma injustiça de sempre enquadra em histórias de empobrecimento e corrupção, neoliberalismo e expropriação cultural.

Mas, como modificar a índole de toda essa realidade de sofrimento e de desigualdade estrutural? Devemos enfrentar essa racionalidade sem nos deixar enfeitiçar pelas propostas econômicas e políticas que não sejam geradas na lógica da opção pelos pobres e sua libertação. É por isso que também se mantém viva a crítica, a esperança e o compromisso em projetos de transformação rumo a uma nova justiça. Hoje, mais que nunca, existem novas esperanças na velha utopia da libertação.

Nem tudo está perdido, ao contrário, nos restam experiências consolidadas em projetos pastorais e presenças de vida religiosa inseridas nas causas populares e emancipatórias, o testemunho martirial, a aprendizagem comunitária. E não apenas dentro da Igreja, mas existe muita utopia em muita gente, muito compromisso e

muita participação social na busca da verdade e rumo à justiça. E o Evangelho... e não é pouca coisa!

De cara à mudança de época, nosso olhar agora é mais amplo, mais plural, mais ecumênico. O ativismo e o imediatismo vão sendo superados. Releva-se uma mudança de gerações com uma acentuação na subjetividade. Não é uma ruptura nem uma negação de Medellín e sua proposta metodológica, mas um novo momento no desenvolvimento de seu caminhar com a história da libertação dos pobres, dentro de um compromisso cada vez mais preciso e profundo nos diversos campos sócio-eclesiais latino-americanos.

Podemos dizer, de modo sintético, que no momento atual, ao pretender re-afirmar a teologia da libertação, ela mesma se redescobre articulada entre educação libertadora, práxis política e reflexão teológica, uma nova fronteira de aprofundamento, crescimento e compromisso. Atravessar desde a educação libertadora às práticas pastorais para recuperá-las como lugares da aprendizagem, produção de conhecimento crítico e constituição da espiritualidade libertadora e recriação do pensamento teológico. Não é tempo de retraimentos e nem de distanciamentos da construção cultural de nossos povos. É o tempo de afiançar e consolidar práticas impregnadas de renovação que mantenham o espírito e as opções de Medellín '68. Porque os pobres e os excluídos esperam algo mais que anátemas, censuras, desconfianças, discriminações e disputas internas para conquistas de espaços eclesiais. Esperam o dinamismo evangelizador, a dimensão profética e a luta pela justiça.

Mais recentemente vem se dando explícitos desejos de mudanças em expressões eleitorais e democráticas que projetam novas esperanças. Fóruns e encontros internacionais que buscam outro mundo possível, necessário e indeformável. Está nascendo outra América, sem impérios que controlem o mercado e a soberania dos povos; sem pobreza nem exclusão e sem hipotecar o futuro das crianças e da natureza. E neste caminhar vamos e queremos ser outra Igreja, que não se ajusta ao modelo neoliberal e volte a recuperar a profecia de Medellín e sua opção pelos pobres. Uma Igreja do lado dos que lutam pela vida e pela paz, una e plural, centralizada na construção do Reino junto a tantos outros e apoiada no Evangelho. Não se pode entender a igreja que sonhou Medellín '68 sem estar a par de tanta gente que continua comprometida nos movimentos sociais, na luta pela verdade e pela justiça, na defesa da vida.

Nem tudo será igual

É importante escutar as críticas. Teríamos que ter mantido muito mais aberta nossa espiritualidade libertadora e orante, aos canais de comunicação com as mobilizações sociais, com as organizações dos pobres, em uma atitude de educação evangélica e popular, em lugar de dar tanta atenção à relação intra-institucional para garantir a estabilidade. A continuidade do espírito renovador iniciado no Vaticano II depende do potencial transformador de nossa espiritualidade e compromisso com um novo modelo de Igreja. O espírito renovador é uma herança dessa Igreja dos pobres, inserida nas práticas libertárias do Continente que continua encarnando o dinamismo de renovação perseverante à qual nos convocou o Concílio e Medellín.

Vale a pena fazer memória, já que nos impede ser complacentes e interromper nosso compromisso com o caminho iniciado rumo a esse novo modelo de Igreja construída com os pobres. Vale a pena fazer memória quando não se cala e quando não se esquece, e, além disso, se é capaz de abrir novas esperanças.

A partir da teologia latino-americana que continua ativa em seu pensamento e produção, os que trabalhamos pela libertação reiteramos nosso compromisso por manter a fidelidade ao espírito de renovação empreendido por Medellín (uma renovação para frente e sem retorno) e aos pobres, sujeitos teológicos de qualquer mudança, esperando com eles o novo amanhecer. Mais ainda, devemos assumir essa inspiração e traduzi-la hoje para a nossa realidade. Não nos conformamos apenas em recordá-lo, reafirmamos sua validade para torná-lo factível.

Porque o chamado de Medellín continua ressoando – apesar dos avanços neoconsevadores de parte da condução institucional – para consolidar a opção pelos pobres e a testemunhar a pobreza da Igreja. Com os aportes da reflexão teológica comprometida no horizonte da libertação se está buscando afiançar uma Igreja mais fraterna e participativa, solidária com os pobres e cada vez mais desde os últimos e excluídos, mais ecumênica e inter-religiosa, mais esperançada e criativa, mais libertadora junto a tantas organizações populares e transformadora da sociedade.

A proposta é definitivamente simples: sem suavizar os argumentos e polêmicas, reforçar nosso compromisso já assumido. Crer em nós mesmos, progredir na coerência e responsabilidade como comunidade evangélica junto ao caminhar de nossos povos, partilhando o mesmo destino, os mesmos sonhos e a mesma esperança. Não nos cansemos de crer no amor que leva à justiça. Mas isso, como os apaixonados, nos lembramos do primeiro beijo, chamado Medellín. Este é talvez o desafio ético-evangélico mais sugestivo. ❑

2007

Novembro

S	T	Q	Q	S	S	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18

S	T	Q	Q	S	S	D
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Segunda	Terça	Quarta	Quinta
3	4	5	6
10	11	12	13
17	18	19	20
24	25	26	27
31			

S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

DEZEMBRO

Sexta	Sábado	Domingo
	1	2
7	8	9
14	15	16
21	22	23
28	29	30

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

3 Segunda

Is 4,2-6 / Sal 121
Mt 8,5-11

Francisco Xavier

1502: Moctezuma é empossado como senhor de Tenochtitlán, México.

1987: Victor Raúl Acuña, padre, Peru. **20 anos.**

2002: Falece Ivan Illich, filósofo e sociólogo da libertação.

Dia Internacional do Deficiente Físico.

4 Terça

Is 11,1-10 / Sal 71
Lc 10,21-24

João Damasceno,
Bárbara

1677: A tropa de Fernán Carrillo ataca o Quilombo de Palmares, Brasil.

Dia internacional do voluntário

5 Quarta

Is 25,6-10a / Sal 22
Mt 15,29-37

Sabas

1492: Colombo chega a La Española em sua primeira viagem.

1824: A Constituição brasileira, em lei complementar, proíbe os portadores de hanseníase e os negros de freqüentarem a escola.

2000: Dois ex-generais argentinos são condenados à prisão perpétua pela Justiça italiana: Suárez Masón e Santiago Riveros, por crimes no tempo da ditadura.

Dia internacional (da ONU) dos voluntários para o desenvolvimento

6 Quinta

Is 26,1-6 / Sal 117
Mt 7,21.24-27

Nicolàs de Bari
Nicolau de Mira
1534: Fundação de Quito, Equador.
1969: Morre João Cândido, herói da Revolta de Chibata de 1910, Brasil.

7 Sexta

Is 29,17-24 / Sal 26
Mt 9,27-31

Ambrósio
1975: O governo militar da Indonésia invade o Timor-Leste, matando 60 mil pessoas em dois meses. Em 20 anos de ocupação, foram mortos mais de 200 mil timorenses, 1/3 da população.
1981: Lucio Aguirre e Elpidio Cruz, hondurenhos, celebrantes da Palavra e mártires da solidariedade.

8 Sábado

Gn 3,9-15.20 / Sal 97
Ef 1,3-6,11-12 / Lc 1,26-38

Imaculada Conceição
1542: Las Casas termina a "Brevíssima Relação da Destruição das Índias".
1965¨Conclui o Concílio Vaticano II.
1976: Ana Garófalo, militante metodista, mártir da causa dos pobres, em Buenos Aires.
1977: Alicia Domont e Leonie Duquet, mártires da solidariedade com os desaparecidos, Argentina.
1997: Samuel Harmen Calderón, padre que trabalhava com os camponeses, morto por paramilitares. Colômbia.

9

2º domingo do Advento
Is 11,1-10 / Sal 71
Rm 15,4-9 / Mt 3,1-12

Leocádia, Valério
1824: Vitória de Sucre em Ayacucho; última batalha pela independência.
Nova: às 12h40m em Sagitário

10 Segunda

Is 35,1-10 / Sal 84
Eulália de Mérida Lc 5,17-26

1898: Derrotada, Espanha cede ao EUA Porto Rico e Filipinas.
1948: Declaração Universal dos Direitos Humanos.
1996: Prêmio Nobel da Paz para o professor José Ramos Horta, autor do plano de paz para o Timor-Leste, e a Carlos Ximenes Belo, bispo de Dili.
1997: O Governo socialista francês aprova a redução da jornada semanal para 35 horas.

Dia dos Direitos Humanos.

Dia Internacional dos Povos Indígenas.

Dia nacional do orgulho do catador
movimentodoscatadores.org.br

11 Terça

Is 40,1-11 / Sal 95
Dâmaso Mt 18,12-14
Lars Olsen Skrefsrud

1978: Gaspar Garcia Laviana, padre, mártir das lutas de libertação do povo, Nicarágua.
1994: Na Iª Cúpula Americana, à iniciativa dos EUA, decide-se criar a ALCA, o maior mercado mundial: 850 milhões de consumidores. Miami.

12 Quarta

Gl 4,4-7 / Sal 95
N. Sra. de Guadalupe, Juan Diego Lc 1,39-47

1531: Maria aparece ao índio Juan Diego no Tepeyac, onde se venerava Tonantzin, "Venerável Mãe".
1981: Massacre "El Mozote", de centenas de camponeses salvadorenhos em Morazán.
1983: Prudencio Mendoza, "Tencho", seminarista, mártir, Huehuetenango, Guatemala.
2002: O Congresso da Nicarágua julga o expresidente Alemán por fraude milionária contra o Estado.

13 Quinta

Is 41,13-20 / Sal 144
Mt 11,11-15

Luzia

1968: A Câmara dos Deputados opõe-se ao Governo e é supressa, Brasil.
1978: Independência de Santa Lúcia.

14 Sexta

Is 48,17-19 / Sal 1
Mt 11,16-19

João da Cruz
Teresa de Ávila

1890: Rui Barbosa manda queimar os documentos relativos à escravidão. "Queimamos de medo/ do medo da história/ os nossos arquivos./ Pusemos em branco/ a nossa memória" (Missa Quilombos).
1973: A ONU identifica Porto Rico como colônia e reafirma seu direito à independência.

15 Sábado

Ecclo 48,1-4.9-11 / Sal 79
Mt 17,10-13

Valeriano

1975: Daniel Bombara, membro da JUC, mártir dos universitários comprometidos com os pobres na Argentina.

16

3º Domingo do adviento
Is 35,1-6a.10 / Sal 145
Tg 5,7-10 / Mt 11,2-11

Adelaide

1984: Eloy Ferreira da Silva, líder sindical, São Francisco, Minas Gerais.
1991: Indígenas mártires do Cauca, Colômbia.
1993: Levante popular em Santiago del Estero, Argentina.

17 Segunda

Gn 49,2.8-10 / Sal 71

João da Mata, Lázaro — Mt 1,1-17

1819: Proclamada a República da Grande Colômbia em Angostura.

1830: Morre, vítima da tuberculose ou câncer, perto de Santa Marta, Colômbia, Simão Bolívar, libertador da Venezuela, da Colômbia, do Equador e do Peru, aos 47 anos de idade.

1994: Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai assinam em Ouro Preto, Brasil, o acordo do Mercosul.

Crescente: às 05h17m em Peixes

18 Terça

Jer 23,5-8 / Sal 71

Rufo e Zózimo — Mt 1,18-24

1979: Massacre de camponeses, Ondores, Peru.

1979: Masacre de camponeses,El Porvenir, El Salvador.

1985: João Canuto, líder sindical, e filhos, Brasil.

1992: Manuel Campo Ruiz, marianista, vítima da corrupção da polícia do Rio de Janeiro, Brasil, assassinado por guardas da prisão, para roubá-lo, quando visitava um preso.

1994: Recuperados os restos mortais de Nelson MacKay, primeiro caso dos 184 desaparecidos em Honduras na década de 80.

Dia internacional (da ONU) do Migrante

19 Quarta

Jz 13,2-7.24-25a / Sal 70

Nemésio — Lc 1,5-25

1994: Crise econômica mexicana: 10 dias depois o peso é desvalorizado em 100%.

1994: Alfonso Stessel, 65 anos, sacerdote, assassinado a facadas e tiros na Guatemala.

2001: Após o discurso do Presidente, o povo argentino sai à rua e provoca a sua renúncia.

20 Quinta

Is 7,10-14 / Sal 23
Lc 1,26-38

Domingos de Silos

1818: Luis Beltrán, franciscano, “primeiro engenheiro do exército libertador” dos Andes, Argentina.
1989: Os EUA atacam e invadem o Panamá para capturar Noriega.
2001: Claudio “Pocho” Leprati, líder comunitário e catequista, assasinado pela repressão da polícia em Buenos Aires.

21 Sexta

Cant 2,8-14 / Sal 32
Lc 1,39-45

Pedro Canísio
Tomé Apóstolo

1511: Sermão de Frei Antonio de Montesinos em La Española: «Os índios, não são pessoas?».
1907: 3.600 vítimas, mineiros em greve por melhores condições de vida. Massacre de Iquique. Chile.
1964: Guillermo Sardiña, sacerdote, solidário com seu povo na luta contra a ditadura, Cuba.

22 Sábado

1Sam 1,24-28 / Int.: 1Sam 2,1-8
Lc 1, 46.56

Francisca J. Cabrini

1815: José Mª Morelos, herói da Pátria, Mexico.
1988: Francisco “Chico” Mendes, 44 anos, líder ecologista em Xapuri, Brasil. Assassinado.
1997: Massacre em Acteal, Chiapas. Paramilitares matam 46 tzotziles reunidos em oração. **10 anos.**

Solstício: começa o inverno no Norte e a primavera no Sul, às 06h08m UTC.

23

4º domingo do advento
Is 7,10-14 / Sal 23
Rm 1,1-7 / Mt 1,18-24

João de Kety

1896: Conflito entre EUA e Grã-Bretanha pela Guiana Venezuelana.
1972: Um terremoto de 7 pontos Richter destrói Manágua e mata mais de 20 mil pessoas.
1989: Gabriel Maire, padre francês, assassinado em Vitória, Brasil, por sua opção pelos pobres.

Cheia: às 20h15m em Câncer.

24 Segunda

2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16 / Sal 88
Lc 1,67-79

Hermínia e Adela

1873: Expedição repressiva contra os guerrilheiros dos quilombos em Sergipe, Brasil.

1925: A lei brasileira garante 15 dias ao ano de férias à indústria, ao comércio e aos bancos.

25 Terça

Natal de Jesus
Is 52,7-10 / Sl 97
Hb 1,1-6 / Jo 1,1-18

1553: Valdivia é derrotado em Tucapel pelos araucanos.

1652: Alonso de Sandoval, profeta e defensor dos escravos negros, Cartagena das Índias, Colômbia.

26 Quarta

At 6,8-10; 7,54-60 / Sal 30
Mt 10,17-22

Estêvão

1864: Começa a Guerra da Triplice Aliança: Brasil, Argentina e Uruguai contra Paraguai.

1996: Greve geral na Argentina.

27 Quinta

1Jo 1, 1-4 / Sal 96
João Evangelista Jo 20, 2-8

1512: Primeira revisão legislativa pelas denúncias dos missionários Pedro de Córdoba e Antonio de Montesinos.
1979: Ângelo Pereira Xavier, cacique pancararé, Brasil, morto na luta pela terra.
1985: O governador do Rio de Janeiro proíbe a discriminação racial nos elevadores dos prédios.
1996: Greve de um milhão de sul-coreanos contra a lei que aumentaria a pobreza.

28 Sexta

1Jo 1,5-2,2 / Sal 123
Santos Inocentes Mt 2,13-18

1925: A coluna Prestes ataca Teresina, PI, Brasil.
1977: Massacre dos camponeses, Huacataz, Peru.

29 Sábado

1Jo 2,3-11 / Sal 95
Tomás Becket Lc 2,22-35

1987: Mais de 70 garimpeiros de Serra Pelada, Marabá, baleados pela PM, caem na água e desaparecem na ponte do rio Tocantins.
1996: Após 36 anos, mais de 100 mil mortos e 44 aldeias arrasadas, a guerrilha e o governo da Guatemala assinam a paz.

Dia internacional da biodiversidade

30

Sagrada Família
Eclo 3,2-6.12-14 / Sal 127
Cl 3,12-21 / Mt 2,13-15.19-23
Sabino

1502: Parte da Espanha a maior frota de seu tempo: 30 navios com cerca de 1.200 homens, liderados por Nicolás de Obando.

31 Segunda

1Jo 2,18-21 / Sal 95
Silvestre Jo 1,1-18
1384: Morre Jonh Wiclyf, na Inglaterra.
1896: No auge do ciclo da seringueira, Manaus, Brasil, inaugura o teatro Amazonas.
1972: Morre em São Paulo, no 4º dia da tortura, Carlos Danieli, do PC do Brasil, sem revelar nada.
Minguante: às 02h51m em Libra

1 Terça

2 Quarta

3 Quinta	4 Sexta	5 Sábado

Ano 2008:
Ano Internacional do Planeta Terra
Ano Internacional da Batata

6

janeiro	fevereiro	março
1 T	1 S	1 S
2 Q	2 S	**2 D**
3 Q	**3 D**	3 S
4 S	4 S	4 T
5 S	5 T	5 Q
6 D	6 Q Cinzas	6 Q
7 S	7 Q	7 S
8 T	8 S	8 S
9 Q	9 S	**9 D**
10 Q	**10 D**	10 S
11 S	11 S	11 T
12 S	12 T	12 Q
13 D	13 Q	13 Q
14 S	14 Q	14 S
15 T	15 S	15 S
16 Q	16 S	**16 D**
17 Q	**17 D**	17 S
18 S	18 S	18 T
19 S	19 T	19 Q
20 D	20 Q	20 Q
21 S	21 Q	21 S
22 T	22 S	22 S
23 Q	23 S	**23 D** Páscoa
24 Q	**24 D**	24 S
25 S	25 S	25 T
26 S	26 T	26 Q
27 D	27 Q	27 Q
28 S	28 Q	28 S
29 T	29 S	29 S
30 Q		**30 D**
31 Q		31 S

abril	maio	junho
1 T	1 Q	**1 D**
2 Q	2 S	2 S
3 Q	3 S	3 T
4 S	**4 D**	4 Q
5 S	5 S	5 Q
6 D	6 T	6 S
7 S	7 Q	7 S
8 T	8 Q	**8 D**
9 Q	9 S	9 S
10 Q	10 S	10 T
11 S	**11 D** Pentecostes	11 Q
12 S	12 S	12 Q
13 D	13 T	13 S
14 S	14 Q	14 S
15 T	15 Q	**15 D**
16 Q	16 S	16 S
17 Q	17 S	17 T
18 S	**18 D**	18 Q
19 S	19 S	19 Q
20 D	20 T	20 S
21 S	21 Q	21 S
22 T	22 Q	**22 D**
23 Q	23 S	23 S
24 Q	24 S	24 T
25 S	**25 D**	25 Q
26 S	26 S	26 Q
27 D	27 T	27 S
28 S	28 Q	28 S
29 T	29 Q	**29 D**
30 Q	30 S	30 S
	31 S	

julho	agosto	setembro
1 T	1 S	1 S
2 Q	2 S	2 T
3 Q	**3 D**	3 Q
4 S	4 S	4 Q
5 S	5 T	5 S
6 D	6 Q	6 S
7 S	7 Q	**7 D**
8 T	8 S	8 S
9 Q	9 S	9 T
10 Q	**10 D**	10 Q
11 S	11 S	11 Q
12 S	12 T	12 S
13 D	13 Q	13 S
14 S	14 Q	**14 D**
15 T	15 S	15 S
16 Q	16 S	16 T
17 Q	**17 D**	17 Q
18 S	18 S	18 Q
19 S	19 T	19 S
20 D	20 Q	20 S
21 S	21 Q	**21 D**
22 T	22 S	22 S
23 Q	23 S	23 T
24 Q	**24 D**	24 Q
25 S	25 S	25 Q
26 S	26 T	26 S
27 D	27 Q	27 S
28 S	28 Q	**28 D**
29 T	29 S	29 S
30 Q	30 S	30 T
31 Q	**31 D**	

outubro	novembro	dezembro
1 Q	1 S	1 S
2 Q	**2 D**	2 T
3 S	3 S	3 Q
4 S	4 T	4 Q
5 D	5 Q	5 S
6 S	6 Q	6 S
7 T	7 S	**7 D**
8 Q	8 S	8 S
9 Q	**9 D**	9 T
10 S	10 S	10 Q
11 S	11 T	11 Q
12 D	12 Q	12 S
13 S	13 Q	13 S
14 T	14 S	**14 D**
15 Q	15 S	15 S
16 Q	**16 D**	16 T
17 S	17 S	17 Q
18 S	18 T	18 Q
19 D	19 Q	19 S
20 S	20 Q	20 S
21 T	21 S	**21 D**
22 Q	22 S	22 S
23 Q	**23 D**	23 T
24 S	24 S	24 Q
25 S	25 T	25 Q
26 D	26 Q	26 S
27 S	27 Q	27 S
28 T	28 S	**28 D**
29 Q	29 S	29 S
30 Q	**30 D** Advento, B	30 T
31 S		31 Q

LUTA CONTRA A MISÉRIA
CONDIÇÃO MÍNIMA PARA A DEMOCRACIA

SÉRGIO FERRARI
Argentina - Suíça

Cifras de carne e osso... Um bilhão e ducentos mil pessoas vivem com menos de um dólar diário. Oitocentos milhões não dispõem dos alimentos mínimos. Vinte e oito mil crianças morrem cada dia por causas conseqüentes da pobreza. Cento e quinze milhões de menores não freqüentam escola. Mais de quarenta milhões de pessoas em todo o mundo estão infetadas pela AIDS – a metade são mulheres. Há trezentos milhões de casos de malária, com um milhão de mortes por ano.

Radiografia de um Planeta ilógico. 75% dos pobres do mundo – aproximadamente novecentos milhões de pessoas – vivem em zonas rurais de países «em desenvolvimento». Apesar dos compromissos assumidos em reunião da Cúpula, no Rio, em 1992, só cinco países (Suécia, Noruega, Holanda, Dinamarca e Luxemburgo) cumpriram a promessa de passar 0,7% do seu Produto Interno Bruto anual para a cooperação internacional. O resto, apesar de compromissos retóricos, se mantém longe desta porcentagem mínima.

Imagens de seres e espécies. A desertificação poderia fazer desaparecer, nos próximos vinte anos, duas terças partes (66%) das terras aptas para o cultivo da África; 30% das terras da Ásia e cerca de 20% das terras da América Latina. No entanto, o colapso nas regiões costeiras continuará aumentando a marginalização dos povos pescadores em muitos países do sul. Seis mil meninas e meninos morrem por dia de infecções por causa da água suja ou instalações sanitárias deficientes.

É dramática a realidade mundial que se perpetua ainda depois de transcorridos os primeiros 5 anos de «vigência» dos Objetivos do Milênio que se propõem reduzir à metade a pobreza no mundo até o ano 2015. Se a miséria não for reduzida drasticamente, é impossível pensar em um mundo com democracia real.

Vida ou morte para um bilhão de pessoas

Em setembro de 2000, 189 dirigentes mundiais – entre eles 147 chefes de Estado – subscreveram a chamada «Declaração do Milênio». Com ela, se comprometiam a «libertar todos os homens, mulheres e crianças das lamentáveis e desumanas condições de extrema pobreza», considerando que, pela primeira vez, a humanidade poderia lutar por estes fins, dados os recursos, o conhecimento e as tecnologias das quais dispõe.

A ONU definiu então 8 desafios essenciais denominados «Objetivos do Desenvolvimento para o Milênio» (ODM), que deverão se realizar num período de três lustros. Estas 8 metas, cuja referência foi o estado do mundo em 1990, incluem uma série de pontos concretos que procuram responder às necessidades mais urgentes. Entre eles, reduzir à metade a extrema pobreza – quer dizer, o número de pessoas que vivem com menos de um dólar diário – assim como as vítimas da fome. Garantir a educação primária universal, promovendo ao mesmo tempo a igualdade de sexos em todos os níveis do ensino. Reduzir a dois terços a taxa da mortalidade infantil e em três quartos a mortalidade materna. Assim mesmo, reverter o impacto atual de expansão da AIDS, a malária e outras enfermidades, e diminuir à metade a porcentagem da população sem acesso à água potável.

Quanto às relações «Norte-Sul», os Objetivos do Milênio propõem construir uma «nova relação mundial de intercâmbios» para o desenvolvimento na base de um sistema comercial e financeiro mais aberto. Isto implicaria também o apoio aos países menos avançados; a promoção de uma iniciativa global para resolver o problema da dívida do Sul; o impulso de uma estratégia de emprego para os jovens; a oferta de medicamentos essenciais acessíveis para todos nos países do sul, colocando, ao mesmo tempo, à sua disposição as contribuições positivas das novas tecnologias, especialmente aquelas da informação e comunicação.

Tão simples como complexo...

O desafio está sobre a mesa e as projeções são abundantes. Com base nas taxas atuais do progresso, oito milhões e setecentos mil crianças menores de 5 anos continuarão morrendo em 2015. No caso de se cumprirem os ODM, seria possível salvar as vidas de quatro milhões e quinhentas mil neste ano.

Só três regiões do mundo atingirão os Objetivos do Milênio de reduzir pela metade o número de mortalidade por tuberculose para o ano de 2015, reconheceu em março de 2006 a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em uma comunicação especial indicou que as ditas regiões são a América, o Sudeste Asiático e o Pacífico. Sem dúvida, os fundos e a implementação do programa continuam sendo frágeis, especialmente no resto da Ásia e África

do sub-Saara, regiões onde vivem 80% dos afetados pela enfermidade, que matará outros 14 milhões até 2015.

A redução da tuberculose é um desafio relativamente «simples». Poderia ser atingida se a comunidade internacional contribuísse com 31 milhões de dólares anuais na próxima década, o que implicaria apenas dois dólares por cada pessoa que vive num país «industrializado».

O ceticismo sobre o resultado das metas começa a aparecer também na análise dos «grandes magnatas» do Planeta. A informação «Iniciativa de Governabilidade Global 2006» do Fórum Econômico Mundial, com base em Genebra, julga que o mundo não está absolutamente perto da superação das problemáticas sanitárias. Em rápida síntese, a fundação do «fórum dos ricos» indica que o AIDS continua a sua expansão, que a malária matou mais de um milhão de pessoas, e que a comunidade internacional nada fez para reduzir a mortalidade materna e de menores de 5 anos.

Para este Fórum, «o lamentável estado da infra-estrutura mundial da saúde pública, a falta de acesso a instrumentos de laboratório e medicamentos, e a falta de pessoal da saúde», tornam altamente impossível que a África do sub-Saara, o sul da Ásia e a Oceania consigam alcançar os objetivos para reverter a expansão das epidemias do AIDS e malária, nem a redução da mortandade materno/infantil. Se o gasto previsto para enfrentar a AIDS é de oito milhões de dólares, isto representa hoje quase seis milhões menos do que a cifra estimativa como necessária para dar resposta eficaz diante da epidemia.

Enquanto os governos, na sua ação diante da ODM, têm atitudes díspares, ainda que, como tendência dominante, procurem acomodar cifras regulares dos seus pressupostos para que se encaixem nas estatísticas oficiais e metas cumpridas e avanços significativos.

O governo da Suíça – um dos países mais enriquecidos do mundo – não só não aumentou a sua cooperação nestes últimos anos, mas chegou a recorrer a manobras administrativas para se apresentar como se tivesse o tivesse feito. A partir de 2005, os gastos dos que procuram asilo, nos países pobres, são integrados ao pressuposto total da cooperação da Suíça ao desenvolvimento.

Deste modo, em setembro de 2005, quando realizou-se a reunião da Cúpula M+5 em Nova Iorque, para avaliar o êxito dos Objetivos do Milênio, a Confederação da Suíça pôde cumprir a sua promessa de destinar 0,4% do Produto Nacional Bruto à cooperação... sem ter tido em contrário nem um franco mais do que no ano anterior, quando era 0,36%. É jogo de mágica dos números ou o cinismo das estatísticas, que permite aos países do Norte cumprir as metas do Milênio.

Vontade política e sensibilidade planetária

O Planeta traz hoje em si mesmo uma enorme e insolúvel contradição. A população continua aumentando entre ricos e pobres, do mesmo modo que entre países do Norte e do Sul (concebidos ambos como conceitos sociológicos e não geográficos). O Produto Interno Bruto (PIB) dos Países Menos Adiantados (PMA) representa 1% do PIB mundial. Por sua vez, o da África sub-Saara representa 2%; o da América Latina e Caribe, 7%. Enquanto o PIB dos Países de altas entradas do OCDE – o «Clube dos Ricos» -, representa 53% do PIB mundial, 30 vezes superior ao dos PMA. O dos EUA é formado por 21%.

A um lustro da adoção dos Objetivos do Milênio, as previsões indicam que neste ritmo não se cumprirão nem remotamente até 2015. E torna-se quase impossível que a luta contra a miséria, como expressão de um debate de civilização e de viabilidade do planeta – no que diz respeito ao social e ao ecológico – possa prosperar efetivamente. Como dar solução à AIDS se, na sua grande maioria, os medicamentos caríssimos contribuem para a rentabilidade máxima de certos laboratórios privados? Como vencer a malária ou a tuberculose se em volta da sua perenidade são jogados tantos interesses econômicos? Como criar novas relações Norte-Sul, se os países do Norte fazem malabarismos estatísticos para não aumentar a cooperação ou lucrar com a mesma?

Entre estas interrogações, um fator é essencial: a falta de uma vontade política explícita do Norte para assumir plenamente a sua responsabilidade no combate à miséria. Os interesses econômicos que movem os Estados – em um mundo cada vez mais competitivo – e o conceito de rentabilidade que aparece como panacéia do sistema mundial hegemônico constituem fatores paralisantes para cumprir referidos Objetivos. Derrotar a miséria exigiria mudar, ainda que parcialmente, a lógica da redistribuição no Planeta.

A retórica dos ODM já se apresenta como um desafio aberto para a consciência da Humanidade. Só os movimentos e redes planetárias, a sociedade civil internacional têm em suas mãos uma palavra decisiva de sensibilização, vigilância, controle, denúncia e exigência. Para construir a democracia mundial, já não basta falar de «outro combate possível» contra a miséria. É necessário obrigar que este programa mínimo planetário seja cumprido. Não se trata de números... mas dos quase bilhões de seres humanos que se debatem entre a vida e a morte... Das frias estatísticas de carne e osso.

Sem este combate radical – até às raízes – contra a miséria e a pobreza em nível mundial, não será possível a democracia profunda que exigimos e construímos. ❑

LUTAS POPULARES PELA DEMOCRACIA

GIUSEPPE DE MARZO
Asociación A Sud, Bolivia-Italia

Era o dia 10 de abril de 2000 e, pela primeira vez na Bolívia e no mundo, um movimento popular conseguia derrotar um consórcio de multinacionais ocidentais que havia privatizado a água na cidade de Cochabamba, triplicando a tarifa, excluindo 50% da população ao acesso aos serviços hídricos, convertendo-se em proprietários de um bem comum durante mais de 40 anos – assim oprevia o contrato – e proibindo inclusive o recolhimento de água da chuva. Em quatro meses de mobilizações na chamada «guerra da água», e depois da morte de cinco pessoas e centenas de feridos, por causa das repressões militares, o povo de Cochabamba conseguiu expulsar o consórcio de multinacionais «Água do Tunari» e recuperou a empresa municipal privatizada.

Nos últimos anos, as multinacionais que constituíram o consórcio, fiscalmente registrado na Holanda, não se renderam e apresentaram uma denúncia pedindo uma indenização pela «falta de lucro» de 50 milhões de dólares no tribunal interno do Banco Mundial (BM), o CIADI, destinado a resolver as controvérsias pela dissolução de contratos onde se encontram implicados tanto o BM como os acordos bilaterais entre países. Entre Holanda e Bolívia há um acordo internacional que tende perigosamente para o lado da empresa, assim como o BM tinha um vínculo com um empréstimo ao Governo boliviano e a vontade de privatizar o setor hídrico. Nos últimos anos, as preocupações das multinacionais se centraram na necessidade de se protegerem juridicamente diante da possível rebelião ou repúdio, por parte de todo um povo ou de comunidades locais, à gestão dos contratos.

O ocorrido em Cochabamba é a demonstração de que alguns contratos não deveriam nem sequer ser propostos, mas que continuam existindo, impunemente, testemunhando a absoluta ausência de regras éticas no mundo do grande negócio, às custas dos direitos humanos, ambientais, sociais e econômicos.

A indenização «por falta de lucro» aparece como uma norma medieval que quer dissuadir e desalentar qualquer tipo de intenção de transformação dos mecanismos de exploração constituídos nos anos da neo-colonização pós-industrial. Não vale somente ganhar e tirar fora uma multinacional do próprio território, e inclusive morrer por causa da repressão exercida pelos que defendem os interesses do capital transnacional; falta enfrentar um processo representado por um tribunal que, mesmo que não tenha nenhum reconhecimento popular, poderia ameaçar com sanções de dezenas ou centenas de milhões de dólares, capazes de reverter tudo o que se obteve após anos de luta e mobilização. Uma espécie de dissuasão moral dos milionários, exercitada sobre os políticos que querem apoiar o descontentamento que vem das massas de trabalhadores e trabalhadoras, agricultores ou indígenas empenhados em pôr em discussão o mecanismo da privatização para defender seu próprio território e seus próprios direitos.

As campanhas que temos levado a cabo chamaram a atenção de alguns dos mecanismos das finanças internacionais, com curiosos paradoxos. Acontece que quando se paga o recibo da luz e do gás em Milão, Itália, a AEM (empresa energética de Milão), na realidade se está apoiando a empresa que fez uma denúncia por «falta de lucro» contra o povo de Cochabamba, Bolívia.

Parece incrível, mas é assim. O consórcio «Água do Tunari» é controlado em 55% pela empresa chamada IWL (International Water Limited), 25% pela espanhola ABENGOA e 20% por particulares (entre eles um ex-candidato à presidência da Bolívia: Medina). A IWL pertence 50% à empresa norte-americana Bechtel (unida à Cheney) e o restante 50% à empresa italiana EDISON.

E aqui é quando se chega ao melhor: desde outubro, a EDISON é da TDL, enquanto que a TDL pertence 50% à francesa WGRM e os outros 50% à italiana AEM, ou seja, à «empresa energética de Milão».

Também na Itália, desde que as empresas municipais foram privatizadas, em vez de pensar em oferecer um serviço público que afete a esfera dos direitos coletivos, estas empresas só pensam em fazer operações de compra e venda de pacotes de ações de outras empresas, adquirindo o controle de outras que desencadeiam desastres pelo mundo, como o ocorrido na Bolívia.

Esta experiência nos demonstra a importância que é evitar a privatização dos serviços públicos e como é urgente a capitalização das empresas desestatizadas.

Um problema de «capacidade» ideológica da esquerda social-democrata, que se fez estupidamente protagonista nos anos da privatização e liberalização, foi a tentativa de demonstrar que era uma força política capaz de gover-

nar dentro de um mecanismo do capitalismo. Foi um erro histórico pensar que se poderia «governar» o capitalismo, sendo este, por definição, uma função do crescimento ilimitado que não se pode moderar ou processar, pelo contrário, reage sempre para obter o máximo, devorando tudo que pode, inclusive os direitos de populações inteiras, mais ainda: das próximas gerações!

Todavia, a AEM é, 43,26% da municipalidade de Milão, mas o problema é a porcentagem que pertence ao mercado e a sua «mão invisível», cada vez mais visível em grande parte do sul do mundo. Depois de meses de mobilização e de campanhas dirigidas na América Latina, na Espanha e na Itália, a Bechtel, a EDISONAEM e a ABENGOA se renderam e decidiram retirar a denúncia de indenização de 50 milhões de dólares.

Chama a atenção o muito que conta a imagen em termos econômicos no que diz respeito aos direitos de milhões de pessoas, mas assim é na era do neoliberalismo. Temendo repercussões neste sentido, o consórcio de privatizadores decidiu vender ao governo boliviano suas próprias ações pela módica cifra de dois pesos bolivianos, cerca de 30 centavos de euro. A proposta chegou dos escritórios das multinacionais, que querem uma «solução amistosa». Um pré-acordo foi firmado em 22 de dezembro de 2005 com a promulgação do Decreto Supremo 28539, assinado pelo ex-presidente Rodriguez. A norma diz, textualmente, que cada empresa receberá um peso boliviano por todas as suas ações e se dará por terminado o julgamento da indenização.

Uma vitória que pertence a todo o movimento e que nos ajuda a abrir um debate amplo sobre a importância da recapitalização de nossas empresas municipais e sobre o tema da arbitragem internacional do CIADI, que teve no passado e pode ter no futuro um efeito negativo nos esforços de populações inteiras e nas ações de governos que no sul do mundo tentam sair da armadilha da exploração.

Um primeiro terreno de confronto-discussão será com aquela grande parte da esquerda institucional que foi vítima da fascinação da privatização e que, finalmente, pôde freqüentar o banquete das grandes finanças, apresentando-se sem nenhum projeto, mas com grande apetite. Neste sentido, os movimentos deverão ter uma grande força para abrir um debate cultural encaminhado para demonstrar o desastre econômico produzido pela privatização das empresas municipais, e a exposição com riscos de chantagem do mercado a que estão submetidos milhões de cidadãos desconhecedores desses atos.

Não se trata de reafirmar a «centralidade do Estado» na economia, mas de separar o controle das grandes finanças de um enorme mercado e restituir o controle dos direitos e das responsabilidades aos cidadãos e às comunidades, como deveria ocorrer com a gestão participativa dos bens comuns. Uma ação que se traduz na construção de relações internacionais baseadas na reciprocidade e na co-divisão de valores entre comunidades distintas, mas unidas na defesa dos bens comuns e na prática da democracia participativa na construção de um modelo mais respeitoso que o atual.

Sobretudo, a percepção de estar unidos uns aos outros na necessidade de lutar cada um por seu próprio território e lutar em nível mundial, para romper o trançado e os efeitos das decisões tomadas em Milão, que não só afetam aos cidadãos italianos, como também na Bolívia, na Palestina ou em qualquer outro lugar onde chega o tecido ramificado do capitalismo financeiro.

Neste sentido, parece fundamental participar nas lutas locais e mundiais, seja desde um ponto de vista teórico ou prático. Já não existe um lugar onde o modelo neoliberal não possa chegar, mas isto significa também que muitos lugares estarão pouco guardados.

A decisão de fazer presidente do BM o teórico da guerra preventiva e sucessor de Kissinger nos tempos do Plano Condor, Paul Wolfowitz, e de nomear como diretor da OMC, Pascal Lamy – aquele que como comissário europeu do comércio internacional em 2003, em Cancun, promoveu acordos de liberalização e privatização com todos os países do sul do mundo, para favorecer as multinacionais, sem passar por nenhuma legitimação (supondo que poderia dá-la) do Parlamento Europeu, nem de parlamentos nacionais – nos dá uma idéia de quais são suas intenções e o futuro que nos estão preparando.

A mobilização dos movimentos sociais tem a tarefa de provocar os curtos-circuitos necessários para abrir as redes da estrutura que enjaula nosso mundo imaginário. Há questões que já não estamos dispostos a delegar a outros, porque fazem a diferença entre um mundo do tipo imperial e um mundo no qual a democracia representa, finalmente, o interesse de todos.

As lutas para defender o bem comum, converter em públicas as empresas municipais que gerenciam serviços básicos, introduzir formas de autogestão e de participação horizontal entre comunidade e público, e construir uma rede internacional entre movimentos cada vez mais fortes e mais capazes de atuar juntos, como demonstra a experiência da luta boliviana pela água, são um terreno de compromisso imediato em que a ação dos movimentos sociais pode experimentar formas de exercício direto da política. ❑

NOSSA HISTÓRIA UNIVERSAL DO FULADU
DEMOCRACIA E DIVERSIDADE

TEXTO COLETIVO
Girona, Catalunha, Espanha

«O encontro com o Outro, com seres humanos diferentes, constituiu sempre, a experiência fundamental de nossa espécie.»[1]

Nos tempos em que a França se propunha proteger suas fronteiras, capitulando diante de Hitler, os professores chegaram ao Fuladu (país dos fulas, no atual Senegal), uma das regiões mais ignoradas pela trama colonizadora do período entre-guerras. A campanha de alfabetização fracassou totalmente por falta de alunos: as famílias escondiam as crianças dos forasteiros. Tinham medo. Ainda se recordavam das últimas capturas humanas atrozes realizadas pelo comércio escravista, e temiam, além do mais, que os professores, a partir de seu modelo particular de civilização, ensinassem aos jovens a rejeitar sua própria identidade cultural.

Suas desconfianças estavam carregadas de tristes razões. Desde o século XV até o XIX, uns 15 milhões de homens e mulheres, em sua melhor idade produtiva e reprodutiva, tinham sido transportados para as colônias americanas, onde contribuíram como mão-de-obra forçada nos processos de formação da economia capitalista. Enquanto isto, o continente africano, privado da potência de sua juventude e aniquilado pelo impacto físico e moral da barbárie, começou a entrar em decadência e a declinar para um atraso que, não por acaso, era inversamente proporcional ao desenvolvimento europeu.

Além do mais, os pais de Fuladu intuíam que os professores da colonização seriam tão devastadores quanto os antigos traficantes. Os traficantes de escravos usurpavam a 'mercadoria' e se iam embora; em troca, os novos senhores tinham por objetivo permanecer e explorar as matérias-primas, os minerais, os diamantes... Para consegui-lo, faltava-lhes agir também sobre as consciências e dividir as comunidades semeando hostilidade entre elas e a dependência do exterior.

Nessa conjuntura, a escola, porta-voz do poder colonial, desenvolveu um eficaz papel repressor ao inculcar um princípio realmente destrutivo: antes da chegada do homem branco, a África vivia no nada, sem língua, sem cultura, sem história. Após alguns anos, as crianças do Fuladú, mais ou menos alfabetizadas, conheceriam pessoalmente a paisagem européia. Recrutados como soldados, lutaram contra o nazismo, encarnado num Terceiro Reich que enchera o continente de campos de extermínio. De volta para casa, foram compensados com o esquecimento e, muito pior, com a morte, os que ousaram reclamar um tratamento justo por sua 'aventura' ao lado dos 'bons', do lado aliado. O que pensavam eles? Os negros não tinham direito à liberdade que haviam defendido para os brancos. Remetendo-nos à idéia de Kapuscinski, diremos que o encontro com o Outro havia se estabelecido a partir da dialética da violência, do desprezo e da humilhação, 'justificada' moralmente por suposta superioridade racial dos dominadores e traduzida numa contínua e implacável apropriação dos recursos.

Antes Pierre que Ibrahim

E a história continua com a passagem das gerações. Encontramo-nos com os filhos desses soldados da Segunda Guerra Mundial empreendendo a viagem da emigração, a partir dos anos oitenta, expulsos de seus países pelos planos de ajuste estrutural do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, que empobreceram e endividaram os povos do Terceiro Mundo. E agora nos encontramos também com alguns netos, nascidos já num Primeiro Mundo, que se apresenta como paradigma integrador de democracia e bem-estar, e neste cenário 'privilegiado' os escutamos lamentar que 'minha cor é minha dor', porque o 'empresário sempre contrata um Pierre ou uma Céline antes de um Ibrahim ou de uma Fatoumata'. São esses jovens que perambulam sem horizonte nem futuro pelos subúrbios de algumas cidades européias, e que se reconhecem na prática, excluídos dos direitos de cidadania nos quais foram educados; os mesmos, por exemplo, que em novembro do ano 2005 provocaram importantes distúrbios na banlieu (zona de subúrbios) de Paris e alguns nascidos em outras localidades de forte presença imigratória como Berlim, Colônia, Lisboa e Bruxelas.

Vivem em bairros que triplicam o índice de greves da média nacional, enquanto a mídia informa os superávits das grandes empresas obtidos à custa dos despidos trabalhadores. Paradoxos da globalização que converte muitas pessoas em supérfluas pela lógica fria do benefício econômico: «Apareceram centros muitos industrializados de crescimento acelerado ao lado de desertos improdutivos, e estes não estão só *por aí afora* na África, e sim também, em Nova York, Paris, Roma, Madri e Berlim. A África está em todas as partes, como símbolo da exclusão. Existe uma África real e muitas outras metafóricas,

na Ásia e na América Latina, mas também nas metrópoles européias onde as desigualdades do Planeta em sua tendência globalizada e local vão deixando sua marca particular»[2].

E neste contexto os filhos dos imigrantes são –e se sentem- duplamente discriminados: pela classe social e pela origem cultural. Não é casualidade que durante a revolta levantaram sua mão também contra a escola, emblema da igualdade de oportunidades que eles precisam mais que ninguém, mas que a realidade lhes nega.

De que lhes serve a formação e os valores aprendidos se quando optam por uma oferta de trabalho devem camuflar sua identidade, os nomes de Mohamed, de Sekou ou de Alima, para conseguir uma entrevista pessoal? Finalmente, a cor -«minha dor»- não engana, e o lugar está sempre reservado para um tal Pierre que nem se apresentou à entrevista. Tomamos nota da mensagem desses jovens frustrados: na democracia não se pode admitir que o encontro com o Outro continue se baseando na exclusão por motivos de identidade, mantendo a herança da velha ordem da submissão que padeceram seus avós de nossa história real e simbólica de Fuladú.

A última segregação

Pelo contrário, à democracia corresponde –e este é o principal desafio que lhe é colocado hoje em dia– incluir em termos de igualdade a imensa diversidade cultural que conflui em seus espaços nacionais. É necessário que haja outro salto qualitativo em sua evolução histórica desde que nasceu muito deficitária na antiga Grécia onde as mulheres, os estrangeiros e os escravos não eram sujeitos de direito. Admitida a maioridade política da mulher, atualmente deve-se suprimir a última segregação e incorporar as minorias à plenitude de direitos reconhecidos para o resto da população.

Os imigrantes contribuem para riqueza econômica, sócio-cultural e demográfica das cidades onde residem e devem ter os mesmos direitos cívicos, políticos e sócio-econômicos já que a lei lhes exige os mesmos deveres. O exercício do direito ao voto –que a maioria dos países europeus negam aos não nacionais– representaria o reconhecimento efetivo de sua contribuição ao bem-estar geral e reforçaria os vínculos de pertença à comunidade democrática. Porque, enquanto o imigrante não votar, ele é um súdito ou não é um cidadão. E uma democracia autêntica não pode ser construída com súditos minorizados ou desprezados e sim com cidadãos livres que, independentemente de sua procedência, exercerão seus direitos e responsabilidades em igualdade de condições.

Referimo-nos aos direitos políticos, mas também aos direitos sociais: ao trabalho, à moradia, à saúde, à educação... aos direitos humanos que apresentam um ritmo de globalização muito inferior ao das transações financeiras.

Faz três décadas que o então presidente do Senegal, Leopold Sedar Senghor, já situava a diversidade em suas justas coordenadas. Advertia que não pode haver uma nova ordem econômica internacional enquanto não houver uma nova ordem cultural internacional, porque os países desenvolvidos consideram-se superiores a partir do ponto de vista cultural, não se sentem moralmente obrigados a deixar de explorar os países do Terceiro Mundo. O certo é que se a partir da razão política global não se coloca fim ao empobrecimento do Terceiro Mundo, falar de democracia e diversidade fica na pura retórica. Enquanto isto, as áfricas reais e metafóricas, *por aí afora* ou envolvendo as grandes metrópoles do mundo, batem na porta e exigem sua democrática participação no estabelecimento de um novo modelo de progresso sustentável para toda a humanidade.

A história universal de Fuladú que agora nos toca escrever é a de um encontro com o Outro de tu a tu, partindo do respeito e da reciprocidade e eliminando os argumentos racistas chamados a perpetuar os desequilíbrios mundiais e as desigualdades locais, autêntica fonte dos conflitos. Não existem culturas incompatíveis 'por natureza' com um processo de desenvolvimento nem com a democracia. Existem diferentes experiências históricas, diferentes formas de conceber a vida e o fabuloso instrumento do diálogo para facilitar o conhecimento. Todas as culturas são capazes de contribuir com valores úteis para o progresso da humanidade e a democracia finalmente deve entender que o direito à igualdade é o direito à diferença, e que o direito à diferença é o direito à igualdade. A diversidade ou a diferença não é o contrário à igualdade. O contrário da igualdade (sinônimo de justiça) é a desigualdade (sinônimo de injustiça).

A diferença tem implicações culturais legítimas com as quais podemos nos relacionar e enriquecer mutuamente; pelo contrário, a desigualdade é uma construção social que devemos combater em defesa da própria democracia.

Assinam este artigo: Sacri Buesa, Joan Colomer, Rafael Crespo, Eugènia Cros, Aliou Diao, Pau Lanao, Anna López, Joan Manuel del Pozo, Núria Terés, e Carme Vinyoles.

Notas: (1) Ryszard Kapuscinski, *Reencontré l'etranger, cet événement fundamental*, Le Monde Diplomatique, janeiro, 2006. (2) Ulrich Beck, *La revuelta de los super-*

COMUNICAÇÃO E DEMOCRACIA

OSVALDO LEON
ALAI, Quito, Equador

Naquele tempo ninguém dizia nada. Era a era das comunicações. Evaristo Páramos Pérez[1].

Tem sido um critério universalmente estabelecido que a vitalidade da democracia depende da participação cidadã. Deve-se acrescentar que, para que esta participação se dê efetivamente, é fundamental que os diversos setores cidadãos estejam devidamente informados e possam expressar seus particulares pontos de vista e inter-relacionar-se tanto interna quanto externamente, a fim de intervir no processo de decisões que configuram o mundo e o futuro.

Com o impressionante desenvolvimento de tecnologias e técnicas de comunicação que se têm produzido nos últimos tempos, foram estabelecidas possibilidades nunca vistas antes para que esta aspiração democrática se cumprisse *in extenso*; mas, paradoxalmente, ocorre o contrário, pelo caráter excludente que a globalização neoliberal imprime em nossas sociedades, onde as maiorias vêem sua palavra seqüestrada, sem poder se mover no que lhes concerne e interessa.

Com efeito, pelo mesmo fato de que as inovações registradas no campo da comunicação constituem um dos pilares das mudanças em curso, este se tem convertido em um setor de ponta e altamente rentável, gerando uma dinâmica que acentua a concentração monopólica em todas as suas esferas. E isto não somente se circunscreve ao cálculo dos benefícios econômicos, senão que, além disso, se expressa de maneira contundente nas orientações mesmas do curso, formas e usos do componente comunicativo.

Uma clara amostra destas reorganizações, por exemplo, é a importância que tem adquirido a chamada «opinião pública» no mundo da política. Não é que o poder político tenha deixado de ser poder, mas é que as regras do jogo para mover-se nele agora passam pelos espaços da opinião. Daí, que o uso dos códigos e técnicas de comunicação se tem tornado um pré-requisito para mover-se em tal campo, estabelecendo que o marketing, as pesquisas de opinião, o uso de imagens, etc., se tornem mais substantivos que as questões programáticas e ideológicas.

Neste contexto, os meios de comunicação têm forçado enormemente sua tradicional condição de fator de poder, até o ponto em que estabeleceram um «consenso midiático» virtual para poder atuar corporativamente com uma agenda política e econômica própria, que lhes serve de referência para estabelecer o que é pertinente ou não socialmente, sem passar por consensos pelos demais atores da sociedade. E é em virtude disso que passou a ter um protagonismo inédito na vida pública, particularmente em momentos determinantes (como, por exemplo, nos processos eleitorais); e em geral, um poder de decisão cada vez mais valorizado, sem que sobre ele seja exercido nenhum controle social, capaz de distorcer seriamente a convivência democrática, posto que, nos meios e sistemas de comunicação, constitui um fator decisivo na formação de sujeitos sociais e culturais.

Com a crise institucional que há tempos se instalou na região, afetando seriamente a credibilidade dos partidos políticos, cada vez mais se pode observar que as elites têm feito dos grandes meios de difusão o reduto para marcar posições, motivo pelo qual, diversos analistas coincidem em assinalar que estes desempenham, agora, o rol de novo e real partido articulador daqueles.

Neste sentido, fica muito claro o papel dos grandes meios, particularmente da TV, no golpe de estado contra o presidente venezuelano Hugo Chavez (11 de abril de 2002) e a conseqüente mobilização popular que lhe restituiu as rédeas do governo. Pois, tratou-se basicamente de um «golpe midiático», em razão do descalabro dos partidos de oposição, aqueles terminaram por ocupar o espaço «vazio» deixado por estes.

Mais ainda, durante aqueles acontecimentos, também foi notória a ressonância que os meios venezuelanos alcançaram em seus similares da região; isto é, todos em coro. Não é exagero assinalar, por isso mesmo, que agora é o «consenso midiático», mais que eventuais regulamentações estatais, a maior ameaça que se projeta contra o pluralismo e, portanto, contra a própria vida democrática.

Com efeito, recordemos que na tradição do pensamento liberal – que se mantém como paradigma –, a existência de uma imprensa independente tem sido considerada como o principal meio para garantir a expressão

da diversidade de pontos de vista, a formação de uma opinião pública lúcida e a vigilância dos abusos do poder estatal. Daí, a imagem de «cão de guarda», contra-peso a «quarto poder», em consideração de que a ameaça provinha do Estado. Mas o capitalismo corporativo está se encarregando de estreitar distâncias, incorporando-o em seus domínios como um negócio lucrativo e, por certo, estratégico.

A partir da perspectiva estratégica, no plano internacional, os EUA é o país que conseguiu uma vantagem considerável. Uma vez que, com dinheiro do Estado, suas empresas construíram uma posição de competência jamais alcançada antes, estabeleceu que para os demais havia chegado a hora da desregulamentação e da abertura, canalizando estas políticas a seu favor. Como indicava Herbert Schiller, importante pesquisador norte-americano, para seu governo «o liberalismo é para os outros: embora exija para o resto do mundo um acesso sem limites para os produtos norte-americanos e a não intervenção do Estado, Washington não se priva, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, de intervir financeira, política e diplomaticamente nos setores considerados estratégicos para a continuidade da hegemonia norte-americana. A comunicação é um desses setores, e sem dúvida o mais decisivo, tanto desde o ponto de vista industrial quanto simbólico...»[2]

Para verificar como essa «continuidade da hegemonia norte-americana» se projeta, basta uma referência do meio mais influente, a televisão: as imagens de informação internacional que são difundidas na América Latina e no Caribe provêm de quatro agências vinculadas a monopólios fincados nos EUA: CNN (Time Warner) ABC (Disney/Cap Cities), NBC (General Eletric) e CBS (Westinghouse).

Por causa desses desenvolvimentos, dia-a-dia se somam vozes de preocupação pelo futuro da democracia. Com a sensibilização que o caracteriza, José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura de 1998, assinalava a respeito: «A experiência confirma que uma democracia política que não repousa sobre uma democracia econômica e cultural não serve de grande coisa... O sistema chamado democrático se parece cada vez mais a um governo de ricos e cada vez menos a um governo do povo. Impossível negar a evidência: a massa de pobres chamada a votar nunca é convocada a governar».[3]

Nesta encruzilhada, adquire singular importância a demanda em favor do Direito à Comunicação, enquanto condição indispensável para o exercício dos demais direitos humanos e um elemento fundamental para a vigência democrática e para o desenvolvimento das pessoas. Trata-se de um desafio muito complexo, pois não se circunscreve a quem está vinculado a este campo, senão que interpela o conjunto da sociedade. Com esta perspectiva está caminhando a «Campanha Continental pelo Direito à Comunicação» (movimientos.org/derechos-comunicacion), que, em primeiro lugar, busca articular as diversas expressões empenhadas na democratização da comunicação.

Com efeito, em síntese, existem grupos que buscam garantir o acesso universal e a apropriação efetiva das novas tecnologias de informação e comunicação; redes de intercâmbio para desenvolver o software livre; espaços de disputas para influenciar (advocacy) em instâncias de decisão na defesa dos direitos à informação e à comunicação; organismos empenhados em monitorar e implementar ações críticas frente aos conteúdos sexistas, racistas, excludentes, etc., veiculados pelos meios; programas de educação para desenvolver uma postura crítica diante dos meios (media literacy); associações de usuários para mover-se na programação dos meios; meios independentes, comunitários, alternativos, etc., comprometidos em democratizar a comunicação; redes cidadãs e de intercâmbio informativo articuladas por meio da Internet; pesquisadores que contribuem para flexibilizar as chaves do sistema imperante e apontar possíveis saídas; organizações sociais que entram em disputa na batalha da comunicação; associações de jornalistas que levantam a bandeira da ética e da independência; grupos de mulheres que articulam redes para que avance a perspectiva de gênero na comunicação; movimentos culturais que se negam a deixar-se sepultar no esquecimento; redes de educação popular; observatórios em favor da liberdade de informação; associações para opor-se aos monopólios; movimentos em defesa dos meios de caráter público; e um longo etc...

Em suma, trata-se de embriões de uma resistência cidadã na trincheira onde, na atualidade, joga-se o futuro mesmo da democracia. Mas também existem responsabilidades mínimas que compete a cada um, como por exemplo, a assinatura de meios impressos independentes e alternativos.

Notas:

[1] *Por los hijos lo que sea*, Txalaparta, Nafarroa, 4ª edición, 2002, p. 93.

[2] *La Communication, une affaire d'Etat pour Washington*, Révolution das la Comunication, Manière de voir, nº 46, Paris, Le Monde Diplomatique, julho de 1999, pp. 10-11 (tradução livre).

[3] *Al margen del poder econômico: ¿Qué queda de la democracia?*, Le Monde Diplomatique, agosto 2004. ❑

DEMOCRATIZAR A TERRA PARA DEMOCRATIZAR A SOCIEDADE

SEM REFORMA AGRÁRIA NÃO HÁ DEMOCRACIA

HORACIO M. CARVALHO
Consultor do MST de RS, Curitiba, Brasil

Nas sociedades onde o paradigma neoliberal é hegemônico, e isso quer dizer na maioria dos países do mundo, a expressão democracia perdeu qualquer adjetivação crítica, popular ou socialista. O neoliberalismo foi apresentado como forma de modernização da democracia, e ambos foram identificados com o exercício pleno da liberdade. A liberdade a que o neoliberalismo se refere é, antes de tudo, a liberdade mercantil, onde a obtenção do lucro constitui o elemento referencial de motivação das ações humanas.

A fetichização do livre mercado como um espaço de concorrência entre iguais facilita a disseminação das idéias que legitimam essa democracia neoliberal. Nela, o sistema político é apenas um instrumento de afirmação do poder dos proprietários, e da propriedade privada.

No processo contemporâneo de acumulação capitalista, tendencialmente de natureza oligopolista, os recursos naturais como a terra, a água doce e a do mar, o subsolo, a plataforma marítima, os minerais, as florestas e a biodiversidade tornaram-se objetos privilegiados de cobiça. A apropriação privada desses recursos naturais pelas grandes empresas capitalistas nacionais e estrangeiras é reforçada pelo advento das novas biotecnologias de engenharia genética capazes de modificarem as mais diversas formas de vida para que essas empresas obtenham um aumento crescente e obsessivo de lucro.

Com a apropriação privada dos recursos naturais do Planeta, as classes dominantes, hoje mundialmente articuladas, concentram e centralizam cada vez mais a renda e a riqueza, entre as quais a terra rural. A presença do capital multinacional na apropriação privada das terras se dá em conluio com as oligarquias locais impedindo a reforma agrária, o avanço da organização social popular e o direcionamento da produção preferencialmente para garantir a soberania alimentar nacional. De fato, para esses capitais, só interessa aquela democracia como a neoliberal que facilite a sua expansão e acumulação.

Durante os últimos trinta anos, época da última revolução científica e tecnológica, a proporção da distribuição do ingresso no mundo entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres passou, aproximadamente, de uma relação de 40 para 1 a uma de 80 para 1, quer dizer, duplicou, trazendo como conseqüências que os 20% mais ricos concentrem 83,6% da riqueza e do ingresso sob quaisquer formas, enquanto que os 20% mais pobres recebem 1%. Esta concentração é ainda maior quando se trata das chamadas novas tecnologias, onde 92,3% está nas mãos da seleta elite dos 20% mais ricos da população mundial.

No campo, a estrutura fundiária mundial é cada vez mais concentrada. Considerando os dados comparáveis entre Argentina, Brasil, Colômbia, Paraguai e Peru, constata-se que quase a metade (46,04%) dos estabelecimentos agrícolas detém apenas 1,26% das terras, enquanto 14,64% dos proprietários detém 88,68% das áreas. Se excluirmos o Peru da amostra (cujos dados não se apresentam desagregados para estabelecimentos acima de 50 ha), verificamos que apenas 1,03% dos proprietários detém nada menos que 52,13% da extensão territorial. No caso asiático, os dados sobre os paises Índia, Indonésia, Paquistão e Tailândia indicam que a concentração de terras também se verifica, embora seja bem menor que na América do Sul. Na Ásia, os 58,17% menores estabelecimentos possuem 14,27% das terras. E os 1,67% maiores estabelecimentos somente possuem 18,66% da área[1].

Essa concentração da terra teve e tem como resultado histórico a exclusão social da população camponesa e dos povos indígenas, populações essas que se encontram entre as mais pobres do mundo.

A pobreza afeta particularmente a população que habita o meio rural, onde se encontram, segundo a FAO (2002), 3.233 milhões de pessoas, das quais 2.881 milhões estavam concentradas nos países classificados como «em desenvolvimento»[2]. Na América Latina, o número de pobres alcança a 96 milhões, região essa que também sofre um forte processo de concentração de renda, segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), em seu Relatório Anual 2005.

Mesmo com a evidência desses dados, as iniciativas e os programas governamentais de reforma agrária têm sido relegados a um plano político secundário. Só ocasionalmente essa proposta entra nas agendas políticas

de alguns países, e quando ocorre é sempre como conseqüência das lutas sociais populares camponesas pela reforma agrária e a justiça social no campo.

Nas sociedades nacionais onde é crescente a concentração da renda e da riqueza; a exclusão social e o aumento da pobreza; a transformação dos sistemas políticos em mecanismo de legitimação da opressão e da grande propriedade privada; portanto, onde a elevada desigualdade social é um lugar comum, as classes dominantes têm ora impedido ora mascarado a reforma agrária que nelas se faz necessária para que se realize a democratização da renda e da riqueza rural.

Um dos atores privilegiados em desvirtuar a reforma agrária tem sido o Banco Mundial ao induzir, desde o início de década de 90, a elaboração e implantação de programas governamentais que denominam de «reforma agrária de mercado». Iniciado em 1994 na África do Sul e na Colômbia, em 1997 no Brasil e em 1998 na Guatemala, esse modelo também inspirou programas em Honduras, El Salvador, Filipinas, México, Malawi e Zimbábue[3].

O que o Banco Mundial intitula de reforma agrária de mercado (sic) nada mais é do que programas de crédito fundiário para trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra que não mudam a estrutura fundiária de um país nem alteram a correlação de forças políticas nos locais onde se implantam. Ao contrário, privilegiam os latifundiários ao comprarem por preços de mercado as suas terras improdutivas. Mantêm, assim, o poder político das classes dominantes, em especial das oligarquias rurais, que saem beneficiadas desses negócios de terras.

Os programas de assentamentos rurais são outra maneira de se evitar a reforma agrária. Esses programas objetivam aliviar as pressões que exercem as lutas sociais dos trabalhadores rurais sem terra sobre os latifundiários e os governos a seu serviço, ora efetuando desapropriações episódicas de latifúndios ora comprando as terras dos próprios latifundiários para a criação de assentamentos que denominam de reforma agrária. De fato, esses programas fazem parte das políticas públicas compensatórias para aliviarem a pobreza e a exclusão social provocadas pelas reformas neoliberais impostas pelo FMI, OMC e Banco Mundial, tal como se verifica de maneira emblemática no Brasil desde 1995.

Nem a reforma agrária de mercado do Banco Mundial, nem as políticas compensatórias de assentamentos rurais, alteram a estrutura fundiária altamente concentrada, e não desencadeiam processos de democratização da riqueza e da renda no campo. As políticas compensatórias de assentamentos rurais configuram reformas agrárias convencionais onde a negociação se efetua entre classes sociais antagônicas e por meio do sistema institucionalizado de partidos políticos, dentro do compromisso implícito de conservar a ordem vigente sem mudar as normas institucionais da «sociedade tradicional», e enfocando a reforma agrária como uma questão isolada e setorial. Deveras, esses tipos de reformas orientam-se por um objetivo estratégico de conservação do «status quo», caracterizando-se, então como uma contra-reforma agrária[4].

Mantidas as estruturas fundiárias atuais, em especial nos paises em desenvolvimento da América Latina, África e Ásia não se pode vislumbrar para esses países qualquer possibilidade de uma democracia que se adjetive como popular ou socialista. Onde imperam estruturas fundiárias altamente concentradas estão presentes, também, o arbítrio, a violência e a impunidade das oligarquias agrárias. As sociedades que apresentam profunda desigualdade social e acentuada injustiça social não podem ser consideradas como sociedades democráticas.

No campo, a democratização só se iniciaria com uma reforma agrária que fosse capaz de alterar integralmente a sua estrutura fundiária. A reforma agrária é o caminho mais rápido e socialmente o mais democrático para se enfrentar a fome e a pobreza no mundo. A concretização de uma reforma agrária integral e massiva emularia - como o fez naqueles países onde ocorreu - a construção de um novo paradigma para o desenvolvimento rural que permitiu estabelecer as bases de uma estratégia popular de superação do paradigma neoliberal no campo.

A reforma agrária necessária para se democratizar não apenas o campo, mas toda uma sociedade, seria aquela que provocaria uma alteração simultânea do sistema tradicional de poder e das normas institucionais que o preservam e expressam (propriedade, renda, trabalho, poder social, distribuição de renda, etc.). Estaria integrada a um processo nacional de transformações estruturais de toda a sociedade e impulsionadas por forças sociais identificadas com as aspirações de uma nova ordem econômica e social, e dinamizadas por uma estratégia de mudanças globais.

Notas:

[1] LEITE, Sérgio, *Agrarian Reform, Social Justice and Sustainable Development*, CPDA/UFRRJ, Rio 2006, pág. 21-22.

[2] GARCÉS, V. (2005). *El Foro Mundial sobre la Reforma Agraria, Valence*, 2005.

[3] PEREIRA, João M., *O Banco Mundial inventou um novo jeito de se fazer reforma agrária?*, UFF, Rio 2005.

[4] GARCÍA, A., *Sociología de la reforma agraria en América Latina*, Amorrortu, Buenos Aires 1973, p. 20. ❑

DEMOCRACIA A TODA COR!

DEMOCRACIA E POVO NEGRO

FREI DAVID SANTOS OFM
Educafro*, São Paulo, Brasil

Com as bênçãos do «Deus de todos os nomes» – Javeh, Tupã, Olorum, Deus-Pai, Obatalá...- situações de busca ou de opressão fizeram as etnias se encontrar na América Latina. Os poderosos, das mais diversas origens, fizeram surgir uma nova sociedade onde etnias e culturas brancas, sob a maestria do poder colonizador, determinaram regras de convívio, prevalecendo a submissão, o silêncio e o amordaçamento do nosso povo indo-afro, ficando o privilégio do pensar, do fazer cultural e do domínio econômico para o ocidental e europeu.

Na **Argentina**, **Uruguai** e outras nações, o povo afrodescendente foi quase que eliminado daqueles territórios. No **Brasil**, **Equador**, **Colômbia** e outras nações este povo foi e se encontra subjugado, humilhado e excluído. Na **Colômbia**, apesar do povo afro ser quase 33% da nação, não se vê o negro nos altos cargos governamentais, nos bancos e nas empresas. No **Brasil**, acaba de ser divulgada pelo IBGE e ETHOS (ethos.org.br) uma pesquisa realizada com as 500 maiores empresas que atuam no Brasil, sobre a exclusão da população negra. O resultado é vergonhoso: analisando apenas um aspecto da pesquisa, a ocupação do cargo no nível de «executivo», temos o seguinte resultado: negros (pretos + pardos) só 3,4%; amarelos 2,2%; indígenas 0,0% e brancos 94,4%. E isto acontece num país onde 45,6% do povo é afrodescendente!

Não se entende como é possível que o Brasil, maior país cristão do mundo, esteja tão longe da justiça social... conseqüentemente longe da justiça divina.

A **Justiça** em toda América Latina é racista. Condenações e prisões de afrodescendentes vítimas de julgamentos superficiais estão presentes neste Continente. Nesta região se formou a **polícia** mais racista do mundo. O relatório do Departamento de Estado Para os Direitos Humanos, de 2003, revela que «a discriminação contra os negros e os povos indígenas mantém-se inabalável», e que «as pessoas de cor têm uma probabilidade cinco vezes superior de serem atingidas por tiros, ou mortas, no decorrer das ações dos agentes da autoridade do que as pessoas que pareçam ser brancas».

Democracia a toda cor! É o clamor das etnias oprimidas que compõem esta região do mundo! Rebelamo-nos querendo espaço à diversidade: índios, afros e mestiços exigimos democracia a toda cor!

Os remanescentes de quilombos e palenques lutam pelo **direito de propriedade da terra** ocupada por seus antepassados e roubadas pelas classes dominantes. Um dos primeiros grupos que lutou por terras na América Latina foi o dos negros e até hoje formam uma grande parte dos participantes do «Movimento dos Sem Terra» no Brasil e em outras partes deste Continente.

Em cada nação da América Latina, animados por seus líderes negros e indígenas de ontem e de hoje, o povo faz protestos e grita, exigindo seus direitos. Os sonhos de ontem continuam dando rumos à mística e às lutas de hoje. Mais de 50% dos assassinados em conflitos de terras são afro-ameríndios.

Nós, afro-ameríndios, proclamamos que precisam ser neutralizadas as funestas conseqüências das ações colonizadoras, adotando políticas de «ações afirmativas» em todos os níveis!

Não é ético que só agora, em 2006, no Brasil, uma pessoa indígena consiga atingir o doutorado na **Universidade**. Neste Continente perguntamos: Quantos por cento dos indígenas e dos afrodescendentes de cada nação estão se formando nas universidades?

Os afros e indígenas do Brasil, com muito custo, perseverança e militância, estamos fazendo acontecer o despertar da consciência na academia, na política e na sociedade. Mais de 30 Instituições Públicas de Ensino Superior já adotaram Ações Afirmativas/Cotas para o ingresso nas universidades de indígenas, negros, portadores de necessidades especiais e outros pobres! Uma das principais universidades a adotar cotas foi a Universidade de Brasília (UnB). O resultado está sendo fantástico: os cotistas negros estão com notas iguais ou superiores aos que entraram pelo método tradicional, derrubando os preconceitos que preconizavam a queda na qualidade do ensino com a adoção de medidas do gênero.

Buscamos, desenhamos, exigimos e fazemos das «**ações afirmativas**», uma forma a mais de exigir e fazer outra democracia! Queremos uma democracia plural, a toda cor, onde todos tenhamos voz e vez! «País onde só a população branca tem mobilidade social, não tem o direito de se classificar como democracia».

Em toda América Latina, os bancos usam o **mercado financeiro**, e dele abusam, explorando o povo com taxas exorbitantes e ampliando a exclusão dos negros. No Brasil, a comunidade negra ocupou agencias bancárias,

protestou e exigiu. Agora está colhendo seus frutos. Por exemplo: o Banco ITAÚ, um dos 5 maiores bancos da América Latina, em 2003 havia contratado só 132 afros; em 2004, com a pressão da comunidade negra, subiu para 614; em 2005 deu um salto ainda maior para 2.310 pessoas afro contratadas. Isto em todos os escalões do Banco. O avanço está se processando com muita luta e persistência. Saber pressionar é decisivo para apressar a vitória deste povo afro-ameríndio!

Somos partidários de uma «democracia a toda cor» e a todo vapor! E temos pressa!

Nós, povos afro-indígenas, já esperamos demais!

Muitos morreram ou estão envelhecendo sem ver este momento de vitória em sua família!

Mudanças já, a todo vapor, a toda cor!

***

*EDUCAFRO é uma rede de 255 cursinhos preparatórios para o ingressos de negros/as nas universidades públicas e particulares do Brasil e no mercado de trabalho. EDUCAFRO fica a disposição para partilhar sua experiência e sua mística com qualquer grupo, pessoa, comunidade ou instituição em qualquer parte do Continente Latino-americano ou no mundo todo: educafro@franciscanos.org.br / www.educafro.org.br / tel: 55-11-3119.0341

O **objetivo geral** da luta da EDUCAFRO pela «outra democracia» é reunir pessoas voluntárias, solidárias e beneficiárias desta causa, que lutam pela inclusão de negros - em especial, e pobres - em geral, nas universidades públicas, prioritariamente, ou em uma universidade particular com bolsa de estudos, com a finalidade de possibilitar empoderamento e mobilidade social para população pobre e afro-americana. **Objetivos específicos** da Educafro, são:

• Proporcionar surgimento de novas lideranças e cidadãos conscientes nas comunidades e nas universidades.

• Formação cidadã e acadêmica através das aulas de professores voluntários nos cursinhos comunitários.

• Propor políticas públicas e ações afirmativas aos poderes executivos, legislativo e judiciário.

• Despertar nas pessoas a responsabilidade e autonomia na superação de dificuldades, tornando-as protagonistas de suas histórias.

• Valorizar radicalmente a organização de grupos sociais na periferia como instrumento de transformação social e construção da outra democracia.

Se você quiser se juntar à luta pela Grande Democracia, a Democracia a toda cor, forme um grupo ou tome uma iniciativa semelhante. Pomos a sua disposição a nossa experiência, nossa mística e nossa rede. Faça contato conosco. ❑

SICSAL

SERVICIO INTERNACIONAL CRISTIANO DE SOLIDARIDAD CON Y DESDE LOS PUEBLOS DE AMÉRICA LATINA, «OSCAR ROMERO»

É **uma rede** mundial cristã ecumênica de solidariedade com os povos empobrecidos, uma articulação, inter-relação e intercomunicação, ação e apoio de comitês, organizações, grupos e pessoas comprometidas na promoção da solidariedade a partir da fé cristã, da justiça e da verdade como serviço e acompanhamento da Causa da Libertação.

Fundado em 1980, em resposta ao desafio da presença dos cristãos nas lutas populares da América Central, sob a inspiração de dom Oscar Romero, é um símbolo em nível mundial daqueles homens e mulheres que doaram suas vidas pela fidelidade ao Evangelho em favor dos pobres e de suas Causas. Hoje, o SICSAL ampliou seu campo a toda a América Latina e ao Caribe.

Seus **objetivos** são: viver e promover a solidariedade em, com e a partir dos povos empobrecidos que lutam por Libertação e pela Paz, contribuindo assim com a realização do projeto alternativo e libertador, a Utopia que Jesus chamou de «Reino de Deus». No concreto:

- Relacionar-se com entidades de solidariedade para criar espaços de comunhão fraterna e ecumênica.
- Difundir a espiritualidade de dom Romero para enriquecer e orientar o compromisso solidário.
- Impulsionar uma reflexão teológica que acompanhe o processo de libertação na Sociedade e nas Igrejas.
- Apoiar os novos sujeitos emergentes: indígenas, negros, mulheres, emigrantes... e denunciar profeticamente tudo o que atente contra a Vida.
- Compartilhar análise da realidade social, política, e eclesial para um compromisso solidário.
- Promover uma informação rápida e digna que apóie os processos libertadores.

Pertencem ao SICSAL grupos, comitês, organizações, CEBs e pessoas que vivem e praticam a partir de sua fé uma solidariedade organizada e que explicitamente se vinculam ao SICSAL

Para nos **contactar**, **aderir** ou **colaborar**:
Secretaria do SICSAL
Casa L-824. Colônia Centro América
Manágua, Nicarágua
sicsal04@ibw.com.ni / Tel.: 505-25.26.294

CADÊ A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO?

AGENDA LATINO-AMERICANA

Nesta hora da história em que parece que está se quebrando aquele cansaço geral das duas passadas décadas, nesta hora nova de «madrugada» -«embora seja noite»- na qual não poucas forças sociais estão acordando, recuperando o sentido e se pondo em movimento, muitos são os que se perguntam: Cadê a teologia da libertação? O que se fez dela? Onde está e que é o que está fazendo?

Tem quem pense que a Teologia da Libertação (TL) morreu e sumiu... Outros, simplesmente, não estão informados da sua evolução e suas novas aventuras... Mas ela está aí, continua trabalhando, mesmo que, agora, fora das luzes da mídia, tendo deixado de ser «moda», felizmente. A partir da Agenda queremos prover alguma informação aos companheiros que desejariam saber «cadê a teologia da libertação?»...

• Em primeiro lugar, tem que se saber que hoje em dia, a TL não leva sempre esse nome. Não só quando se fala expressamente em TL, é que estamos diante dela. Muitas vezes não se fala nela, mas estamos mesmo diante desse gênero de teologia, ainda que com outro nome. Porque? Porque há já tempo que a TL doversificou-se. No princípio –há pouco mais de 30 anos-, a TL era «da libertação» mesmo, ou seja, da libertação no seu sentido mais imediato e próximo a libertação socioeconômica e política. Durante aqueles primeiros anos difíceis, os movimentos populares estiveram concentrados na luta pela transformação (revolução) socio-econômica e política do mundo, e a TL acompanhava aquela urgência maior, com sua reflexão, também concentrada nessa «libertação» socio-econômica e política. Na memória de muitos ficou gravada aquela primera imagem, aquele conceito primeiro, restritivo, da TL, como o de uma teologia preocupada principalmente pela libertação socio-econômica e política. E essa é que foi certamente a primeira TL, mas precisava do tempo para ela crescer e amadurecer.

Com efeito, pouco depois, mesmo antes da crise dos anos 90, a TL abriu-se aos novos «sujeitos emergentes»: o índio, o negro, a mulher... faces novas que vinham-se desvelando e se concretizando, a partir daquela face mais genêrica da opção pelos «pobres». A teologia descobriu que os pobres eram não só os socioeconômicamente tais, mas que a libertação também era esperada e trabalhada por pessoas e povos cuja «pobreza» ficava qualificada com outra opressão: cultural, racial, de «gênero», ecológica... e de muitos outros tipos.

Isso deu lugar a várias novas teologias que continuam sendo TL, mas que estão centradas em uma libertação mais concreta: teologia índia, teologia negra, teologia feminista, teologia da ecologia... –a listagem poderia se alongar quase indefinidamente, até incluir qualquer tipo de opressão por cuja libertação seja preciso lutar. Assim, a TL continua trabalhando em essas teologias ou ramificações do grande pé da TL, ramos que nem sempre levam explícita a marca «TL», mas diante das quais devemos saber que estamos diante dela, mesmo sob outro nome. Os trabalhos destas teologias, como dissemos, ainda que não sejam propagandizados pela mídia -que procura só o que é moda-, são muito difundidos e acompanham os movimentos sociais até com entusiasmo. Os militantes da libertação devem saber e podem contar com isso.

• A partir de 2001 começou no mundo esse novo movimento que articulou-se simbólicamente em torno do lema «outro mundo é possível», e à sua expressão social mais chamativa: os Foros Sociais Mundiais (FSM). De todos é conhecida a origem deste movimento como exterior ao mundo teológico, inclusive ao mundo das Igrejas oficiais. Talvez elas deveriam se sentir interpeladas pelo fato desse renascimento da esperança ter surgido longe de suas estruturas. Porém, como é bem sabido, essa origem não é alheia –nem muito menos- ao compromisso de muitos cristãos leigos latino-americanos. A TL parece ter estado presente em espírito em seu nascimento, mas demorou muito pouco para descobrir que devia se incorporar a ele, fazer-se presente físicamente nos FSM, e converter esse clamor generalizado de que «outro mundo é possível» em um dos mais importantes temas atuais da sua reflexão.

Assim, em 2005, um grupo de teólogos conseguiu organizar o primeiro Fórum Mundial da Teologia da Libertação (FMTL), que teve lugar em Porto Alegre, nos dias imediatamente anteriores ao FSM e ligado a ele. A experiência foi muito positiva, e decidiu-se continuá-la no seguinte FSM, em janeiro de 2007, em Nairobi, Kenia. Nos messes que precedem a esse segundo FMTL será divulgado o livro que apresenta os trabalhos e concluões do primeiro, e que intitula-se «Teologia do outro mundo possível».

•Durante o qüinqüênio 2001-2006, a ASETT (Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo) vem mostrando uma crescente atividade, orientando sua reflexão e sua produção teológica para um novo

campo, até agora inexplorado pela TL: o do pluralismo religioso. Dito técnicamente, o cristianismo que temos vivido nestes dois milênios passados (incluída neles a TL) era «inclusivista», ou seja, pensava-se a si mesmo como «a religião verdadeira e absoluta», diante da qual as outras teriam que desaparecer, antes ou depois. O Concílio Vaticano II –no caso dos católicos- abriu a perspectiva para uma valoração distinta das religiões, e, indiretamente, para uma valoração diferente da própria religião cristã. À luz desta mudança, faz-se necessária uma nova auto-compreensão da nossa própria religião, pois não mais a concebemos como «a» religião única verdadeira, senão como «mais uma» religião, entre as muitas queridas de fato por Deus, todas elas «verdadeiras e únicas». A TL, que foi elaborada naquele tempo de «inclusivismo», precisa também ser refeita, «re-convertida» a partir dessa nova perspectiva «pluralista».

Essa tarefa é a que a ASETT, sobre tudo a sua «Comissão Teológica Latino-americana» (CTL), tentou privilegiar nestes cinco anos passados (2001-2006) concentrando sua produção teológica em uma série de livros («Pelos muitos caminhos de Deus», nas editoras Rede, Loyola e Paulinas) que são já uma referência inesquecível nesse campo do encontro da TL com a teologia do pluralismo.

• A famosa revista internacional CONCILIUM aceitou a proposta que a dita CTL lhe fez, de dedicar monográficamente um número da revista ao desafio que a essa «reconversão pluralista» da TL. Um dos primeiros números da revista no ano 2007, dirigido por Carlos Susin, Andrés Torres Queiruga e José Maria Vigil, vai divulgar internacionalmente que, daqui para a frente, TL e teologia pluralista não serão campos ou perspectivas separadas, mas que a partir da América Latina elas estão se encontrando e mutuamente fecundando.

• A ASETT acaba de celebrar sua Assembléia Geral, em Johannesburg, África do Sul, e lá renovou sua equipe diretiva e seus desejos de trabalhar para os próximos cinco anos. A coordenação latino-americana será levada para a frente por Maricel Mena, da Colômbia, o departamento da Teologia Feminista sera animado por Sônia Querino, as teologias índia e negra escolherão proximamente suas lideranças, e a Comissão Teológica Latino-americana, que cuida de todo o resto da teologia –a exceção desses campos teológicos citados- será coordenada por José Maria Vigil, a partir do Panamá.

Concretamente, la CTL propõe-se continuar e aprofundar a tarefa iniciada no qüinquênio anterior, se marcando esses quatro focos de atenção:

- o paradigma **libertador**, sempre presente, indispensável, articulável nas mais diversas formas, porque trata-se de uma libertação «integral», como sempre dissemos.

- o paradigma **pluralista**, pelo qual deveremos desenvolver numa maneira mais sistemática o trabalho de «re-lêr» o cristianismo, reconverter todo o seu capital simbólico sob a nova perspectiva pluralista, ou seja, a partir da aceitação sincera da pluralidade das vias de salvação, que já não permite continuar olhando o mundo –e às religiões dentro dele- como quem está na posição central ou dominante.

- o desafio **multi-religioso** ou *interfaith*: a sociedade atual é já multi-religiosa, e multi-religiosa deveria ser a linguagem de quem quer serví-la. Também a linguagem das religiões que não queiram mais olhar só para o interior das suas próprias freguesias, mas que desejam se abrir para uma responsabilidade pública, ecológica e mundial. É possível uma teologia multi-religiosa? Se é, temos que tentar inventá-la e construí-la.

- o desafio **post-religional**: a nova face do pós-modernismo, ou talvez a nova onda que ele preanunciava no terreno religioso, é a crise sem precedentes que a religião está começando a sentir, principalmente na europa. A TL, aberta a toda preocupação profondamente humana, não pode permanecer alheia ao que está acontecendo claramente na Europa, ao que menos claramente está começando a acontecer também em nosso Continente. A crise da religião é um novo «lugar teológico» sobre o qual a TL tem que se debruçar e contribuir com seu ponto de vista profético e a partir da libertação.

Muitas coisas mais poderia se dizer para responder à pergunta do título. Esta é a pequena contribuição que a Agenda Latino-americana pode compartilhar. Em várias de suas páginas (2, 242-243) oferecem-se outras informações sobre atividades, publicações, ofertas de cursos... que ampliam este pequeño informe. ❑

Anote estas duas referências bibliográficas:

• **José Maria VIGIL, «Teologia do pluralismo religioso»**, Paulus, São Paulo 2006, pp 450. Uma visão sistemática. Utilizável como «manual» no ensino da teologia ou para conduzir um curso de aprendizado na comunidade ou grupo de forma profunda e intensa a mais de clara e pedagógica.

• **Coleção «Tiempo axial»**, na Editorial Abya Yala, de Quito, Equador. Livros de fronteira que juntam teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso. Veja: latinoamericana.org/tiempoaxial

MANIFESTO DAS AMÉRICAS

EM DEFESA DA NATUREZA E DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA E CULTURAL

Vivemos num sistema econômico dominante que há séculos se propôs explorar de forma ilimitada todos os ecossistemas e seus recursos naturais. Esta estratégia trouxe crescimento econômico e o que se chamou de «desenvolvimento» para algumas nações, privilegiou o consumo e o bem estar social de uma parcela muito pequena da humanidade. E excluiu infelizmente, das condições mínimas de sobrevivência as grandes maiorias da humanidade.

O custo desse sistema de exploração da natureza e das pessoas, junto ao consumismo desenfreado foi pago pelo sacrifício de milhões de trabalhadores pobres, camponeses, indígenas, pastores, pescadores e outra s pessoas pobres da sociedade, que entregam suas vidas a cada dia. E pela agressão permanente da natureza que foi e continua sendo sistematicamente devastada. Sua integridade e a diversidade de formas de vida, que são o sustento da biodiversidade estão ameaçadas. E se a natureza de nosso planeta está ameaçada, está ameaçada a própria vida humana, que depende dela. Até a Avaliação Ecosistêmica do Milênio feita pela ONU e divulgada em 2005 reconhece que «as atividades humanas estão mudando fundamentalmente e, em muitos casos, de forma irreversível a diversidade da vida no planeta Terra. Estas taxas vão continuar ou se acelerar no futuro». Nesse importante reconhecimento da crise planetária, é também fundamental reconhecer que não são todas as atividades humanas prejudiciais, mas sobretudo aquelas guiadas pela volúpia de lucro das corporações transnacionais.

Por causa da dramaticidade desta situação sentimos a necessidade de afirmar alternativas que assegurem um futuro de esperança para a vida, para a humanidade e para a Terra. Precisamos passar de uma Sociedade de Produção Industrial, consumista e individualista, que sacrifica os ecossistemas e penaliza as pessoas, destruindo a sócio-biodiversidade, para uma **Sociedade de Sustentação de Toda a Vida,** que se oriente por um modo socialmente justo e ecológicamente sustentável de viver, cuida da comunidade de vida e protege as bases físico-químicas e ecológicas que sustentam todos os processos vitais, incluídos os humanos.

Como habitantes do continente americano temos a consciência de nossa responsabilidade universal. Por nós passa também o futuro da Terra. Os países amazônicos e andinos, por exemplo, como Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Venezuela e Brasil são territórios megadiversos. Não apenas pela presença de riquíssimos ecossistemas, mas também pela presença de muitos povos indígenas, camponeses, quilombolas e outras comunidades locais, que desde séculos e milênios souberam viver em co-habitação entre a biodiversidade e a sociodiversidade. A floresta amazônica presente em nossos países representa um terço das florestas tropicais do mundo e abriga mais de 50% da biodiversidade. Nela existem pelo menos 45.000 espécies de plantas, 1.800 espécies de borboletas, 150 espécies de morcegos, 1.300 espécies de peixes de água doce, 163 espécies de anfíbios, 305 espécies de serpentes, 311 espécies de mamíferos e 1.000 espécies de aves.

Por causa desta riqueza, a América Latina está sendo objeto da cobiça dos "neoliberais-globais-colonizadores" através da ação insana de dezenas de empresas trasnacionais, principalmente dos países do norte global. Eles praticam vastamente a biopirataria. Outrora era a corrida ao ouro e à prata, hoje é a corrida aos recursos genéticos, farmacológicos e aos saberes tradicionais e locais, todos estratégicos para o futuro dos negócios do mercado mundial. E ainda querem nos impor leis de patentes e de proteção a seus lucros fantásticos.

Queremos fazer frente, de forma decisiva, a este processo de espoliação. Propomos políticas consistentes que visem:

1. Conservar a diversidade biológica e cultural de nossos ecossistemas, quer dizer, cuidar do conjunto dos organismos vivos em seus habitats e também as interdependências entre eles dentro do equilíbrio dinâmico, próprio de cada região ecológica e das características singulares das espécies, assim como a interação social e ecologicamente sustentável dos povos que vivem na região.

2. Propomos políticas articuladas que visem garantir a integridade e a beleza dos ecossistemas e os povos que cuidam e dependem dela.

Isso implica a manutenção das características que asseguram seu funcionamento e mantém a identidade do

ser vivo e do conjunto vivo seja em seu aspecto territorial, biológico, social, cultural, paisagístico, histórico e monumental. A preservação da diversidade biológica e cultural, da integridade e da beleza dos sistemas ecológicos dão sustentabilidade às múltiplas funções ambientais e aos benefícios que o ser humano obtém para si e para as futuras gerações. Entre outros: água potável, alimentos, medicinas, madeiras, fibras, regulação do clima, prevenção de inundações e doenças. Ao mesmo tempo que constituem as bases do sustento da recreação, da estética e da espiritualidade assim como o suporte da conformação do solo, a fotossíntese e o ciclo de nutrientes, entre outras funções vitais para o sustento de toda a humanidade.

3. Nos opomos resolutamente à introdução de espécies exóticas, inadequadas aos nossos ecossistemas. Como aconteceu em muitos biomas com a introdução de plantações homogêneas, industriais, do eucalipto, pinus, etc. que destroem os ecossistemas naturais e levam a fortes impactos sociais aos povos que moram nessas áreas, Levam o lucro, os dólares, a celulose, o carvão, água sugada, e deixam a degradação e a pobreza.

4. Nos opomos resolutamente a introdução de organismos transgênicos no ambiente, seja na agricultura, nas plantações, na pecuária ou qualquer outros cultivos no meio ambiente, já que alem de não ser necessários, não servem para nada, a não ser para o lucro de umas poucas empresas transnacionais. Trazem riscos potenciais a saúde das pessoas e a modificações permanentes e irreversíveis para a natureza e aos ecossistemas. Nos opomos enfaticamente a introdução de árvores transgênicas, que significam um perigo ainda maior, devido entre outras coisas a que o pólen, tem a possibilidade de disseminação ao longo de milhares de quilômetros, contaminando inevitavelmente outras florestas, incluindo as floresta nativas, com multiplicação de impactos sobre a flora, os insetos e outros componentes da fauna, afetando também o sustento dos povos indígenas, pescadores, camponeses, quilombolas e outras comunidades locais.

5. Combatemos decididamente as sementes Terminator porque elas atentam contra o sentido da vida e de sua reprodução, pois se trata de uma semente suicida que visa beneficiar apenas as grandes empresas transnacionais controladoras das sementes e manter os agricultores sob sua dependência.

6. Nos opomos a tentativa do governo imperial dos Estados Unidos e de suas empresas transnacionais, que querem nos impor o tratado da ALCA (Acordo de Livre comércio das Américas); tratados bilaterais, chamados de TLC (tratados de livres comércio); tratados de garantia de investimentos estrangeiros, ou através de acordos de cúpulas costurados sem nenhuma participação popular na Organização Mundial do Comércio-OMC. Esses acordos colocam ainda em maior risco, a nossa natureza, nossa agricultura, nossos serviços e as condições de vida de nossa população, pois priorizam apenas os interesses da garantia de lucro.

7. Manifestamos nosso apoio e a necessidade de reconhecer os povos e comunidades que durante séculos e milênios tem desenvolvido a biodiversidade agrícola, através da adaptação e criação de sementes que constituem as bases de toda a agricultura e alimentação da humanidade. Para manter essas bases de sustentação e essa enorme riqueza de biodiversidade agrícola e alimentar, é preciso reconhecer e afirmar os direitos dos camponeses, indígenas, pastores, pescadores, quilombolas, à terra, ao território e aos recursos naturais, para que possam prosseguir essa tarefa crucial para a humanidade de conservação das sementes crioulas e nativas, que só podem ser multiplicadas no nível local e diverso.

Combatemos aquelas empresas que buscam o controle sobre as sementes contra toda a tradição dos povos que cuidaram zelosamente das sementes e sempre as entenderam como fontes de vida que jamais devem se transformar em mercadoria.

Por fim, externamos nosso desejo de que estes propósitos redundem em benefício para nossos povos, da soberania alimentar, ou seja, o direito que todos e cada povo tem de produzir seu próprio alimento, em condições saudáveis e socialmente justas e em equilíbrio com a natureza. Defendemos aqueles que trabalham no campo, nossos agricultores e camponeses. Defendemos seu direito de viver no modo camponês e assim garantem o sustento de nossas populações. Esse modo de produção contribui decisivamente para dar sustentabilidade ao nosso Planeta e ao desenvolvimento integral, imprescindível para garantia do futuro da humanidade.

Dia 20 de abril de 2006

De Curitiba, construindo uma América livre de transgênicos e de agressões ao meio ambiente.

Hugo Chávez, Roberto Requião, Leonardo Boff, Adolfo Pérez Esquivel, Pedro Casaldáliga, Monja Coen, João Pedro Stedile, Temístocles Marcelos Netto, Letícia Sabatela, Aníbal Quijano, Noam Chomsky, Peter Rosset, Pat Mooney, Silvia Ribeiro, Eduardo Galeano, Hebe de Bonafini, Atílio Boron, Violeta Menjivar, Chamille Chalmers, Doris Gutiérrez Mônica Baltodano, Ernesto Cardenal, Gioconda Belli, Raúl Suárez, Fernando Lugo, Emir Sader... ❑

AGENDA MILITANTE PARA 2007

GUSTAVO CODAS
Assunção, Paraguai - São Paulo, Brasil

A conjuntura política de nossa região mudou. Há um despertar dos povos e o neoliberalismo é aqui um projeto questionado. Trata-se de uma situação com tantas ou mais possibilidades que quando outros ciclos de mobilizações transformadoras cobriram a região no passado. Mas essa mudança não tem sido nem homogênea nem completa, e há muitos desafios e contradições que nos espreitam. Em 2007 acontecerão batalhas decisivas para consolidar as perspectivas emancipatórias e para abrir um novo período histórico em nosso Continente.

A linha do tempo da atual conjuntural poderia começar em muitos pontos. No «caracazo» de 1989 (Venezuela), primeira rebelião popular massiva contra um ajuste neoliberal; em janeiro de 1994, na insurreição indígena zapatista mexicana contra o TLC com EUA e Canadá; na rebelião popular em Cochabamba, Bolívia, em 2000 contra a privatização da água. Nessa cronologia teríamos que identificar os momentos, a partir dos finais da década passada, quando mobilizações populares derrubaram presidentes neoliberais no Equador, Paraguai, Argentina e Bolívia. E quando os povos, por meio do voto, buscaram alternativas, começando pelas eleições venezuelanas de 1998, quando Hugo Chávez foi eleito presidente de Venezuela.

Olhada desde nossa região, a fase atual da história está marcada, em primeiro lugar, por uma crescente rejeição popular ao projeto neoliberal. Ficou para trás, a início da década passada, o auge do programa neoconservador. Por outro lado, não podemos desconhecer que isto ocorre ao mesmo tempo que o poder impulsionador desse programa, o imperialismo norte-americano, fortaleceu-se com o fim da União Soviética e o antigo "campo" do socialismo real (1989-1991).

Uma intensa atividade dos movimentos sociais (ou da «sociedade civil» conforme ao conceito que se queira utilizar) está nas origens dessa nova fase. Entre os antecedentes mais importantes teríamos que mencionar a «campanha continental contra os 500 anos», em 1992. Então, a convergência de movimentos indígenas, camponeses, comunitários, de mulheres, de cultura e comunicadores populares, etc., apontava para a formação de novos atores políticos. Articulações continentais ou mundiais surgiram e se fortaleceram em nossa região: a Via Campesina e a Coordenação Latino-americana de Organizações do Campo (CLOC), os encontros de povos indígenas, Jubileu Sul América e «50 anos (de FMI / Banco Mundial) bastam», a Marcha Mundial de Mulheres e a Rede Mulheres Transformando a Economia (REMTE), a Frente Continental de Organizações Comunitárias (FCOC), a Aliança Social Continental (ASC), a Campanha Continental contra a ALCA e os Encontros Hemisféricos de Luta contra a ALCA; a Convergência de Movimentos Populares (COMPA), a Assembléia dos Povos do Caribe (APC), o Fórum Social Mundial e o Fórum Social das Américas... entre outras.

A diferença de outros continentes e diferentemente de outros momentos na nossa região, hoje temos nas Américas amplos espaços unitários de convergência, articulação e construção de lutas comuns. São ferramentas para que - além das diferenças nacionais ou setoriais existentes - possamos trabalhar em perspectivas cada vez mais unitárias de superação da nossa herança colonial, da nossa dependência em relação ao imperialismo e das desigualdades sociais, étnicas e regionais que marcam América Latina.

O atual período é similar (ou supera) as potencialidades de outros momentos históricos de nossa região: o ciclo das independências nas décadas de 1810-20, o dos nacionalismos entre os anos 1930 e 1950, e aquele aberto pela revolução cubana em 1959 (e também fortes diferenças com cada um deles).

Desenvolver essas potencialidades é nosso grande desafio militante. Há uma agenda política que devemos trabalhar e que vem das raízes das lutas populares que originaram essa nova fase:

1. A defesa dos recursos naturais (água, hidrocarbonetos, biodiversidade, terra, etc.) como bens coletivos dos povos, contra sua apropriação por parte das grandes empresas multinacionais. América Latina tem imensas riquezas naturais que não beneficiam a suas populações, é uma história que tem mais de 500 anos. As batalhas populares na Bolívia contra a privatização da água e depois pela nacionalização dos hidrocarbonetos têm aberto caminhos. As lutas camponesas pela reforma agrária estão inscritas nesse mesmo marco.

2. A defesa do meio ambiente contra a exploração predadora por parte dos grandes capitais. A lutas indígenas em defesa dos seus saberes milenários (que as multinacionais querem patentear em benefício próprio), a campanha dos movimentos camponeses em defesa das sementes e contra os transgênicos (esses que são a principal estratégia do agronegócio capitalista, e das multinacionais agrícolas), as lutas das populações e dos movimentos ambientalistas contra as indústrias contaminadoras e o lixo tóxico que os países desenvolvidos enviam ao Sul, são itens decisivos para construir sociedades segundo as necessidades sociais (e não em função dos lucros empresariais).

3. As lutas dos movimentos de mulheres contra o patriarcado capitalista, dos movimentos gays e lésbicas contra a homofobia e a intolerância, e dos movimentos negros contra a discriminação racial, são fundamentais para que os atuais processos sejam autenticamente emancipatórios, já que se trata de nos libertar não somente do neocolonialismo, mas também das opressões que foram inoculadas pelas classes dominantes nas classes dominadas.

4.Em toda América Latina há um revigoramento dos movimentos, da conciência e da identidade indígenas. Os povos originários reclamam o direito à terra e à conservação de suas culturas e identidades. Isso implica a conquista do direito à autonomia e a construção de nossos países como estados plurinacionais.

5. O auge neoliberal já passou, mas sua pesada herança de destruição de direitos sociais e trabalhistas ficou. De forma unitária o sindicalismo da região elaborou uma "Plataforma Laboral das Américas", que será um dos instrumentos para pressionar pela recuperação dos direitos elementares para a cidadania das classes trabalhadoras.

6. O impulso neoliberal continua chegando através dos TLCs (Tratados de Livre Comércio) e da OMC (Organização Mundial do Comércio), mas a resistência popular e a atitude soberana de alguns governos pararam a principal estratégia do governo dos Estados Unidos para a região, a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). A ALBA (Alternativa Bolivariana para as Américas) proposta pelo governo venezuelano, os TCPs (Tratados de Comércio entre os Povos) defendidos pelo governo boliviano, as re-definições do Mercosul e da Comunidade Sul americana de Nações que estão em discussão entre vários governos, assim como as propostas dos movimentos para a integração sobre outras bases, são parte de um desafio maior: construir uma relação econômica entre nossos países como um paradigma diferente ao neoliberal, e constituir um espaço econômico regional capaz de ressistir às pressões do imperialismo e de impulsionar o desenvolvimento regional.

7. Mas não teremos desenvolvimento se não libertarmos nossos povos do jugo do capital financeiro internacional. Assim, continuam na agenda as campanhas contra a dívida externa e contra a vulnerabilidade de nossos países frente aos ataques especulativos. Mas nisso Não haverá saídas isoladas para ninguém: faz-se necessário construir uma vontade política regional e concretizá-la criando instrumentos de financiamento para os projetos definidos soberanamente por nossos países.

8. Nossa região sempre foi considerada o «quintal dos fundos» do império norte-americano. Está tentando deixar essa condição e dando passos nesse sentido. Porém, no último século e meio os governos dos Estados Unidos têm lançado mão de intervenções militares (diretas, ou através de seus fantoches locais) para derrotar os povos latino-americanos que tratam de se libertar. Seguindo o exemplo do povo de Vieques, que se mobilizou para expulsar a base militar norte-americana, este ano será central a luta contra a presença militar norte-americana em nossa região (o caso mais evidente é o da Colômbia, mas mantém bases militares em vários países e está buscando penetrar também em outros).

Outra América Latina se desenha no horizonte. Talvez como nunca antes, as possibilidades para efetivar projetos emancipatórios estão dadas. Mas há perigos no caminho. O imperialismo busca aproveitar antigos e novos conflitos entre países do Sul. O nacionalismo, que é uma postura positiva quando é anti-imperialismo, pode ser mero patriotismo quando é utilizado em conflitos entre povos irmãos do Sul.

Uma integração entre países do Sul em aberta oposição à pretensões do imperialismo norte-americano é um projeto que ainda não tinha sido tentado e sobre o qual pouco foi pensado, assim que não é uma surpresa que surjam muitas dificuldades em seu caminho. Desde os intelectuais (como os que se reúnem na Rede em Defesa da Humanidade), e desde os ' movimentos (como os que se articulam na Campanha Continental contra a ALCA), há uma urgência por elaborar novos paradigmas, novos caminhos e propostas. O imperialismo está atento de que as dificuldades do processo e suas conspirações nos derrotem.

No Encontro Hemisférico de Luta contra a ALCA realizado em 2006 em Havana, Cuba, os movimentos sociais do Continente definiram um plano de ação que justamente busca responder a esse desafio. ❑

PRÊMIO DO CONCURSO DE «CONTO CURTO»

CONVERSA ENTRE RIOS

ANA TERRA LEME

Nasci em Goiânia e hoje vivo em Brasília.

– Vamos ver se dessa vez você me compreende... Você é filha das águas.

O despertador toca. Acordo sobressaltada. O dia promete. Olho a lista de ontem... Quantas contas tenho que pagar! Água, luz telefone... que mais? Celular! O plano de pagamento é assim: um mês paga outro não. Adivinha qual é esse?

Corro para a cozinha. Minha irmã já saiu mais cedo do que eu. Aquele trabalho dela tem horário de fábrica. Deixou café na garrafa térmica. Vou lavando louça enquanto termino de acordar... Como era aquela música? Sonhei com ela outro dia... Não me lembro. Enxáguo o último copo. Lavo minha xícara, esquento o leite. Ah! Cheiro de café saindo da garrafa. Agora sim, o dia começou. Bebo e sinto esquentar a garganta meio reclamona do trabalho constante em ar condicionado. Olho o jornal em cima da mesa. Hoje vai ser dia de baixa umidade. Não escapa nenhum lugar desse planalto central.

– Só aqui para ter essa secura em março – penso em silêncio.

Ligo o computador enquanto o café com leite esfria. Toda manhã é assim. Fico numa ansiedade só, para saber se ele já escreveu. Ué? Nada? Dele não. Ainda. Jogo fora mensagem de propaganda, corrente de auto-ajuda e então, chega uma mensagem. Não, não é dele. É da madrinha? Abro a mensagem:

Hoje aniversário 30 anos do golpe. Veja jornal argentino. Vamos compreendendo esses março sombrios em nossas vidas. Beijos, M.

Ela sempre me escreve em Português, se esforça para isso. Fico com a xícara na mão. Ainda está quente por fora. Abro o site do jornal argentino. Notícias das terras portenhas: mais uma noite em que Buenos Aires não vai dormir. Só que dessa vez a cidade vai estar em vigília. O povo vai para a rua. As mães da Praça de Maio, as avós, os filhos, os netos, todos ali. Dessa vez, o próprio presidente está do mesmo lado. 30 mil desaparecidos. Mataram a juventude do país naquele tempo. Kirchner inaugura placa: "Nunca más al terrorismo de Estado". 30 mil desaparecidos. Minha xícara já está fria. Ponho para esquentar outra vez. Lá da cozinha escuto: nova mensagem. Agora é ele! Corro para o computador e leio:

Hola mi amor, ¿cómo estás? Dejé todo organizado, pero no sé si voy conseguir hacer la mudanza. La gente hoy no trabaja, están todos en la calle. Vamos a ver como sale... Sólo te digo una cosa: nuestro pequeño departamento es demasiado grande sin vos. Te quiero. F.

Ah! O dia tornou a começar! Lembro do beijo no pescoço e vem o frio na barriga. Mal posso esperar para entrar na casa, ou melhor no apartamento. É quarto e sala. Ele mesmo encontrou por lá. Ainda não me acostumei: vamos mesmo, viver juntos. Vi as fotos pela Internet. É pequenininho. Entraremos todos? Nós, as trouxas, os livros e as escovas de dentes?

Viver em outro país... Mistura medo e alegria. Me sinto meio noiva. Lembro de quando estive lá pela primeira vez, para o casamento da madrinha. Vi que o Iraque tinha sido invadido. Estava na primeira página de todos os jornais. Ver notícia de guerra longe da terra da gente, parece que dá mais medo. Naquele tempo, eu saía com um judeu. Israelense. Vai entender o que eu sentia... Já passou um par de anos. Ainda bem. Outros rumos.

O telefone toca. Atendo com voz de quem ainda não falou com ninguém. Não é uma pessoa que fala. É uma máquina. Odeio gravação para vender coisas. Desligo o telefone sem pestanejar. Espero dois minutos. Só por curiosidade tiro o telefone do gancho outra vez. A dona da gravação continua falando. Sete minutos contados no relógio! E se eu tivesse que fazer uma ligação urgente? Desistem de mim. Devem ter tido acesso a meu extrato bancário. Como eu faço para economizar nesse tempo? Falta pouco para eu ir para a Argentina. Quantas semanas? Busco um calendário. Vou virando as páginas da agenda... Menos de seis semanas contando

a partir de hoje, 24 de março.

Três anos atrás, eu estava em Buenos Aires. Três anos atrás, eu tomei o metrô e fui para a Plaza de Mayo. Já era de noitinha e a praça estava cheia. As pessoas tinham faixas e tambores. Fazia frio e eu tinha um xale vermelho feito por artesãs, lá de Santiago del Estero. Pus na cabeça para proteger a garganta e os ouvidos. Fiquei com uma cara assim entre palestina e andaluza. Sentia que as pessoas me olhavam, pensando:

– Deixa. Fazer o quê? É brasileira.

Homens e mulheres começaram a se preparar para sair em marcha. Seguravam uma faixa tão larga e comprida que ia cobrindo toda a rua. Em pouco tempo, eram duas filas de pessoas caminhando, segurando o pano pelas beiradas. Eu sentia um ímã me puxando e me aproximei para ver o que era. Tinha fotos pregadas em todo o tecido. Fotos dos desaparecidos políticos. Lembrei de meu tio e das águas do Araguaia. Respirei fundo. Ele era irmão de minha mãe. Tinha 22 anos quando foi morto. Um moço percebeu alguma coisa do que eu estava sentindo e me perguntou:

– Querés ayudar?

– Si – lhe respondi.

Fiquei olhando para o seu rosto enquanto estendia a mão para segurar o tecido. Quando olhei para o lugar onde havia segurado, minha mão estava entre duas fotos. Uma mulher assassinada em seis de dezembro e um homem assassinado em oito de dezembro. Meu aniversário é sete de dezembro. Se eu conto, ninguém acredita. Quantos metros tinha aquele tecido? Não sei. Só sei que tomava a rua. Fui caminhando com eles e paramos na frente dos Tribunais. Tinha um cordão policial na escadaria em frente à porta principal. Estavam todos fardados, cacetetes em punho. Tive medo. Já não parava mais de pensar em meu tio. Estendemos o tecido na rua e as pessoas começaram a gritar:

– Asesinos, asesinos, asesinos!

Os policiais seguiam imóveis, petrificados. O que estariam pensando? Aquele era um 24 de março. Como hoje, aniversário da minha mãe.

Sinto cheiro de queimado. O leite com café derramou. Já evaporou, até. Odeio limpar casquinha de leite no fogão. Reclamo, resmungo. Não tem jeito: limpo tudo. Tenho que me apressar. Daqui a pouco tem festa de aniversário. Já escuto minha irmã me ligando: – " 'Tá atrasada!" – e eu respondendo: – "Já vou, Lídia, já vou".

Volto ao computador. A vigília segue. Hebe Bonafini vai falar à noite. O maestro do Teatro Colón diz que o que se sabe fazer por ali é música, então hoje é dia de música, música em nome da ressurreição. Trava minha garganta.

Lembro da semana passada. Sete dias atrás exatamente. Meu dia tinha começado péssimo. Depois do café, tocou o telefone. Era o segundo marido da minha mãe, o Jonas. Não, não é o meu pai biológico. Em determinado momento da minha vida, ele ajudou a me criar. Odeio brigar com ele. Mas às vezes não tem jeito. Já passei dos vinte e cinco, mas tem coisa que brigo desde os quinze. Mudou pouco. Isso não diz muito bem de mim. Ele é fotógrafo. Metido em documentários. Viaja muito. Me ligou da Bielorússia, uma vez. Era mesmo a Bielorrússia ou eu é que era muito pequena? Fico em dúvida. Foi ele que tirou as melhores fotos de quando eu era pequena. Compreendia meus olhos e alguma coisa da minha alegria quando eu entrava na água. Por isso me levava para ver meu padrinho nas férias. Incomunicações. Nada presta quando estão presentes.

Aquele dia era 17 de março. Eu já sabia. Chovia muito naquela manhã. Realmente, fazia juz ao mês. Eu sentia que tudo era muito mais lento e era muito mais difícil fazer qualquer coisa mais ou menos precisa. Custei a levantar. Nem mesmo o cheiro do café com o pãozinho esquentado na panela parecia convidativo. Não falei com ninguém até minha briga no telefone. Comi pouco, arrumei a casa e perto da hora de ir para o que será meu emprego até o fim do mês que vem, decidi:

– Hoje não vou, não.

Estava sozinha. Senti falta da minha irmã nesse dia. Quis falar com minha mãe. Liguei para minha chefe temporária e lhe disse:

– Hoje é aniversário da morte do meu tio. Vai ter uma celebração que é uma espécie de retiro... desculpe avisar em cima da hora...

Ela me escutou atenta. Nem sabia que alguma vez eu tive um tio:

– Preocupa não – ela me respondeu – Outra hora você repõe...

Engraçado, nesse dia resolvi rezar. Não sou muito dada a essas coisas, mas nesse dia sentia que precisava do rosário todo. A cola do catecismo me ajudou a não me perder. Rezei. Fazia 33 anos da morte dele. Um mártir na família. Quantas vezes eu senti a mesma pergunta: – E eu faço o que com isso?

Sentia uma culpa de pensar assim... Lembrei do padrinho na mesma hora. Lembrei das coisas que ele me dizia enquanto remava: sangue do mártir é semente de vida... Padrinho: remo, água e palavra. Fui passando as contas pelas mãos. Ia pedindo para ir compreendendo aquelas palavras, para ir tornando real na minha vida pequenininha. Capaz de eu levar o tempo dela e mais um tanto para compreender...Terminei o rosário. Resolvi ligar para ele. Quanto tempo fazia? Meses talvez...

Liguei nervosa. Disquei a primeira vez, errei. Tentei uma, duas, três vezes até que consegui acertar. Foi Dona Graça quem atendeu. Saudade dela... Não disse meu nome, só perguntei:

– Devaney 'taí?

– 'Tá não. Só 'tá Seu Lucas e eu. Peraí.

– Não! Espera...

Tarde demais. Já estava ela entregando o telefone ao pescador.

– Tua afilhada.

Como é que ela sempre sabe quando eu ligo?

– Ora, ora, mas que surpresa! Como vai a vida? – escutei do outro lado.

– Vai bem... quer dizer...estou trabalhando... – a língua enrolava na minha boca, não me obedecia. Fiz de tudo, gaguejei, dei volta até que falei – Então, é que eu vou casar!

– Ora, ora ...

– Ele é argentino.

– Vai aprender a dançar tango?

– Na verdade, já estou aprendendo... – sorri.

A ligação sempre é horrível. Faz um barulho danado. Mas é só ouvir a voz dele do outro lado e parece que eu estou na canoa, aprendendo a pescar, ouvindo os bichos e o remo deslizando na água.

– Quer saber? Espera aí que teu padrinho precisa é de um banquinho para sentar.

Esperei um pouco. Ouvi quando ele sentou e soube na hora – te prepara para ouvir.

–Você inventa de sumir e esquece que tem gente viva por aqui... Ô, minha filha, eu estava com saudades.

– Eu também, padrinho, mas eu não sabia o que fazer. Tanta coisa acontecendo. Minha irmã tem me ajudado tanto. Mas eu, o senhor sabe, aquela indecisão. Vou prá lá, não vou prá lá... eu não sabia o que dizer. Ia ligar prá contar o quê?

– Podia ter ligado para dizer justamente isso. Vocês aí, têm uma mania de achar que só se fala com as pessoas quando já está tudo pronto. Assim, não é! Vamos ver se dessa vez você me compreende!

Pronto! Quantas vezes eu já ouvi isso? É sempre assim. Ele começa firme, de um jeito que até assusta, mas depois, vai me explicando as coisas com uma paciência, com uma ternura, que fica bom de escutar. Lembro do meu sonho. Eram as mãos dele que tocavam meu rosto.

– Você é filha das águas – ele me dizia.

Quanta coisa aprendi com ele. Viveu no Araguaia a vida inteira. Escondeu meu tio quando ele estava clandestino. Depois não teve jeito. Contam que meu tio teimou de ir para a cidade e foi aí que o descobriram. Ainda vou saber essa história até o fim. Demorou dez anos para encontrarem o corpo. Vala comum.

Levou outro par de anos para se fazer o traslado do corpo e, no sepultamento, Seu Lucas estava lá. Talvez tenha sido uma das únicas vezes que ele saiu do Araguaia. Eu também estava. Fiquei no colo dele durante toda a cerimônia. Minha mãe sempre gostou dele. Foi depois desse dia que eu comecei a passar férias no Araguaia. Era o Jonas que me levava. Falava pouco com Seu Lucas, mas compreendia algo do que me acontecia estando ali. O respeitava por isso.

– Então, ele é argentino? – continuou seu Lucas depois do meu sabão merecido. Ficou um tempo em silêncio até que continuou – Rio não conhece fron-

teira e é desse jeito que conhece a diferença cada um. Mistérios. Que Deus te abençoe minha filha.

Meus olhos se encheram de água. Ô saudade que estava do padrinho. Como me sinto perto dele, toda vez que nos falamos. A palavra aproxima as pessoas. Às vezes funciona como muro, mas quando a gente lembra da vocação de ponte que ela tem...

– Penso sempre no senhor padrinho, ainda mais num dia como hoje...

– Pois é – ele emendou – faz 33 anos. Eu e Dona Graça fomos à capela. Você sabe que teu tio foi um filho para mim. Rezamos. Senti uma saudade danada, mas eu sempre digo e repito: a morte do Cristo mata a Morte. Não temos o que temer.

Suspirei e suspiro cada vez que eu me lembro do timbre da voz dele dizendo isso.

– Bom, e você vai aprender a remar no rio da Prata? – Comecei a rir e ele continuou – De Lídia eu nem te pergunto!

– O senhor sabe mais dela do que eu...

–Exatamente! Sempre nos falamos... E sua mãe?

– Está bem. O namorado dela é boa gente. Descendente de árabe. Ele tem um restaurante. Acho que ela está feliz.Tem trabalhado muito naquela ONG.

– Ligue para tua mãe no dia de hoje. Eu vou falar com ela mais tarde.

Nos despedimos com afeto. Fecho agora, os olhos na frente do computador e lembro de mim já grande dentro do Araguaia, sozinha, em silêncio, sentindo a correnteza na pele. De repente, buzina de carro. Ai não, me atrasei de novo. Será possível que ela já chegou? Toca meu celular:

– 'Tá atrasada!

– Já vou Lídia, já vou. Deixa só eu trocar de roupa e desligar o computador.

Desço a escada correndo. Vamos para a casa da mãe ajudar na festa. Parece que vai muita gente. Meu pai biológico não, mas o Jonas vai estar lá, com a namorada. Vai entender... quase todos os ex-maridos reunidos. Tomara que Seu Lucas ligue hoje pelo aniversário. Dona Graça sempre lembra. Vai ser uma festa movimentada.

O aniversário começa. Minha mãe está feliz. Al-Hamed é muito atencioso com ela. Comemos, bebemos, cantamos, dançamos. O telefone toca: é minha madrinha. Ligação internacional.

– Corre mãe, que o telefone é caro.

Ela volta contente. Dando as notícias de lá. O telefone toca outra vez: é Seu Lucas. Minha mãe vai para o quarto atender. Volta com lágrima nos olhos. Está feliz de verdade. Ficamos um tempo abraçadas nós três, ela, Lídia e eu.

– Amanhã quero as duas aqui para o almoço.

Esboçamos uma pequena ressalva e ela intervém de imediato:

– Já sei do trabalho das duas. Não faz mal. Vou fazer almoço cedo, amanhã.

Essa é uma das grandes virtudes da minha mãe: saber cozinhar. Parece que agora está aprendendo a receita original do tabule com o Al-Hamed. Cantamos parabéns: 49 anos. Al-Hamed lhe dá um vaso de orquídeas:

– Para mulheres de beleza rara – ele diz.

Nos despedimos e voltamos para casa. Lídia está exausta. Andou brigando com o ex-marido. Antes de dormir ainda quer pendurar a roupa que ficou na máquina de lavar.

–Vai deitar Lídia. Deixa que eu faço isso.

Não costuma aceitar assim, sem protesto, mas dessa vez aceita: me beija o rosto e se atira exausta na cama. Trabalhou que só no dia de hoje. Vou pendurando as roupas. A morte do Cristo mata a Morte. Ah! Seu Lucas... Que alegria! Volto ao computador. Outra mensagem:

Hola mi amor, Llevé todas mis cosas para el departamento. Mis amigos me ayudaran. La verdad és que está quedando lindo. Estuve en la Plaza de Mayo. A quién encontré? A tu madrina, obviamente. Después te cuento todo, ahora estoy exhausto.

Mandale saludos a tu mamá. Con amor, F.

Respiro fundo. À benção, Seu Lucas! Quem foi que disse que a Morte é a última palavra? E para aprender da Vida, Dona Graça me contou uma vez:

– Só com amor minha filha, e esse pessoal que diz por aí que conhece de amor divino sem ter vivido a vida até o fim, não acredito, não.

À bênção, Dona Graça. Vou atrás de aprender desse amor lá na Argentina. Quem sabe quando eu

Continua na página seguinte...

PRÊMIO DO CONCURSO DE «PERSPECTIVA DE GÊNERO»

COMUNICAÇÃO E GÉNERO

JHAQUELIN DÁVALOS
Ciudad El Alto, Bolívia

Quando falamos das ferramentas do poder, no âmbito comunicativo, nos referimos ao enfoque, práticas, conteúdos e formas da comunicação ou das comunicações.

Isso nos conduz a olhar toda prática comunicativa como produto de uma organização do mundo.

A cultura patriarcal compõe realidades comunicativas que sustentam múltiplas formas de dominação. Um aprofundamento da dominação tem que ver com a dominação genérica, como parte de uma série de dominações que faz a cultura patriarcal. Nesse cenário a dominação genérica tem respondido pela denominação de «equidade de gênero», vinculando exclusivamente às mulheres neste tema, como se as mulheres fôssemos o problema, esquecendo, no entanto, que os varões são também afetados pelo patriarcado; a solução, em muitos casos, se reduz a fazer muitos eventos para que nós possamos ascender a espaços vetados (até há alguns anos), aos códigos, conteúdos da cultura da dominação. Também, masculina.

Quero referir-me a alguns mitos da equidade de gênero no âmbito comunicativo com o desejo de colaborar com pautas para a construção de uma cultura de não dominação genérica desde e nos meios de comunicação.

Aqui me interessa pontuar, primeiro, que a equidade de gênero pode constituir-se numa categoria que oculta a dominação masculina, esta se erige como referente social, seja em práticas e conteúdos comunicativos.

Segundo, que a equidade de gênero numa forma de participação paritária de homens e mulheres nem sempre permite construir uma cultura da não dominação quando usamos as ferramentas do poder, falamos de uma perspectiva da comunicação capitalista, ocidental e patriarcal, que não questiona as bases da opressão, mas que fala de gênero de forma isolada.

Isso é, não basta a participação das mulheres para construir um mundo da não dominação através dos meios; há que transformar os conteúdos da dominação, a imposição de certas formas de fazer, pensar e sentir a comunicação, no público e privado.

Uma luta pela não dominação dos gêneros desde a comunicação deve contribuir para o mundo possível em todos os âmbitos, isso passa pela denúncia de formas opressivas como o neoliberalismo, que hierarquizam o internacional ao local, que coisifica qualquer produto humano para o mercado, que enfatiza o individual ao coletivo como vimos no primeiro exemplo.

Por outro lado, existe a consciência de que os processos de transformação não supõem que por acréscimo a dominação genérica se resolva. Em tal sentido, há que olhar, escutar, tocar, pensar, intuir se desde as práticas comunicativas estamos tratando de construir um mundo possível com as ferramentas do poder.

Então, como procurar construir esse mundo possível desde um olhar da não dominação genérica?

- A transformação do mundo não é um lugar, nem um momento, é um processo constante; perceber as formas sutis de dominação produzidas pelos meios de comunicação é um exercício de reflexão coletiva.

- Uma transformação das práticas comunicativas para a não dominação genérica não deve "atropelar" outras lutas, como a das culturas, senão dialogar com elas (as mulheres e homens, não são uma massa homogênea); nem desentender-se de outras, como a luta por uma economia justa.

- Os enfoques de comunicação da não dominação genérica deverão estar presentes no público como no privado, no massivo como no interpessoal, sem cisões hierarquizadoras.

- Os meios masivos devem questionar a dominação genérica em suas práticas e conteúdos, mas lhes cabe impulsionar resignificações das construções genéricas mais justas e humanas, tanto para homens e mulheres.

- As práticas comunicativas devem tratar de desmoronar cânones patriarcais, em todos os âmbitos de expressão: música, pintura, teatro, humor... porque a forma e fundo também são conteúdos políticos e apresentam leituras sobre os gêneros. ❑

Vem da página anterior.

tiver a idade da senhora, vou poder contar história para quem hoje tem a minha. À benção, minha madrinha, que lá do Rio da Prata vem me ensinando a andar com essas pernas de quem já não é mais menina, e que ralam para andar a bom tempo, já que pausa não caminha.

Vou dormir revigorada, mas antes... Para quê deixá-lo assim, sem resposta até amanhã?

Hola mi amor. Hoy fué un dia movido... ❑

PRÊMIO DO CONCURSO DE «PÁGINAS NEOBÍBLICAS»

1º REIS 17, 7-16

BLANCA ESTELA SILVA
Angola

Nasci em Misiones, na Argentina, sou Irmã Missionária das Servas Do Espírito Santo e trabalho como Missionária desde o ano 1986 em África. A maior parte destes anos desempenhei a missão entre os rigores da guerra no norte de Angola: N'Zeto, depois na capital Luanda e atualmente estou na Missão do Kifangondo, Funda, Província do Bengo. Fiz missão de presença de manter a esperança do nosso povo dando-lhe a certeza que a Paz um dia chegaria, trabalhei com mulheres, crianças, também na formação das irmãs Nativas e na actualidade estou engajada na Pastoral da Justiça, Paz e Migrações e Direitos Humanos. Tentamos preparar o nosso povo para a Democracia e as futuras eleições num ambiente de paz e reconciliação. Tenho 48 anos.

No Território onde na actualidade se encontra situada Angola, uns dos recursos milenários que permitiu e que permite à maioria das mulheres Bantus resistir a fome e minimamente asegurar a vida da família é a agricultura.

Foram e são sempre elas as que fizeram produzir os campos durante os tempos das chuvas e no cacimbo aproveitar as lavras e baixas húmidas a beira dos rios. Ali, as mamãs jovens, as viuvas e as avós podem encher os seus cestos de frutas e de comida para saciar a fome da família e não só: também reservar a melhor parte do fruto do seu trabalho que fica consagrado á *támbula* (Oferta) que é oferecida e doada aos Domingos na Igreja ou para o sustento dos doentes e necesitados da comunidade.

Foi neste contexto de luta pela vida onde nasceu e cresceu uma mulher anónima que mal teve tempo de sonhar e disfrutar da sua juventude, quando a sua tribu já a entregou em Casamento com a missão de ser mãe de filhos.

A guerra desencadeada em Angola, antes e depois da Independecia (1975-2002) a deixou viuva e viu-se forçada a abandonar a sua terra de origem, suas lavras, o pouco que tinha para sobreviver e emigrou: primeiro para os campos de Refugiados nas periferias de Luanda a Capital de Angola, depois para os Musseques (Favelas) onde naquele imenso labirinto de becos e construções provissórias encontrou um lugar onde construir a sua cubata para por dentro dela a única riqueza que a vida lhe deixara: os seus filhinhos.

Por eles não enloqueceu, por eles armou-se de coragem e foi provar a sorte nos mercados paralelos de Luanda, vender o que lhe caia em mão, aquilo que a Providencia lhe dava. No meio da violéncia e sofrimento da vida, muitas vezes não conseguiu o pão para o dia a dia dos seus filhos mas... foram eles, outra vez, que ao voltar a casa, sem nada no cesto fizeram surgir dentro dela uma criatividade sem igual, Divina: num ritual cheio de fé, arranjava como podia alguma lenha, acendia o fogo, enchia a panela de agua e a colocava ao lume, enquanto a agua fervia, ela, com muito carinho, convidava os filhos a esperar, simplesmente esperar, até que os pequenos um a um apanhasse sono e ficassem a dormir com a imágem dela, preparando a comida, mexendo e cuidando a panela como se a panela estivesse cheia de alimento. Assim no dia seguinte ela voltava a luta até arranjar alguma coisa para comer e quando o conseguia custumava repetir com uma confiança também divina: DEUS É PAI E NÃO PADRASTO. Uma coisa ela nunca deixou de praticar era a *Támbula*. Pouco ou muito, aos Domingos, alguma coisa era levada para os cestos das oferendas. Esta mamã anónima, esta mamã «Coragem» já não está connosco mas ficou o filho, o Paulo, que contou a História Viva e que hoje trabalha a favor dos Direitos Humanos em Angola, que tem sonhos de um mundo novo e que afirma que aquela panela sustentou a sua vida e asua esperança até os dias de hoje.

Nem a mesa daquela Cubata ficou sem Pão, nem o cesto da Igreja ficou sem o *támbula*, conforme prometeu o Senhor, aos que acreditam que Ele «é Pai e não padrasto».

❑

RECURSOS PEDAGÓGICOS SOBRE A DEMOCRACIA

MARTÍN VALMASEDA
Guatemala - Madrid

Como base para a reflexão, oferecemos alguns materiais (vídeos e filmes) para trabalho em grupo. Foram divididos em três blocos, de acordo com o aspecto que predomina em cada produção:

1. Os que apresentam sobretudo situações *antidemocráticas* que temos que enfrentar.

2. Os que mostram aspectos da *luta para mudar a convivência humana* que caminha ou pode caminhar para um mundo de participação, fraternidade, democracia.

3. Os que descrevem um *horizonte de Utopia*, na direção para onde gostaríamos caminhar. Este bloco será mais reduzido: é muito difícil "fotografar" o futuro. Muitos dos que imaginam este futuro apresentam (por exemplo "Um mundo feliz" de Huxley*) aspectos pessimistas.

Em cada um destes setores, apresentamos:

a) *reportagens*, sobretudo descrições da realidade;

b) *narrações, predominantemente simbólicas* desta realidade (em geral mais breve);

c) algum *livro* que possa servir como base para a reflexão.

Não acrescentamos dados sobre a origem e autores destes materiais porque podem ser encontrados facilmente na Internet. Outras orientações sobre estas produções podem ser encontradas em CAUCE (www.equipocauce.com; cauce@intelnet.net.gt) ou em ECOE (www.eurosur.org; ecoe@eurosur.org).

1. SOBRE A ANTIDEMOCRACIA

A. Reportagens

A Ilha das flores: análise irônica da manipulação do ser humano através do trabalho e da riqueza.

A globalização do Tio Sam: Julgamento da globalização com opiniões de economistas.

Bowling for Columbine: Crítica de uma sociedade construída sobre a violência.

A corporação: Análise do domínio e do uso das empresas multinacionais.

La espalda del mundo: três pessoas em três histórias, vítimas da ditadura.

Intolerance (1916): Histórias de distintas épocas que mstram a intolerância.

Agenda oculta: o governo inglês, em tempos da Tatcher, lutando contra o IRA, com toda classe de métodos antidemocráticos.

En brazos de un extraño: os meninos judeos vítimas da ditadura fascista.

Franco y Salazar: documental sobre os ditadores.

La cara oculta de Euskadi: análise sobre ETA, como ela organiza-se...

B. Narrações simbólicas

O Grande Ditador: Ironia sobre as ditaduras de Hitler e Mussolini.

Vizinhos: Dois vizinhos brigam por uma flor.

O Show de Truman: A manipulação dos meios de comunicação sobre as pessoas.

Homens armados: Reflexão sobre a destruição social que produzem os poderes violentos.

Que não te puxem os fios: Quais são os "fios" que nos manipulam como bonecos?

O Rei Leão: conto infantil que apresenta como "natural" e atraente um mundo hierarquizado sob o domínio "dos de cima". Existe uma análise sociológica desta "inocente" película.

Final Cut: manipulação das pessoas através da televisão (mesmo sendo filme de ficção, tem muita afinidade com fatos reais).

Fahrenheit 9-11: A recente utilização nos EUA dos MCS e a propaganda pelos interesses capitalistas.

C. Livros

Admirável mundo novo, Huxley (livro e filme).

1894, Orwell (livro e filme).

Ensaio sobre a cegueira, Saramago. Novela que mostra a injustiça social com o simbolismo de uma cidade em que todos ficam cegos.

2. LUTA PELA DEMOCRACIA

A. Reportagens

Boa noite, boa sorte: a crise da democracia na época do macartismo.

A revolução não será transmitida: a luta do povo da Venezuela com Chaves contra a manipulação dos poderes econômicos e dos meios de comunicação.

Queimada: a luta pela liberdade do povo contra os diferentes processos históricos de dominação.

Viva Zapata: a luta em defesa do povo contra as ditaduras no México.

O encouraçado Potemkin: na época dos Czares, rebelam-se os marinheiros e o povo, e sofrem forte repressão.

Alsino e o condor: a luta pela liberdade em Nicarágua, vista através dos olhos de um menino.

Spártacus: a rebelião dos escravos e gladiadores na Roma imperial.

A filha do puma: o reflexo da luta do povo indígena guatemalteco.

Sob o fogo: reação contra a ditadura através do compromisso de um jornalista em Nicarágua.

Latino: a manipulação pelo poder norte-americano sobre a revolução nicaragüense, usando os "contras".

A Última Ceia: as relações entre o fazendeiro e os trabalhadores rurais numa fazenda cubana, na época colonial.

Em nome do Pai: procura da justiça e liberdade na Irlanda.

Balseros: sobre a liberdade em Cuba.

Por qué perdimos la guerra: documental sobre a guerra civil espanhola.

No tempo das borboletas, filme de Mariano Barroso.

*Liberación campesina, Ligas Agrarias en Paraguay**, de José Luis Caravias. História continental recente.

B. Narrações simbólicas

O conto de uma cadeira: por trás do símbolo de uma cadeira, a exigência do respeito à pessoa.

História da Ilha: a inter-relação entre a riqueza, o poder, a violência, a cultura, a religião... que fazem um povo submisso.

O arquipélago: o reflexo da globalização no mundo e seu sistema de dominação.

A estratégia do caracol: A união dos vizinhos que se defendem contra os donos de uma construtora.

Além de queixar-se, fazer o que?: parábola (em imagens fixas) que reflete a união dos pequenos contra a opressão dos poderosos.

O homem que matou Liberty Valance: a luta pela democracia se fará por meio das leis ou da violência?

*Matar um rouxinol**: a defesa dos marginalizados numa sociedade injusta (também novela).

C. Livros

*Ensaio sobre a lucidez**: Novela que propõe a resistência ao poder a partir da hipótese de que o povo votará "em branco" numas eleições.

Rebelião na granja: Parábola sobre as diferentes maneiras de lutar pela liberdade.

Como trabalhar com o povo, de Clodovis Boff, e *Antropología del pobre*, de Federico Carrasquilla, na biblioteca dos Servicios Koinonía.

1. SOBRE A UTOPIA

A. Reportagem

Não foi possível fazer reportagem de uma utopia "feita realidade". Talvez algumas experiências como:

"A Cecília": tentativas utópicas numa comunidade anarquista.

B. Narrações simbólicas

Aprender com os gansos: a cooperação e a ajuda mútua através do símbolo do vôo dos gansos.

*João Salvador Gaivota**: a tentativa de construir um mundo diferente simbolizada pelo vôo das gaivotas (também em livro).

Deixem-nos sonhar: vídeo – poema com imagens que apresenta como seria um mundo ideal (em preparação livro anexo).

C. Livros

Utopia, o clássico de Tomás Moro, acessível na rede.

Notícias de lugar nenhum: novela de William Morris.

Germinal, Emile Zola;

A Revolução dos Bichos, de Orwell.

Capitães de Areia, Jorge Amado;

Viva o povo brasileiro, João Ubaldo Ribeiro;

Canto Geral, Pablo Neruda

Cien años de soledad & *O outono do patriarca*, Gabriel García Márquez;

O Senhor Presidente, Miguel Angel Astúrias;

Memórias do Cárcere, Graciliano Ramos;

Hijo del Hombre, Augusto Roa Bastos;

As Vinhas da ira, John Steinbeck.

** Os livros com asterisco estão disponíveis em: http://hansi.libroz.com.ar/libros*

BITÁCULA PARA A NAVEGAÇÃO MILITANTE

GUSTAVO CODAS
Asunção, Paraguai - São Paulo, SP, Brasil

A luta popular deu-nos *surpressas* muito boas na Nossa América, e em outras regiões do mundo, no recente passado.

Dez anos atrás, o discurso dominante era o do «final da história»... e de que «não há alternativas»... Então, nosso continente estava coberto de governos neoliberais, obedientes ao de Washington; e Cuba, solitária, atravessava o deserto do «período especial»...

Porém, já no final dos anos 1990, as velhas surpresas da história vem se fazendo sentir por toda parte. Revoltas populares, grandes movilizações, plataformas políticas eltorais vitoriosas, campanhas em defesa de bens públicos contra os interesses de impresas multinacionais, são alguns dos muitos sinais do surgimento de forças capazes de acelerar a gestação e o parto de um novo mapa político na região. Tudo isso vem crescendo. E o ano passado foi generoso em agradáveis surpresas. Dentro dos próprios EUA temos visto surgir as vozes e a mobilização multitudinária de operários e operárias imigrantes, sobre tudo da América Latina e Caribe.

Mas, mesmo que falamos em *surpresas*, essas não são mais do que expressões do amadurecimento, em uma determinada conjuntura, de um longo trabalho de organização da base, educação política e construção de alianças e redes em nossas sociedades.

Uma das caraterísticas desta conjuntura, que a torna diferente de outros momentos históricos e dá-lhe possibilidades e dificuldades novas, que ainda não podemos avaliar, é que o atual processo acontece sem que haja *previamente* alguma hegemonia política-ideológica instalada ou por se instalar no cenário político popular do nosso Continente. Isso é assim, provavelmente, por que estamos ainda em um período de reconstrução das esquerdas da sociedade e dos partidos, despois da queda do «socialismo real», que, junto com a ventania neoliberal, uns quinze anos atrás, teve um tremendo impacto sobre a configuração das forças progresistas na nossa região (e no mundo). Tudo indica que esta caraterística atual a constituiremos como um princípio, para que finalmente a libertação dos povos a construamos buscando a unidade, mas rejeitando os hegemonismos.

Para o ano 2007 há algumas iniciativas previstas, outras ainda em gestação, e esperemos que surjam outras agradáveis surpressas. Para a militância social do nosso Continente, eis aqui um guia para acompanhar esse processo que necessita ser analizado a partir de tantos aspectos. Priorizamos as páginas em Castellano e em Português, ou nas duas línguas. Alguns endereços -não todos- precisam de "www".

Recursos. Meio ambiente. Sustentabilidade:

- Campanha Água fora da OMC: waternotforsale.org
- Centro de Documentação e Informação Boliviana, CEDIB: www.cedib.org
- Chile sustentável: www.chilesustentable.net
- Comissão para ao Gestionamento Integral da Água em Bolívia: www.aguabolivia.org
- Foro Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para Ambiente e Desenvolvimento, FBOMS: www.fboms.org.br
- Do governo boliviano (também tratam a conjuntura boliviana): presidencia.gov.bo/ e comunica.gov.bo

Contra as Guerras e a Militarização:

- Campaña por la Desmilitarización de las Américas, CADA: www.desmilitarizacion.info
- School of the Americas Watch (Campanha contra a Escola das Américas): www.soaw.org
- Objeição fiscal: www.solidaries.org/ofiscal
- Não à pesquisa militar: prouinvestigaciomilitar.org
- International action network on small arms: iansa.org

Dívida Externa, campanhas contra o capital financeiro:

- Comité pela Anulação da Dívida do Terceiro Mundo: www.cadtm.org
- Jubileu Sul Américas: www.jubileesouth.org/sp
- Jubileu Sul Brasil: www.jubileubrasil.org.br
- Rede Brasil sobre Institucões Financeiras Multilaterais: www.rbrasil.org.br

Integração regional e luta contra o librecomércio:

- Aliança Social Continental: www.asc-hsa.org
- Campanha Continental contra a ALCA: www.movimientos.org/noalca
- Encontro Hemisférico de Luta contra a ALCA: www.alcaabajo.co.cu
- Movimento Boliviano contra a ALCA e o TLC: www.boliviasoberana.org
- Nosso Mundo não em Venda: ourworldisnotforsale.org

Imigrantes:
• Grassroots Global Justice (Movimientos de base por justicia global), EEUU: www.ggjalliance.org
• Grito Excluídos Continental: gritodosexcluidos.com.br
• Jobs with Justice (Trabajos con justicia), EEUU: www.jwj.org/espanol.htm

Povos originarios, lutas pela terra e autonomia:
• Laço Indígena: movimientos.org/enlacei
• Mulheres Indígenas Continental: enlace.nativeweb.org

Gênero. Mulheres. Orientaçao sexual. Patriarcado:
• Marcha Mundial de las Mujeres: www.marchamundialdelasmujeres.org
• Marcha Mundial de Mujeres – Brasil: sof.org.br/marcha
• Rede Latino-americana Mulheres Transformando a Economia: movimientos.org/remte
• Diálogo Sul-Sul LGBT: movimientos.org/dss

Meios de Comunicação, pela sua democratização:
• Campanha Continental pelos Direitos da Comunicação: movimientos.org/derechos-comunicacion
• Campanha pelo Direito à Comunicação na Sociedade da Informação – CRIS: www.crisinfo.org

Reforma agrária. Transgênicos. Biodiversidade:
• Coordenadora Latino-americana de Organizações do Campo: movimientos.org/cloc
• ETC Group: www.etcgroup.org
• Via Campesina: viacampesina.org

Sindicalismo, lutas pelo emprego e salário:
• Central de Trabalhadores de Cuba: www.cubasindical.cu
• Coordenadora Centrais Sindicais Cone Sul: ccscs.org
• Correio Sindical do Mercosul: sindicatomercosul.com.br
• Fuerza Bolivariana Trabajadores: www.fbtvenezuela.com
• Laboratorio Industrial Sindical: www.sindlab.org

Compartihar o conhecimento, software livre:
• Red en defensa del conocimiento y la cultura para todos: www.porlacultura.org
• Software libre Brasil: www.softwarelivre.org

Gerais:
• Amnistia Internacional: www.es.amnesty.org
• Coalição pela Corte Penal Internacional: www.iccnow.org/espanol/index.htm
• OXFAM: um mundo mais eqüitativo: oxfam.org/es
• www.forumdesalternatives.org
• www.democraciaweb.org

Para uma agenda mais geral dos **movimentos altermundialistas** e dos debates sobre os novos sujeitos da transformação, tem muito material em:
• «Caminos», revista do «Centro Memorial Martin Luther King» (Cuba): www.ecaminos.org
• Foro Social Américas: www.forosocialamericas.org
• Foro Social Mundial: www.forumsocialmundial.org.br
• Movimentos e campanhas nas Américas: movimientos.org

A mais destas páginas de campanhas e movimentos anotadas, tem muitas outras de **informações e debates políticos de atualidade:**
• Agência Brasil de Fato: www.brasildefato.com.br
• Agencia Bolivariana de Noticias: www.abn.info.ve
• Agencia Boliviana Informação: www.comunica.gov.bo
• Agencia Carta Maior: www.agenciacartamaior.com.br
• Alternativa Bolivariana para América: portalalba.org
• ADITAL: agencia de Informação para A.L.: adital.org.br
• Agencia Latino-americana de Informaciones, ALAI: www.alainet.org
• Aporrea: www.aporrea.org
• Argenpress: www.argenpress.info
• Bolpress: www.bolpress.com
• Cabichui: www.cabichui.org
• Cuba Debate: www.cubadebate.cu
• Inprecor América Latina: www.inprecor.org.br
• La Insignia: www.lainsignia.org
• La Jiribilla: www.lajiribilla.cu
• Prensa Latina: www.prensa-latina.cu
• Punto Final: www.puntofinal.cl
• Rebelión: www.rebelion.org
• Resumen Latino-americano: www.nodo50.org/resumen
• Sistema Informativo de A.L.: visionesalternativas.com
• Telesur: www.telesurtv.net

Entre os **meios impresos latino-americanos**, tem alguns disponíveis na web que vale a pena consultar freqüentemente:
• Brecha, Uruguay: www.brecha.com.uy
• La Jornada, México: www.jornada.unam.mx
• La República, Uruguay: www.larepublica.com.uy
• Página 12, Argentina: www.pagina12.com.ar

Anote outras páginas do seu conhecimento. ❑

DEMO... O QUÊ?

EDUARDO GALEANO
Montevidéu, Uruguai

Das olimpíadas gregas nunca participaram as mulheres, os escravos nem os estrangeiros. Na democracia grega, também não.

Na constituição que inaugurou a democracia nos Estados Unidos da América, eram invisíveis as mulheres, os negros, os índios e os pobres.

Em toda América, de norte a sul, nossas nações nasceram mentidas. A independência negou os direitos daqueles que lutando por ela arriscaram a vida, e as mulheres, os negros, os índios e os pobres não forma convidados para a festa.

As constituições deram prestígio legal a essa mutilação.

Nas primeiras eleições do Uruguai, votou 5% da população adulta. Nas primeiras do Brasil, votou 3%.

Com o passar do tempo, o direito de voto foi se universalizando em toda a América, mas a democracia segue sendo um grandioso estádio onde o povo assiste às cambalhotas daqueles que jogam por ele.

E no mundo? Não é a democracia uma tarefa a ser realizada no mundo inteiro? O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial governam os governos.

Em um mandam cinco países. No outro, oito. A Organização Mundial do Comércio exerce a ditadura mercantil sobre o Planeta: o estatuto estabelece o direito de voto, mas ele jamais foi exercido.

E as Nações Unidas? A Assembléia Geral, simbólica, recomenda porém não decide. Aqueles que sim decidem são os cinco países com direito de veto no Conselho de Segurança. Eles, os cinco principais fabricantes de armas, velam pela «nossa paz».

❑

BIBLIOGRAFIA SOBRE DEMOCRACIA

APEL, K.O. (e outros) (ed.), *Ética comunicativa y democracia*, Crítica, Barcelona 1991.

BOBBIO, N., *El futuro de la democracia*, Plaza Janés, Barcelona 1985.

CORTINA, Adela, *Alianza y contrato*, Trotta, Madrid 1998.

GUIMARÃES, Juarez, *Democracia e marxismo. Crítica à razão liberal*, Ed. Xamã, São Paulo 1998.

HABERMAS, J., *Qué significa el socialismo hoy*, Almagesto, Buenos Aires 1992,

HELD, David, *Modelos de democracia*, Alianza Editorial, Madrid 1992.

INNERARITY, D., *La transformación de la política*, Península, Barcelona 2002.

JÁUREGUI, Gurutz, *La democracia planetaria*, Eds. Nobel, Oviedo 2000.

MOUFFE, Chantal, *El retorno de lo político. Comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical*, Paidós Barcelona/Buenos Aires 1999, 207 pp. *La paradoja democrática*, Gedisa 2003.

QUESADA, F. (ed.), *Filosofía política*, I: *Ideas políticas y movimientos sociales*, Trotta/Cons. Sup. Inv. Cient., Madrid 1997.

RAWLS, J., *La justicia como equidad. Una reformulación*, Ed. Paidós, Barcelona/Buenos Aires, 2002.

RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco, *Historia de la democracia*, Temas de hoy, Madrid 1997.

SARAMAGO, *Ensayo sobre la ceguera*, Alfaguara, México 1998. *Ensayo sobre la lucidez*, Santillana Ediciones, Madrid 2004.

SARTORI, Giovanni, *¿Qué es la democracia?*, IFETRIFE, México 1993.

TOURAINE, A., *Qué es la democracia*, Ed. Temas de Hoy, Madrid 1994. *Un nuevo paradigma para comprender el mundo de hoy*, Paidós, Barcelona/Buenos Aires 2005.

VALADÉS, D. y GUTIÉRREZ, Rodrigo, *Democracia y gobernabilidad*, UNAM, México 2003.

PRÊMIO «MESTRES 68»

ISABEL JUANOLA
Girona, Espanha

A Agenda Latino-americana foi distinguida em novembro de 2005 com o prêmio «Mestres 68», na sua XIª edição, em reconhecimento à tarefa pedagógica que realizou ao longo dos anos no mundo da educação. O Prêmio é otorgado pela Associação «Mestres 68», de reconhecidos pedagogos catalães, com sede em Girona, Espanha.

Das diversas modalidades que inclui o prêmio, a Agenda Latino-americana recebeu a do «Prêmio Internacional». De forma específica se faz menção especial ao bispo Pedro Casaldàliga e a José Maria Vigil, como promotores e coordenadores da publicação.

A entrega dos prêmios realizou-se no 28 de novembro de 2005 na sala de actos da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Girona com uma numerosa assistência de público procedente do setor escolar e educativo de Girona.

Em nome da Associação «Mestres 68» otorgou o prêmio a professora Dolors Reig, quem recolhendo o lema da Agenda do ano 1992, falou dela como ferramenta de formação e transformação social. Recordou que há 15 anos é editada em Catalunha, e sublinhou o papel educativo que representa, não só nas aulas como também no sentido social.

O prêmio o foi recolhido pessoalmente por José Maria Vigil, quem o agradeceu em nome de todos os colaboradores da publicação. Destacou a vocação pedagógica da Agenda e sua utilidadecomo ferramenta para a educação popular.

«Mestres 68» premiou na modalidade individual ao mestre Frederic Corominas Planella, e como Prêmio Institucional à revista de pedagogia, "Perspectiva escolar".

ARCHIVO TELEMÁTICO

DA AGENDA LATINO-AMERICANA

Oferece os materiais que a Agenda publicou nos seus 16 anos de existência (textos, documentos, reflexões, propostas...) e os põe na internet, a serviço público, especialmente para educadores populares, animadores juvenis, profesores, estudantes... e pessoas que animam atividades de reflexão e concientização.

Os materiais podem ser procurados por temas, ano de publicação, autor ou título e podem ser obtidos no formato mais conveniente para a atividade que se deseje realizar:

-**html** (para lê-lo ou reproduzi-lo na sua web),
-**rtf** (para reelaborá-lo e imprimi-lo para seu trabalho educativo),
-**pdf** (se deseja ter a página da Agenda exatamente como foi publicada, como um fac-símile); e, possívelmente, no futuro, também em
-«**formato rádio**»: audios mp3 com leitura ou dramatização do texto, para escutar no grupo, ou para ser transmitido pelo rádio...

O arquivo já funciona, mesmo que ainda necessitará de tempo até poder oferecer todos os materiais publicados.

No momento em dois idiomas, castelhano e catalão. Outros idiomas poderão vir depois.

Estamos felizes em poder pôr de novo a serviço dos educadores as páginas que elaboramos em todos estes anos passados, como um «arquivo de recursos» que possam apoiar uma educação popular concientizadora no espírito da Pátria Grande e da Pátria Mundial.

Em qualquer uma destes endereços:

http://latinoamericana.org/archivo
http://agenda.latinoamericana.org/archivo
http://servicioskoinonia.org/agenda/archivo

QUEM É QUEM
ENTRE OS AUTORES DESTA AGENDA

Só alguns; outros não necessitam apresentação para os nossos leitores...

Amina AL-JERRAHI (Edlín Ortiz Graham), portorriquenha (Ponce 1979), psicóloga clínica, jornalista, é atualmente a líder espiritual (Sheija) da Ordem Sufí Halveti Jerrahi da Cidade do México e da Comunidade da mesma tariqa em Honolulu, Hawai. Em 1995 recebeu a permissão para transmitir a luz como representante da Ordem Halveti Jerrahi e cabeça de comunidades de derviches. Em 1992 fundou o primeiro Conselho Inter-religioso de líderes religiosos no México. Fundadora do Instituto Inter-religioso «Luz sobre Luz», sede regional do Peacemaker Circle International (peacemakercircle.org).

Jaume BOTEY, professor de História dos movimentos sociais da Universidade Autônoma de Barcelona. Membro de «Cristianos por el Socialismo» (www.nodo50.org/cps). Publicou recentemente «El Dios de Bush», editado por «Cristianismo y Justicia», Barcelona, Espanha.

Horacio M. CARVALHO, 66, Santos, SP, Brasil. Estudou agronomia no Rio de Janeiro. Em 1973 foi preso político como militante do PCdoB na luta contra a ditadura militar. Anistiado em 1979. Assessor de movimentos e organizações sociais do campo. Assessor do Movimento de Pequenos Camponeses e amigo militante da Via Campesina, com consultorias a organismos guvernamentais e internacionais. Consultor do MST do Rio Grande do Sul. Mora em Curitiba.

Gustavo CODAS. 1959, Assunção, Paraguai. Trabalhou como jornalista e foi dirigente sindical da sua classe. Reside no Brasil desde 1983, onde trabalhou como jornalista, educador popular e economista no movimento sindical. Desde 1992 é assessor (de política sindical, primeiro, e internacional, depois) da Central Única de Trabalhadores (CUT) do Brasil, à qual representa no Conselho Internacional do Foro Social Mundial.

Wim DIERCKXSENS. Holanda, 1946. Estudou em Nimega e París. Na América Central desde 1971. Funcionário da ONU, consultor do goberno dos Países Baixos, diretor de um Posgrado de Economia em Honduras e fundador do mestrado em Política Econômica na UNA de Costa Rica. Consultor do movimento cooperativo centroamericano. Pesquisador do DEI, na Costa Rica e para o Foro Mundial de Alternativas.

Gregorio DIONIS é presidente e fundador da Equipe Nizkor (derechos.org/nizkor), organização de direitos humanos especializada na aplicação do direito internacional dos direitos humanos e na utilização de novas tecnologias na socialização de documentação sobre violações graves dos direitos humanos. É fundador e diretor da Rádio Nizkor (radionizkor.org), a primeira emisora em internet sobre direitos humanos.

María Cecilia DOMECI: fui agente de pastoral, convivendo com as comunidades de base da periferia urbana. Realizo um trabalho de assessoria às CEBs do Estado de São Paulo. Dou aulas de teologia. Apaixonei-me com a linha da CEHILA, e trato de fazer minha aportação para a recuperação da memória dos nossos povos oprimidos.

Sergio FERRARI. Jornalista argentino, licenciado em história. Antigo voluntário na América Central, trabalha como jornalista na mídia suíça e européia (Le Courrier, Chevere Cotmec/Info, Swissinfo, Maíz-Italia etc.). É també, correspondente para Suíça e Europa de «El Nuevo Diario» e de «Radio La Primerísima» (Nicarágua), «Acción» (Argentina), «Brecha» (Uruguai), «Pachacamac» (Equador), etc. Além do mais é responsável pelo Serviço de imprensa de E-CHANGER (ONG suiça de voluntariado) e membro da Commission Médias d'UNITE.

FUNDALATIN, Fundação latino-americana pelos direitos humanos e o desenvolvimento social. Sem fins lucrativos, sediada em Carácas, de inspiração cristã ecumênica com base na teologia, espiritualidade e Igreja libertadora. Dedica-se à defesa da paz, dos direitos humanos sociais, políticos e culturais, fundada em 1978. Em 1987 recebeu da ONU o prêmio «Mensajeiro de la Paz». www.fundalatin.org / fundalatin@cantv.net

Eduardo GALEANO, Montevideo, Uruguai, 1940. Foi diretor de redação do semanário «Marcha», e diretor do diário «Época». Em Buenos Aires fundou e dirigiu a revista «Crisis». Viveu exilado em Argentina e Espanha. Em 1985, voltou para o Uruguai. É autor de vários livros, traduzidos para mais de vinte línguas e de ampla obra literária e jornalística.

Ivone GEBARA, nascida em São Paulo, vive no nordeste do Brasil desde 1973. Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade de São Paulo e doutora em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvaina - Bélgica. Autora de muitos livros e artigos nas fronteiras da teologia, da filosofia e da literatura. Animadora de

grupos de base, palestrante itinerante, trabalha na perspectiva feminista e ecológica.

Alfredo J. GONÇALVES, religioso da Congregação dos Missionários de São Carlos (scalabrinianos), cujo carisma é o trabalho com migrantes e refugiados em todo o mundo. Nasci na Ilha da Madeira, Portugual, em 1953. Juntamente com toda família, imigrei para o Brasil, em 1969. Logo ingressei no seminário, sendo ordenado sacerdote em 1984. Como padre, trabalhei sempre no campo da Pastoral Social: nas periferias e favelas de São Paulo; depois, com os sem-teto da região leste da capital paulistana; com os canavieiros do interior de São Paulo e da Paraíba. De 1998 a 2003, exerci o cargo de assessor da CNBB, no Setor da Pastoral Social, que incluía 12 pastorais sociais específicas. Hoje moro em Ciudad del Este, Paraguai, onde desenvolvo um projeto de trabalho com migrantes na região das três fronteiras (Argentina, Brasil e Paraguai).

Paul KNITTER é um dos representantes máximos, em nível mundial, da teologia do pluralismo religioso, um dos mais próximos das posições da teologia latino-americana da libertação. Professor emérito da Universidade Xavier de Cincinnati, EUA, passou para a fama com seu livro «No Other Name?», no qual perguntava-se, com efeto, se só tem um caminho de salvação para o ser humano, e convidava aos cristãos a autocompreender sua fé em outra maneira. Acaba de prologar o livro IV da ASETT, na coleção «Tiempo Axial».

Osvaldo LEÓN, equatoriano, mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Montreal, Canadá. Doutor em Psicologia Industrial pela Universidade Central do Equador. Presidente da Agência Latino-americana de Informação (ALAI) e assessor de várias organizações e redes sociais e ciudadãs, como a Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo / Via Campesina. Co-autor de «Comunicación en Movimiento» (2005), «'Se cayó el sistema': enredos en la Sociedad de la Información» (2004) e «Movimientos Sociales en la Red» (2003), entre outras publicações.

Giusepe DE MARZO. Bari, Itália, 1973. Funda e dirige o movimento estudantil ecologista italiano, em Bari. Promotor de manifestações de protesto na Itália e na Europa. Porta-voz do Comité internacional de apoio ao povo indígena U'wa. Trabalha em colaboração constante com organizações da Colômbia, Equador, México, Bolívia, Venezuela, Argentina... Escreve para vários diários e revistas. Publicou vários livros. Em março de 2003 funda e é o portavoz de «A SUD», www.asud.net. A associação promove campanhas internacionais de informação e leva à frente projetos de cooperação internacional dirigidos a apoiar as necessidades essenciais das populações do Sul do mundo.

MIRE, movimento juvenil iniciado n oBrasil há poucos anos, por Frei Betto. Herdeiro das experiências e movimentos revolucionários latino-americanos. Trata de juntar, como seu nome indica, «Mística e Revolução», luta y contemplação, recolhendo e atualizando a mejor tradição militante e mística cristã na situação atual do mundo. Atualmente está se consolidando no Brasil e começando a se extender à América Latina. Contatos: mirebrasil@uol.com.br

Jorge Oscar PEIXOTO, argentino, franciscano conventual, é docente e professor de Teologia e Espiritualidade Franciscana em vários centros franciscanos da América Latina, Itália e Espanha, e Reitor do Colégio Internacional Seraphicum, de Roma. Foi membro da equipe teológica da CLAR, diretor do CIPFE (Centro de investigación y promoción franciscano y ecológico, de Montevideo), diretor e docente na «Multiversidad Franciscana para América Latina». Colabora habitualmente em revistas especializadas em vida religiosa e teologia franciscana.

Andrés TORRES QUEIRUGA, 1940, Aguiño-Ribeira, A Corunha, Espanha. Doutor em filosofia (Univ. Santiago de Compostela) e teologia (Univ. Gregoriana). Esinou Teologia Fundamental no Istituto Teológico Compostelano (1968-1987) e atualmente é professor de filosofia da religião na Univ. de Santiago. Tem ditado cursos em México e Brasil.

Martín VALMASEDA, diretor de CAUCE, «Centro Audiovisual de comunicación y educación», na Guatemala. Toda una vida dedicada à militância da comunicação libertadora. Seu audiovisual «A Ilha» ficará definitivamente na história como sendo o símbolo da pedagogia popular audiovisual de toda uma época. Trabalha num serviço de comunicação popular: www.equipocauce.com

Alex ZANOTELLI, Trento, Itália, 1938, missionário comboniano. Durante muitos anos trabalou no Sudão, e depois na periferia de Korogocho, Nairobi, Quênia, com os mais pobres dos pobres, os mais excluídos dos excluídos. De 1978 a 1987 foi diretor da revista italiana «Nigrizzia», denunciando os escândalos de corrupção no mundo da solidariedade italiana e no comércio de armas.

Jean ZIEGLER, 71, advogado, doutor em ciências políticas, ex-diputado do Parlamento suíço, membro da Internacional Socialista, professor de sociologia na Universidade de Ginebra, é Relator da ONU para a Alimentação. Sua pesquisa sobre os pagamentos dos bancos suíços a Hitler levantou um escándalo mundial em 1977 e costou-lhe cinco demandas internacionais. Tem iniciado uma campaha contra o sigilo bancário. ❑

22 SERVIÇOS KOINONIA

PATROCINADOS PELA AGENDA LATINO-AMERICANA

http://servicioskoinonia.org

1) Revista Eletrônica Latino-americana de Teologia (RELaT):

http://servicioskoinonia.org/relat

Primeira revista de teologia na internet. Inspirada nas grandes «opções latino-americanas». Fundamentalmente de teologia, porém também interdisciplinar. Sempre na perspectiva da libertação, mas assumindo os «novos paradigmas», principalmente a «releitura pluralista» do cristianismo e a crise da religião. Publica artigos sem periodicidade fixa. Os artigos são colecionados e disponíveis.

2) Serviço Bíblico Latino-americano

http://servicioskoinonia.org/biblico

http://www.claretianos.com.br/port/servico_p.htm

Semanalmente oferece um comentário bíblico-teológico das leituras da liturgia católica, de umas 800 palavras aos domingos e umas 300 palavras nos demais dias. Para a celebração comunitária, a meditação pessoal e/ou a pregação. O texto é original e redigido por biblistas e teólogos latino-americanos. Podem ser distribuídos ou reproduzidos livremente, dando-se o crédito correspondente. Inclui um **calendário litúrgico anual**. Os comentários bíblicos podem ser recebidos pelo e-mail semanalmente. Para assinar, grátis: http://servicioskoinonia.org/information/index.html#biblico

Há tradução deste serviço bíblico em italiano: www.peacelink.it/users/romero/parola.html

3) Calendário litúrgico 2000-2036

http://servicioskoinonia.org/cl

O único calendário litúrgico na internet que é um programa telemático mesmo, e não um texto preparado manualmente. Ingresse os números do ano desejado, e em segundos receberá as citações biblicas desejadas (as citações numéricas das 3 leituras e do salmo, ou os textos bíblicos mesmos das leituras), tendo em conta até as peculiaridades próprias da ordem litúrgica vigente no seu país.

4) Páginas Neo-bíblicas

http://servicioskoinonia.org/neobiblicas

Os melhores textos apresentados ao Concurso do mesmo nome da Agenda Latino-americana. O propósito é uma re-leitura bíblica (cenas, personagens, mensagens...). Para trabalhar na formação bíblica, ou para as celebrações paralitúrgicas...

5) Coluna semanal de Leonardo Boff

http://servicioskoinonia.org/boff

Cada semana, nas sextas feiras, um breve artigo de Leonardo, ágil, jornalístico, sobre temas da atualidade.

6) Curso de teologia popular

http://servicioskoinonia.org/teologiapopular

Aqui foi disponível e distribuído o «Curso de Teologia do Pluralismo Religioso», que obteve 25.000 visitas. Está sendo anunciado agora o curso: «Outra maneira de crer».

7) Biblioteca

http://servicioskoinonia.org/biblioteca

Composta de quatro «salas»: geral, teológica, bíblica e pastoral, de fácil e eficiente procedimento de busca por seção, por número e por nome do autor. Contém em sua seção bíblica um bom número de folhetos populares dos grandes biblistas latino-americanos, que podem ser aproveitados gratuitamente.

8) LOGOS

http://servicioskoinonia.org/logos

Pequenos artigos, de temas vários, opiniões de nomeados escritores latino-americanos...

9) Martirológio Latino-americano

http://servicioskoinonia.org/martirologio

Os mártires que recordamos cada dia, as Jornadas e Efemérides afro-indo-latino-americanas... Totalmente renovado (versão 2.0).

10) A Página de dom Romero
http://servicioskoinonia.org/romero
As homilias que d. Romero proferiu sobre os mesmos textos bíblicos que ouvimos cada domingo.

11) A Página de Pedro Casaldáliga
http://servicioskoinonia.org/pedro
Seus artigos, poesias, cartas circulares, livros, o elenco completo de suas obras... algumas das quais foram postas na rede em Koinonia nos últimos meses...

12) A Página de Cerezo Barredo
http://servicioskoinonia.org/cerezo
O desenho para cada domingo, e outros...

13) A Galeria de desenhos pastorais
http://servicioskoinonia.org/galeria
Recursos gráficos a serviço da evangelização.

14) Um serviço de cartazes para a pastoral
http://servicioskoinonia.org/posters
Série de pôsteres, sobretudo de tema inter-religioso. Com resolução suficiente para ser impressos em plotter, todo colorido e de bom tamanho.

15) Página da Agenda Latino-americana
http://latinoamericana.org ou
http://agenda.latinoamericana.org ou
http://servicioskoinonia.org/agenda

16) Arquivo da Agenda Latino-americana
http://latinoamericana.org/achivo
http://agenda.latinoamericana.org/archivo
Aqui estão à disposição pública os materiais pedagógicos publicados pela Agenda em anos passados, podendo ser pesquisados por tema, título, autor e ano. Neste momento só está disponível parte do material e só em castelhano e catalão. Aos poucos, irão sendo postos todos os materiais. Veja a página 239.

17) TAMBO:
http://servicioskoinonia.org/tambo
Um servidor da rede para «conversa gostosa» no ambiente de uma comunidade comprometida com os valores e as opções que podemos chamar «latino-americanos» (dentro da nossa «geografia espiritual»): a visão do mundo a partir do Sul, da opção pelos pobres, a partir de um compromisso cristão -ou simplesmente humano- coerente e dialogante.

18) Serviço de «Novidades Koinonia»:
servicioskoinonia.org/informacion/index.php#novedades
Inscrição gratuita. Será avisado de qualquer novidade nos Serviços Koinonia ou na Agenda, no instante em que for colocada na rede, a cada semana ou quinzenalmente, com um correio-e muito leve, sem anexos.

19) Servidores de lista
Vários de nossos serviços (o serviço bíblico semanal, TAMBO e a informação das novidades) possuem **«servidores de lista»**; a inscrição neles (sempre gratuita) e o cancelamento da mesma se realiza por um procedimento automatizado, na página de informação: http://servicioskoinonia.org/informacion

20) A Comunidade Cristã Virtual, CCV
A «Paróquia Virtual», é outra iniciativa irmã, que recomendamos encarecidamente para todos os que, por não terem comunidade ou estarem longe dela desejam tomar parte ativa da comunidade cristã no ciberespaço. Serve também para aqueles que embora possuindo uma comunidade cristã «física», queiram se enriquecer com a experiência desta comunidade virtual. Entrem em:
http://comunidadvirtual.net
ou diretamente a partir do laço que oferece nosso portal.

21) Informação em linha
Toda a informação necessária sobre os Serviços Koinonia: http://servicioskoinonia.org/informacion

22) Coleção «Tempo axial»
http://latinoamericana.org/tiempoaxial
Patrocinada pela Agenda latino-americana, é uma coleção latino-americana de livros que encara os temas de ponta no campo da teologia da libertação, da teologia do pluralismo religioso e da temática nova da crise da religião. Na página que a coleção tem na rede, você pode ver os livros, o seu índice, prólogo, epílogo, caraterísticas... e pode até adquirir via internet, com preços inacreditáveis...

Para entrar em contato conosco:
utilize serviço de correio-e que é oferecido no próprio portal dos Serviços Koinonia:
http://servicioskoinonia.org

Muito estimado Maximino Cerezo: agradeço o esforço de colocar em desenhos todos os textos do evangelho de cada domingo. Estamos usando para o folheto dominical que fazemos em língua tseltal como parte de um trabalho para ajudar a consolidar a Igreja Local nas dioceses de San Cristóbal de las Casas. Além de ilustrar o folheto dominical, imprimimos e fotocopiamos seus desenhos em tamanho carta para entregá-los às mulheres e pessoas adultas que não sabem ler e escrever e que baseando-se nesses desenhos se animam a comentar um pouco mais o evangelho, depois de tê-lo escutado.

Obrigado!

Felipe J. Ali Modad Aguilar, sj, fali@sjsocial.org

Sou estudante de Teologia no Instituto Superior de Ciências Religiosas de Barcelona (ISCREB). Felicito-os pelo seu imenso e valioso trabalho. Tudo o que recebo «via digital» de vocês me produz um grande prazer.

Concepció Rueda, concepciorueda@auna.com

Conheci a agenda em Torreón, Coahuila, México. Trabalho na Universidade Ibero-americana, na Revista «Vínculos»... Gostaria de publicar nesta revista um artigo de sua Agenda... Sou admiradora de seu trabalho a favor de um mundo mais de acordo com o Projeto de Deus.

Ana María Negrete, Anamaria.negrete@lag.uia.mx

Felicitações por chegar às 2.000.000 de visitas em Koinonía. Interessa-me o livro 5 para trabalhá-lo com grupos e talvez integrá-lo à escola teológica popular que implementamos na Cidade Quetzal, Guatemala. Saliento o quanto apreciamos seu serviço... Os comentários bíblicos dos domingos servem para os ministros da Palavra. Uma sugestão: nos ajudaria muito um serviço de música popular latino-americana em MP3 (cantos como os da Missa salvadorenha ou nicaragüense)...

Juan-Luis Genoud, jlggg15@yahoo.com.mx

Congratulações pelos dois milhões de visitas. A sua é uma das páginas mais trabalhadas e completas para a comunhão eclesial... por todas as ofertas formativas que oferece. Conheço-os desde o princípio e percebo o esforço por melhorar. Sigam neste compromisso com tanta utopia e confiança como o fazem agora. Abraços.

Manuela, garciamm4@hotmail.com

Junto com meu esposo e outros irmãos na fé, coordenamos o «Movimento de Leigos» da Congregação de Irmãs de Santo Antônio de Pádua. O objetivo do mesmo é «compartilhar a missão e a formação permanente», e nosso carisma é «viver a misericórdia de Cristo com os mais necessitados: os pobres, os enfermos e os abandonados». Por isso, é muito importante para nós, tudo o que vocês fazem. Difundimos muitos de seus artigos em nosso boletim e os utilizamos também como material de reflexão. Recentemente estamos dando os primeiros passos como Movimento, e às vezes é difícil, pela diferença de critérios a respeito do significado da missão e da formação. Queremos encontrar a maneira de viver nossa fé na História concreta que nos toca compartilhar, mas é difícil quando ao nosso redor as palavras «mudança», «nova eclesialidade» ou tudo o que signifique «novo» seguem assustando a alguns. Mas não nos desalentamos e vocês contribuem grandemente para isso. Obrigada!... Muito obrigada!

María Felisa Etchave, erbojo@escape.com.ar

Queridos amigos e amigas de Koinonía. Muita alegria porque celebramos estes dois milhões de visitantes (falo no plural porque todos nós sentimos também criadores deste meio). Não sabem como esta página tem chegado a ser um meio indispensável para a renovação do pensamento cristão e em especial da Teologia da Libertação e a Igreja que opta pela Vida. Ânimo e sigam em frente, para a alegria de todos e todas.

Pablo Richard, ssee@correo.co.cr

Constantemente estou agradecendo a Deus que vocês alimentem nosso espírito e nos dêem milhares de razões para que nosso pequeno aporte tenha muito sentido unido a dois mil pequenos aportes latino-americanos. Agradecemos muito seu serviço sempre atento e fraterno. É maravilhoso ter acesso à Koinonía.

Pelo **Centro Mujeres Tonantzin**, A. C. de Ciudad Juárez Chihuahua México, **Aurora Isabel Ramírez**, tonantzi1@prodigy.net.mx

Uma vez ou outra, faço alguma tradução de algum texto de Koinonía para trabalhar com os agentes de formação de lideranças. Ultimamente traduzi para o português um artigo que o envio caso pareça útil colocá-lo como alternativa para os leitores que não compreendem bem o castelhano. Que Deus os abençoe por seguir à frente com uma linha clara e alternativa à teologia do centro (euro-eclesial, como diria o Padre Rahner). Uma teologia de fronteira que nos ajuda a localizar onde estamos e até onde estamos indo... Um abraço.

Marco Antonio de Oliveira, sj, marco@jesuitas.org.br

Tenho buscado pela Internet, nos arquitos da Agenda um conto curto que não sei se está na agenda de 1994

ou 1995... e não o encontrei. Desejo saber se há alguma forma de consegui-lo. Moro nos EUA. Atualmente vivemos dias muito intensos por desejar algo digno para nós, os migrantes, e este Conto Curto viria muito bem para as jornadas que estamos vivendo.

Luis Alberto, porchiniguerrero@msn.com

Envio esta «Página Neobíblica», para o concurso convocado pela Agenda. Muito obrigado por sua atenção e também por esta convocatória que me mobilizou, e nos mobiliza a encontrarmos, a partir da história, com a Palavra de Deus.

Fernando Ubal, fjubal@montevideo.com.uy

Obrigada por disponibilizar na rede a arte de Cerezo Barredo. Utilizo-a faz tempo, para as leituras do ciclo A, em nossa RCIA, na St. Norbert's Church, em Orange, Califórnia. Mil agradecimentos.

Mrs. Mary Derschan, MDerschan@aol.com

Sou docente em Carmen de Bolívar, Bolívar (Colômbia), zona golpeada pelas injustiças e a ofensiva do neoliberalismo e o projeto paramilitar que se impõe hoje na Colômbia. Desde 1994, levo comigo a Agenda, um precioso tesouro e companheira de viagens e utopias. Graças a ela e à seção «ponto de encontro» tenho novas amizades belas, fiéis e esperançosas, logo depois que minha referência apareceu na edição de 1995. Graças a isso tenho cultivado a poesia (nesse mesmo ano, um poema meu foi publicado) e, assim, em 2004 publiquei meu primeiro livro de poesia e em 2005, o segundo, ambos com muito esforço e assumindo todo o custo... Mas, com grande satisfação de levar mensagens de esperança e justiça. Hoje quero participar com duas «páginas neobíblicas»... Um abraço latino-americano,

Jorge Elías Salas, jorgearcangel2003@yahoo.com

Nós, membros do departamento de espiritualidade da Unidade Educativa Bilingüe Novo Mundo, desejamos adquirir a coleção de Pluralismo Religioso e perguntar se há algum guia de estudo que nos permita presentear nossos estudantes com os temas contidos na série. Desejamos também saber se vocês programam para o presente ano algum seminário sobre estes temas tão interessantes, para os quais temos estas inquietudes, do pluralismo religioso. Gostaríamos de receber informações para ver de que maneira poderiamos enviar algum membro de nossa unidade educativa ou, em sua falta, solicitar sua colaboração para que possam nos brindar com uma capacitação aqui, em Guayaquil. Agradecida, me reitero,

Sonya Rendón Blacio, srendon@nuevomundo.k12.ec

Estimados irmãos e irmãs no Senhor: Recebam meus mais sinceros agradecimentos por vossa gestão. Vossos comentários são um real aporte exegético e espiritual para nossas comunidades de fé. Gostaria de saber se contam com mensagens orientadas para momentos de dor, especialmente para funerais. Ocasionalmente devo realizar estes serviços. Estaria profundamente agradecido. Atentamente

Vigário da Igreja Evangélica Luterana no Chile

Carlos Caamaño, carlos_ace71@yahoo.es

Desde 2004 não deixei de adquirir a agenda, mas este ano, os temas me interessaram de sobremaneira, já que trabalho nesta área de sistemas com alunos de 17 a 20 anos, em programação e desenho. Considero que minha tarefa não é só brindar-lhes com conhecimentos práticos, mas também conscientizar sobre o que podem criar ou sobre o uso das tecnologias. O material que vocês apresentam me parece ideal, por isso solicito que me proporcionem os arquivos em rft ou pdf para poder trabalhar com meus alunos...

Carlos Sil, Guatemala, sirilingt@gmail.com

Chamo-me Miguel Cardozo, sacerdote de San Luis Potosí, México. Estudo teologia na gregoriana de Roma. Quero fazer uma tese de licenciatura sobre Dom Hélder Câmara... Por isso, me dirijo a vocês. Não quero fazer um trabalho abstrato, só de reflexão, mas um trabalho «latino-americano». Conheço a página de vocês há muitos anos, cada vez que necessito algo que valha a pena compartilhar, para dar aulas de Bíblia ou outros cursos, utilizo-a. Muito obrigado.

Miguel Cardozo, miguelc@priest.com

Sou estudante de Teologia, da Igreja Luterana. Quero agradecer-lhes o enorme serviço que realizam para quem quer entregar um ensinamento da Escritura mais coerente com nossos tempos e em conformidade com a nossa espiritualidade cristã. Que Deus os guarde em sua graça. Atentamente

Carlos Caamaño Espinoza, Concepción, Chile

Saudações entusiásticas, companheiros latino-americanos. Sou músico. Há anos que sou fã da agenda latino-americana. Quero felicitá-los pelo trabalho realizado e dizer que, com os textos, vocês realizam um ótimo trabalho de reflexão, conscientização e debates de valores humanitários. Tenho me inspirado neles para alguns trabalhos com alunos e outros publicados em jornais de Piracicaba. Sou mais uma semente que se junta a esse projeto tão solidário, altruísta, libertador e humano chamado «Agenda Latino-Americana». Um forte abraço musical (bem apertado, bem vivido, sonoro), e até breve.

Hermes Petrini, www.hermespetrini.com

Passo as horas vendo sua página... Mil agradecimentos e abraços,

Tirso, Xalapa, Veracruz-México,tilima@yahoo.com ❑